



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**  
**SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO**

**ALEXANDRE GREGÓRIO SILVA SAMPAIO**

**PERFORMATIVIDADES DE GÊNERO EM MULHERES**  
**TRANSGÊNERO DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA-**  
**BAHIA: TENSÕES E DESLOCAMENTOS**

Salvador

2020

**ALEXANDRE GREGÓRIO SILVA SAMPAIO**

**PERFORMATIVIDADES DE GÊNERO EM MULHERES  
TRANSGÊNERO DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA-  
BAHIA: TENSÕES E DESLOCAMENTOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo – PPGNEIM, da Universidade Federal da Bahia - UFBA, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maíra Kubik Taveira Mano

Salvador

2020

---

S192 Sampaio, Alexandre Gregório Silva.  
Performatividades de gênero em mulheres transgênero do município de Vitória da  
Conquista-Bahia: tensões e deslocamentos / Alexandre Gregório Silva Sampaio. – 2020.  
222 f.

Orientadora: Profª Drª Maíra Kubik Taveira Mano  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e  
Ciências Humanas, Salvador, 2020.

1. Gênero. 2. Mulheres. 3. Personificadores femininos. 4. Mulheres transgênero.  
I. Mano, Maíra Kubik Taveira. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e  
Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 305.42

---



Universidade Federal da Bahia

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS  
INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO  
(PPGNEIM)**

ATA Nº 167

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO (PPGNEIM), realizada em 16/12/2020 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO no. 167, linha de pesquisa Mulheres, Gênero e Feminismo, do candidato ALEXANDRE GREGÓRIO SILVA SAMPAIO, matrícula 218125521, intitulada PERFORMANCES DE GÊNERO EM MULHERES TRANSGÊNERO DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA- BAHIA: TENSÕES E DESLOCAMENTOS. Às 13:00 do citado dia, Ambiente virtual - RNP, foi aberta a sessão pelo presidente da banca examinadora Profa. Dra. MAIRA KUBIK TAVEIRA MANO que apresentou os outros membros da banca: Prof. Dr. LEANDRO COLLING e Profa. Dra. JAQUELINE GOMES DE JESUS. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo presidente que passou a palavra ao examinado para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

**Dra. JAQUELINE GOMES DE JESUS, IFRJ**

Examinadora Externa à Instituição

**Dr. LEANDRO COLLING, UFBA**

Examinador Interno

**Dra. MAÍRA KUBIK TAVEIRA MANO,  
UFBA**

Presidente da Banca

**ALEXANDRE GREGÓRIO SILVA  
SAMPAIO**

Mestrando



Universidade Federal da Bahia

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS  
INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO  
(PPGNEIM)**

**FOLHA DE CORREÇÕES**

ATA Nº 167

**Autor** ALEXANDRE GREGÓRIO SILVA SAMPAIO  
**Título:** PERFORMANCES DE GÊNERO EM MULHERES TRANSGÊNERO DO  
MUNICÍPIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA- BAHIA: TENSÕES E  
DESLOCAMENTOS

**Banca examinadora:**

Prof. JAQUELINE GOMES DE JESUS Examinadora Externa à Instituição

Prof. LEANDRO COLLING Examinador Interno

Prof. MAÍRA KUBIK TAVEIRA MANO Presidente

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

1. [ ] INTRODUÇÃO
2. [ x ] REVISÃO BIBLIOGRÁFICA  
Dialogar mais com transfeminismo; corrigir a bibliografia segundo as normas da ABNT; atentar para o uso da ideia de performance e performatividade
3. [ x ] METODOLOGIA  
Descrever mais as sujeitas, organizar com uma tabela; Trazer a orientação sexual; Rever a autoetnografia (discussão dos resultados)
4. [ ] RESULTADOS OBTIDOS
5. [ ] CONCLUSÕES

**COMENTÁRIOS GERAIS:**

O trabalho está bem escrito e é relevante para a área de pesquisa. Traz rica coleta de material através das entrevistas. O corpus de pesquisa serve de base para pesquisas futuras e precisa ser melhor explorado.

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.



*Universidade Federal da Bahia*

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS  
INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO  
(PPGNEIM)**

A handwritten signature in blue ink, reading "Maira Kubik Taveira Mano".

**Profa. Dra. Máira Kubik Taveira Mano**

Orientadora

Para toda comunidade trans, em especial, Milena e Bianca, sem as quais a feitura desta dissertação não seria possível. Gratidão! Vidas trans importam vivas!!

## AGRADECIMENTOS

Às colaboradoras desta pesquisa: Milena e Bianca. Mais uma vez, agradeço pela confiança e desprendimento em compartilhar um pouco de suas trajetórias comigo e as/os/es futuras/os/es leitoras/es/us desta dissertação.

À Maíra, que esteve comigo durante todo percurso, sempre disponível e atenciosa, fornecendo sua escuta, orientando e permitindo minha autonomia e liberdade para trilhar os caminhos desta pesquisa. Gratidão eterna!

A todas/os/es do PPGNEIM pelo acolhimento caloroso e aprendizados diversos. Um agradecimento especial às doutorandas Dayane e Arlene, pelo carinho e atenção de sempre. Estarão sempre na minha memória. São muito queridas!

Às amigas e aos amigos Tita, Mirna, Josi, Deni, Cadu, Gui, Adriel, fundamentais durante este percurso seja através das conversas ou apoios diversos. À Sandrinha e Emino pelo acolhimento e suporte em Salvador. Gratidão!

Ao Serviço de Psicologia da UFBA- IMS/CAT, na pessoa de Fernanda David, pelo fornecimento do espaço para a realização das entrevistas. Da mesma forma, ao professor Paulo por indicar referências no campo do método fenomenológico-empírico.

Às minhas avós e mãe pelo amor e carinho. Em especial, ao meu pai que esteve comigo durante toda jornada acadêmica fornecendo escuta, conselhos, suporte e incentivo.

À Alhyel pelo amor, carinho e cuidado de sempre.

À FAPESB pelo incentivo à pesquisa.



## RESUMO

A proposta se desenrola através do interesse em ampliar os debates e produções científicas acerca das vivências de mulheres transgênero a partir de uma perspectiva feminista. Para tanto, foram realizadas entrevistas com duas mulheres transgênero residentes do município de Vitória da Conquista – Bahia, entendendo a região interiorana enquanto um recorte importante para compreender outras realidades e transversalidades. O objetivo foi descrever, a partir do conceito de performatividades de gênero desenvolvido pela filósofa Judith Butler (1990), e analisar, através do método fenomenológico empírico proposto por Amedeo Giorgi (1970), as trajetórias de vida destas mulheres, tendo como referência suas narrativas acerca de suas performatividades com enfoque nas implicações sociais e subjetivas percebidas pelas mesmas ao longo deste processo. Os resultados encontrados perpassaram cinco eixos: identidade de gênero; família; saúde, afetividades e convívio social e sugerem a importância de se produzir fissuras, tensionamentos, deslocamentos nas Cis-Hétero-Normas, de modo a possibilitar novas lentes de gênero e outras possibilidades de existência.

Palavras-chave: Gêneros; Mulheres; Performatividades; Transfeminismos.

## **ABSTRACT**

The proposal unfolds through the interest in expanding scientific debates and productions about the experiences of transgender women from a feminist perspective. To this end, interviews were conducted with two transgender women living in the city of Vitória da Conquista - Bahia, understanding the interior region as an important feature to understand other realities and transversalities. The objective was to describe, based on the concept of gender performativities developed by the philosopher Judith Butler (1990), and to analyze, through the empirical phenomenological method proposed by Amedeo Giorgi (1970), the life trajectories of these women with reference to their narratives about their performativities with a focus on the social and subjective implications perceived by them throughout this process. The results found spanned five axes: gender identity; family; health, affectivity and social life. They suggest the importance of producing cracks, tensioning, displacements in Cis-Hetero-Norms, in order to enable new gender lenses and other possibilities of existence.

Key words: Genres; Women; Performativities; Transfeminisms.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- ANTRA** – Associação Nacional de Travestis e Transexuais
- APA** – Associação Americana de Psiquiatria
- APS** - Atenção Primária à Saúde
- CFM** – Conselho Federal de Medicina
- CFP** – Conselho Federal de Psicologia
- CID** - Classificação Internacional de Doenças e problemas relacionados à saúde
- CNJ** – Conselho Nacional de Justiça
- CREPOP** - Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas
- CRP** – Conselho Regional de Psicologia
- DCN** - Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
- DSM** - Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais
- FTC** - Faculdade de Tecnologia e Ciências
- HC** – Hardcore
- IFBA** - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
- LDB** - Lei de Diretrizes Básicas da Educação
- LGBTQIA+** - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, outras expressões/identidades de gênero e sexualidades
- OMS** – Organização Mundial de Saúde
- ONG** – Organização Não Governamental
- PPG** – Programa de Pós-Graduação
- PTS** – Projeto Terapêutico Singular
- RAS** – Rede de Atenção à Saúde
- RU** – Restaurante Universitário
- SUS** – Sistema Único de Saúde
- UBC** – União Brasileira de Compositores
- UBS** - Unidade Básica de Saúde
- UFBA** – Universidade Federal da Bahia

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	11
<b>Objetivo Geral</b> .....	12
<b>Objetivos Específicos</b> .....	12
<b>Hipótese</b> .....	12
<b>Metodologia</b> .....	13
<b>Capítulo 1 - NOTAS SOBRE AS “ONDAS” FEMINISTAS, TRANSFEMINISMOS, PERFORMATIVIDADES DE GÊNERO E MULHERES ENQUANTO IDENTIDADE DEFINIDA</b> .....	15
1.1 NOTAS SOBRE AS “ONDAS” FEMINISTAS .....	15
1.2 O FEMINISMO RADICAL E A ORIGEM DA SUBORDINAÇÃO DAS MULHERES (CIS): FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS .....	18
1.3 A PERSPECTIVA TRANSFEMINISTA .....	22
1.4 A IDENTIDADE FEMININA: TENSÕES E DISPUTAS .....	32
<b>Capítulo 2 – METODOLOGIA E RESULTADOS DA PESQUISA</b> ..	36
2.1 MÉTODO FENOMENOLÓGICO-EMPÍRICO .....	37
2.2 RESULTADOS .....	41
2.2.1 <b>Identidade de gênero</b> .....	44
2.2.1.1 <i>Identificações</i> .....	45
2.2.1.2 <i>(Des) construindo identidades</i> .....	47
2.2.1.3 <i>Infância e adolescência</i> .....	51
2.2.1.4 <i>Implicações</i> .....	56
2.2.1.5 <i>Corpo (s)</i> .....	62
2.2.1.6 <i>Velhice</i> .....	68
2.2.2 <b>Família</b> .....	72

2.2.2.1	Relações familiares: impasses e desafios .....	74
2.2.2.2	O amor pulsa, o amor (trans) borda .....	85
2.2.3	<b>Saúde</b> .....	87
2.2.3.1	Cirurgias, terapia hormonal e serviços de saúde .....	96
2.2.3.2	Acompanhamento psicológico .....	101
2.2.3.3	Políticas de saúde e ações afirmativas do município .....	106
2.2.4	<b>Afetividades</b> .....	111
2.2.4.1	Corpo, sexualidade e identidade de gênero .....	115
2.2.4.2	A solidão da mulher trans .....	129
2.2.4.3	Objetificação .....	133
2.2.4.4	Outras considerações .....	136
2.2.5	<b>Convívio social</b> .....	139
2.2.5.1	Espaços de trabalho e de formação acadêmica .....	143
2.2.5.2	Amizades, espaços sociais e outras interações sociais .....	154
2.2.5.3	Violências cisgênero .....	167
2.2.5.4	Representatividade e pertencimento .....	176
	<b>Capítulo 3 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: ENLAÇAMENTOS E ESCRIVIVÊNCIAS</b> .....	183
3.1	DOS ENCONTROS QUE ESTA PESQUISA PROPORCIONOU .....	185
3.1.1	<b>Identidade de gênero</b> .....	185
3.1.2	<b>Família</b> .....	188
3.1.3	<b>Saúde</b> .....	190
3.1.4	<b>Afetividades</b> .....	193
3.1.5	<b>Convívio social</b> .....	195
3.1.6	<b>Representatividade e pertencimento</b> .....	199

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>201</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>205</b>
<b>APÊNDICE A - Roteiro de perguntas para entrevista com as colaboradoras desta pesquisa .....</b>	<b>216</b>
<b>APÊNDICE B - Termode Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....</b>	<b>220</b>

## APRESENTAÇÃO

Esta dissertação surge da necessidade urgente de que pessoas trans protagonizem as narrativas de suas próprias histórias, cursos e percursos, deslocamentos, dores e resistências diversas. Ela materializa, também, um desejo antigo deste que aqui escreve. Um homem trans, acadêmico, imerso na realidade a qual este feito se dedica, apesar de uma posicionalidade diferente das colaboradoras desta pesquisa. A proposta se desenrola através do interesse em ampliar os debates e produções científicas acerca das vivências de mulheres transgênero a partir de uma perspectiva feminista. Para tanto, embora essa dissertação tenha sido pensada a partir do PPG da UFBA de Salvador-Bahia, trago as experiências de duas mulheres trans residentes na região interiorana no sudoeste do Estado, como um recorte importante para compreender outras realidades e transversalidades.

Ao conceber os gêneros como uma construção social atravessada por discursos cuja funcionalidade se faz entrelaçada aos vieses políticos e representativos da manutenção normativa de uma ordem social baseada em critérios da díade sexo-gênero, Judith Butler (2003) incita questionamentos acerca do modo como se tem pensado os gêneros. Seriam eles reais produtos da anatomia biológica ou reflexos dos discursos que produzem os corpos? E os sexos, também não seriam eles mesmos uma construção social? Com base nessa reflexão e em outras ponderações a autora conclui que uma vez que as categorias de gênero circunscrevem os corpos, ao passo que os mesmos também produzem os gêneros, poder-se-ia pensá-los como uma performatividade protagonizada, nesse sentido, pelos corpos que lhe confeririam uma identidade *queer*, estranha aos padrões normativos acerca do imaginário para o corpo feminino e o masculino.

Diante disso, a mulher transgênero, ao expressar uma performatividade feminina, desafia e reinscreve ditames sociais, bem como se depara com o ensejo social de conferir-lhe abjeção por desafiar sua construção patriarcal e heteronormativa. Nesse sentido, a importância de mapear suas trajetórias de vida é validada, uma vez que as pessoas trans, protagonistas de tais endereçamentos, são receptoras das implicações de subverter a lógica que sedimenta as sociedades e lhe conferem funcionalidade, gerando impactos diversos em suas subjetividades e vivências.

Como as concepções sociais e processos de inclusão/exclusão estão amalgamados também aos modos de funcionamento das cidades e considerando a possibilidade de haver

repercussões de diversas ordens no que concerne a cidades interioranas em função de questões socioculturais, avalio necessária uma investigação em um município com tal especificidade.

Nessa perspectiva, a cidade de Vitória da Conquista situada na região sudoeste da Bahia, foi pensada como um *locus* de investigação por se tratar de uma cidade interiorana que dispõe de uma Secretaria de Políticas de Promoção da Cidadania e Direitos de LGBT, sendo pioneira em políticas públicas voltadas para essa população, além de ter sido a primeira do interior da Bahia a garantir o uso do nome social nas instituições públicas municipais (incluindo a rede escolar) o que desvela seu engajamento e interesse sobre esta problemática. Além disso, o grande fluxo de pessoas e crescimento da cidade revela uma potencial necessidade de se conhecer mais sobre a realidade de mulheres trans no município.

De acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), censo de 2019, habitam na cidade cerca de 338 480 habitantes. Faltam dados, contudo, sobre a quantidade de pessoas transgênero residindo em Vitória da Conquista (BA). Diante das implicações supracitadas no exercício das performatividades de mulheres transgênero, pondero ser concernente o mapeamento de suas trajetórias de vida em tal município.

### **Objetivo Geral**

Esta pesquisa tem como objetivo compreender quais são as implicações sociais e subjetivas das performatividades de gênero para mulheres transgênero.

### **Objetivos Específicos**

Descrever e analisar as trajetórias de vida de mulheres transgênero residentes no município de Vitória da Conquista-Ba a partir de suas próprias narrativas.

Captar as Unidades de Sentido/Significação (US) presentes em suas narrativas a partir do método fenomenológico empírico.

### **Hipótese**



A primeira hipótese que norteou a pesquisa é que ao longo de suas performatividades trans, suas identidades não foram acolhidas por serem dissidentes à cisnormatividade compulsória.

A segunda hipótese é que ao longo de suas trajetórias, as mulheres transgênero se defrontaram com variadas formas de violência e exclusão social. O espaço familiar e social não se fez acolhedor em grande parte dos casos, exigindo resistências diversas em seus cotidianos.

## **Metodologia**

Optei como abordagem do problema de pesquisa e procedimentos metodológicos o viés qualitativo descritivo, bem como a análise de dados a partir da perspectiva do Método Fenomenológico Empírico proposto por Amedeo Giorgi (1970). Na discussão dos resultados, foi realizada uma descrição da minha experiência em contato com o campo. Isso possibilitou conhecer vivências, impressões, impactos e recordações que os encontros com as colaboradoras da pesquisa despertaram em mim ao longo do processo de entrevistas.

No que tange ao método fenomenológico empírico, de acordo com Castelo Branco (2014, p. 194), este pode ser utilizado frente a “qualquer fenômeno [...] desde que tornado presente na vivência do sujeito de pesquisa e comunicado ao pesquisador. Essa vivência sustenta e expressa indícios de realidade sobre um determinado mundo social”. Frente a isso, como procedimentos de coleta dos dados, optei por entrevistas de caráter semiestruturado por partir de um roteiro que direciona ao passo que também permite abertura para o inusitado do contato com o outro e sua história e possibilita a ampliação do roteiro prévio da entrevista baseada nas narrativas das entrevistadas.

O primeiro capítulo se desenrola a partir do questionamento sobre a (im) possibilidade de se pensar a mulher em termos estáveis ou permanentes (BUTLER, 2003), tendo como objetivo tecer um breve resgate do percurso histórico acerca dos movimentos feministas, com enfoque no feminismo de segunda onda, mais especificamente no feminismo radical, bem como na terceira onda do feminismo com destaque para o transfeminismo, descrevendo as principais características dessas duas perspectivas e destacando seus contrastes e implicações para o pensamento feminista atual acerca da categoria mulher. A proposta é apresentar

algumas tensões e divergências existentes entre as vertentes supracitadas no que se refere ao entendimento da mulher como uma categoria identitária, bem como as contribuições e deslocamentos fornecidos pelas correntes transfeministas a respeito deste tema.

O segundo capítulo apresenta o método fenomenológico empírico e os resultados angariados após análise das entrevistas cedidas pelas colaboradoras desta pesquisa, desdobrando-se em cinco eixos: identidade de gênero; família; saúde; afetividades e convívio social. Os resultados desvelam, a partir das narrativas das entrevistadas, como estes atravessamentos afetaram suas trajetórias de vida até o presente momento.

O terceiro e último capítulo tem como objetivo evidenciar as afetações provocadas em mim pelo contato com as vivências e experiências das entrevistadas. É um processo afinado à proposta desta dissertação, na medida em que, embora a partir de uma posicionalidade diferente – transmasculina – faço parte da comunidade trans e percebo-me mobilizado e em diversas identificações com os relatos das mesmas sobre seus cotidianos. Neste sentido, torna-se relevante conhecer e entender sobre a dinâmica presente no contato daquele que pesquisa a realidade de seu próprio grupo. Posteriormente, esta dissertação segue com as considerações finais.

## Capítulo 1

### NOTAS SOBRE AS “ONDAS” FEMINISTAS, TRANSFEMINISMOS, PERFORMATIVIDADES DE GÊNERO E MULHERES ENQUANTO IDENTIDADE DEFINIDA

#### 1.1 NOTAS SOBRE AS “ONDAS” FEMINISTAS

Ao longo dos séculos, as sociedades se estruturaram de modo a reservar posições subalternas às mulheres. Por muito tempo, suas existências, construções subjetivas, direitos e necessidades estiveram relegadas aos espaços e papéis domésticos. Às mulheres não eram reservadas posições protagonistas e a gerência de suas próprias vidas ou da sociedade ficava a cargo dos homens – pais ou maridos. Essa conjuntura começa a se modificar a partir da luta pelo sufrágio feminino que tinha como característica o interesse pela cooptação da “liberdade e demais direitos das mulheres, protagonizada pelo movimento feminista naquela época” (MENDES *et al*, 2015, p. 89). De modo geral, tal movimento pode ser caracterizado como “um movimento organizado, que parte da existência de discriminação contra as mulheres e que envolve uma transformação social” (BARBA, 2014, s.p). Em uma definição mais ampla, embora não consensual, pois várias têm sido as formas de se definir conceitualmente o que seria o movimento feminista, pode-se entendê-lo como

um movimento social e político que começou formalmente no final do século XVIII e que pressupõe a tomada de consciência das mulheres como um grupo ou coletivo humano, da opressão, dominação e exploração a que foram e são submetidas por parte do grupo de homens, no seio do patriarcado em suas diversas fases históricas de modelo de produção, o que as move à ação para a liberação de seu sexo, com todas as transformações na sociedade que aquela exige” (SAU e SÁNCHEZ *apud* BARBA, 2014, s.p).

Ao longo de sua ampliação enquanto perspectiva teórico-política e crítico-existencial, o movimento feminista tornou-se constituído de várias vertentes investigativas acerca da origem e manutenção social da opressão da mulher, bem como se configurou enquanto “fases” distintas, em períodos históricos diferentes de acordo com as necessidades políticas das mulheres e a conjuntura sociocultural. De acordo com Bittencout (2015, p. 198), citando Saffioti (1986), “em nenhum país do mundo pode-se falar em feminismo no singular”. Nesta perspectiva, a autora nos alerta sobre a necessidade de compreender a existência de uma

“multiplicidade de organizações e posicionamentos teóricos dos movimentos feministas ao longo da história da organização de mulheres” (BITTENCOUT, 2015, p. 198).

Sendo assim, torna-se importante descrever um pouco sobre o percurso do movimento em seus três períodos históricos, uma vez que estes foram marcados por organizações, pautas políticas e especificidades próprias e contribuíram na construção (ou seria desconstrução?) das identidades femininas e do feminismo no Brasil. De acordo com Elisabete Silva (2008), a primeira fase do feminismo, designada de Primeira Onda, surge com a Revolução Francesa através da reivindicação da extensão dos direitos políticos às mulheres – que até então era reservada somente para os homens –, através de sua inclusão no campo da cidadania. Neste momento, o direito à educação convertia-se na maior bandeira de luta deste movimento.

Esse primeiro momento do feminismo ficou conhecido posteriormente como a vertente feminista liberal, cujo pensamento questiona o paradoxo moderno estabelecido “entre o universalismo dos direitos políticos e individuais e o universalismo da diferença sexual, legitimada pela justificativa ideológica de que essa diferença era uma ocorrência da natureza” (SILVA, 2008, p. 2). Bittencout (2015, p. 199), por sua vez, partindo das leituras de Saffioti (1986), afirma que a proposta fundamental era dilatar os processos democráticos da época “tornando iguais perante a lei os crescentes contingentes humanos das sociedades competitivas. Nesta concepção, cabe reivindicar para as mulheres igualdade de direitos com relação aos homens no plano de jure”. A autora conclui que as principais lutas concretas referem-se, portanto, à formação profissional e à representação política, reivindicando o acesso à educação formal, ao trabalho remunerado e ao voto. Embora houvesse uma grande movimentação das mulheres trabalhadoras, socialistas, anarquistas e comunistas no início do século XX, especificamente nas duas primeiras décadas, tendo como pautas a serem discutidas na época “as condições de trabalho nas fábricas e o sufrágio universal” (MANO, 2010, p. 58), tal fase é caracterizada por alguns estudiosos do movimento como “ligada ao interesse das mulheres brancas de classe média” por “apresentar pautas generalizadas de igualdade formal inclusiva que em pouco ferem a estrutura patriarcal historicamente edificada” (ibidem, p. 200).

Alguns fatores contribuíram para a desmobilização e o fim da “primeira onda”, dentre os quais se pode citar:

a divisão entre pacifistas e defensores da Primeira Guerra Mundial, a crise econômica que se estendeu até a década de 30 e a extensão do direito ao voto às

mulheres em vários países ao longo das décadas de 20 e 30 do século XX, fizeram parte do contexto que desarticulou o Feminismo Liberal. Por outro lado, é nesse imbricado processo de contradições que o Feminismo, enquanto pensamento e movimento, sofreu baixas, ao mesmo tempo em que se refez e se reorganizou culminando em outras fases, acompanhando, visivelmente, o desenvolvimento político, social e cultural do mundo ocidental (SILVA, 2008, p. 3).

A segunda onda do feminismo surge nos Estados Unidos, nas décadas de 60 e 70 – em um contexto que teve a luta pelos Direitos Civis como movimento precedente, assim como contra a guerra do Vietnã (MANO, 2010) –, rica em reflexão e investigação acadêmicas sobre a origem das desigualdades sexuais, bem como forte nas lutas radicais contra todas as formas de opressão feminina situadas, principalmente, no sistema patriarcal. “A ênfase das análises era a família, a sexualidade, a violência sexual e os direitos sobre o corpo” (SILVA, 2008, p. 4).

De acordo com Bitencourt (2015), esse segundo momento do movimento feminista se debruça em reflexões e críticas acerca de seu caráter burguês-liberal de outrora e possui como prerrogativa a utilização de recortes de classe e raça em suas análises acerca do patriarcado e as variadas formas de opressão que incidem sobre as mulheres, relações de poder e transversalidades de opressões estruturais para além do gênero, elevando-se as vozes das mulheres negras e pobres subjugadas dentro do movimento. Ainda há a importante contribuição do questionamento da dicotomia artificial dos espaços públicos e privados, ressaltando que o “pessoal” ou o privado são espaços políticos e que devem ser desvelados.

“A partir da década de 80 do século XX, surge a terceira onda feminista. Nessa fase, o movimento repensa as suas ações e aprofunda discussões já travadas nas gerações anteriores, como o papel e a função da mulher na sociedade” (CONSOLIM, 2017, s.p). O foco era pensar sobre a forma como os estereótipos têm sido construídos “nos retratos da mídia e na linguagem usada para definir as mulheres. O objetivo passou a ser o reconhecimento de diversas identidades femininas em uma interpretação pós-estruturalista do gênero e da sexualidade” (CONSOLIM, 2017, s.p).

Tal momento do feminismo caracteriza-se por produzir um *corpus* teórico que supera o estruturalismo de outrora, focando-se principalmente no micropoder e na micropolítica, sendo interpelado por alguns como uma perspectiva pós-feminista. Bitencourt (2015, p. 202), citando Macedo (2006), afirma que, em geral, o pós-feminismo “têm por objetivo desconstruir/desestabilizar o gênero enquanto categoria fixa e imutável”, tratando da

reafirmação das lutas feministas já conquistadas através de um feminismo ‘plural’ em contraste com a ideia de um feminismo hegemônico e único.

Marlise Matos (2010) afirma a existência de uma quarta onda feminista. De acordo com ela, sua consolidação se deu a partir dos anos 2 000, “reforçando o caráter anti ou pós-neoliberal promovido pelos movimentos” e inaugurando uma profunda reorganização do Estado que “passa a se ocupar, na região, de modo mais efetivo, com perspectivas, desta vez multidimensionais, da justiça social (e não apenas no eixo da redistribuição econômica)” o que possibilita inferir que a “quarta” onda “traz também os desafios da horizontalização dos movimentos feministas e da construção coletiva do diálogo intercultural e intermovimentos” (MATOS, 2010, p. 81).

Multiplicaram-se, então, as modalidades de organizações e identidades feministas. As mulheres pobres articuladas nos bairros por meio das associações de moradores, as operárias por meio dos departamentos femininos de seus sindicatos e centrais sindicais, as trabalhadoras rurais por meio de suas várias organizações começaram a se identificar com o feminismo, o chamado feminismo popular. As organizações feministas de mulheres negras seguiram crescendo e ampliando a agenda política feminista e os parâmetros da própria luta feminista (MATOS, 2010, p. 85).

Embora se estipule datas que diferenciem as “ondas” feministas a partir de seus contextos e pautas específicas, é tênue a fronteira entre os períodos que correspondem a segunda e terceira onda. Da mesma forma, este raciocínio se aplica à transição de terceira para quarta “onda” feminista, sendo esta última de existência não consensual entre as/os/es estudiosas/os/es do movimento feminista.

## 1.2 O FEMINISMO RADICAL E A ORIGEM DA SUBORDINAÇÃO DAS MULHERES (CIS): FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS

*Até que fosse atingido um certo nível de evolução e que a tecnologia chegasse à sofisticação atual, questionar condições biológicas básicas era loucura. Por que deveria uma mulher trocar seu precioso lugar no curral por uma luta sangrenta e sem esperança?(FIRESTONE, 1970, p. 11)*

Shulamith Firestone, reconhecida como uma das precursoras do feminismo radical, através da obra “A dialética dos sexos”, publicada originalmente em 1970, provoca os leitores a pensar sobre a categoria das mulheres, a origem de suas opressões, bem como as

articulações patriarcais que estruturam e baseiam a dominação dos corpos e papéis sociais femininos. Para ela, “a revolução feminista só seria possível através de uma análise da dinâmica da guerra dos sexos tão completa quanto para a revolução econômica foi a análise de Marx e Engels sobre o antagonismo das classes” (FIRESTONE, 1970, p. 12). Nesse sentido, recorre ao método analítico dos mesmos, embora fosse veementemente contrária a suas concepções sobre as mulheres, pois em sua compreensão “eles não sabiam quase nada sobre a condição das mulheres enquanto classe oprimida, reconhecendo-a somente quando isso coincidia com a economia” (FIRESTONE, 1970, p. 12).

Dentre as considerações abordadas pela autora, cito sua crítica acerca da família nuclear burguesa, a quem a autora se refere enquanto a típica família estabelecida por laços sanguíneos e cujos papéis familiares se encontram postos, sendo a mulher alocada na posição subalterna e de inferioridade em relação ao marido e sendo essa alocação realizada a partir do viés reprodutivo que lhe conduziria às funções e responsabilidades maternas. De acordo com a autora, “a família biológica é um poder de distribuição inerentemente desigual”, pois “a necessidade do poder que leva ao desenvolvimento de classes origina-se da formação psicosssexual de cada indivíduo” (FIRESTONE, 1970, p. 18).

Em uma definição mais usual, de acordo com a autora, a família biológica pode ser compreendida “enquanto a unidade básica de reprodução homem/ mulher/ criança, em qualquer forma de organização social, se caracterizando por estes fatos, sendo estes se não imutáveis, pelo menos fundamentais” (FIRESTONE, 1970, p. 18). Nessa perspectiva, ela afirma que a diferença natural da reprodução entre os sexos levou diretamente à primeira divisão de trabalho baseada no sexo, que está nas origens de toda divisão posterior em classes econômicas e culturais e possivelmente se encontra ainda na raiz de todas as castas (discriminação baseada no sexo e outras características biologicamente determinadas, como a raça, a idade etc.) (FIRESTONE, 1970, p. 18-19).

A possibilidade de uma revolução sexual se daria através da dominação de tecnologias sexuais que dirimissem as possibilidades de dominação masculina através da justificativa biológica da reprodução sexual. E no contexto da matriz familiar de opressão das mulheres, os novos métodos científicos de concepção possibilitariam a superação dessa forma de controle dos corpos e papel social feminino. Concluindo o primeiro capítulo de seu livro a autora afirma:

O problema se torna político, exigindo mais do que uma análise histórica abrangente, pois nos damos conta de que, apesar do homem ser cada vez mais capaz de libertar-se das condições biológicas que criaram a tirania dele sobre as mulheres e crianças, ele tem poucas razões para renunciar a essa tirania. Precisamos de uma revolução sexual mais ampla do que a revolução socialista – que a incluía para verdadeiramente erradicar todos os sistemas de classe - divisão biológica dos sexos (FIRESTONE, 1970, p. 20).

Sobre reflexões acerca da família e sua função na vida das mulheres, Juliet Mitchell, por sua vez, em seu artigo intitulado *Mulher: a revolução mais longa* (2006), afirma que “as mulheres recebem a oferta de um universo próprio: a família” (MITCHELL, 2006, p. 203). No entanto, embora a família apareça como um objeto natural, ela é, na verdade, uma criação cultural. Nesse sentido, ela denuncia o fato de que

é função da ideologia apresentar estes tipos sociais dados como aspectos da própria natureza. Desta forma, a “verdadeira” mulher e a “verdadeira” família são imagens de paz e plenitude: atualmente, podem ambas ser centros de violência e desespero. A condição aparentemente natural pode ser tornada mais atraente, na aparência, do que o avanço árduo dos seres humanos no sentido da cultura (MITCHELL, 2006, p. 203).

Gerda Lerner, por sua vez, através do artigo intitulado *A criação do patriarcado* publicado originalmente em 1986, reflete acerca da estrutura social de manutenção dos processos de opressão e subalternização da mulher através de considerações sobre o sistema patriarcal que institui fazeres e práticas baseadas nas divisões sexuais, bem como da captura da sexualidade e da reprodução nos corpos femininos pelo próprio sistema patriarcal. De acordo com ela:

O patriarcado é uma criação histórica formada por homens e mulheres em um processo que durou cerca de 2500 anos para ser completado. Na sua forma inicial o patriarcado apareceu como um estado arcaico. A unidade básica de organização foi a família patriarcal, que expressaram e geraram constantemente suas regras e valores (LERNER, 2018, s.p.).

Adriana Piscitelli define o patriarcado como “um sistema social na estrutura familiar e no poder que se baseia na subordinação da mulher pelo homem” (PISCITELLI, 2009, p. 132) através, sobretudo, de seu condicionamento à função familiar, reprodutiva e sexual. Sobre isso, Lerner afirma que “a própria sexualidade feminina, através de suas capacidades sexuais, reprodutivas e seus serviços foram transformados em mercadorias antes mesmo da criação da civilização ocidental” (LERNER, 2018, s.p.). Ao longo do percurso histórico de colonização e



dominação daí decorrentes, as primeiras barbáries foram sofridas pelas mulheres, tal como a autora cita em seu artigo:

As mulheres em si se tornaram um recurso, adquiridos por homens tanto quanto a terra era adquirida por homens. Mulheres foram trocadas ou compradas em casamentos para o benefício de suas famílias; mais tarde elas foram conquistadas ou compradas na escravidão, onde seus serviços sexuais eram parte do seus trabalhos e onde suas crianças eram propriedades do seu mestre. Em toda sociedade conhecida foram as mulheres de tribos conquistadas as primeiras a serem escravizadas, onde os homens eram mortos (LERNER, 2018, s.p).

Nessa perspectiva, a autora conclui que “a escravização das mulheres, combinando ambos racismo e machismo, precedeu a formação da classe e das opressões de classes, sendo estas expressadas e construídas em termos de relações patriarcais” (LERNER, 2018, s.p). Dessa forma, a classe é construída e expressa em termos de gênero. Ao citar Claude Lévi-Strauss, a autora fala da reificação da mulher que ocorreu como consequência. Mas adverte que não foram as mulheres que foram reificadas e transformadas em mercadoria, foi a sexualidade da mulher e sua capacidade reprodutiva (LERNER, 2018), considerações desenvolvidas também por Gayle Rubin no período em que escreveu o artigo *O tráfico de mulheres: Notas sobre a “Economia Política” do sexo*.

Neste sentido, em síntese, poder-se-ia dizer que, para o movimento de segunda onda do feminismo, no seio do sistema patriarcal encontram-se os fundamentos da subordinação feminina, tendo, portanto, sua ênfase investigativa voltada para a família, a sexualidade, a violência sexual e os direitos sobre o corpo. De acordo com Firestone (1970), o objetivo de uma feminista radical deve ser

a derrocada do mais antiquado e mais rígido dos sistemas de classe/casta já existentes, o sistema de classes baseado no sexo – um sistema consolidado ao longo de milhares de anos e que emprestou aos papéis arquetípicos de macho e fêmea uma legitimidade imerecida e uma permanência aparente (FIRESTONE, 1970, p. 25).

Silva (2008), por sua vez, afirma que:

Para vencer a opressão feminina, as feministas desta corrente defendem que é fundamental, mas não basta apenas, concentrar os esforços na busca das explicações sobre as diferenças entre os sexos e a subordinação da mulher no sistema patriarcal, mas que as mulheres devem se unir na luta contra os homens (argumento criticado e considerado por outras feministas como “guerra dos sexos”), assim como, devem rejeitar o Estado e todas as instituições formais por ser produto do homem e, portanto, de caráter patriarcal (SILVA, 2008, p. 4).

Como contribuições significativas do movimento feminista radical para as mulheres, Silva cita a organização e instauração de grupos de autoconsciência, bem como a abertura de uma agenda para as mulheres voltada para práticas de uma vida alternativa, na medida em que “considerava que os homens, não apenas os de elite, recebiam benefícios econômicos, sexuais e psicológicos do sistema patriarcal, uma vez que, em geral eles acentuavam a dimensão psicológica da opressão”. De acordo com ela, tal movimento foi “marcado por uma luta política voltada para o conhecimento, valorização e libertação do corpo feminino”. Desta forma, em grupos diversos como os de “autoconsciência [...] foram adotadas várias ações e posturas, tanto de protestos como de reivindicação e efetivo trabalho, para a conscientização das mulheres em relação ao seu corpo” (SILVA, 2008, p. 5).

### 1.3 A PERSPECTIVA TRANSFEMINISTA

*Que performance inverterá a distinção interno/externo e obrigará a repensar radicalmente as pressuposições psicológicas da identidade de gênero e da sexualidade? Que performance obrigará a reconsiderar o lugar e a estabilidade do masculino e do feminino? E que tipo de performance de gênero representará e revelará o caráter performativo do próprio gênero, de modo a desestabilizar as categorias naturalizadas de identidade e desejo? (BUTLER, 2003, p. 198).*

A relação entre os feminismos e as teorias *queer* tem sido o foco de debates entre inúmeras teóricas feministas, teóricas feministas *Queer*<sup>1</sup> e teóricas *queer* feministas (LIMA, 2009, p. 5). De acordo com Leandro Colling (2007, s.p), “os estudos *Queer* começaram a ser desenvolvidos a partir do final dos anos 80 por uma série de pesquisadores e ativistas bastante diversificados, especialmente nos Estados Unidos”. Por possuir influências do pós-estruturalismo francês, a teoria *queer* entende as identidades como sendo construídas de maneira fluida, performativas, não possuindo, portanto, caráter essencial.

---

<sup>1</sup> Por um bom tempo o termo *queer* foi usado como uma gíria para designar, de forma pejorativa, pessoas homossexuais, e, por isso mesmo, um termo que expressava a violência homofóbica. Como uma estratégia de minar o preconceito embutido na palavra *queer*, o termo foi incorporado e resignificado por novos modelos teóricos, nascidos dos feminismos, dos estudos gays e lésbicos, e, sobretudo, das teorizações de Judith Butler sobre gênero e identidades (LIMA, 2009, p. 5).

Sobre isso, Judith Butler<sup>2</sup> (2002), filósofa considerada uma das precursoras dos estudos *queer*, através de suas contribuições a essa perspectiva, desenvolveu o que ela nomeou de teoria da performatividade acerca dos estudos de gênero. De acordo com sua proposta

o gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime, os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva. [...] De uma forma resumida e incompleta, podemos dizer que a teoria da performatividade tenta entender como a repetição das normas, muitas vezes feita de forma ritualizada, cria sujeitos que são o resultado destas repetições. Assim, quem ousa se comportar fora destas normas que, quase sempre, encarnam determinados ideais de masculinidade e feminilidade ligados com uma união heterossexual, acaba sofrendo sérias conseqüências (BUTLER, 2002 *apud* COLLING, 2007, s.p).

Monique Wittig<sup>3</sup>, feminista da segunda onda, em artigo intitulado *Não se nasce mulher*, publicado originalmente em 1981, já possibilitava reflexões acerca da construção normativa dos gêneros, bem como das categorias identitárias. De acordo com ela, noções que são entendidas como um “dado imediato”, que pertencem a uma ordem natural, como categorias de raça e sexo, por exemplo, inscritos a partir de uma percepção direta e física, pode ser interpretada como uma ““formação imaginária” que reinterpreta traços físicos (em si mesmos tão neutros como qualquer outros, mas marcados pelo sistema social) por meio da rede de relações com as quais eles mesmos são percebidos”. Nesta perspectiva, “elas são vistas como *negras*, por isso *são* negras, elas são vistas como *mulheres*, por isso *são* mulheres. Não obstante, antes que sejam *vistas* desta maneira, elas tiveram que ser *feitas* desta maneira” (grifos da autora) (WITTIG, 2012, s.p).

Em seu escrito, através de um enfoque materialista e feminista, ela questiona a concepção normativa das mulheres concebidas como um “grupo natural” denunciando o caráter político e violento para os próprios corpos e mentes das mulheres em função desta concepção. De acordo com ela, uma análise lésbica da opressão e divisão entre homens e mulheres deve superar explicações com base apenas na biologia, pois, ao admitirmos esta divisão “natural” entre homens e mulheres “não somente naturalizamos a história como

---

<sup>2</sup> Judith Butler é uma filósofa pós-estruturalista estadunidense que se debruça sobre discussões teóricas que abarcam o feminismo, teoria *queer*, filosofia política e ética e possui grandiosas influências nos estudos e produções científicas destas áreas. Suas produções abarcam temas importantes relativos aos direitos humanos, das minorias e demais lutas de cunho político. Atualmente, a autora possui cerca de dezessete obras, das quais destaco “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, publicado originalmente em 1990 para melhor compreensão das narrativas contra-hegemônicas sobre as questões de gênero, produções de identidades e performances de gênero – conceito central da proposta desta pesquisa.

<sup>3</sup> Wittig é uma das autoras em que Butler se apoia, juntamente com Foucault.

também, por consequência, naturalizamos os fenômenos sociais que manifestam nossa opressão, tornando impossível qualquer mudança”. Neste sentido, ela afirma e reforça a importância dos fatos sociais como vetores importantes neste processo. Partir do argumento de que esta divisão ocorre em função de uma razão biológica não condiz com uma perspectiva lésbica porque “se pressupõe que a base ou a origem da sociedade humana está fundamentada necessariamente na heterossexualidade” (WITTIG, 2012, s.p). Neste sentido,

o matriarcado não é menos heterossexual que o patriarcado: somente se muda o sexo do opressor. (...) Ademais, esta concepção não somente segue assumindo as categorias de sexo (mulher e homem), como acaba mantendo a ideia de que a capacidade de dar a luz (ou seja, a biologia) é o que define a mulher. (...) Por exemplo, não se considera a gravidez como uma produção forçada, mas como um processo “natural”, “biológico”, esquecendo que em nossas sociedades a natalidade é planejada (demografia), esquecendo que nós mesmas somos programadas para produzir crianças, mesmo que esta seja a única atividade social, “a exceção da guerra”, que implica tanto perigo de morte. Enquanto formos “incapazes de abandonar, por vontade ou espontaneamente, a obrigação secular de procriar que as mulheres assumem como o ato criador feminino”, o controle sobre essa produção de crianças significará muito mais que o simples controle dos meios materiais da referida produção. Para ganhar este controle as mulheres teriam que abstraírem-se da definição “a mulher” que lhes é imposta (WITTIG, 2012, s.p).

Acerca dos tensionamentos das identidades fixas, Judith Butler em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, publicado originalmente em 1990, ao citar Simone de Beauvoir (1980) com a máxima “A gente não nasce mulher, torna-se mulher”, adverte sua intencionalidade. O primeiro capítulo dessa obra convida a/o/e leitor a/e a pensar sobre o modo como a categoria rígida de se conceber a mulher em todos os seus pressupostos políticos e representacionais tem sido posto em subversão, haja vista que já não se pensa a mulher em termos estáveis ou permanentes (BUTLER, 2003). No contexto do surgimento do pensamento butleriano, já havia uma política feminista que embora procurasse englobar as mulheres em seus mais variados contextos era, ao mesmo tempo, atravessada por uma discursividade constituinte e representativa de uma identidade feminina.

Butler, nesse sentido, questiona esta constituição presente na política representacional que produz e orienta as performances normativas circunscritas ao entendimento de tal identidade. Aponta que, embora a representação sirva como termo operacional e político que tem como objetivo “estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos; por outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres” (BUTLER, 2003 p.18). Dessa forma, avança a discussão desembocando em uma proposta de desconstrução

heteronormativa<sup>4</sup> dos gêneros. Para tanto, ela problematiza as categorias binárias normativas e o direcionamento biológico entre sexo e gênero. A proposta é pensar não somente o gênero, mas também o sexo como processos resultantes de práticas discursivas que produzem sujeitos e que redundam em construções sociais de gênero, pois como afirma Butler, “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (2003 p. 25).

Nessa perspectiva, a autora transgride a normativa social que direciona o sexo biológico ao gênero e afirma não ser possível falar em apenas uma identidade de gênero, uma vez que elas são performativas e não se restringem, portanto, ao binarismo social de gênero. O gênero seria, portanto, uma prática performativa, construída no corpo e exercida em suas múltiplas facetas pelo sujeito.

Ao pensar o gênero como performativo, Butler indica que não há essência ou identidade nos signos corporais, e propõe pensar sobre três dimensões contingentes da corporeidade: sexo anatômico, aquele dado pela biologia; identidade de gênero, aquela que Beauvoir tratou como uma construção social; e performance de gênero, sendo o elemento do performativo, aqui, aquilo que perturba as associações binárias sexo/gênero, sexo/performance, gênero/performance, e aponta para o caráter imitativo de todo gênero (RODRIGUES, 2012 p. 151).

A partir do pressuposto do gênero entendido como uma performatividade plástica que se concretiza nos corpos, a autora promove um estranhamento nas formas de pensamento normativas que determinam o corpo feminino e masculino, bem como suas identidades de gênero e orientações sexuais a partir de critérios biológicos vinculados aos mesmos. Nesse sentido, de acordo com Butler (2003), Beauvoir salienta que a gente “se torna” mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. E tal compulsão não vem do “sexo”. Nesta perspectiva, não há garantias de que o “ser” que se torna mulher seja necessariamente fêmea. Essa afirmativa amplia as formas de entendimento do sujeito do feminismo e subverte a normativa biologicista amplificando as possibilidades de se pensar a feminilidade em todas as suas nuances.

---

<sup>4</sup> A Heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade de acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista, há duas – e apenas duas – possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho (PETRY e MEYER, 2011, p. 195).

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem *na superfície* do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem *status* ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade (BUTLER, 2003, p. 194).

Neste sentido, ela subverte a ideia de um corpo anterior e passivo aos diversos discursos que tecem e orientam os gêneros e suas representações sociais afirmando que nos casos em que este é apresentado desta forma “qualquer teoria do corpo culturalmente construído tem a obrigação de questioná-lo como um construto cuja generalidade é suspeita” (BUTLER, 2003, p. 185-186). Desta forma, a autora se coloca em posição opositiva aos velhos modos de se construir saberes quanto à questão. Neste panorama, faz severas críticas ao que a mesma denominou de “metafísica da substância”, a ideia de algo como um espectro de gênero, que estaria naturalizado e internalizado na natureza dos corpos conferindo-lhes as devidas determinações de gênero que, por sua vez, se baseariam na logística da heterossexualidade reprodutiva.

se a realidade é fabricada como uma essência interna, essa própria inferioridade é efeito e função de um discurso decididamente social e público, da regulação pública da fantasia pela política de superfície do corpo, do controle da fronteira do gênero que diferencia interno de externo e, assim, institui a “integridade” do sujeito. Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora. Se a “causa” do desejo, do gesto e do ato pode ser localizada no interior do “eu” do ator, então as regulações políticas e as práticas disciplinares que produzem esse gênero aparentemente coerente são de fato deslocadas, subtraídas à visão (BUTLER, 2003, p. 195).

Em continuidade a este raciocínio, ela complementa afirmando que se o gênero é uma fabricação “então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável” (BUTLER, 2003, p. 195). A partir disso, ela desloca a ideia de uma corporeidade engendradora anterior a qualquer discursividade e denuncia os atravessamentos que constituem as concepções sobre os gêneros.

Dando seguimento a suas reflexões, Judith Butler invoca as experiências de travestis e *drags* para explicar sobre as dimensões contingentes da corporeidade significativa, a saber,

sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero. Ela discorre afirmando que nestes casos, por exemplo, há uma dissonância “não só entre sexo com performance, mas entre sexo e gênero, e entre gênero e performance” que revela que as experiências de gênero “são falsamente naturalizadas como uma unidade através da ficção reguladora da coerência heterossexual” (BUTLER, 2003, p. 196). Nesta perspectiva,

Ao imitar o gênero, o drag revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero — assim como sua contingência. Aliás, parte do prazer, da vertigem da performance, está no reconhecimento da contingência radical da relação entre sexo e gênero diante das configurações culturais de unidades causais que normalmente são supostas naturais e necessárias. No lugar da lei da coerência heterossexual vemos o sexo e o gênero desnaturalizados por meio de uma performance que confessa sua distinção e dramatiza o mecanismo cultural da sua unidade fabricada (BUTLER, 2003, p. 196-197).

Desta forma, Butler desloca a concepção naturalizada dos gêneros atrelada ao direcionamento infalível em relação ao órgão genital e desvela a natureza estilística dos mesmos. Ao se basear em suas leituras sobre as reflexões de Simone de Beauvoir ela conclui que “os corpos marcados pelo gênero são “estilos de carne”” que são bastante diversificados, pois são marcados por histórias que condicionam e limitam suas possibilidades. Tais estilos corporais podem ser pensados em termos de “atos”, por assim dizer, que são intencionais e performativos “onde “performativo” sugere uma construção dramática e contingente do sentido” (BUTLER, 2003, p.198).

Neste sentido, o corpo é entendido como uma situação, cuja interpretação está diretamente relacionada aos significados culturais que lhe são atribuídos. Portanto, não está isento de uma construção e constituição discursiva que, por sua vez, se enviesa em aparatos próprios da cultura que se estruturou através da ideia metafísica de que a pessoa é o que o seu gênero é, pois, em nosso contexto, gêneros inteligíveis seriam aqueles que instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, de modo a manter a matriz de heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003).

Gênero não é um substantivo, tampouco um conjunto de atributos flutuantes – Seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras de coerência de gênero. Não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída pelas próprias “expressões” tida como seus resultados (BUTLER, 2003, p. 48).

Nessa perspectiva, convém destacar que, embora haja uma matriz reguladora que induz diretamente a produção das performatividades, identidades de gênero desviantes da norma são possíveis e potentes para o rompimento deste processo hegemônico, pois sua principal característica é causar uma tensão na matriz de inteligibilidade das identidades e da heteronorma produzindo uma desordem de gênero. Sob esse prisma, destaca-se a performatividade de gênero das mulheres transgênero<sup>5</sup> como uma força representativa de outros modos de conceber o perfil da identidade feminina em termos sociais reinventando o conceito de mulher. Em suas trajetórias as mulheres trans estiveram imersas em atravessamentos normativos e posições privilegiadas de poder que sucumbiram aos seus próprios desejos de exercer e reivindicar suas feminilidades. Também o simbólico social da figura masculina e as exigências patriarcais foram sobrepujados diante de suas novas performatividades de gênero. A despeito dos discursos normativos que encerram o gênero no corpo, conferindo-lhe inteligibilidade social e privilégios oriundos de pessoas com performatividades masculinas de gênero, a mulher trans reivindica para si um novo arranjo fora do referencial binário dos gêneros por inscrevê-lo em um corpo “estranho”.

O corpo-sexuado (o corpo-homem e o corpo-mulher) que dá inteligibilidade aos gêneros encontra na experiência transexual seus próprios limites discursivos, uma vez que aqui o gênero significará o corpo, revertendo um dos pilares de sustentação das normas de gênero. Ao realizar tal inversão, deparamo-nos com uma outra “revelação”: a de que o corpo tem sido desde sempre gênero e que, portanto, não exista uma essência interior e anterior aos gêneros. Quando se problematiza a relação dicotômica e determinista entre corpo e gênero, outros níveis constitutivos da identidade se liberam para compor arranjos múltiplos fora do referente binário dos corpos (BENTO, 2006 p. 21).

Desta forma, como afirma Butler, na arbitrariedade das relações que envolvem esses atos é “que se encontram as possibilidades de transformação do gênero, na possibilidade da incapacidade de repetir, numa deformidade [...] que denuncie o efeito fantasístico da identidade permanente como uma construção politicamente tênue” e se percebe que a ideia de uma identidade de gênero verdadeira se revela uma ficção reguladora onde as noções essenciais de masculinidade e feminilidades são estabelecidas com tal finalidade, haja vista que “os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos, reais nem aparentes, originais nem derivados” (BUTLER, 2003, p.201). Portanto, pensar as narrativas de gênero a partir de uma

---

<sup>5</sup> Mulheres que não se identificam com o gênero (masculino) que lhe foi imposto em seu nascimento com base em critérios de diferenciação sexual a partir dos órgãos genitais identificando-se, portanto, com o gênero feminino.



perspectiva contra-hegemônica torna-se um imperativo essencial para o reconhecimento das diversas performatividades de gênero que são construídas no dia a dia das pessoas, bem como para a desmistificação e resistência em relação a elas por parte dos modelos hegemônicos de se pensar a construção dessas identidades de gênero.

De fato, a corporeidade escreve e reescreve performances sociais, produz gênero e é por ele atravessado, bem como pelos diversos discursos que conferem papéis e práticas sociais. No entanto, a performatividade trans produz um corpo *queer* e, portanto, abjeto. De acordo com Miskolci (2012) a abjeção, em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é a comunidade. O corpo *queer*, por sua vez, encerra a normatividade compulsória através do estranhamento nas f(ô)rmulas sociais sendo esta sua maior prerrogativa.

Em sentido genérico, *queer* descreve as atitudes ou modelos analíticos que ilustram as incoerências das relações alegadamente estáveis entre sexo biológico, gênero e desejo sexual. Resistindo a este modelo de estabilidade – que reivindica a sua origem na heterossexualidade, quando é na realidade o resultado desta – o *queer* centra-se nas descoincidências entre sexo, gênero e desejo. [...] Quer seja uma performance travesti ou uma desconstrução teórica, o *queer* localiza e explora as incoerências destas três concepções que estabilizam a heterossexualidade. Demonstrando a impossibilidade de qualquer sexualidade “natural”, coloca em questão até mesmo categorias aparentemente não problemáticas como as de “homem” e “mulher” (JAGOSE, 1996 *apud* MIRANDA e GARCIA, 2012 p. 7).

O corpo em performatividade transgênero, na qualidade de um corpo *queer*, incita repensares, mas também abjeções de diversas ordens, pois trata-se de uma expressão antiestrutural, de delineamentos esquizos à ordem estabelecida, uma nova inscrição, uma divergência em termos do que está posto culturalmente acerca dos gêneros, suas corporalidades e expressividades. Nesse panorama, consideram-se as performatividades femininas de mulheres transgênero fator de rupturas, desconstrução de discursos e de representações normativas, bem como estigmas e abjeções, sendo seus corpos marcadores sociais e suas recepções produtoras de implicações diversas na sociedade de modo geral incluindo a política representativa presente nos discursos e movimentos feministas.

De acordo com Hailey Kaas (2015), o transfeminismo<sup>6</sup> pode ser entendido como uma corrente feminista que se debruça sobre pautas e necessidades de pessoas trans. Emerge no

---

<sup>6</sup> Transfeminismo é um termo surgido no contexto do movimento intelectual e político da população transgênero – composta majoritariamente por travestis e mulheres e homens transexuais – norte-americana, que é cada vez

Brasil como uma das vertentes do feminismo de “terceira onda”, tendo referência nas produções e reivindicações de cunho interseccional e pós-estruturalista. Diversos movimentos históricos favoreceram e fortaleceram a emergência de correntes de pensamentos LGBTQIA+ como a corrente transfeminista: “o memorável ato de Stonewall em 1969; a articulação do movimento LGBT pelo direito de expressão no ambiente público; a Parada do Orgulho LGBT que reuniu 3 milhões de pessoas em 2018 em São Paulo” (CANNONE, 2019, p. 29). Além disso, o 10º Encontro Feminista Latinoamericano e do Caribe – 10º EFLAC, realizado em 2005 no Brasil é apontado por Moraes (2016) como o primeiro momento de reivindicação formal da participação de pessoas trans no movimento, embora a organização e reivindicações das pessoas trans não tenha surgido nessa época.

“Frustradxs com a falta de visibilidade e até mesmo exclusão dentro do próprio movimento feminista, as pessoas trans se organizam para lutar em prol de sua emancipação e autonomia, frente uma estrutura que mantém essas pessoas à margem”. Nessa perspectiva, “essa corrente surge da necessidade de auto-organização e emancipação” das mesmas em relação ao lugar marginal em que se encontravam nas políticas LGBT. Esse movimento também surgiu da necessidade de se combater o machismo instalado na comunidade trans, através de uma ótica feminista aplicada às suas demandas (por isso transfeminismo) (KAAS, 2015).

Jaqueline Gomes de Jesus, por sua vez, afirma que

O transfeminismo pode ser definido como uma linha de pensamento e de prática feminista que, em síntese, rediscute a subordinação morfológica do gênero (como construção psicossocial) ao sexo (como biologia), condicionada por processos históricos, criticando-a como uma prática social que tem servido como justificativa para a opressão sobre quaisquer pessoas cujos corpos não estão conformes à norma binária homem/pênis e mulher/vagina. (...) O transfeminismo é uma categoria do feminismo em construção, a qual emerge como resposta teórica e política à falha do feminismo de base essencialista, comumente biológica, em reconhecer o gênero como uma categoria distinta da de sexo, o que reforça estereótipos sobre os corpos (JESUS, 2014, p. 243).

Nesta perspectiva colocada pela autora, percebe-se que o transfeminismo é útil, também, para possibilitar novas concepções acerca das construções de gênero. Desta forma,

---

mais frequente nas rodas de discussão feministas e sobre gênero da América Latina, em especial por meio das redes sociais da internet (JESUS, 2014, p. 243).

“o pensamento-ação transfeminista”<sup>7</sup> (JESUS, 2014, p.9) evidencia posições e práticas trans-excludentes ou transfóbicas presentes nas engrenagens normativas propondo a superação do genitalismo de base biológica que tem fundamentado ainda diversas discussões de gênero. Como uma das vertentes de “terceira onda” que “problematizam a visão estática do sexismo como prática opressiva unilateral, o transfeminismo reconhece as múltiplas expressões do sexismo tanto por parte de opressores/as quanto de oprimidos/as” (JESUS, 2013, p. 6). Além disso, visa denunciar o fato de mulheres transexuais e travestis constantemente não serem reconhecidas e tratadas como as mulheres cisgênero – entendidas por muitas pessoas como “mulheres de verdade” – “(...) de modo que as mulheres transexuais e as travestis, além de serem vitimadas pelo machismo, também o são por uma forma de sexismo, de base legal biologizante, que lhes nega o estatuto da feminilidade ou da “mulheridade” (JESUS e ALVES, 2010, p. 13).

Sobre a cisgeneridade, convém destacar que a divulgação do termo cisgênero favoreceu a construção da perspectiva transfeminista no Brasil (COACCI apud BAGAGLI, 2019, p.21). A partir desta conceituação foi possível evidenciar e desnaturalizar a categoria cis e apontá-la como uma variação das identidades de gênero de modo a posicioná-la como uma categoria de análise (MARINHO, 2019). Além disso, foi possível denunciar posturas cissexistas de apagamentos das identidades e opressões direcionadas às pessoas trans a partir da negação de direitos e necessidades específicas deste grupo (KAAS, 2012). Ainda sobre a articulação social e organização política

o feminismo transgênero ou transfeminismo é, particularmente, um movimento intelectual e político que: 1) desmantela e redefine a equiparação entre gênero e biologia; 2) reitera o caráter interacional das opressões; 3) reconhece a história de lutas das travestis e das mulheres transexuais, e as experiências pessoais da população transgênero de forma geral; e 4) é aberto, e pode ser validado por quaisquer pessoas, transgênero ou cisgênero (JESUS e ALVES, 2010, p. 15-16).

Dentre as pautas políticas do movimento transfeminista é possível citar, de acordo com Kaas, questões relacionadas à feminilidade, por entender que ainda existe uma espécie de disputa pelo conceito e todas as implicações voltadas para a questão de “ser mulher”, haja vista que com a concepção disseminada pela ciência que fundamenta a biologia como o destino, as pessoas trans<sup>8</sup> são colocadas “como imitações baratas dos “gêneros reais”, ou seja,

<sup>7</sup> Para maiores informações e reflexões sobre as perspectiva transfeminista recomendo o livro “Transfeminismo: teorias & práticas” organizado pela professora Jaqueline Gomes de Jesus (2014).

<sup>8</sup> Termo guarda-chuva utilizado para abarcar as diversas transgeneridades.

das pessoas não trans, chamadas aqui de cisgêneras<sup>9</sup>”. Dentre outras pautas, ainda é possível citar o movimento político de despatologização das identidades trans; o enfrentamento à CISnormatividade; a “separação da ideia de identidade de gênero como sendo sinônimo de sexualidade, a visibilidade das pessoas trans não-heterossexuais” (KAAS, 2015, s.p); os direitos reprodutivos e sobre o corpo (por exemplo, a não esterilização compulsória que ocorre em alguns países como condição única de legitimação das identidades trans e o direito a gestação por parte dos homens trans). Além disso, alguns outros pontos importantes indicados por Jesus em referência a Alves (2012) são

o combate à violência cissexista/transfóbica (em todos os seus aspectos: simbólicos, psicológicos, verbais, físicos e institucionais); Corpo- positividade e/ou empoderamento (valorização os corpos trans, desestigmatizá-los); livre sexualidade (estimular as pessoas transgênero a se sentirem confortáveis com a sua sexualidade, qualquer que seja); e terminologia (evitar termos que essencializem ou invisibilizem as identidades trans) (JESUS, 2014, p. 251).

#### 1.4 A IDENTIDADE FEMININA: TENSÕES E DISPUTAS

*Que corpo é este que me impõe uma identidade, um lugar no mundo, que me conduz no labirinto das normas e valores sociais/morais? Que corpo é este que eu habito, cuja imagem invertida reflete o olhar-espelho dos outros? (SWAIN, 2000, p. 47).*

A identidade feminina como categoria política e representacional sempre foi basilar para os movimentos e pautas feministas. As lutas feministas por muito tempo foram viabilizadas pela concepção da existência da categoria da mulher enquanto sujeito do feminismo tal como afirma Judith Butler [2003 (1990)]. No movimento feminista de primeira e segunda onda não foi diferente. No entanto, esse sujeito protagonista decerto era “fêmea” em termos biológicos e cisgênero em termos sociais, haja vista que as pautas desse movimento se desenrolaram em função desse perfil de identidade feminina e ainda é possível perceber resistências por parte de algumas ativistas<sup>10</sup> desse movimento em se pensar as

<sup>9</sup> Cis ou cisgênero diz-se da pessoa que, ao nascer, e lhe ser atribuído um determinado gênero (masculino ou feminino) a partir de critérios sexuais baseados em seu órgão genital, identifica-se com o mesmo e com o papel social adjacente.

<sup>10</sup> Em entrevista recente cedida ao jornal *New Statesman*, Judith Butler (2020) afirma a importância de se questionar em que medida os posicionamentos de feministas radicais que ela denominou de “trans-excludentes”

transidentidades femininas como mulheres legítimas e de direitos, com algumas posturas, em casos mais extremos, inclusive transfóbicas direcionadas para essas mulheres.

A perspectiva transfeminista, por sua vez, embebida das concepções de cunho pós-estruturalista entende as identidades de gênero como performativas e instáveis, não sendo possível conceber uma essência biológica que legitime suas expressões sociais. Nesse sentido, o gênero é corporificado, ao passo que a corporificação produz gêneros (BUTLER, 2003). Tal concepção abala politicamente a representação de um sujeito estável e protagonista, portanto legítimo, para a categoria mulher. Nessa perspectiva, alguns contrastes entre algumas vertentes do movimento feminista e os transfeminismos podem ser levantados como, por exemplo:

(1) Enquanto para uma parte do movimento feminista, incluindo alguns segmentos do feminismo radical, uma identidade fixa e coerente é o grande pré-requisito para a eficácia política (LIMA, 2009), para o transfeminismo, em sua base pós-estruturalista “a desconstrução do sujeito e da identidade não representa a destruição da política. Ao invés, revela o caráter político da própria construção do sujeito” (BUTLER, 1989 *apud* LIMA, 2009, 13);

(2) Para o feminismo radical e para o transfeminismo, a origem da opressão das mulheres se encontra dentre outros vetores, no patriarcado, bem como na divisão sexual do trabalho e de papéis seja no lar ou nos espaços sociais. No entanto, a concepção do sujeito protagonista desta categoria, para a primeira, se assenta ainda em um discurso biológico de se entender as identidades dada a natureza cisgênero das reivindicações e para a segunda vertente em uma visão pós-estruturalista de se conceber as identidades de gênero;

(3) A concepção do patriarcado enquanto um sistema estruturante de apropriação e opressão da vida das mulheres também é entendida de maneira divergente, haja vista que para algumas ativistas radicais essa opressão não é estendida às mulheres trans, sendo estas vistas como apenas mais uma manifestação de apropriação do sistema patriarcal das identidades

---

– aqueles que opõem aos direitos das pessoas trans incluindo o direito à suas identidades – podem ser considerados hegemônicos/dominantes. Em sua perspectiva, tais posicionamentos são, na verdade, expressões de um movimento marginal que não representa as feministas *mainstream*. Desta forma, compartilhando da mesma perspectiva, este capítulo segue sua crítica a este movimento que é marginal dentro dos feminismos. A íntegra da entrevista pode ser encontrada na versão em inglês a partir do seguinte link: <https://www.newstatesman.com/international/2020/09/judith-butler-culture-wars-jk-rowling-and-living-anti-intellectual-times>.

femininas enquanto que para as transfeministas o patriarcado é também um vetor basilar de opressão e discriminação de suas identidades.

Juliet Mitchell (2006) afirma que as mulheres estão localizadas em situação diferente de qualquer outro grupo social, pois embora sejam fundamentais para a condição humana sendo, portanto, essenciais e insubstituíveis, são alocadas em condições marginais em seus papéis econômico, social e político. Esse processo que se estruturou ao longo da história tem sido questionado pelo movimento feminista em suas variadas vertentes, seja através de práticas ativistas ou pela produção científica, dentre outras estratégias que têm tensionado e provocado avanços no que se refere à opressão e subalternização da categoria mulher.

Durante uma parte do percurso do movimento feminista, a identidade feminina por quem angariavam direitos era concebida em termos biológicos (cisnormativos). Com o advento da terceira onda e o quadro atual do movimento que é citado por alguns como uma possível “quarta onda” feminista, essa categoria estável tendo sido questionada, novos arranjos estão sendo desenhados para se pensar a categoria mulher com a incorporação de perspectivas interseccionais e pós-estruturalistas de se refletir e problematizar as questões de gênero. Isso provocou novas reflexões: “como falar agora em um sujeito do feminismo se este não mais existe? Em nome de quem estamos falando quando falamos nas/pelas mulheres?” (LIMA, 2009, p. 8).

Para algumas teóricas, tais perspectivas representam o feminismo destituído de sua força contestatória por suprimir o caráter político que a figura representacional pode exercer. No entanto, sobre isso Butler (1990) afirma que “a narrativa é um dos espaços mais significativos onde as mulheres podem se auto-representar de forma a romper com as representações convencionais de gênero” (BUTLER *apud* LIMA, 2009, p. 8). Nessa perspectiva, as narrativas transidentitárias se convertem em fissuras na ordem binária pré-estabelecida e ainda presente em muitos discursos e práticas até mesmo de movimentos políticos e alguns segmentos feministas e contribuem para a (des) construção dos discursos normativos que encerram os corpos em critérios sexuais, contribuindo para os processos de legitimação das pluralidades dos sujeitos, a ampliação e complexificação dos modos como os feminismos têm produzido discursos e práticas de combate às variadas formas de opressões sociais.

“Essas dissidências oferecem a base epistemológica para a disputa em torno das supostas contingências da anatomia do sujeito do feminismo e, com isso, provocam tensões e deslocamentos acerca das certezas sobre os gêneros”. Desta forma, pensar sobre cisgeneridade

é de fundamental importância já que coloca “em questão e problematiza a normatividade ao invés de se atentar aos corpos tidos como desviantes. Nesses termos, estamos diante de um conceito-prática de intervenção social”. Pensar, a partir desta perspectiva, implica desvelar mecanismos de precarização da vida de pessoas trans por não se enquadrarem neste modelo que tem como base inteligível a suposta coerência entre desejo, sexo, gênero e práticas sexuais (BUTLER, 2010), convertendo-se na CISnorma que garante a manutenção dos processos de desumanização e silenciamento de pessoas trans e práticas transfóbicas – “as constantes violências simbólicas, psíquicas, físicas e sexuais às quais a população trans está submetida” (LEONARDO *et al.*, 2017, s.p).

No que tange às pautas feministas e a materialização do próprio sujeito do feminismo

O conceito de cisgeneridade pode ser pensado como uma forma de disputar os significados do que é ser mulher dentro dos feminismos. Ou seja, é possível pensar que esse conceito também é forma de tensionar os dispositivos discursivos que colocam mulheres cisgêneras como sendo o único sujeito político possível do feminismo e pode servir de argumento para contestar concepções que apresentam uma verdade sobre o que é “ser mulher”. (...) Devido a falta de direitos e a fragilidade da permanência dos poucos direitos conquistados neste cenário de muitos retrocessos, se torna urgente pautar a cisgeneridade nas discussões feministas, uma vez que esta prática permite com que os privilégios da cisgeneridade sejam expostos. A partir disso, as exclusões, as invisibilizações, os silenciamentos, as hierarquias e violências epistêmicas são denunciadas, abrindo margem para novas construções/concepções de mundo e alertando que não é possível entender a identidade “mulher” como reflexo de uma verdade interna, uma essência. Afinal, o que é ser mulher? (LEONARDO *et al.*, 2017, s. p)

Como extensão de discussões acerca da cisgeneridade e cisnormatividade, heteronormatividade e performatividades de gênero, o acesso às narrativas transidentitárias, seus contextos e histórias de vida devem ser invocadas e valorizadas para o processo de (des)construção de velhas narrativas e construção de novas perspectivas, deslocamentos diversos e produções cada vez mais integrativas, interseccionais, pós-estruturalistas e esquizas sobre as feminilidades e os feminismos. Nesta perspectiva, este trabalho tem o intento de possibilitar que estas vivências alcancem todas as potencialidades e mobilizações possíveis que esta empreitada TRANSfeminista tem como finalidade a partir da realidade interiorana de mulheres trans do município de Vitória da Conquista – Bahia.

## Capítulo 2

### METODOLOGIA E RESULTADOS DA PESQUISA

Com o intuito de cumprir as prerrogativas deste trabalho, optei como abordagem do problema de pesquisa e procedimentos metodológicos o viés qualitativo descritivo, bem como a análise de dados a partir da perspectiva do Método Fenomenológico Empírico proposto por Amedeo Giorgi (1970). Será realizada também uma descrição das minhas próprias vivências e experiências frente às narrativas que surgiram durante minha imersão em campo de modo a desvelar as impressões, impactos e recordações que os encontros com as colaboradoras da pesquisa despertaram em mim ao longo do processo de entrevistas.

Godoy (1995, p. 58) considera a pesquisa qualitativa como um processo que visa obter “[...] dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, para compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo”. A abordagem descritiva, por sua vez, visa o conhecimento da natureza do fenômeno estudado e suas formas de constituição, processos e características do mesmo. Nas pesquisas descritivas, o pesquisador procura conhecer e interpretar a realidade sem nela interferir para poder modificá-la (MARCONI e LAKATOS, 2003). Desta forma, evidencia “a subjetividade e as experiências humanas como objetos de investigação [...] Assim, o objeto é tomado em sua complexidade e em seu contexto e possibilita uma abertura metodológica: o objeto determina o método” (FLICK, *apud* RANIERI; BARREIRA, 2010, p.1).

Sobre a pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico, Pereira e Castro (2019, s.p.), afirmam que seu objetivo “é o de obter descrições do mundo experiencial, do mundo da vida do entrevistado e suas explicitações de significados sobre os fenômenos descritos” que fazem parte do fenômeno de estudo. Giorgi e Sousa, por sua vez, advertem sobre o uso da entrevista fenomenológica. De acordo com eles, ela “não é apenas a aplicação de um instrumento de recolha de dados diferente, reflete, em si mesmo, uma concepção distinta de produção de conhecimento, de construção de significado sobre a ação humana”, não se tratando de um processo de “manipulação experimental”, mas “uma situação onde a entrevista se torna um espaço inter-relacional, dialético e de conversação entre sujeitos”, com o intuito de angariar



“uma descrição tão completa quanto possível da experiência vivida dos participantes sobre um determinado fenômeno de estudo” (GIORGI e SOUSA, 2010, p. 80; 82).

Nesta perspectiva, a fim de acolher as experiências das mulheres entrevistadas, cumprindo os requisitos desta pesquisa, optei por utilizar como procedimentos de coleta dos dados as entrevistas de caráter semiestruturado por partir de um roteiro que direciona ao passo que também permite abertura para o inusitado do contato com o outro e sua história e possibilita a ampliação do roteiro prévio da entrevista a partir das narrativas das próprias participantes da pesquisa. *A priori*, as entrevistas foram pensadas em serem realizadas no município de Vitória da Conquista - Bahia com contato mediado pela Secretaria de Políticas de Promoção da Cidadania e Direitos de LGBT entre pesquisador e as mulheres transgênero do município, entretanto, não foi concretizado por entendermos, posteriormente, que seria interessante um ambiente neutro em relação às possíveis respostas ao roteiro de entrevistas na medida em que há um tópico específico sobre as políticas LGBTQIA+ do município. Desta forma, os contatos foram feitos de forma direta entre as colaboradoras e o pesquisador e ocorreram na clínica-escola do Serviço de Psicologia da Universidade Federal da Bahia do Instituto Multidisciplinar em Saúde, campus Anísio Teixeira (UFBA/ IMS-CAT).

## 2.1 MÉTODO FENOMENOLÓGICO-EMPÍRICO

A literatura científica que se ocupa do estudo da fenomenologia aponta o filósofo Edmund Husserl (1859-1938) como precursor do que se entende como fenomenologia (DECASTRO e GOMES, 2011; SIANI, CORREA e CASAS, 2016; RANIERI e BARREIRA, 2010; CASTELO BRANCO, 2014; PEREIRA e CASTRO, 2019; GOMES, 1997). De acordo com Decastro e Gomes, de forma sintética, pode-se dizer que “a fenomenologia refere-se ao fundamento da investigação das relações lógicas puras inerentes à consciência intencional” (DECASTRO e GOMES, 2011, p. 154). Para tanto, se ocupa da investigação do vivido, do universo experiencial e da mudança de intencionalidade presente na dialogicidade contínua entre vivências e experiências. “Desde o seu início estabeleceu relações muito próximas com a Psicologia. Foi por meio da Psicologia que o método fenomenológico (método de estudo da fenomenologia) disponibilizou-se para o restante das disciplinas das ciências humanas e social” (SIANI; CORREA; CASAS, 2016, p. 193). No entanto, a fenomenologia como abordagem de pesquisa qualitativa tem sido aplicável em diferentes campos, como a

administração, a enfermagem, pedagogias e licenciaturas, bem como outros campos de conhecimento.

De acordo com Leandro Ranieri e Cristiano Barreira (2010) a fenomenologia configura-se como “uma ciência voltada para o estudo daquilo que se manifesta à consciência intencional [...] isto é, as experiências vivenciais” (p. 2).

Numa explanação sumária, no tocante aos seus objetos e objetivos, o trilhar metodológico da fenomenologia predispõe o pesquisador a entrar em contato com o conteúdo da vivência pré-reflexiva, deixando de lado paulatinamente tanto o posicionamento prévio de uma ciência e suas teses, como aquilo que define e valora o objeto de estudo, como pré-conceitos ou pré-juízos. Como uma atitude ou conversão fenomenológica, há o esforço de partir sem pré-teorias ao olhar para o objeto, observando aquilo que é, deixando as coisas mesmas se manifestarem. Para que se possa chegar à vivência, esta manifestada em primeira pessoa pela narrativa (RANIERI e BARREIRA, 2010, p. 2).

Portanto, a fenomenologia “refere-se ao estudo dos fenômenos, daquilo que aparece a consciência, daquilo que é dado a partir de si mesmo (...) é também um amplo movimento científico e espiritual, extraordinariamente variado e ramificado, ainda hoje vivo” (LIMA, *apud* SIANI *et al.*, 2016, p. 198). No entanto, importa destacar que a compreensão do que significa fenômeno é “a primeira grande dificuldade no estudo da fenomenologia, dado ao fato de se ter mais de um sentido e, deste ser dependente da formação de cada pessoa que o emprega” (*ibidem*, p. 201). Em uma postura científica, enquanto metodologia de pesquisa, acessar o “fenômeno”, ou seja, aquilo que aparece na consciência das/os/es colaboradoras/es/us, é a base para o desenrolar do processo, a partir de uma postura que valoriza a subjetividade das vivências em detrimento da objetividade historicamente eleita pelas/os/es pesquisadoras/es/us ao longo de suas pesquisas, geralmente, baseada ou traçada a partir de uma perspectiva positivista que tem como prioridade o modelo das ciências naturais.

Como método de pesquisa, a fenomenologia é relativamente nova – fato que não a impede de ser uma forma radical de pensar. Como um método radical de pensar, parte, necessariamente, de caminhos conhecidos de se fazerem as coisas, desafia os pressupostos como aceitos e busca estabelecer uma nova perspectiva para ver as coisas. Nenhuma pesquisa projeta-se do vácuo. Um tipo de pensamento ou um método necessita sempre de um contato prévio, mínimo, comum ao pensamento existente que define um contexto. É por aí que se inicia o estatuto atual da fenomenologia. Esta perspectiva remete a retomada do significado do termo fenomenologia dado pelas palavras “fenômeno” que significa aquilo que se mostra por si mesmo (manifesto) e logos tomado como sendo o significado de discurso esclarecedor (SIANE; CORREA; CASAS, 2016, p. 206).

Neste sentido, sendo a pesquisa fenomenológica “uma forma de pesquisa orientada à descoberta de significados expressos por um sujeito sobre sua experiência” (DECASTRO e GOMES, 2011, p. 154), convém destacar que:

A abordagem fenomenológica, enquanto roteiro de procedimentos desdobra-se em duas grandes vertentes: a filosófica e a empírica. Em ambas as vertentes o ponto de partida é a realidade social dos sujeitos e, o objetivo é a sua compreensão. No âmbito filosófico, essa compreensão estará sempre centrada naquele que conduz a análise de um fenômeno até o alcance da sua essência. No âmbito empírico, o objeto de análise é sempre uma parcela do mundo que é do outro. A apreensão desta parcela pelo pesquisador leva, forçosamente, a obtenção de relatos sobre a experiência vivida do outro para alcançar o fenômeno, ou seja, a “coisa em si mesma” (SIANI, CORREA e CASAS, 2016, p. 193).

Desta forma, a pesquisa e entrevistas foram pensadas a partir de uma postura fenomenológica de caráter empírico, com o intuito de recepcionar as narrativas das entrevistadas a partir da valorização do vivido e de suas experiências. De acordo com Ranieri e Barreira (2010, p. 3), “a elaboração do instrumento de coleta busca condizer com o tipo de investigação [...]. No caso da pesquisa envolvendo as experiências vividas de pessoas, remete-se a um meio que permita a narração das mesmas”.

Quando se trata de pesquisa fenomenológica, é importante compreender que o caráter empírico se revela quando da utilização de dados provenientes de entrevistas, observações e documentos, assim como, da forma de análise destes (MOREIRA e SOUZA, 2016, p. 2). Como uma das possibilidades de aplicação dos métodos fenomenológicos empíricos, a desenvolvida por Amedeo Giorgi se fez mais afinada aos interesses desta pesquisa, uma vez que ele

Pretendia fomentar uma psicologia de inspiração fenomenológica Husserliana que pudesse ser considerado um fazer científico a partir da descrição qualitativa dos fenômenos estudados. Este fazer científico propunha o foco direcionado à experiência, à elucidação do vivido, favorecendo assim uma compreensão teórica capaz de possibilitar melhor manejo do fenômeno em foco (AMATUZZI *apud* MOREIRA e SOUZA, 2016, p. 2-3).

Alinhado aos estudos e pesquisas das ciências sociais e psicológicas, este método considera, de acordo com Castelo Branco (2014, p. 194), “qualquer fenômeno como algo passível de ser investigado, desde que tornado presente na vivência do sujeito de pesquisa e comunicado ao pesquisador”. Isso ocorre a partir das Unidades de Sentido/Significação (US). Para tanto, o método possui algumas etapas pelas quais o pesquisador se orienta com fins a

alcançar as Unidades de Significação (US) compartilhadas pelas narrativas dos sujeitos colaboradores da pesquisa. São elas:

1) A suspensão fenomenológica (*Epoché*)<sup>1</sup> das experiências pessoais e teóricas da/do/de pesquisadora/or/re. Neste ponto, as hipóteses da pesquisa e as teorias que a fundamentam serão retiradas de foco para garantir a livre manifestação do fenômeno investigado, sem manipulá-lo; 2) Em campo, pretende-se a obtenção de uma descrição concreta e detalhada das vivências visadas; 3) Ao final da leitura de cada entrevista transcrita, é feita uma síntese geral do que está sendo percebido e evidenciado por parte de quem pesquisa; 4) Após as sínteses gerais, retorna-se ao material transcrito, explorando-o com o objetivo de especificar suas partes temáticas e evidenciar suas unidades de significação (US), ou seja, os sentidos presentes em suas narrativas; 5) Por fim, assume-se um posicionamento teórico, que evoca tudo o que foi suspenso fenomenologicamente, para formular as categorias temáticas à vivência estudada (CASTELO BRANCO, 2014).

Esta fase evidencia a intencionalidade – o direcionamento – da consciência por parte de quem pesquisa sobre o fenômeno pesquisado. Neste ponto, elaborase uma inteligência condizente à área de conhecimento da pesquisa, para fundamentar o que foi observado em relação à vivência estudada e comunicá-la à comunidade científica (HOLANDA, 2006; ANDRADE e HOLANDA, 2010; DECASTRO e GOMES, 2011 *apud* Castelo Branco, 2014).

Segundo Giorgi (1997/2008 *apud* CASTELO BRANCO, 2014, p. 194), em termos práticos, empíricos, as US “se constituem sob lenta releitura da descrição: cada vez que o pesquisador percebe uma mudança de sentido, ele posiciona a direção, e depois prossegue sua leitura até a unidade de significação seguinte, e assim, sucessivamente”. Assim, a técnica

consiste em reexaminar as US de todas as entrevistas transcritas, de modo a identificar os sentidos comuns, verificar suas interdependências e organizá-los conforme uma única descrição expressa em termos psicológicos. Esses elementos comuns e transversais a todos os sujeitos pesquisados convergem para o que Giorgie Sousa (2010) entendem como a estrutura geral (a essência) do fenômeno estudado (CASTELO BRANCO, 2014, p. 194).

Gil (2010), por sua vez, sinteticamente, defende que o modelo pode ser caracterizado por sua simplicidade, e que se desenvolve em quatro etapas: 1) leitura geral do material, 2)

<sup>1</sup> Importa destacar que estudos e pesquisas contemporâneas e, sobretudo, interdisciplinares e feministas vêm rompendo com a ideia da suposta suspensão apriorística e neutralidade científica, uma vez que o ato de escolha do objeto de pesquisa já implica a subjetividade da/do/de pesquisadora/o/e, por exemplo. O termo aqui utilizado se faz presente em função do uso pelo próprio autor da metodologia, a partir do contexto de criação de sua proposta.

definição de unidades de significado, 3) expressão das unidades na perspectiva escolhida pelo pesquisador, e 4) formulação de uma síntese das unidades (p. 9). No material produzido por Giorgi e Sousa (2010) os passos metodológicos se configuram da seguinte forma:

1.Redução fenomenológica: Processo que ocorre após recolhimento das experiências relatadas, envolve a postura definida como “*epoché*”, uma redução dos “a priores” presentes na concepção das/os/es pesquisadas/es/us a partir de suas concepções, hipóteses, de modo que o fenômeno apareça em sua inteireza, de maneira autêntica, sem enviesamentos prévios por parte da/o/e condutora/e/or da pesquisa;

2.Análise eidética: Processo que tem como prerrogativa a centralidade no objeto de estudo. Para tanto, o/a/e investigador a/e deve “procurar a essência do fenômeno, (...) a síntese do sentido da experiência vivida pelos vários sujeitos que participaram na investigação, através do uso da análise eidética, a variação livre imaginativa” (GIORGI e SOUSA, 2010, p. 77). O intuito é possibilitar o alcance de uma descrição minuciosa da estrutura psicológica dos fenômenos que se apresentam ao longo das narrativas.

A síntese final de significado psicológico remete para uma generalização eidética dos resultados da investigação. Os resultados eidéticos implicam, igualmente, que o que conta para a generalização dos resultados finais da investigação seja o número de vezes que o fenômeno, o objeto de estudo da pesquisa, se repete ao longo dos protocolos de investigação, não o número de participantes que participaram da mesma (GIORGI e SOUSA, 2010, p. 77).

Desta forma, o destaque das Unidades de Significação/Sentido (US) presentes ao longo das vivências relatadas pelas entrevistadas irá possibilitar a estruturação dos eixos temáticos e sobre eles será desenvolvida a análise das informações articulada ao arcabouço teórico que faça sentido com a proposta da pesquisa.

## 2.2 RESULTADOS

Foram realizadas duas entrevistas. A primeira ocorreu no dia 23/04/2019 e a segunda no dia 30/04/2019, com duração 2h21min01s e 1h51min38s, respectivamente. O local dos encontros foi cedido pela coordenação do Serviço de Psicologia da UFBA/IMS- CAT, campus de Vitória da Conquista, sendo este mesmo local utilizado para as entrevistas.

Sobre as entrevistas, cabe informar que outros três convites foram feitos, no entanto, não foi possível ocorrer outras entrevistas. Contudo, por se tratar de pesquisa qualitativa que visa acolher as trajetórias de vida dessas mulheres a partir de uma perspectiva fenomenológica e feminista, o número de entrevistas não interferiu de forma negativa na proposta e objetivos desta pesquisa. De acordo com Gil “como o que se pretende na pesquisa fenomenológica não é a generalização dos resultados, não há razão para selecionar uma amostra proporcional e representativa em relação a determinado universo de pesquisa”. Neste sentido, “o que interessa é que os sujeitos sejam capazes de descrever de maneira acurada a sua experiência vivida” (GIL, 2010, p. 8).

Através da aplicação da metodologia proposta, a saber, o método fenomenológico-empírico proposto pelo Amedeo Giorgi, foi possível perceber ao longo dos relatos das entrevistadas, em sua somatória 156 Unidades de Sentido/ Significação (US), bem como estruturar cinco eixos temáticos, sob os quais foram desenvolvidas as análises. A saber: (1) **Identidade de gênero**, com os seguintes subtópicos: Identificações; (Des)construindo identidades; Infância e adolescência; Implicações; Corpo (s); Velhice. (2) **Família**, com os subtópicos: Relações familiares: impasses e desafios; O amor pulsa, o amor (trans) borda. (3) **Saúde** e subtópicos: Cirurgias, terapia hormonal e serviços de saúde; Acompanhamento psicológico; Políticas de saúde e ações afirmativas do município; (4) **Afetividades** e subtópicos: Corpo, sexualidade e identidade de gênero; A solidão da mulher trans; Objetificação; Cirurgias; Outras considerações. (5) **Convívio Social** e subtópicos: Identidade de gênero e respeito; Espaços de trabalho e de formação acadêmica; Amizades, espaços sociais e outras interações sociais; Violências cisgênero; Representatividade e pertencimento.

Os relatos acerca dos questionamentos realizados nas entrevistas foram transcritos na íntegra, de modo a respeitar e valorizar as vivências relatadas por elas ao longo de suas trajetórias de vida. Considerando a importância do contexto de vida e posicionalidades no que tange às interseccionalidades que atravessam nossas identidades e experiências de vida, cabe caracterizar as entrevistadas, bem como aspectos que favoreceram a feitura desta dissertação a partir do meu encontro e diálogo com elas:

(1) Milena e Bianca – nomes fictícios utilizados como uma estratégia ética de resguardar suas reais identidades – eram pessoas conhecidas por mim antes das entrevistas em função de termos compartilhado o mesmo espaço de formação e curso de graduação, embora em turmas e anos distintos – decerto, o fato de as entrevistas terem sido realizadas com pessoas em formação superior repercute de forma diferente do caso de pessoas com outros

níveis de formação em função do acesso que a universidade permite aos âmbitos intelectual, pessoal, social etc. Esta constatação é feita com base no conceito de Capital Cultural, desenvolvido por Bourdieu (1979), a partir do qual fica evidente que de diversas formas a cultura incide sobre as condições de vida – classes – e repertórios dos indivíduos, operando “como um recurso de poder”, sendo este termo desenvolvido em função de desvelar “uma analogia ao poder e ao aspecto utilitário relacionado à posse de determinadas informações, aos gostos e atividades culturais” (SILVA, 1995, p. 24). Uma forma de indicar acesso a conhecimentos e informações associadas a uma cultura específica. Neste caso das entrevistadas, a cultura acadêmica.

(2) As entrevistas foram realizadas em Abril de 2019, com duração de 2h21min1s, e 1h51min38s, respectivamente. No que se refere à idade, a primeira afirmou ter 21 anos e a segunda, 22 anos.

(3) Ambas declararam ser solteiras, com renda mensal entre um a três salários mínimos e não serem adeptas a nenhuma religião. A primeira se declara branca e a segunda não definiu a sua condição étnico-racial. A justificativa foi o fato de algumas pessoas não a identificarem como negra, embora ela se perceba desta forma. Sobre a situação de residência, a primeira declarou possuir residência própria, na qual reside com pais e irmão, e a segunda declarou residir como locatária com a companheira. Por fim, sobre profissão, a primeira se declara estudante e a segunda musicista conforme tabela abaixo.

<b>CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS</b>	
<b>MILENA</b>	<p><b>Identidade de Gênero:</b> Mulher trans e travesti;</p> <p><b>Idade:</b> 21 anos;</p> <p><b>Estado Civil:</b> Solteira;</p> <p><b>Sexualidade:</b> Heterossexual;</p> <p><b>Etnia:</b> Branca;</p> <p><b>Condição Socioeconômica:</b> Renda mensal de 1 a 3 salários mínimos;</p> <p><b>Condição Residencial:</b> Residência própria. Reside com pais e irmão;</p> <p><b>Profissão:</b> Estudante – formação em Psicologia (UFBA – campus de Vitória da Conquista);</p> <p><b>Religiosidade:</b> Não é adepta a religiões;</p> <p><b>Residência:</b> Vitória da Conquista – BA.</p>

<b>BIANCA</b>	<p><b>Identidade de Gênero:</b> Mulher trans;</p> <p><b>Idade:</b> 22 anos;</p> <p><b>Estado Civil:</b> Solteira;</p> <p><b>Sexualidade:</b> Pansexual (atualmente está em relacionamento homoafetivo);</p> <p><b>Etnia:</b> Não declarada;</p> <p><b>Condição Socioeconômica:</b> Renda mensal de 1 a 3 salários mínimos;</p> <p><b>Condição Residencial:</b> Locatária. Atualmente reside com a companheira;</p> <p><b>Profissão:</b> Musicista e estudante – formação em Psicologia (UFBA – campus de Vitória da Conquista);</p> <p><b>Religiosidade:</b> Não é adepta a religiões;</p> <p><b>Residência:</b> Vitória da Conquista – BA.</p>
---------------	---

### 2. 2. 1 Identidade de gênero

*Identidade de gênero é a forma como a pessoa se reconhece. Isso pode estar relacionado ao ser homem, ao ser mulher, ou qualquer outra coisa que foge ou tá entre isso. Isso pra mim é identidade de gênero. É expressão, né? (Milena)*

O primeiro eixo identificado através das unidades de sentido presentes nas narrativas das entrevistadas se refere à identidade de gênero. De fato, tal temática é basilar nesta pesquisa, bem como no universo experiencial destas mulheres. Ao longo das vivências relatadas e concepções acerca deste tema, a definição encerrada de identidade de gênero se desfaz recebendo novos contornos e até mesmo (re) significações, de modo a ser possível “brincar” (termo utilizado por Bianca – uma das entrevistadas) com o conceito de identidade de gênero e perceber que há uma pluralidade de novas conceituações e concepções acerca do termo, não sendo possível defini-lo tão facilmente ou mesmo exigindo a superação de uma definição final, como o fazem movimentos de base pós-estruturalista e os feminismos contemporâneos.

Com o surgimento dos estudos de gênero e do próprio conceito, muitas/os/es teóricas/os/es se debruçaram a compreender como se dá sua construção e as influências sociais das relações de gênero no cotidiano da vida das pessoas e na própria constituição subjetiva. No que tange as transgeneridades, muitos estudos e pesquisas foram desenvolvidos



considerando a realidade de vida e construção ou seria desconstrução (?) das identidades de gênero de nós, pessoas trans. Desta forma, tem sido perceptível a importância e riqueza da valorização das experiências e vivências de nossas experiências para se pensar e tensionar as concepções de gênero, seus alcances e limites.

Como orientação teórica, tive preferência por aquelas que transitam na contramão das concepções heteronormativas acerca dos corpos e identidades, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista de se conceber as identidades de gênero e a constituição das/os/es sujeitas/os/es. Essa escolha visa contemplar os deslocamentos, em termos das concepções conceituais de gênero, que se fazem presentes nas narrativas das entrevistadas. Foram incorporados, também, estudos que se fundamentam em relatos de histórias de vida de pessoas transgênero e em pesquisas desenvolvidas por pessoas trans sobre pessoas trans e os atravessamentos que acometem seus cotidianos.

A seguir, irei apresentar as narrativas de duas mulheres que, gentilmente, aceitaram conversar sobre suas dores, resistências, sentimentos e negociações cotidianas. Suas vivências e ponderações desafiam e (trans)gridem formas engessadas de se perceber o próprio ser-trans em diversos aspectos e tonalidades, ampliando o olhar para a singularidade de cada processo identificatório e a força política que isso ressoa em termos da compreensão das identidades e seus giros contestatórios no que tange às diversas normativas sociais sobre o corpo, a subjetividade e a construção da identidade.

### 2.2.1.1 Identificações

Berenice Bento em entrevista cedida a Diego M. Dias, provoca diversas reflexões acerca das construções da identidade feminina e masculina, bem como a constituição discursiva e corpórea acerca de pessoas trans na sociedade e os diversos discursos que a atravessam. Ao relatar sobre sua pesquisa de doutorado que versa, dentre outros aspectos, sobre a problemática da despatologização das identidades trans, ela discorre sobre pontos importantes no que tange a identidade de gênero e as transgeneridades. Neste momento, me interessei pelo seguinte questionamento: “então, o que significa ser uma mulher ou ser um homem de verdade?” (BENTO, 2014, p. 479).

Ao dar início às entrevistas, o primeiro tópico versava sobre identidade de gênero. A primeira pergunta tinha o intuito de apreender suas identificações com vistas a entender a

partir de qual posição elas falavam. Milena, a primeira entrevistada, se posiciona da seguinte forma:

*(Milena)-Atualmente eu me pontuo enquanto mulher trans/travesti. Mulher trans e travesti, acho que são essas duas... Essas três, na verdade, categorias que eu utilizo.*

Bianca, por sua vez, faz a seguinte afirmação:

*(Bianca)-Eu me identifico hoje como uma mulher trans e... E essa escolha também, não essa escolha, mas acho que também não seria errado uma pessoa dizer que é escolha porque cada um é livre pra escolher as suas definições, seus enlarguamentos [sic], mas a postura de me identificar enquanto mulher trans ela também vêm também desse tensionamento também, né? Como eu acredito que seja uma coisa muito extensa de... Um lugar que é muito amplo pra gente pensar a existência humana, pensar uma mulher desse jeito, que tem uma voz assim igual a minha e que fala desse jeito dentro de um padrão de gênero que é hierárquico e poda o corpo feminino e poda o corpo que está nesse gênero entendido como feminino gera essa tensão assim também, então assim, me identifico enquanto mulher trans, mas sei que toda identificação binária ela cai um pouco ao erro. A minha ideia, mas me identifico numa classificação binária porque acredito que toda pessoa trans que se identifica num – pode parecer confuso- minha resposta pode sair bastante confusa (risos) – acredito que toda pessoa trans que se identifica com algum dos dois lados do sistema binário, ela nunca consegue completar esse ciclo do binário, então ela sempre fica nesse lugar de transgressão. Por mais passabilidade cis que ela tenha, ela é uma pessoa transgressora, então assim... Mesmo acreditando que o sistema binário, ele não seja, é... Que ele recaia ao erro, eu não acho que seja errado pessoas trans se identificar com algum dos dois lados desse sistema.*

Milena e Bianca, ao falar sobre seus posicionamentos, de imediato, já rompem com a ideia de uma identificação estática e normativa, indicando a possibilidade de se entender que a identidade de gênero é ampla, de modo que uma identificação não encerra todas as possibilidades de ser. Ao mesmo tempo, Bianca, neste tópico, avança na reflexão afirmando que no que tange ao corpo trans, toda identificação binária ela é falível, na medida em que nossos corpos gritam a nossa transgressão. Nesta perspectiva, ela aponta ser uma mulher que tem a voz grave, que anda de determinada forma, que performa uma identidade que supera o

ideal biológico para estes corpos, se convertendo em uma experiência própria de uma mulher trans.

Sobre este aspecto, Berenice Bento, no livro *O que é transexualidade*, afirma que “nenhuma outra experiência de gênero é tão forte no sentido de desnaturalizar o que é ser homem e o que é ser mulher” (BENTO, 2008, p. 480) como a experiência transexual. De fato, tais experiências denunciam a falibilidade da naturalização das diferenças sexuais enquanto critério determinante para as identidades de gênero. Desta forma, “se você entende que ninguém nasce homem e ninguém nasce mulher, e radicaliza essa perspectiva, não faz mais sentido discutir a legitimidade da demanda de sujeitos que querem reconstruir o seu gênero socialmente” (ibidem p. 481).

#### 2.2.1.2 (Des) construindo identidades

Jaqueline Gomes de Jesus, acadêmica, professora universitária, doutora e mulher trans, em um de seus escritos voltados para formadores de opinião intitulado “Orientações sobre Identidade de Gênero: Conceitos e termos” (2012), fornece um manual técnico-pedagógico com o intuito de facilitar a compreensão e o relacionamento deste público com a comunidade trans. No artigo intitulado *Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais* (2010, p. 9), de autoria dela com Hailey Santos, ao falarem sobre o conceito de gênero e sua existência no meio científico, apontam que o mesmo existe “desde meados do século XX, a partir das considerações de John Money (1955) acerca dos papéis construídos socialmente para homens e mulheres”, sendo o gênero apontado por ele “como uma categoria que se refere ao conjunto de características que definem diferenças sociais entre homens e mulheres, diferenciando esse conceito do de sexo biológico”. Desta forma, “evidenciando que, nem sempre, as expectativas sociais relacionadas às pessoas nascidas com determinadas configurações biológicas (femininas ou masculinas) redundará na identificação com certo gênero (homem ou mulher)” (JESUS e SANTOS, 2010, p. 9).

Berenice Bento (2006, 2008), bem como diversos outros autores, a exemplo de Viviane Vergueiro (2015) em sua pesquisa autoetnográfica, também inserem tais discussões em seus estudos sobre a vivência transexual. Jesus (2012) ainda afirma que

sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente (JESUS, 2012, p. 8).

Butler (1990), entretanto, é mais radical no raciocínio quando pondera que a diferença entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma, denunciando a natureza discursiva constituinte de suas estruturas. Falar sobre identidades de gênero é aprofundar debates acerca da natureza constitutiva dos gêneros e seus significados culturais. Falar sobre pessoas trans é transitar por novos contornos e olhares sobre as construções de gênero. De acordo com Preciado (2011, p. 16), “os corpos da multidão *queer* são também as reaproximações e os desvios dos discursos da medicina anatômica”. Nesse sentido, é travar um debate (des)biologizante e desnaturalizador acerca das identidades, haja vista que “a transexualidade é uma experiência identitária caracterizada pelo conflito com as normas de gênero” e é “um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros no corpo” (BENTO, 2008, p.18-19). As narrativas das entrevistadas vão ao encontro desse olhar que rompe com as dicotomias e inserem a discussão acerca das identidades em um patamar de constante desconstrução e reflexões:

*(Milena)-Identidade de gênero é a forma como a pessoa se reconhece. Isso pode estar relacionado ao ser homem, ao ser mulher, ou qualquer outra coisa que foge ou tá entre isso. Isso pra mim é identidade de gênero. É expressão, né?*

Bianca, por sua vez, afirma:

*(Bianca)-É... Primeiro vou responder o que é identidade, né? Pra mim, é... Eu não faço ideia do que seja identidade (risos) e muito menos o que seja identidade de gênero. Antes de me aprofundar em alguns estudos de gênero, a gente tinha, eu, no caso, tinha aquela noção bem definida do que seria identidade de gênero, sexo biológico, essas duas coisas não necessariamente estavam imbricadas e quanto mais a gente vai estudando, né, eu entrei em contato com outras referências dos estudos queer, então a gente percebe um mudar assim às vezes do que, o quê que existe dessa identidade que não existe de corpo, por exemplo, Preciado vai trazer essa questão da corporeidade muito imbricada, eu também acabei estudando um pouco da... É... Do feminismo radical, foi um pouco perigoso, machucou um pouco (risos), mas foi interessante entender também esse outro lado. Então assim, pra mim, identidade de gênero é uma*

*grande interrogação. E... Eu gosto desse caráter de interrogação, acho que como a própria... O próprio método da Butler não é afirmar nada e sim tensionar as estruturas que já estão colocadas como postas, bem como o nome identidade, como a própria psicologia pensa, a própria filosofia deve ser tensionada numa grande interrogação, bem como o próprio gênero, então pra mim, eu não faço ideia do que seja a identidade de gênero e... Eu espero que seja muitas coisas, que seja muita coisa, das quais a gente não consiga colocar já postas assim.*

A todo o momento, ao longo das entrevistas, foi perceptível a importância que elas atribuíam à necessidade de não encerrar o termo identidade de gênero em uma definição. Seria como encerrar as possibilidades de existência, as potencialidades e expressões do corpo. Seria encerrar os gêneros e fazer isso é finalizar as potencialidades humanas de vir-a-ser. Sobre isso, ainda cito a Berenice Bento em sua entrevista (2014, p. 479) quando ela afirma que foi no ativismo espanhol, então, fora do espaço da clínica, que ela pode “realmente entender e problematizar a ideia de uma identidade essencial, pensar que ninguém tem “gênero”. Fazemos gênero o tempo inteiro, somos fazedores de gênero”.

Ainda sobre as inúmeras possibilidades de ser e as (des) identificações, Milena comenta sobre o entrave que foi se entender mulher trans em um período onde ainda existia uma confusão sobre contemplar ou não esse ideal de identidade até mesmo na questão transgênero.

*(Milena)-Foi todo um percurso, na verdade. Não teve um momento específico pra falar é agora, sabe? (risos). Acho que foi toda uma construção. É... Porque... Em 2012 que foi que eu tive contato... Na verdade foi antes disso. Através de uma reportagem na televisão e foi através disso que eu conheci o que era transexualidade. Eu percebi que poderia ser isso, mas ainda assim, eu tava muito confusa. Foi em 2012 que, diante dessa curiosidade, eu acabei pesquisando e sabendo mais sobre... E pra mim poderia ser aquilo, mas ainda assim não tava claro. Eu comecei... Eu lembro que nos ciclos sociais, é... Nos ciclos de amizade eu comecei a pontuar, só que ainda assim isso não era tão claro, né? Por exemplo, eu me apresentava pra pessoa, “há, eu sou uma pessoa trans, sou uma mulher trans”, só que ainda assim não existia nem o conhecimento delas, o que era ser uma mulher trans, e eu também não sabia direito, eu não tinha ainda fundamento de certa forma. Conhecimento do que era ser uma mulher trans, é tanto que... Esses dias eu escrevi recentemente pra... Um professor, ele pediu pra eu escrever um texto pro livro que ele tá produzindo e eu falei muito sobre isso. Essa questão de existir ali um reconhecimento, mas também uma vontade de se reconhecer. Quando eu li sobre o que era pessoa trans. Existia esse reconhecimento de que sim parece com a minha experiência, mas existia também esse desejo de encontrar algo*

*com o qual eu me reconhecia. E foi por isso que não encaixou perfeitamente esse ser mulher trans, mas aí eu fui identificando, né? Ao longo do tempo. E aí foi quando eu, depois que eu descobri especificamente esse termo, eu ainda fiquei um pouco confusa, eu não utilizava ele... Eu não entendia direito, é tanto que eu falava assim que eu não sabia se eu era gay, se eu era uma pessoa assexuada ou se era eu mulher trans. E nisso, há uma confluência de discursos, né? Por exemplo, a sexualidade tá meio que confundida com a identidade de gênero. Só que quando eu entrei na universidade foi quando eu tive a oportunidade de fazer uma pesquisa e aí o tema que eu escolhi foi justamente pessoas trans, aí eu conheci a não-binariedade e foi através disso que eu comecei a me pensar para além desse binário, de mulher ou homem, e foi quando, inicialmente eu me pautei enquanto uma pessoa trans não binária. Por isso que eu acabei falando atualmente... Porque pra mim é uma coisa que tá muito fluida. E aí, foi aí que eu... Mas mesmo assim eu sentia que tinha uma certa... Um desejo de feminilidade, sabe? Ainda tinha aquela coisa do ser mulher pra mim. E com o tempo eu acabei me desdobrando por essas vias de me identificar enquanto mulher, me descobrindo mulher. Acho que o que esbarrou naquele momento foi justamente porque eu ainda não compreendia que existem múltiplas formas de ser mulher e que até mesmo para mulheres trans existem inúmeras formas. De ser mulher trans. Por isso, existia aquela não compreensão de que eu me encaixava naquilo porque travesti não totalmente eu sou o que ela é. Mas ao mesmo tempo eu sou uma mulher trans, então isso na época eu não compreendia muito bem. A sociedade, ela não explica isso pra gente de que existem várias formas de ser.*

Essa reflexão feita por Milena é muito interessante, na medida em que nos permite pensar até mesmo sobre que identidade de gênero feminina é essa que atravessa a questão trans? É possível traçar apenas um perfil de identidade? Se sim, sob quais discursos isto está sendo feito? Pensar apenas sobre um modo de ser trans é perigoso e potencial excludente de outras formas de exercer as performatividades femininas. Milena passou por todo um processo de desconstrução até entender que sim, ela é uma mulher trans, mas também não só isso. “Antes de nascer, o corpo já está inscrito em um campo discursivo” (BENTO, 2008, p. 36). Não é diferente com o corpo trans, haja vista que muitos discursos operam sobre ele, tendo no discurso médico seu algoz imperioso. Entender que seu corpo grita e dita outras condições de exercer sua transgeneridade pode ser difícil quando já existe um padrão normativo inclusive para o corpo trans dentro e fora desta comunidade. É preciso superar mais esta “caixinha” e expandir o olhar de modo a valorizar todas as experiências e expressões humanas, inclusive na comunidade trans.

### 2.2.1.3 Infância e adolescência

Com o intuito de conhecer as trajetórias de vida das entrevistadas, outro ponto foi levantado: Como foram a infância e adolescência dessas mulheres? Em que medida suas identidades de gênero atravessaram suas vivências nestes momentos específicos? Obviamente, este questionamento, *a priori*, soa como a busca da “origem” de suas identidades para muitas pessoas, haja vista que, sim, algumas pessoas trans relatam os primeiros indícios de identificação neste período. No entanto, este não foi o objetivo do questionamento e, felizmente, as narrativas, a todo momento, descontrolam esta ideia de “descoberta” da transexualidade e “transição” da identidade cisgênero para a identidade trans, sobretudo nas vivências de Milena, que sempre pontua que não houve para ela essa associação imediata entre signos sociais e sua identificação, uma vez que ela nunca se percebeu na condição masculina – esta atribuição era-lhe externa em função de critérios biológicos.

*(Milena)- As pessoas elas... Eu sempre tive um comportamento digamos de não conformidade de gênero. Porque, por exemplo, eu fui assinalado, mulher... Homem – ato falho – eu fui assinalada homem quando eu nasci. Então assim... Mas, ao mesmo tempo, eu nunca tive um comportamento, dentro das leituras sociais, do que é ser homem. Então assim, meu comportamento sempre foi de não-conformidade, isso querendo ou não, já criou um tensionamento aí, me colocou num espaço de não-homem, então, quando se faz as socializações cisgêneras eu brinco que às vezes eu não fui, eu tenho a impressão de que eu não fui socializada. Eu não passei pela socialização masculina. Tanto que com o processo de crescimento e infância, eu não tinha essa concepção de que eu era homem e nem que eu era mulher. Eu só tinha desejos específicos e que, socialmente, isso era atribuído ao ser mulher, né? E aí, depois acabei me identificando enquanto mulher, só que não necessariamente tudo isso faz o ser mulher.*

*(...) Constantemente eu fico fazendo releituras assim, esse termo mesmo rememoração das minhas experiências, eh... Como eu disse, pra mim tava ficando muito claro que, pelo menos naquela época não existia... Eu não tenho essa concepção de que, sei lá, algum dia eu fui cis, eu só não sabia que eu era trans, também não gosto de ficar falando, por exemplo, é uma coisa que eu bato demais na tecla, que é essa ideia de que eu sou desde pequena. Acho que... Eu não sabia que eu era quando eu era pequena, mas ainda eu não percebo como uma performance que eu considero cisgênera. Eu não percebo essa identificação cisgênera, porque eu nunca tive essa percepção em mim*

*enquanto homem mesmo. A meu ver assim, e por mais que eu tinha... Eram coisas muito difusas... Muito... Toda vez que eu penso sobre, parece ser tudo muito nublado, sabe? E que... Por exemplo, eu despertei a adolescência que foi quando eu comecei a explorar esse lado de identidade de gênero e sexualidade. Inicialmente a heterossexualidade e depois veio a questão da identidade de gênero. Pensar nessa infância sempre vem essa coisa muito difusa, sabe? Nublada, de não ter um sentido específico do que eu era. Eu sabia que eu era uma coisa abjeta, que a minha forma de ser não era desejada. E, obviamente, eu criei estratégias pra esconder isso. A partir disso. Tem o viado, bicha, eu aprendi a conviver com isso, mas acho que é muito mais do... De perceber essa coisa estranha. Acho que pensar como era minha infância, não era uma infância, tipo assim, não era uma vivência cisgênera, mas uma vivência enquanto coisa estranha. Uma coisa que não tem nome. Acho que é muito mais assim. (Milena).*

*(...) Dando continuidade então, quando eu falo dessa coisa do... Eu sempre... Quando eu falo dessa fase... Até mesmo reflexões nossas. Eu acabo realmente pensando muito sobre essa questão da infância porque como eu disse, eu não gosto muito dessa ideia de falar que eu sei desde que eu era pequena, então, por exemplo, eu não gosto muito quando as pessoas trans, elas vão justificar sua identidade de gênero através de experiências passadas na infância, como, por exemplo, eu sou uma mulher trans porque desde pequena usava vestidos, brincava com bonecas... Acho isso meio... Não sei, acho... Isso me gera um certo incômodo porque é pautar que o ser mulher está associado a essas coisas. Na minha infância, eu gostava dessas coisas, gostava de usar vestidos escondidos, gostava de bonecas, mas eu também brincava de carrinhos na rua, de futebol, adorava essas coisas também. Então assim, como é que eu vou pautar o ser mulher só através do usar vestidos, gostar de rosa, essas coisas? E até mesmo experiências cisgêneras. Mulheres cis, elas não tem só isso na vivência delas, então é meio complicado a gente tentar pautar as nossas experiências ou nossa identidade de gênero agora através dessas experiências passadas que sim, pode ter relação com identidade de gênero, mas não por isso você é uma mulher, né? Então na minha infância, tive todas as experiências e foi sempre muito ok pra mim. Não tinha assim... Quer dizer, tinha os sentidos que as pessoas davam pra mim, que é você não pode fazer isso e isso e isso. Mas não quer dizer que eu deixava de desejar isso. Deixava de fazer... Faço escondido, né? Que é contra – controle (risos). Eu não deixava de fazer, eu fazia escondido. E como eu gostava de brincar, socializar, e tal, brincava com meninos também e aí, tipo... Ninguém falava nada contra isso e aí eu continuava brincando. Eu não dava sentido do tipo: eu tô brincando com isso porque homens brincam com isso, eu brincava com isso porque eu brincava com isso. Como algumas pessoas, brincar e ser criança, né? A infância é muito mais sobre isso. Não tenho... Se dá pra falar sobre esses pontos em que eram pautados*



*pra mim, então eu não podia fazer tais coisas, né? Mas mesmo assim, é muito amplo. É muito mais que isso, sabe? (Milena).*

Bianca, por sua vez, relata que sua identificação esteve associada à descoberta de sua sexualidade na infância em algumas experiências com familiares. No entanto, a identidade de gênero e o conflito sobre a possibilidade de exteriorizá-la era algo constante e sua experiência esteve sempre associada ao interdito, de modo que seu próprio corpo e sexualidade passaram por um processo de repressão violenta até a mesma conseguir se posicionar da forma como realmente se sente confortável.

*(Bianca) Ixi... (risos) Eu me percebi foi... Engraçado, eu tinha nove anos de idade e... -nunca falei isso pra ninguém – mentira, já falei, lembrei que já falei (risos), mas eu tinha um primo, aquela questão da... Ele era mais velho que eu, ele tinha uns treze anos e eu tinha meus nove anos de idade. E aí tava aquela questão da puberdade toda e era o bum da internet na época, o bum de lan house, e aí ele aprendeu, alguém tinha me ensinado a pegar a danada da pornografia. E aí, um dia eu fui atrás da lan house, atrás dele na lan house pra jogar com ele, e aí eu não tava vendo que ele tava de fone. Quando eu me deparo com a tela, tava rolando um procedimento ali novo, um negócio que eu não entendia muito bem o que era. É... Sabia que era errado (risos), mas eu achei interessante... Fiquei olhando e ele não me percebeu ali. E eu percebi que na figura do vídeo tinha uma mulher, e..., ela... Eu não lembro direito se ela tinha um pênis ou se ela estava com algo que perfomaria esse pênis ou que estaria sendo... Estaria simulando ali um... Ato com um pênis. E ela tava se relacionando com uma outra mulher e aí eu olhei pra aquilo. Aquilo mexeu assim com minha cabeça, tipo, num ponto de que. É... Eu já sabia, eu já tinha passado por... Pela quarta série, né? A terceira série que estuda o corpo humano. Eu já sabia como lidava o sexo, né? Naquele momento, nunca tinha visto de fato uma pornografia, eu já tinha visto [a revista] Playboy, essas coisas que me foram mostradas, nos caminhos da vida, e eu sabia que tinha um corpo e que tinha um outro corpo, e esses dois corpos se relacionavam e eu ficava um pouco assim com aquela situação assim na aula, e tudo bem. Num reagia muito bem assim, ficava um pouco com nojinho assim, como assim? Um homem, uma mulher, e aí... Quando eu vi esse negócio, eu achei interessantíssimo e eu... E foi como se... É... Eu sei que é até um pouco, tem algumas pessoas que até pode pensar nisso, pelo fato de eu ser uma criança, mas em algum momento ali, eu vi aquilo, eu pensei: que massa! Posso ser assim também (risos) aquilo ficou na minha cabeça por um tempo, e aí foi engraçado porque... É... Aí depois disso, as pessoas ficaram me mostrando uma Playboys e eu decorava as poses que as mulheres estavam fazendo ali nas Playboys... Eu ia pra casa, repetia as mesmas coisas... Tirava as*

*roupas e ficava repetindo as poses até que me falaram que... Eu não lembro se eu contei pra alguém isso, algum amigo, nem me repreenderam e aí eu... Até então não me identificava não, não sabia o que era ser uma mulher trans, não sabia de nada, pra mim eu não sabia nem que, pra mim, eu só pensava que era uma coisa que podia existir, né? De que, é... Eu tinha aquele órgão, e quando a gente é criança, as pré-puberdades começam muito parecidas, né? Na verdade, até depois da puberdade são muito parecidas, mas antes é mais parecido ainda. Então pra mim, eu não via muita diferença, não sabia se aquilo era uma mulher ou um homem. Eu sabia que tinha um pênis como eu e que estava linda lá com seus cabelos e estava transando e eu vi as imagens na Playboy, não tinha pênis, mas de algum modo eu me identificava, né? Porque ambas pareciam, e aí, foi por aí, quando eu descobri que era errado, eu entoquei tudo isso, eu empurrei pro lugar mais fundo, mais escuro que existia e aí todas essas questões só voltaram a... A empurrar mesmo o meu corpo no Ensino Médio, né? No Ensino Médio, eu não aceitei, demorei de novo pra reaceitar essa identificação, ela foi algo que sempre esteve ali no, na minha cabeça, mas eu sempre negava e falava “não, tudo menos isso”. É... Primeiro fui pro lugar de negação – de que eu era um homem hétero, eu pensava assim, depois não, eu não consegui mais lutar contra isso, eu gosto de homens também, então tá, sou uma pessoa bissexual. Consegui aceitar viver com isso, mas aí quando chegava o pensamento na cabeça, não é só isso não, tem mais coisa, eu chegava e falava “não, não tem mais nada não, tá bom, deixa esse negócio quieto” (risos). Aí, no Ensino Médio, foi bastante violento assim, esse movimento de repressão com o corpo e o corpo devolvia e aí quando eu cheguei no... Quando eu entrei na faculdade, eu já tava bem mais fraca, minhas defesas em relação a isso e foi só um processo assim de ir abrindo mão, de não ir abrindo mão, e... Abraçando a delícia que é ser uma pessoa trans (risos). Foi por aí a história (risos).*

*(...) Ah, minha infância foi de boa... A única coisa que pegou foi mesmo a sexualidade, na infância. Porque assim, eh... Porque querendo ou... Logo depois que veio aquelas coisas com o meu primo ali na internet, depois ele viu que eu tava vendo e a gente continuou assistindo... Aquilo ali desembocou numa relação sexual. Fui perder a virgindade com o meu primo muito nova. Eu tinha nove anos de idade. Antes disso, minha infância foi bastante tranquila, eh... Eu vejo algumas fotos assim que eu tava bem bicha em algumas fotos, só que eu acho que a minha mãe e o meu pai, eles pensavam assim: “Não, isso é coisa de criança. Vamos deixar passar”. E aí, eu me esbaldava, ficava jogando bola. Agora de boneca eu sabia que era errado brincar. Ou eu brincava escondida ou, às vezes eu resistia e falava “vou brincar não”, às vezes morrendo de vontade. E... Era isso, não lidava muito bem com competição também... Em negócio de competição eu chorava. Não me dava bem, não sei por quê. Eu jogava bola muito bem, acho que por isso não virei jogadora de futebol.*

*Agora se eu tivesse ficado boa em competição, agora as pessoas iriam estar discutindo sobre Tiffany e sobre Bianca (risos). Eu não lidava muito bem, mas de resto foi bastante tranquila. No pós-sexualidade, que eu já tinha tido uma relação sexual, algumas coisas começaram a mudar porque os desejos foram aparecendo também. E eu tive que começar a jogar com esses desejos, pra não dar muita pinta e pra não apanhar também. Antes disso foi tudo muito tranquilo porque eu percebi que... Pais divorciados, meu pai não tava nem aí pra mim. Meu pai tava pelo mundo fazendo outras crias e minha mãe trabalhando muito. E minha vó pensava assim: “oh, não... deixa, deixa...” deve tá arrependida hoje (risos).*

Embora Bianca afirme ter tido uma infância “*de boa*”, convém destacar que é uma realidade pouco comum na comunidade trans. Os formatos e modelos familiares normativos incumbem as nossas identidades, desafios e penalidades diversas por sermos crianças transviadas. Este tema será melhor desenvolvido no tópico sobre família. Outro aspecto importante, e que foi apontado por ela, é em relação às estratégias que a mesma desenvolvia na infância frente à família e pessoas do convívio social para que estas pessoas não a punissem por ser uma criança não-normativa. Práticas de negociações e estratégias que ela utiliza até hoje (como será presente em outros relatos da mesma) para se proteger e se preservar de violências e outros inconvenientes.

*(Bianca)-Era tranquila. Até porque, por causa de malandragem também. De entender o que eu posso contar e o que eu não posso. Eu ficava ali jogando. Era... Acho que essa coisa de fazer a estratégia hoje vem muito dessa época. Tem uma coisa que... Ah, vou falar mesmo essa porra! Aí eu já tava mais grandinha, eu tinha uns onze anos, assim... Eu lembro que, o meu primo já tava mais grande também... Já tinha uns quinze eu acho que era isso pela conta. Eu lembro que vó tava em casa e a gente tava fudendo e aí vó chegava, passava pelo lugar que a gente tava... E a gente disfarçava... Ninguém via a gente... Ficava lá de boa... Vó passava e a gente têtêtêtê... Então assim, eu pude esconder muito bem e ficar ali na malandragem... Mas peguei meu primo quase tudo (risos) se eu botar na roda todo mundo se fode aí... Eu entrego os primo tudo. Mas aí eu ficava nessa coisa e ninguém sabia... E aí onde é que eu descontava? Eu descontava nas boas notas, ficava ali de boa, era bastante educada, né? Termo horrível. Mas era muito comportada, chegava nas casas dos outros e falava “e aí”, aprendi a malandragem de como você faz pra agradar adulto... Eu aprendi... Aí eu chegava assim, chegava no lugar de uma visita, eu agradava. Aí... “ah, criança boa”, “cê precisa ver as notas na escola”, aí eu me passava.*

Estes relatos tão singulares são interessantes para compreender a diversidade de experiências e vivências, bem como o fato de que os processos de identificação de pessoas trans são múltiplos e depende muito da história de vida de cada um e suas próprias particularidades, tal como afirma Jesus (2012, p. 14) “uma parte das pessoas transexuais reconhece essa condição desde pequenas, outras tardiamente, pelas mais diferentes razões, em especial as sociais, como a repressão”. Mais uma vez, a ideia do “transexual verdadeiro” e sua trajetória de identificação sendo reelaborada e convidada a ser expandida de modo a não existir como critério de mensuração das experiências ou validação das identidades e identificações das pessoas.

#### 2.2.1.4 Implicações

Uma frase que, constantemente, aparece em meus pensamentos e que foi o guia que me fez procurar entender quais implicações trazidas com a afirmação das identidades de gênero das entrevistadas é a máxima sartreana (1905-1980) na qual se afirma que viver é tentar o equilíbrio constante entre as escolhas e suas consequências. Obviamente que, neste caso, não sei em que medida posicionar-se como si mesmo pode ser considerado uma escolha, haja vista que para muitos de nós é a única condição de sobrevivência possível, mas, em termos de implicações, tal posicionamento é denso e recheado de considerações importantes, as quais podem ser observadas abaixo:

*(Milena) Acho que todas as negativas elas de certa forma foram positivas. Porque eu pude... Cotidianamente eu tenho aprendido a me expressar mais enquanto eu. E, ao mesmo tempo, eu fico pensando se existe um essencialismo nisso, né? Tipo assim, é como se existisse um eu aqui dentro que tava escondido e que agora tá aprendendo a se expressar. Mas... Eu acho que é mais me descobrindo e me fazendo da melhor forma que eu poderia estar fazendo. É isso. E acho que com a transição, eu fui, cotidianamente, me descobrindo enquanto ser no mundo mesmo e todas as potências que isso tem, então os afastamentos que isso gerou, todas as pessoas que a vida levou, que trouxe, tudo isso acaba sendo positivo porque, por exemplo, se elas se afastaram foi por um motivo bem específico que é eu aprender a ser eu a cada dia mais. Então isso é muito bom na verdade, né? Acho que isso é um ponto muito positivo da transição é esse, da... É uma coisa que também eu coloquei em mente também, faz parte da estratégia que eu citei anteriormente, que é “eu posso não ser tudo que eu quero, mas eu fui tudo o que eu posso”. Acho que pra mim, isso é*

*muito mais importante, o que me guia é muito mais isso, sabe? O que eu posso ser dentro das minhas possibilidades. E explorar isso amplamente. Isso faz mais sentido do que ficar se doendo e não quer dizer que não me doa porque dói sim, né? Uma coisa tão lógica, mas ainda assim é uma coisa que norteia, sabe? Dá um norte e até um refúgio também. Buscar ser você o máximo que você pode, né? Eu que não tenho dentro de casa o espaço, consegui transicionar dentre vários outros, né? E consegui transicionar mesmo! A transição não é só hormonalmente, né? E todo esse processo que eu fiz, eu ainda não fiz a transição hormonal, mas eu sei que eu fiz alterações e já começou há muito tempo atrás.*

*(Bianca)-Olha... Por eu ter bolado uma estratégia, eu confesso pra você que eu tô em um lugar extremamente seguro hoje. Quê que eu pensei? Quando eu entrei na faculdade, é... Por eu vim do IFBA [Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia], eu já tinha pegado algumas discussões de gênero, eu já sabia um pouco da realidade de algumas pessoas trans, pois no IFBA eu já conhecia algumas pessoas trans. É... Poucas. Mas já tive contato ali, e tive contato com alguns dados, como a expectativa de vida das mulheres trans no Brasil. Aquilo me preocupou aquilo me atingiu porque eu falei “eu não quero morrer com quarenta anos de idade, eu sou Jesus Cristo por acaso?” (risos). Eu não quero ser Jesus Cristo, eu não quero morrer com meus quarenta anos de idade e... Eu não quero morrer do modo que... Minhas companheiras morrem. Sabe? E... Eu lembro que na época tinha muito vídeo do Facebook, né? Na época em que o Facebook não tinha aquela tarja, então chegava em mim porque como eu curtia muitas páginas e estava no meio da internet, no meio de algumas pessoas trans, via muita coisa violenta. Então eu pensei, porque é o seguinte: é... Hierarquicamente pensando o gênero como uma hierarquia também, eu estou em um lugar. É... Num discurso social, num discurso simbólico social. As pessoas me leem enquanto... É... Algumas pessoas mais atenciosas vão me ler ali talvez como um homem bissexual, ou o que for. É... Então assim... Por manter esse lugar ainda, que é um lugar que eu já percebo que vem se quebrando aos poucos, eu consigo ter uma certa segurança em algumas coisas, eu consigo ter uma certa... Segurança na rua, porque é muito discrepante. Um caminho entre você ser é... Você estar no alto da cadeia, a você estar num dos dados que mais morre no mundo, é... É assim, você só precisa trocar de roupa, sabe? Você já é jogado prum outro lugar. Então... Por ficar jogando, não, às vezes eu visto isso, às vezes não. Às vezes eu faço isso, às vezes não. Também por questões de se sentir à vontade, eu acabo estando em um lugar privilegiado hoje. E também por criar esse sistema de é verdade, é mentira? É verdade, é mentira? Essa brincadeira, algumas pessoas ainda se sentem acuadas de me ofender ou de me agredir, porque elas podem estar agredindo um homem, pode ser uma mentira... Né? Então eu criei esse sistema pra minha segurança também. Então eu acabo não, eu sofro com outras coisas, violência física ainda não.*

Milena pondera que as implicações não a atravessaram de forma negativa, uma vez que possibilitou a ela maior autenticidade de si e do relacionamento com pessoas a sua volta, a despeito de toda dor que circunda todo esse processo, bem como o fato de a mesma ainda não ter essa possibilidade em seu espaço familiar, realidade bastante comum para muitas pessoas trans. Bianca, por sua vez, revela que suas estratégias a blindam de situações de violência e/ou desrespeito, na medida em que ela permite o exercício da dúvida por parte das pessoas de seu convívio social ao entender que há uma hierarquia social acerca dos gêneros e as relações de respeito/ofensa estão imbricadas nestas posicionalidades. Outro ponto importante em sua fala, diz respeito à taxa de mortalidade de pessoas trans no Brasil, bem como a realidade de sofrimento que nos espreita no cotidiano. É de amplo conhecimento e bastante divulgado que a expectativa de vida de pessoas trans no Brasil é de 35 anos, ao passo que este país é conhecido como aquele que mais mata e consome pornografia travesti/transgênero do mundo. Entretanto, de acordo com relatório desenvolvido pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA<sup>2</sup> (2017) acerca de dados sobre assassinatos desta população, “a negligência do Estado é tamanha que não há dados oficiais sobre os assassinatos em comento”. Sendo importante destacar que “muitos destes assassinatos são cometidos por pessoas sem relação direta com a vítima, o que demonstra a transfobia presentes em todos os casos que vêm sempre acompanhados de requintes de crueldade”. Além disso, “são as travestis e transexuais, em geral as profissionais do sexo, negras e em situação de vulnerabilidade social, as mais expostas” (ANTRA, 2017, p. 8). A preocupação exteriorizada por Bianca é generalizada em toda comunidade trans.

Milena e Bianca também comentaram sobre implicações positivas após externarem suas identidades. De acordo com elas:

*(Milena) Mas é isso, acho que os comportamentos, sabe? Até mesmo do compreender melhor porque que eu faço tal coisa. Porque eu sou assim... Acho que é muito do tipo também não precisar de certa forma disfarçar. E eu acabo tendo esse contraste muito grande, porque, por exemplo, em casa eu não posso falar no feminino.*

---

<sup>2</sup>A íntegra do relatório pode ser encontrada disponível em versão eletrônica no seguinte endereço: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>. Acesso em: 07/01/2020.

(Bianca)-Ah, com certeza, com certeza. Eu... Tudo em mim mudou, sabe? Eu sentia... Nossa! Passar pelo processo de... Eu nem falo que é suicídio, mas do pré-suicídio que é aquele momento em que você comprou o remédio, olha pro remédio, mas por algum motivo você não faz, é... Desde isso a... Até a postura na coluna mudou, a voz mudou, essa foi a mudança mais interessante porque eu cantava, eu sentia que tinha um bolo aqui na garganta, um negócio aqui, e aí, quando eu me identifiquei enquanto mulher trans, a voz parece que saiu daqui pra cá, não nessa... Porque a voz performa uma outra identidade, mas a voz saiu assim.. Então... E minha voz é tudo que eu tenho hoje, é meu trabalho e tal, tá tudo ali, tudo que eu quero tá aqui na minha voz, no meu jeito de fazer minha música e mudou tudo ali, sabe? Parece que... Como é que eu posso dizer? É... Parece que... Sabe quando você... Essa comparação vai ser engraçada, mas é muito parecida, sabe quando você tá na casa de uma pessoa que você não conhece e você tá ali naquela vontade de soltar um pum. É... É isso. Você fica com vontade de soltar esse pum e você fica ali naquele sofrimento e você... É um sofrimento, é... Aí você chega ali naquele quintalzinho e não tem ninguém... E você consegue soltar os seus esfíncteres, né? Você consegue soltar aquilo que está preso, então você chega em casa e dá vinte peidos porque você está à vontade, né? É engraçado, mas faz extremamente sentido, né? Porque o controle do esfíncter também passa nesse mesmo campo, e aí é basicamente isso, a sensação de um alívio, mas o melhor ainda... É a sensação de estar bem. Isso é uma coisa muito interessante. Eu vivi boa parte da minha vida nesse processo de sufocamento que eu pensava que eu estava bem, e eu estava bem até certo ponto, mas meus momentos de felicidade, digamos que eles vinham até aqui e, pra mim, isso aqui era meu referencial de felicidade, mas quando essa porra soltou, eu não entendi, eu falava, “uai, pode ser mais feliz do que isso aqui? Eu pensava que acabava aqui, poxa!” “Ó Jesus, Eu pensava que eu estava feliz com Jesus aqui” então assim, os ganhos são assim, imensuráveis. Eu não consigo nem... E quanto mais eu vou falando aqui pra você, mas eu penso em mais... Além de eles já terem sido muito, ainda é algo que é muito forte hoje e que é muito potente hoje. Eu tava até conversando com N. ontem, exatamente isso. Eu não sabia, eu podia ser feliz igual eu tô sendo agora... E ela riu, “ah, para de besteira!” “Eu tô falando é serio, é serio! “Ah, besta”, tava uma bestagem ontem dentro de casa, e era de uma felicidade nova que até então eu não tinha sentido. Olha que maravilha! E... então eh... os ganhos positivos tem muito a ver assim comigo mesma assim, sabe? É... poder... ah, tudo... até o alongamento. Tinha um alongamento que eu não conseguia fazer, porque abaixado assim, eu acho que na cabeça, eu não podia mostrar meu bumbum, aí eu não conseguia fazer. E eu pensava que era problema de articulação. Mentira! Esse processo, foi só eu me encontrar nesse processo que eu consegui me alongar desse jeito. Como é que pode? Qual o sentido que isso faz? É incrível, é incrível assim... é extremamente incrível o quanto... O que eu tinha tanto potencial foi atenuado por uma simples coisa que é a... a identificação. Até o danado do sexo. Até o danado do sexo chegou

*um momento que eu pensei assim, “Não, não, não quero mais me relacionar sexualmente com ninguém porque isso não é divertido, isso não é legal, isso não é legal”. Eu pensava. E aí eu brinco até com N. eu falo, “Ô N. eu transei pela primeira vez foi contigo, viu? Porque eu tô me divertindo agora, pela primeira vez na vida, transando”. E é incrível assim. É imensurável. É um negócio assim que... eu não... é um negócio que eu não sei nem o que dizer, é um negócio bom, é muito bom, é muito bom! Tem as suas incongruências, tem, mas não é culpa minha. A tristeza que circunda também esse tipo de vivência não é culpa minha, assim... né? Eu não sei se é a Guacira Lopes Louro que fala. eh... que se você pensar estruturalmente, pensar bem, talvez o certo não seria chamar de disforia de gênero, mas sim euforia de gênero. A disforia está no sistema que não está... não se adapta a essa euforia e a sucumbe. então é basicamente por aí, é um processo assim, é infinito, é infinito.*

Milena e Bianca relatam a dimensão, em termos positivos, de entregar-se a suas identificações, embora para Milena isso ainda não ocorra de forma integral em função de a família ainda não abraçar sua identidade. Recordo-me da alegria com que Bianca falava sobre todas essas novas descobertas e da felicidade que foi ver-se descobrindo novas potencialidades no corpo, a paz em poder soltar a sua voz nos palcos e se sentir uma pessoa livre dos medos, das dúvidas e amarras. Sua identidade enquanto uma nova possibilidade de existência, mais feliz, mesmo com todo pesar que circunda as relações do entorno de pessoas trans, a “euforia de gênero”, como ela mesma bem disse ao citar Guacira Lopes Louro (1997).

No entanto, falar sobre a experiência trans é também atravessar discussões e situações de transfobia, intolerâncias, receios, dores, isolamento, saúde mental e situações delicadas como suicídios e/ou tentativas e pensamentos suicidas como os de Bianca. São processos impostos por uma sociedade que abomina nossos corpos e existências. Obviamente, ao assumir nossas próprias identidades, a despeito de toda implicação negativa que isto provoca, temos consciência dessa “herança” não solicitada.

*(Milena) Dá um alívio, mas também dá uma paulada, sabe? Da porra. Desculpa o termo. Mas, é porque... É isso. Você finalmente se sente bem por se identificar... Mas, ao mesmo tempo isso acorda você. E, a partir disso, você começa a perceber tudo que você antes não percebia. Isso, obviamente, tem inúmeras consequências tanto positivas quanto negativas. Como, por exemplo, você começa a dar nome às coisas e com isso parece que elas doem mais ainda. Por exemplo, os processos de transfobia, quando você aprende a reconhecer aquilo como transfobia parece que aquilo dilacera mais ainda, aí a ignorância querendo ou não, de certa forma é uma*



*benção. Então quando eu pude perceber isso, foi agridoce, né? (risos). Teve um misto de coisas. Ainda é dificultoso, tipo, quando... Eu tava falando com um amigo esses dias, trans também, estava falando justamente sobre não gostar de pautar a experiência trans apenas através da dor, porque geralmente as pessoas sempre utilizam os processos de transfobia pra falar sobre sua experiência de ser trans. Só que quando ele me perguntou o quê que era bom eu fiquei tipo... Cri, cri cri, até hoje eu não respondi, inclusive. Não que eu ache que não exista coisas boas, mas é muito disso, sabe? De... Muito, muito... Muita experiência. É uma coisa que por si só não traz alegria, nem tristeza... É sempre a depender do contexto e do que eu tô vivenciando no momento.*

*(Bianca) Quando eu era criança foi magnífico porque eu me identifiquei ali naquele rolê do que eu tinha visto na terceira série, eu fiquei meio assim, ali eu vi, eu gostei, eu me identifiquei em primeiro momento. Em segundo momento, entender que eu era uma mulher trans foi extremamente violento, e... Foi extremamente doloroso, porque eu não queria aquilo, e... Aí eu jogava tudo nas costas de Deus. Deus me salva, Deus é meu amor maior, Deus me ajuda. No terceiro momento, por eu ter vindo de um momento de... Seguido de bastante momento de repressão, de bastante sofrimento, com ideação suicida e coisas do tipo... Cortes... Eh... Foi um alívio, assim... Foi extremamente violento, eu lembro que quando eu entrei na faculdade, quando eu comecei soltar isso, tudo que tava ao meu redor caiu, assim... Banda acabou (uma banda que eu tinha)... Eh... Um emprego que eu tinha, eu larguei... Foi bastante violento e, ao mesmo tempo que foi violento, foi um alívio assim muito grande, um alívio de não sentir culpa, assim de deixar aí acontecendo. Eu me senti desses três modos.*

Ao falarem sobre como se sentiram ao se deparar com algumas implicações sociais após suas identidades reais estarem em voga, Milena e Bianca demonstram um pouco de todo caos que é e foi para elas lidar com isso. De fato, é inegável o misto de felicidade e dor que nos reserva todo esse processo. Embora não seja verdadeiro pautar a experiência trans apenas pelo sofrimento, não seria leal afirmar apenas as alegrias deste processo. Bianca, no entanto, ao falar sobre sua experiência antes de seu posicionamento como mulher trans, revela que há uma dor existencial inerente da negação de si mesma ou desta impossibilidade de ser, provocando uma reflexão sobre esta dinâmica desde antes da “transição” até o que nos aguarda em termos sociais e mesmo pessoais após a decisão.

*(Bianca) Eu vejo um... Eu vejo um... Eu vejo um... Sabe? Você já viu aquela imagem? Eu não sei, que eu assisti antes de ontem... Tem o*

*Coringa, saiu um filme do Coringa e eu nem gosto muito desse negócio de super herói, mas é porque o ator eu gosto muito. Já assistiu aquele filme “Her”? Que é aquele que o rapaz se apaixona pelo sistema operacional. Esse! Eu adoro esse ator. E ele é quem vai fazer o Coringa. Eu tava vendo um trailer, e tinha uma coisa muito interessante. Ele deu uma pitadinha do coringa que eu acho que sempre tem que ter. Eu acho sempre interessante que o outro coringa que fez aí o último filme, não o que morreu, o Jared Leto, que eu acho que ele não deu tão bem. Mas quem sou eu pra dizer alguma coisa... Que é aquele toque... De que você tá vendo que a pessoa tá sorrindo, mas ela, ao mesmo tempo, não tá sorrindo. É aquela coisa que falta no sorriso ficar comple... É aquela coisa meio sádica que existe ali naquele sorriso, é aquela confusão, assim... Então quando eu olho pra minha figura, eu vejo ali uma figura que tá ali sorrindo, mas o ombro tá assim. Tá sorrindo, mas não consegue olhar no olho das pessoas. Eu não conseguia olhar no olho das pessoas. Eu lembro que eu olhei no olho das pessoas pela primeira vez na UFBA [Universidade Federal da Bahia], foi numa... Coisa de E. E. e R. e foi até com L. L. foi a primeira pessoa que eu pude olhar no olho, acho que eu nunca falei isso pra L. Mas eu não aguentei, eu chorei, eu derramei... Isso já não tem muito tempo, isso foi meio que recente, é... Esse foi um dos ganhos, mas eu vejo essa figura, essa figura que sabe emular muito bem algumas coisas, mas que... Se uma pessoa mais atenta olhar, vai ver que existe muito sofrimento e que existe muito pesar, eu vejo essa figura, assim. Não uma pessoa que faria bem o Coringa, eu vejo (risos) só o sofrimento.*

#### 2.2.1.5 Corpo (s)

Que corpo é esse que insiste em estabelecer novos e incontáveis contornos de si? Que corpo é esse que grita clamando por liberdade? Seria correto falar em corpos ou corporificações? Identidades de gênero ou corporificações de gênero? Tais questionamentos após a leitura das entrevistas desembocaram neste tópico. Um convite feito às entrevistadas foi o de falar sobre suas expectativas quando se depararam com a decisão de afirmar suas performatividades femininas. O termo utilizado foi inclusive “universo trans” na falta de outro mais apropriado no momento. Seus posicionamentos corroboram com o que elas já haviam trazido em outras falas:

*(Milena) Acho que... Tenho que pensar no que é o universo trans (risos). O que seria o universo trans? É isso, que... Antes da transição e antes de se enquadrar em certas coisas, a gente compreende o universo trans enquanto a transição hormonal, cirúrgica e todas essas coisas, mas ultimamente eu fico, tipo... Quando se fala em universo*

*trans, falar dessas coisas seria considerar que eu não faço parte do universo trans? É isso, existe em sociedade o que é posto enquanto uma pessoa trans. O que eu falei sobre o processo de transição, e são coisas assim que eu tenho vontade, né? Mas acho que também dando continuidade, expandir isso, né? Perceber que minha experiência ela não pode ser pautada só através disso, e que o universo trans é muito maior do que isso, é essa lógica que anteriormente eu tinha e que a sociedade ainda tem. Então assim, é muito naquela lógica de que, eu posso não conseguir agora, mas não necessariamente eu não vou conseguir nunca ou que eu precise disso pra me afirmar mulher, por exemplo, a hormonização.*

*(Bianca) Acho que não. Repete a pergunta. Sim, eu falei que não, mas agora eu percebi uma. Eu acho que tinha muito aquela... Aquela... Perspectiva... Expectativa da cisgeneridade, da emulação da cisgeneridade, sabe? Eu vou começar o meu processo, isso foi até antes mesmo, eu tinha entrado na UFBA... Em pouco tempo eu vou começar a tomar meus hormônios, eu vou fazer isso, eu vou fazer isso... Eu vou parecer uma mulher cis. Isso lá, logo quando eu quebrei a barreira, né? Porque esse é o referencial que é nos dado. Esse referencial corrigido pela medicina, esse referencial que passa, que não incomoda. Então, minhas expectativas eram aquelas. Mal sabia ela que eu cá no... Que eu cá num limbo muito interessante de discutir até essas coisas que pra mim já eram até muito certas, né? Do que seria o próprio corpo, das construções, do que fazer com o próprio corpo. Antes de entrar eu achava que ia sair com um corpo, que eu ia sair com dois peitos, que eu ia sair com uma bunda, que eu ia sair com umas coisas... Hoje eu já não faço ideia do que eu quero... Se eu quero um peito só, se eu quero um peito na cabeça, se eu quero um lá no cu, se eu não quero nenhum. Se eu quero colocar mais um pênis no pé, não sei... Tá aí... As expectativas que eu tinha mais ou menos eram essas.*

Essas narrativas nos remetem a dois aspectos muito importantes. A relação imediata que costuma ser estabelecida entre identidade de gênero e hormonioterapia e outros “processos transexualizadores” (cirurgia corporal, por exemplo), bem como a temática recorrente dentro do próprio movimento trans: a questão da Cisnormatividade e passabilidade cis. Falar sobre estes dois temas é pautar a cisgeneridade mais uma vez enquanto estrutura social que normatiza corpos, condutas, performatividades, subjetividades, existências, tal como afirma Vergueiro, em sua análise acerca desta temática:

A cisgeneridade é um conceito composto pelas compreensões socioculturais ocidentais e ocidentalizadas de gênero tidas como naturais, normais e biológicas,

que são por sua vez as compreensões que fundamentam as leituras sobre vivências e corpos em termos de gênero (VERGUEIRO, 2015, p. 61).

Ela desenvolve a sua análise entendendo esta categoria a partir de três traços interdependentes: a pré-discursividade, a binariedade e a permanência dos gêneros. A

pré-discursividade cisnormativa localiza em certas partes do corpo uma determinada verdade sobre corpos humanos (e não humanos). [Neste sentido] o traço cisnormativo da pré-discursividade é profundamente relacionado à colonização de pessoas corpo – e gênero – inconformes – através dos instrumentos de poder-saber que atribuem a pessoas especialistas definições ‘oficiais’ de sexo-gênero – e a violências médicas exercidas contra várias destas pessoas através de procedimentos cirúrgicos não consentidos e normatizações corporais e de gênero – articuladas, principalmente, em torno das identidades intersexo (VERGUEIRO, 2015, p. 63).

É interessante evocar essa discussão, na medida em que a temática da “passabilidade cis” está totalmente vinculada a esta logística colonizadora presente nesta estrutura cisnormativa que visa determinar se os nossos corpos são permissíveis socialmente falando. Mais do que permissíveis, em certo ponto desejáveis para algumas pessoas trans. Não pelo desejo em si, mas pelos “ganhos” perversos – pois é uma forma de proteção e de se camuflar de violências físicas e/ou simbólicas – oriundos de uma estrutura que cria esta norma, nos sujeita a ela ou, caso contrário, nos pune e inferioriza por não estarmos adequados a mesma. Quando Milena aponta que ela não precisa de hormonioterapia para se afirmar mulher, ela fissa esse modelo e diz não a esta sedução promíscua que mais dociliza e normatiza do que liberta nossos corpos. Da mesma forma, quando Bianca supera esta discussão e brinca com novas possibilidades ela também está fazendo mudanças micropolíticas, possibilidades outras de transformações das estruturas.

Dando continuidade, Bianca segue a reflexão com a seguinte afirmação:

*(Bianca) Eh... Eu vejo que eu estaria muito bem com o meu corpo se meu corpo, ele... Ele fosse entendido do mesmo jeito que eu o entendo. Isso me ajudaria até a entendê-lo melhor, até a aceitá-lo melhor, porque esse é o meu corpo, essa é a minha morada. Jane Gracy que é uma das minhas referências ela fala... Uma vez um entrevistador perguntou pra ela: “e aí, como é esse negócio de nascer no corpo errado?” e ela falou: “pô, eu não nasci no corpo errado, não tinha outro corpo pra nascer, não tinha, era esse, sabe? E eu tô de boa com ele”. Ela faz esses processos hormonais e ela também não tem passabilidade cis. Eu tô de boa com o meu corpo. E se as pessoas, elas... Elas... Pudessem passar pelo mesmo processo de abertura de*

*identificação dos corpos, o mesmo processo que eu tenho com o meu corpo, não só comigo, mas com todas as pessoas trans, não necessariamente a gente precisaria recorrer à indústria da medicina, a indústria, é... A indústria farmacêutica, a indústria... Nossa, tá parecendo tipo... O que eu tô falando tá parecendo tipo... Teoria da conspiração da indústria farmacêutica (risos), mas isso, sabe? Da gente precisar tá na mão da medicina pra consertar os nossos corpos de algum modo. Se todo mundo fosse aberto, é o que Preciado fala no movimento Contrassexual – Se nossos corpos fossem entendidos como corpos falantes, sabe? Eu não diria que eu seria uma mulher, eu seria um corpo falante e eu produzo sobre mim o que quero. Se um dia eu quiser fazer isso, entenda que é isso e aceita que é isso. Se organize pra aceitar isso. Eu acho que seria muito melhor. Mas eu também preciso ser vista, preciso ser entendida, porque a gente só existe como o tu, né? É impossível eu me autoidentificar sozinha. É importante que as pessoas que estejam ao meu redor me identifiquem também como eu gosto, de como eu me identifico. Então fica nesse lugar. Ao passo que eu sei que é difícil, por exemplo, F. que é meu amigo, que ele se identifica como não-binário, mas ele utiliza pronomes masculinos. F, ele é o oposto de mim. F ele nasceu com um corpo que tem uma vagina, que tem hormônios como estrógeno, que ele tem o útero e... Ao mesmo tempo ele performa, ele fala que ele monta drag, né? Ele performa todos os símbolos que foram indicados a esse corpo, bem como eu, eu tenho pelos, às vezes não os tiro, às vezes tiro, uso calças, mulheres cis também usam calças, mas... Eu não costumo usar outras coisas para além de calças, e... Enfim, eu sou quase que o oposto dele, e às vezes eu recaio também nisso, de tá com ele e dizer ela, e é interessante também se colocar nesse lugar de suspensão de entender que eu também preciso, é algo que eu queria que acontecesse comigo, mas é algo que eu também preciso refinar, porque é algo que tá imbricado no nosso símbolo, imbricado nas nossas sinapseszinhas, de que o corpo é isso, de que aquilo é aquilo, então é isso. Eu vejo o meu corpo desse lugar e eu gostaria que meu corpo fosse visto nesse lugar. Porém ele não vai ser visto nunca, então, talvez, eu possa brincar com o peito, eu possa brincar com outros símbolos, pra também ser identificada, não talvez como uma mulher cis, mas como uma mulher trans, como uma pessoa que possuía esses dois lugares, aí. Hoje eu me vejo nesse lugar, assim... É o mais certo? Não, mas eu também não quero estar no caminho mais certo, eu quero estar no caminho que desejo e que também vai ter um recorte político nisso, vai ter uma força política nessa escolha também.*

Bianca reflete sobre a ideia de identidade associada às corporificações. Desconstrói esta ideia de trans como pessoa que nasceu no corpo errado e denuncia as associações e amarras que nos deparamos no cotidiano. Inclusive, ser trans não nos blinda de estar cotidianamente tendo que nos desfazer dessas amarras em nosso olhar para o outro. Ao evocar Preciado (2014) e a ideia de corpos falantes, ela nos provoca a refletir sobre o conceito de

contrassexualidade<sup>3</sup> e suas implicações em termos dos impactos e atravessamentos destes corpos, bem como nos convida a uma leitura sobre as tecnologias biocapitalistas que os compõe.

Paul Beatriz Preciado, no livro *Testo Junkie* (2008) – obra considerada por muitos estudiosos como uma autoetnografia no corpo em função de sua experimentação estética com ampolas de testosterona durante 236 dias e noites, narradas e transcritas em tempo real – reflete sobre este experimento subversivo em si mesmo, desconstruindo teorias do sistema sexo-gênero e desenvolvendo, em termos teóricos, uma análise do que chama de era farmacopornográfica.

“Preciado nomeou de farmacopornográfica a política econômica do sexo no sistema capitalista avançado, no interior da qual novos saberes do campo da medicina, da psicologia e da sexologia expandiram suas fronteiras de regulação biopolítica” (OLIVEIRA, 2018, p. 400). Estes novos saberes, em termos sintéticos, estariam relacionados a uma economia tecnopolítica prostética de produção e regulação dos gêneros.

Farmacopornográfico se refere ao processo biomolecular (farmaco) e semióticotécnico (pornográfico) de governo da subjetividade sexual. Na era farmacopornográfica, o corpo sexuado está em relação com as produções de um regime regulatório mais veloz, que implica o sujeito metabolicamente. A sociedade contemporânea é habitada por “subjetividades tóxico-pornográficas”, definidas por substâncias que invadem o metabolismo com ofertas específicas e variadas de desejo “cibernético, prostético e farmacopornográfico”, por meio dos quais o sujeito se alimenta. O caráter “junkie” da era farmacopornográfica atualiza-se nas formas de desejo, produção e consumo heteronormativo da vida. Por isso, para Preciado a era farmacopornográfica é mais micropolítica do que nunca: o poder de captura microbiológica, na forma de tecnologias de gênero, articula-se com a dominação ideológica e a exploração capitalista (PRECIADO *apud* OLIVEIRA, 2018, p. 401).

Pensar num corpo que supera os atravessamentos de todas estas tecnologias que o capturam, um corpo trans que não perpassa este ritual, é entender que as performatividades e corporificações de gênero podem e devem ser entendidas como aquilo que sempre escapa ao sistema (cis) heteronormativo, mesmo mergulhado em sua era farmacopornográfica. Todos os

---

<sup>3</sup> A contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim da Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros. (...) é uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade. Ela define a sexualidade como tecnologia, e considera que os diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominados “homem”, “mulher”, “homossexual”, “heterossexual”, “transexual”, bem como suas práticas e identidades sexuais não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios... (PRECIADO, 2014, p.21-22).

corpos são possíveis e todas as identificações são válidas, independente de ser corrente ou contracorrente aos novos regimes regulatórios de gêneros. No entanto, é importante entender que há também um sofrimento nessa postura, haja vista que o corpo a todo o momento grita um gênero que não lhe pertence, e, neste momento, a indústria farmacopornográfica que criou a demanda, possui a sua oferta. Contudo, é importante salientar que isso não deve desqualificar as experiências de pessoas que optam pelo processo de hormonização. Apenas são desejos e demandas, dores e necessidades diferentes.

Sobre a autopercepção sobre seu corpo, Milena afirma:

*(Milena) Talvez a palavra é gostosa. Eu tenho uma boa relação com o meu corpo, na maioria das vezes, sabe? Acho que, tipo, eu gosto das mudanças que ele sofreu embora ainda eu queria mais, só que... É isso, eu me acho bonita, eu me acho atraente. Tem todas as questões que eu acabo pontuando, nem sempre eu tô assim, mas, por exemplo, se for pra falar, na maioria das vezes é o que eu penso sobre eu mesma. Eu acho que quando eu fico incomodada é quando eu não consigo ver isso, sabe? Me gera mais incômodo quando eu não consigo ver isso, quando eu não consigo visualizar tanto que, por exemplo, quando eu me depilo, eu me depilo pela sensação que eu sou muito... Peito, geralmente fica muito peludo. Então assim, pelo fato de eu não tomar hormônio e etc né? E a questão da própria fisiologia. E aí, tipo, isso gera um incômodo muito grande, mas não é um incômodo apenas, né? ... Para os outros, é um incômodo pra mim. De como eu me vejo, então assim, quando eu não consigo pensar em mim mesma, enquanto isso, isso me gera um incômodo. Não necessariamente porque eu não acho que eu sou isso, mas é porque eu não consigo me ver assim, acho que quando eu não consigo me ver, acho não, quando eu não consigo me ver, isso pra mim é muito, muito, muito doloroso. Usando uma palavra acho que é isso. É um corpo, eu acho que isso é um corpo, enquanto tudo. Eh... Acho que eu gosto de pensar em mim enquanto tudo também, tipo... Eu sou capaz de muitas coisas. Tanto ruins quanto boas, eu acho que potência poderia ser uma palavra como gostosa... Mas gostosa também tá de boa (risos).*

Neste relato, a questão estética é algo que causa incômodos em Milena, embora, de modo geral, ela se defina confortável consigo mesma. O fato de não conseguir se enxergar em função de questões fisiológicas, desvelam a problemática trans que atravessa as superfícies da pele e ressoam em termos emocionais. Uma luta constante e rotineira. No entanto, apesar disso, como ela mesma afirma, o corpo deve ser entendido enquanto tudo, como potencialidades diversas, e ela está bem com esse corpo enquanto tudo, sua performatividade que lhe traz o retorno de “ser gostosa” e potencialmente capaz de muitas coisas.

## 2.2.1.6 Velhice

*Inimiga evidente e soturna, que não nos larga o braço nem por um segundo.  
 Com saltitantes choques,  
 Minas a ingênua crença de sermos exceção (ilusória mortalidade).  
 Poderias caminhar comigo, lado a lado,  
 Mas por que teimas em mim? Na minha carne?  
 Por dentro dos meus ossos?  
 Despegue-se-me um só instante,  
 Para eu me atrasar na juventude!  
 Bruma geral que a todos cobre.  
 Que consolo este, de serdes apenas,  
 O grande álibi para as nossas mazelas?  
 Que química do horror destilas na pele criando outro rosto?  
 (Que rosto tínhamos quando não sabíamos?)  
 És cruel. Não caminhas tão lenta quanto o esquecimento.  
 Em riste, apontas sempre para o fim,  
 só por anunciares o início de qualquer transformação.  
 Que importa? Já não serei eu.  
 Serei outro - esse eterno desconhecido familiar...  
 E depois, nem mesmo sei da certeza  
 desse meu apego a mim, como sou!  
 Talvez até, ter outro em mim já não importe mais.  
 Em qual direção me conduzirás?  
 Para a dos hóspedes, a quem foi apenas concedida  
 permissão para ainda permanecer na portaria reformada,  
 ou para a dos usurpados,  
 pelas ultrajantes gerações subsequentes?  
 Gostaria de recebê-la docemente, sem pensar.  
 Envelhecer de tudo no mesmo ritmo das células.  
 Mas, já que és futuro indesejado e temido,  
 faz-te atraente e tranquila,  
 esvazia o sentido dos meus assustamentos,  
 torna-me sedentário no corpo e na alma,  
 conciliando assim o ter com o desejar.  
 Dá-me enfim a ousadia necessária de me ver gargalhar,  
 com a dentadura a gargalhar dentro do copo.*

*João W. Nery escreveu este poema aos 35 anos  
 (retirado do livro “Velhice transviada: Memórias e reflexões” - 2019).*

É de forma muito saudosa que optei por iniciar este tópico com o poema publicado em livro póstumo do querido João W. Nery, psicólogo, escritor, ativista e homem trans que dedicou sua vida a causa e a auxiliar de todas as formas possíveis a comunidade trans, em especial, os homens trans que, em grande parcela, o tem como “pai”. A despeito das expectativas de se considerar quase uma “ficção científica” (DAMASCENO, 2019, s.p) presumir a existência de pessoas trans na faixa dos 50 anos, ele demonstra, através de narrativa autobiográfica e a partir de nove entrevistas, a possibilidade de pessoas trans alcançarem e ultrapassarem esta faixa etária, embora às custas da superação de muitos entraves e sofrimentos diversos, pois não se pode ignorar o fato de que, no que tange a



comunidade trans, em especial, mulheres trans e travestis, cada dia de existência é uma subversão estatística das taxas de mortalidade.

João foi o primeiro homem trans de que se tem notícia no Brasil. Pelo menos o primeiro a fazer os procedimentos médicos dos quais hoje se fala abertamente. Viveu até os 68 anos de idade e resolveu neste livro, que sai pela editora Objetiva, fazer um espaço de memórias e reflexões. A primeira parte é um passeio sobre sua vida até o diagnóstico de câncer. Na segunda parte, João entrevista nove transidosos (pessoas trans e travestis com mais de 50 anos), ao mesmo tempo que acompanhamos a parte do seu tratamento (quimioterapia e radioterapia) (DAMASCENO, 2019, s.p).

Esta obra do João W. Nery é pioneira na medida em que tematiza a relação entre velhice e transgeneridade, desvelando os desafios oriundos desta condição na comunidade trans, numa época onde ainda não se pensa sobre este tema nesta comunidade e desconhece-se como é esta realidade para nós pessoas trans. Trago o João na medida em que esteve neste processo ao longo de grande parte de sua vida e teve produções teóricas e experiência vivencial em torno deste tema. No entanto, é possível citar no Brasil, entre pessoas trans que são figuras públicas, a Laerte – Cartunista e mulher trans – que, entretanto, teve a sua “transição” de gênero por volta dos 60 anos, mas que arca também com os impactos físicos e sociais oriundos da idade e identidade de gênero em um país extremamente transfóbico. Há também mulheres e homens trans que vivem no anonimato do cotidiano e que, decerto, possuem muitas vivências específicas de uma pessoa trans em processo de envelhecimento no Brasil. Ao pensar sobre a questão da velhice, procurei identificar como é para as entrevistadas imaginar este momento de suas vidas. Obtive as seguintes respostas:

*(Milena) Menino, eu tava pensando essa semana, de tipo... Essa semana não, domingo. Eu tive tipo uma crise, não foi bem uma crise, foi mais uma forma de resolução de crise, tipo, eu cheguei na conclusão e tal... Eu tava tentando entender o porquê eu não tava conseguindo é... Me relacionar com pessoas trans e eu precisava falar com pessoas cis, eu precisava falar sobre isso. E aí, eu escrevi um texto pra mim mesma, na verdade, tipo, pontuando, eu fiz uma releitura de tudo o que aconteceu até chegar a isso e aí eu citei todos os eventos com pessoas que eu citei aqui, né? Essa minha amiga cis que eu me afastei, esse menino e esse professor. E aí pra mim eu consegui fazer esse, essa... Esse percurso, passar por essas pessoas e entender o porquê agora estou assim, sabe? Das inúmeras violências que eu sentia. E aí, tipo, eu fui assistir um... Aquele filme, aquele documentário, morte e vida de Marsha, já viu? Marsha Johnson. É uma mulher trans dos Estados Unidos que ela foi extremamente importante, mulher trans, travesti, na verdade. Que ela foi*

*extremamente importante na Revolução Stonewall. Na verdade, ela e outra travesti, elas foram, tipo, precursoras do movimento e elas ajudaram muito essa marcha e a revolta. Ela foi assassinada, e eu senti que outras pessoas não, mas a polícia disse que ela se suicidou. O que na verdade... O documentário é sobre isso, sobre uma mulher trans também, de um departamento lá de, de... Nova Iorque. Investigando esse caso novamente porque há esse conflito do que aconteceu com ela. E eu vi algumas pessoas trans, na maioria essa mulher investigadora, a amiga dela, que eu falei o nome, mas não tô lembrando aqui agora, que é amiga de Marcha, que era muito íntima dela e não é travesti, ela... Todas as pessoas idosas já, sabe? E aí, tipo... Isso foi sendo pontuado pra mim que tipo... Olhando a estética das pessoas trans idosas, eu fiquei pensando, tipo... Porque elas são de outra geração. Né? E aí eu fiquei... Querendo ou não existe também certos impactos. Né? Tipo... Ver a fisionomia da pessoa, o desgaste fisiológico e tipo assim, pensar que foram pessoas que passaram por inúmeras questões e se pensar como uma pessoa totalmente desgastada no futuro, sabe? E mostrou outras pessoas também. Foi recorrente pra mim pensar como eu não tenho também referência de envelhecimento e que essas referências de envelhecimento são sempre referências sofridas, sabe? Extremamente desgastadas com a vida. E o quê que isso me devolve? Sabe? É muito forte. É muito... Mas eu não penso que tipo, eu penso em envelhecer, como eu me penso, eh... Eu sempre tô pensando, tipo... Agora. Nessa vivência do agora, e nesses futuros, por exemplo, eu fiz isso... Porque pensando bem, a minha percepção de futuro é até atravessada pela minha transição. O futuro que eu penso pra mim é autonomia suficiente pra eu poder fazer as mudanças para eu conseguir o que eu quero. Tipo assim... O que eu idealizo, sabe? Mas na minha cabeça, eu só quero autonomia pra poder ser realmente eu. Pra fazer mudança de nome no cartório, começar a transição hormonal, quem sabe fazer uma cirurgia porque hoje em dia tá... É um desejo que tá se tornando cada vez mais real pra mim, mas é isso, minha percepção de futuro é essa. É ter autonomia. Então assim, o meu foco atualmente tem sido nas estratégias que eu posso ter pra conseguir isso, né? Então, UFBA... Estudando... Gosto muito, o estágio... O estágio acaba entrando dentro do processo de profissionalização, né? Então, todos esses processos de formação em psicologia, me tornar uma profissional de psicologia é o que eu tenho almejado. Agora pensar assim “meu Deus, eu velha, tal, tal, tal” assim é muito pontual, quando eu penso nisso, sabe? Muito pontual mesmo, tipo, não tenho uma imagem formada, não tenho tipo, vou ser assim, assim, assado. Eu nunca me penso muito diferente de ser eu, só detalhes mais realçados, sabe? Do que eu tenho agora. São, por exemplo, coisas que eu não, acho que eu penso mais nas coisas que eu não gosto fora, do que um eu totalmente diferente. E eu não tô falando de velhice, velhice, como, por exemplo, o processo hormonal. Eu me penso mais sem pelos, mais sem a barba, sabe? Formatos diferentes, mas nada muito, tipo, nada muito diferente do que eu sou, acho que é mais do quê... Eu me vejo muito mulher então da forma como eu sou. São só*

*coisas que eu gostaria de retirar mesmo, sabe? Então... É isso, pensar em velhice, nessa perspectiva que eu tenho atualmente é muito... Não tem, a gente não tem referência. A gente não tem referência de velhice, né? Então, é muito, é até questão mesmo de tipo, não pensar nessa velhice é também porque a gente não é educado, pelas experiências, né? A gente não se... Talvez a palavra não é se permite, mas eu vou usar essa... Não se permite pensar tão além. Por que, né? A gente só tem o agora. Cada dia, sei lá, a gente corre o risco de ser morto ali. Que possibilidade de futuro é essa, sabe? A gente não... É uma população que não é educada pra pensar pro além, pra velhice, o que nos é mostrado cotidianamente é que a gente pode não viver tanto assim (risos).*

*(Bianca) Ah, penso, penso. Eu penso que eu vou ser uma... Igual Dercy Gonçalves (risos). Eu vou ser uma velhinha bem desbocada até. Me preocupo um pouco com as questões de saúde, as questões hormonais, né? As questões de circulação, e que... Coisas que eu tenho que ficar atenta, e... É isso, isso é o que mais me preocupa e a questão também de não conseguir, de ficar no mercado e não ter dinheiro, por exemplo, pra bancar uma aposentadoria ou fazer alguma poupança pra que eu consiga viver alguns anos sem trabalho quando eu tiver mais velha. São coisas que me preocupam bastante. Mas eu nem toco muito nelas. Mais a questão da saúde, a questão da circulação, que é algo que eu venho discutindo bastante com M. [Psicóloga], e... Mais ou menos isso aí, mas de resto eu fico bastante tranquila. Eu gosto da imagem da velhinha, eu gosto (risos).*

Nestas narrativas ficam evidentes alguns pontos bem interessantes: o primeiro se refere ao impacto sofrido por Milena ao se deparar com a figura de pessoas trans envelhecidas, por não ser uma situação comum para ela, portanto, há certa surpresa em se deparar com um semelhante na terceira idade, um sintoma próprio da cultura do extermínio de pessoas trans no Brasil que recai na expectativa de vida de 35 anos, bem como a falta de figuras de identificação no que tange à terceira idade. O segundo ponto que se desdobra em vários e que é preocupação presente na narrativa de Bianca também se situa em torno da qualidade de vida. Isso inclui discussões sobre saúde, mercado de trabalho e aposentadoria, relações afetivas e familiares, circulação e segurança na cidade, sobretudo, nesta faixa etária.

Numa população onde poucos alcançam a longevidade em função dos altos índices de assassinatos, problemas de saúde (em função da terapia hormonal a longo prazo, procedimentos cirúrgicos e/ou falta de acesso aos serviços por despreparo da equipe, recusa nos atendimentos, valores abusivos pelos procedimentos e os impactos na saúde mental), AIDS, depressão, transtorno do pânico, mercado de trabalho que não engloba pessoas trans

em trabalhos formais, sub-morádias, suicídios, discutir sobre velhice e transgeneridade é de importância primordial para nossa existência e condições humanas. Acredito que, qualquer pessoa trans ao ser interrogada sobre este tema, irá manifestar preocupações parecidas e espanto ao se deparar com uma figura senil, seja homem ou mulher trans/travesti. Somos marginalizadas/os/es em todos os aspectos pensáveis e esta existência marginal precisa ter fim. Muitas pessoas trans e cis têm produzido, tem questionado, tem gritado essa insustentabilidade. Não dá mais para a população e o Estado negar nossas existências e necessidades, assim como não se pode negar que envelheceremos (sim, isso deixará de ser exceção) e teremos demandas a serem levantadas (através de estudos e pesquisas) e, sobretudo, supridas.

### 2.2.2 Família

*As pessoas da minha família materna e paterna, não sabem e toda vez que algumas dessas histórias chegam neles, eles empurram pra fora como se fosse mentira “é história, é história” (Bianca).*

Ponderações acerca das relações familiares e os impactos que elas provocam nas vivências das entrevistadas desembocaram neste eixo. De fato, esta temática é imprescindível quando nos referimos às experiências e relatos de vida de pessoas trans, uma vez que a família é o primeiro grupo ao qual, compulsoriamente, nos inserimos ao longo da vida, bem como de onde obtemos as primeiras referências, normas sociais e particulares àquele núcleo e, também, onde as idealizações e exigências parentais recaem sobre nossos corpos. De acordo com Zerbinati e Bruns (2018),

a família é uma unidade sistêmica que tem uma *identidade* característica, a qual, seguidamente, adquire o perfil transgeracional dos pais, de modo que, às vezes, a aludida identidade fica anquilosa, sempre repetindo as mesmas pausas de conduta e de valores, independente das transformações históricas que a família assuma, sua função vital é oferecer cuidado, fornecer terreno suficientemente bom para o germinar e amadurecimento de suas proles” (ZERBINATI e BRUNS, 2018, p. 39-40).

Ludmilla Pizarro (2013), por sua vez, afirma que a família pode ser entendida como uma célula social onde aprendemos valores sociais diversos. Neste sentido, considerando que “a construção da identidade de qualquer indivíduo passa também pela vivência que o mesmo

possui com todos os contatos significativos ou não com outros indivíduos durante o processo de desenvolvimento” (SILVA e CERQUEIRA-SANTOS, 2014, p. 36), assim como o fato de que “através das relações com os nossos familiares identificamos e sedimentamos nosso lugar no mundo. As regras sociais, por isso mesmo, transformam-se em elementos onipresentes, muitas vezes opressores, no convívio com a família” (PIZARRO, 2013, s.p).

Desta forma, quando se pensa os atravessamentos presentes nas relações familiares com pessoas transgênero, não é possível deixar de considerar que as concepções de gênero presentes nesta “célula social” poderão provocar implicações diversas, desde um acolhimento e respeito às identidades e performatividades trans (e toda diversidade inclusa nestas identidades), a afastamentos, desrespeitos, resistências e/ou até mesmo expulsão do seio familiar, dentre outros comportamentos parentais, infelizmente, muito recorrentes nas experiências de pessoas trans/travestis, haja vista que é comum encontrar concepções ainda estereotipadas e papéis bem definidos para os corpos lidos socialmente como masculinos e femininos, cuja referência ainda se encontra na biologia.

Entretanto, na atualidade, os arranjos familiares têm sido convidados “a unir o tradicional ao contemporâneo no qual o gênero se insere de modo pulsante (...) a família com filhos que não mais se enquadram aos padrões cisnormativos é um fenômeno crescente, atual” (ZERBINATI e BRUNS, 2018, p. 40). Dessa forma, considerando que nossas corporalidades são construídas “principalmente por intermédio da linguagem, pois esta não reflete somente o que já está consolidado, mas também tem o poder de criação, no sentido de nomeação, de classificação e de definição de normalidades e anormalidades” (GOELLNER *apud* SILVA e CERQUEIRA, 2014, p.33), torna-se importante que a família abrace as diferenças presentes em seu núcleo e se disponha a “discutir machismo, sexismo, misoginia, homofobia, por fim transfobia e transnegatividade” (*ibidem*, p. 40) dentro do próprio seio familiar e parental de modo geral, de forma que sua estrutura se modifique, pois segundo Adelson e colaboradores (2016), o preconceito social, no qual a rejeição familiar e não aceitação da condição de identidade de gênero se destacam, são os principais fatores de risco para problemas de saúde mental. A literatura aponta para a relevância do apoio familiar nos casos de jovens transexuais (COOLHART e SHIPMAN, 2017; ALEGRÍA, 2016; DIERCKX *et al.*, 2016; McCONNELL *et al.*, 2015; SILVA e OLIVEIRA, 2015; SIMONS *et al.*, 2013 *apud* ZERBINATI e BRUNS, 2018, p. 45).

Obviamente, múltiplos fatores atravessam o sofrimento e adoecimento mental de grande parcela da população trans, no entanto, a falta de compreensão e apoio da família pode ser

determinante para o desgaste emocional e até mesmo na interferência da qualidade de vida em outros âmbitos no que tange a esta população. Muito embora este eixo não tenha o intuito de se debruçar sobre saúde, fazer essa sinalização é extremamente relevante na medida em que até mesmo os familiares que não compreendem bem suas/seus filhas/os/es trans podem vir a passar por stress, depressão, além de outros quadros agravantes da saúde física e mental.

O fator psicopatológico da população transexual desvela o sintoma de um ambiente rígido quanto aos modelos de gênero. Algumas vezes a família também precisará de ajuda e atenção especializada para que ela consiga cumprir sua própria função. [Neste sentido,] compete à sociedade, ao Estado, assim como às instituições de saúde e educação, auxiliar essas famílias para que o desenvolvimento psicosssexual, mental e físico de seus membros aconteça da melhor maneira possível. A família com filhos trans é encorajada a legitimar e potencializar sua instância maior: a força das relações que se estabelecem no núcleo familiar (ZERBINATI e BRUNS, 2018, p. 48).

Considero esse eixo um dos mais intensos para se refletir sobre vidas trans. A família tem função primordial em nossas vivências em todas as fases que nos é permitido existir. Grande parte das lembranças, relações de afetos (bons e/ou ruins), dependência e/ou busca por independência, estratégias e negociações, dores e alegrias, proximidades e/ou afastamentos, conforto e/ou desconfortos podem ser diferenciados a partir das relações que são estabelecidas em cada núcleo familiar, como será possível perceber nas narrativas das entrevistadas. Um olhar atento e sensível a estas realidades é de caráter imprescindível quando se pensa em mudanças de paradigma, ao menos em caráter microssocial, uma vez que parece haver uma barreira intransponível quando se pensa produções científicas e intervenções voltadas para a família no que se refere às discussões sobre transgeneridades e corpos dissidentes de forma geral, em um país e período histórico onde ainda se discute sobre “doutrinações de gênero” e coisas do tipo.

#### 2.2.2.1 Relações familiares: impasses e desafios

A percepção de que tem algo acontecendo de forma diferente do que ocorre com as outras pessoas marca algumas travestis e transexuais. A descoberta do corpo sexuado é um momento de atribuição de sentido para as várias surras, insultos e rejeições familiares. Esse momento gera um espanto, de modo que a mente e o corpo não podem ir contra o que elas desejam, que é ser o que elas realmente são. E, nesse momento, ser requer muita energia e coragem para enfrentar o contexto ao seu redor (SILVA, BEZERRA e QUEIRÓZ, 2015, p. 368).

Ao longo das entrevistas, este tipo de conflito nas relações familiares das entrevistadas se fez presente em diversos momentos. A impossibilidade de externar suas identidades de gênero neste espaço foi unânime na experiência das duas entrevistadas, processo que inviabiliza suas expressões de modo integral e que gera sofrimento, preocupações e afastamentos, como pode ser notado em suas narrativas:

*(Milena) Aí é que tá... Porque assim... Eu não sou assumida em casa, então isso pra mim é uma questão muito grande porque existia uma transição, eu não faço a transição hormonal justamente porque eu não sou assumida em casa, e eu acho que ainda não... Não existe essa possibilidade justamente porque eu não quero perder o... O suporte financeiro. Especialmente financeiro porque o... Em relação ao emocional, etc... Ele não existe. Então... A não ser indiretamente, agora, é... De fato, eu sinto que ele não existe. Meu receio sempre foi ter que perder isso, e aí eu sinto que pelo contexto onde eu vivo, conhecendo as pessoas como eu conheço, que eu vivo, que eu conheço, eu acho que eu vou acabar perdendo isso, e, justamente pra me resguardar, eu até hoje nunca comentei nada. Só que, obviamente, meu corpo mudou ao longo do tempo. Eu enquanto pessoa, meu corpo subjetivo, ele mudou também ao longo do tempo, isso acaba gerando tensões. Tensionamentos de tipo, por exemplo, depois que eu deixei o meu cabelo crescer, meu pai mudou totalmente comigo. Ele já, a nossa relação nunca foi muito boa, mas depois disso especificamente, ele mudou comigo, ele não olha mais da mesma forma, no olhar mesmo, ele não olha, ele me olha com cara de nojo, na verdade. Então, há um não dito aí que parece dizer mais do que o dito, mas se eu disser acaba tudo, entende? Porque pelo não dito, eu já percebo que as relações, elas ficaram muito mais, é... Desgastadas. De certa forma. É isso, acho que dentro do meu convívio social, existe múltiplos convívios sociais porque, por exemplo, dentro de casa não existe abertamente, eu ter dito que eu sou trans, mas fora, todas as pessoas sabem. Por exemplo, na UFBA, minha matrícula é feita com o meu nome social, todas as pessoas lá sabem que eu sou trans, me conhecem como Milena. No estágio também, então assim... Todos os outros espaços é... As pessoas conhecem e sabem da minha identidade de gênero, menos dentro de casa. Exceto meu irmão, mas é outro processo também. Então assim, não é um único processo de... Convivência social, passa por múltiplos processos, tanto que, um dia eu sou mais aberta em relação a isso, outros que nem tanto. Isso acaba sendo, gera até um bug na cabeça... Eu falo que qualquer dia eu vou acabar esquizofrênica (risos).*

*(Bianca) As pessoas da minha família materna e paterna, não sabem e toda vez que algumas dessas histórias chegam neles, eles empurram pra fora como se fosse mentira “é história, é história” e eu até prefiro que seja assim hoje porque, assim, eu lembro de ter falado com eles sobre a minha sexualidade, né? Eles não receberam tão bem, mas não apanhei então já tô no lucro querendo ou não, é... E eu como já não tava mais morando em casa, não sofri isso dentro de casa é... Mas eu lembro de ter começado a tocar o assunto de ser uma mulher trans com a minha mãe e a minha mãe começou a ter ânsia de vômito, passou mal, pressão subiu, eu falei ó... Não dá, não dá, não dá...*

(...) *A família da minha companheira foi horrível. A mãe da minha companheira me tratou super mal, é... E me tratava super bem, aí depois que eu tive uma conversa franca, começou me tratar super mal (Bianca).*

Milena, em seu relato, demonstra que, inclusive, a terapia hormonal ainda não é feita pela mesma em função desse empecilho em se posicionar como mulher trans para a família e todas as implicações, sobretudo financeiras, que isto lhe trará. A ênfase que é dada ao aspecto financeiro em diversos momentos de sua narrativa, na maioria das vezes associada à família, reflete sobre as condições materiais de existência (ou sobrevivência) e como elas são circunstâncias que podem se apresentar como determinantes na vida, nesse caso, em sua autonomia frente aos familiares, haja vista que há ainda uma dependência material da família. O fato de deixar o cabelo crescer já é mal visto pela família em função dos códigos engessados que transitam pela sociedade sobre os gêneros e suas estéticas, sendo o cabelo longo direcionado a uma ideia de feminilidade ainda nos dias atuais. Bianca, por sua vez, revela uma postura negacionista por parte da família em aceitar os comentários sobre sua identidade de gênero, inclusive a fuga sobre este assunto por parte da mãe através dos sintomas físicos. Outro ponto que ela levanta é a mudança de postura da sogra após saber sobre sua identidade, algo muito recorrente na experiência de pessoas trans.

Sobre o tema da família, Bento (2012, p. 276) em artigo intitulado *As famílias que habitam a família*, faz o seguinte questionamento: “Como ser/tornar-se um sujeito singular fazendo parte de uma instituição que se caracteriza pela reprodução das normas? Qual o espaço que a família reserva para a emergência de subjetividades divergentes da norma?” e nos provoca a pensar sobre as famílias e seus papéis na reprodução das normas, bem como o modo como elas tem se preparado (ou não) para lidar com o que lhe é diferente, em termos de códigos morais e construções pessoais, expectativas e fantasias sobre os gêneros e condutas de seus membros. “A tese segundo a qual a família é uma estrutura ahistórica e que os sujeitos são aquilo que suas famílias programaram não considera a autonomia do sujeito em fazer leituras singulares sobre as relações que o cercam” (BENTO, 2012, p. 280). Neste sentido, pensar sobre a autonomia de escolha das pessoas frente a um conjunto de normas de conduta de um grupo familiar e todas as suas implicações foi algo constante com que me deparei na análise das entrevistas. De fato, as entrevistadas, a partir de suas narrativas, trouxeram elementos singulares a suas vivências e, ao mesmo tempo, tão recorrentes em diversas outras experiências de pessoas trans.



Em continuidade, Milena relata sua vivência, em termos afetivos, em relação à família ao longo de seu processo e de sua performatividade de gênero:

*(Milena) Ao mesmo tempo que existia essa proibição... Porque assim, eu falo que eu acordei mesmo, eu acordei e foi algo que eu consegui recentemente. Muito recentemente. Semana passada, que eu tava... Foi alguma coisa, eu não lembro exatamente o quê, mas que me chamou a atenção nisso, né? Tipo, um despertar, sabe? Um acorda. Porque assim, ao mesmo tempo que eu faço esse relato de que existia essa pessoa que não se identificava, existia também uma pessoa que tentava agradar os pais, né? Eu tentava muito agradar os meus pais, e isso querendo ou não passava pela performance de gênero, né? Pelo discurso de gênero, enfim... Porque, por exemplo, eu lembro de situações em que eu era pequena e... Tipo, situações sociais, meu pai rodeado de amigos, passava mulher bonita e eu me via na função de falar alguma coisa sobre aquela mulher, mas não porque eu achava legal fazer isso ou porque eu realmente me sentia atraída em relação àquela mulher, mas porque eu queria ver a reação dele, eu queria, como isso fazia bem a ele e como isso de certa forma, indiretamente também me fazia bem. Porque eu estaria não tensionando a nossa relação. É um desejo de proximidade e pertencimento. E eu perdi o fio da meada, você tava falando... É isso, né? Ao longo do tempo eu fui perdendo isso, foi justamente na adolescência, porque existia essa... Ao mesmo tempo que eu não era, eu tentava ser. Eu ainda não compreendia direito, mas eu tentava ser, eu tentava, na verdade, agradar os meus pais, eu não tentava ser especificamente. Aquela coisa, né? Eu só sabia que aquilo agradava os meus pais então eu fazia. E aí quando eu cheguei na adolescência, né? Que meus pais, eles perceberam que esse meu jeito não ia mudar, que eu não ia me consertar, e... Tipo, as mudanças foram ocorrendo, eu fui tendo acesso a outros espaços como, por exemplo, mudei pro ginásio, foi basicamente nessa transição mesmo, eu fui pro ginásio então, eu tive contato com outras coisas, né? Outras realidades, e isso vai mudando a gente, isso vai, por exemplo, a sexualidade, especialmente quando você entra na adolescência se torna pauta, né? Então foi justamente nessa transição que as coisas começaram a aflorar em mim, nossa relação mudou muito. Mudou muito, tipo assim, de afastamento, né? Então foi basicamente... Eu vejo isso como uma desistência, sabe? Não vai mudar então agora vamos ter muitas brigas por conta disso, né? Acho que foi aí, foi o acorda, né? Foi o distanciamento da família, mudou muito as relações, sabe? Mas, é isso. A relação que existia eu não sei pautar se eram concretas mesmo, sabe? Elas existiam e eram concretas por conta disso. Mas, no sentido de veracidade, se existiam relações de fato, porque era uma pessoa que fingia ser, né? É uma pessoa que queria agradar os pais, graças a deus na adolescência eu não fui essa pessoa (risos).*

(...) Acho que atualmente dentro da minha família mesmo, o meu convívio com a minha mãe, ela sempre foi muito distinta, teve diferentes momentos. Por exemplo: na infância a gente era muito próxima, só que ao mesmo tempo, era um próximo, tipo dessa pessoa que fingia ser, sabe? Que queria agradar, e aí... Quando chegou na adolescência nossa relação mudou muito drasticamente porque a gente brigava muito, aí atualmente mesmo é uma pessoa que... Eu gosto da minha mãe, gosto do meu pai, gosto da minha família. É uma coisa que pra mim é clara, eu não tenho problema em dizer isso, mas tinha uma raiva e tipo... Não gosto deles ao mesmo tempo, sabe? Ambiguidade afetiva real. Ambivalência afetiva. Pra mim é... Eu sou de boa com isso, e procuro entender. Psicologia, a gente acaba abrindo nossos horizontes, né? Mas nossas relações hoje em dia não são próximas das pessoas que eu falo, me conhecem, sabe? Às vezes nem eu consigo conhecer eles. Tanta coisa mudou e... Eh... As minhas relações familiares elas são... Tem a... Fora do núcleo familiar também, né? Me afastei bastante da minha família extensa, é... Tanto que eu tava brincando com o meu irmão, que minha tia, no natal, ela... Nunca mais tinha me visto, né? Ela falou “tava com saudade de você... tava com saudade de mim?” Eu falei: “Você quer que eu seja sincera?” (bem debochada). Tipo assim, ela: “Não, que você vai me machucar”. Então, né? Então é isso. Não existe, na minha família eu sempre fui muito direta. As pessoas me conhecem por ser a pessoa que fala. Que não guarda. Eu falo. Então assim... Tem um distanciamento. Atualmente a gente tá bem distante. Às vezes vem um carinho, mas eu quero mesmo é distância. Se eu ficar muito próxima, dá um choque terrível. Ainda mais agora, não tô querendo ficar próxima porque não quero ficar próxima de pessoas que não entendem, compreendem e nem sabem o que tá acontecendo (Milena).

(...) Então eu fico, tipo, fazendo aquela... Aquela tradução, sabe? Controlando as palavras, medindo o que eu vou falar. Aí eu não posso, por exemplo, rir como eu riria entre amigos, porque, por exemplo, se eu rir de uma forma muito afeminada eu estou me denunciando. E não que lá em casa existe esse controle muito forte, mas, por exemplo, eu lembro de uma experiência que foi muito irritante, que eu caí no chão rindo, tipo assim foi muito aleatório, sabe? Eu tava com minha mãe e meu irmão na cozinha, e aí meu irmão fez alguma coisa e, tipo assim, eu fui debochar dele, aí eu ri e eles ficaram muito... Eles travaram assim... Sabe? E falando “oxe”, porque era um tipo de reação que era muito... É isso, era muito eu, sabe? Não é aquela coisa contida do tipo ‘hahaha’... Era uma coisa muito mais eu, da minha forma de reagir, era espontâneo, espontaneidade. Acho que isso pra mim ficou muito claro assim de como... O comportamento, sabe? É muito triste. (Milena)

Nesses relatos, fica evidente todo o percurso desde um período em que Milena se anulava para agradar os pais a partir de comportamentos que cumpriam as suas expectativas

de gênero até o momento em que ela rompe isso e enfrenta retaliações da família por agir diferente de suas expectativas – como esta situação da falta de liberdade em ser espontânea em seus atos, por exemplo. Bianca relata experiências parecidas, inclusive com a família de sua companheira:

*(Bianca) A minha relação com a minha mãe mudou, porque se toda vez que a minha mãe bate na tecla do ele, porque agora como a mentira chegou nela, a história da mentira, ela reforçou o ele ainda mais, isso cria uma relação de distância. Com meu pai também, é... E com as pessoas que já sabem, que não concordam como a família da minha companheira, a mãe, o pai, enfim... Irmão dela, isso gera um procedimento de exclusão que é doloroso, assim... Chega a ser humilhante às vezes, assim... A última vez que eu fui na casa dela, pra um almoço em família, eu me senti assim, bastante humilhada. E é uma humilhação bem... Bem sorradeira, sabe? Mas é uma humilhação que a pessoa faz questão de tá ali esfregando na sua cara que você, na cabeça dela, não é de verdade. Você é... Você tá mentindo, você tá brincando. Isso é uma implicação negativa que me persegue assim... Mas enfim... É muito menor isso do que ser apedrejada na rua, isso não é nada, comparado com o que outras pessoas trans passam.*

Este relato impactante é uma realidade constante de pessoas trans. Em grande parte das relações familiares, essa recusa em aceitar as identidades de gênero dissidentes é uma situação dolorosa e, em muitos casos, insustentável. Nos casos onde as pessoas trans não são expulsas de casa pela sua condição, elas o são por não receberem o respeito devido à suas performatividades de gênero, dentre outras coisas. Com a família pessoal ou de companheiras/os/es, é um desafio rotineiro e muito adoecedor, de certa forma.

*(Bianca) (...) É aquele, você não me disse, nada aconteceu. Não me diga muito que a gente vai continuar de boa. Depois do encontro, de duas em duas semanas eu vou lá, de quinze em quinze dias passo, vejo a minha vó, vejo a minha mãe, dou um abraço em minha mãe, minha mãe ri, fala mal da minha unha, fala mal do meu cabelo, não tem problema, mas as coisas passam... Eu levo na brincadeira ali porque pra mim já não importa mais, fica um lugar de não me importa. Minha família não me importa muito, então não me aproximo muito. A família do meu pai a mesma coisa. Não me importa, eu vou lá, faço umas camisas com ele, sumo, consigo o dinheiro que eu preciso pra pagar alguma coisa, sumo, volto, quando eu vou fazer mais camisas. Tô nem aí. A relação de familiar que mais me incomoda é a da mãe e do pai da minha companheira. Que é mais barril, assim... Que é mais desconfortável é... Foda. Que mudou drasticamente, assim... Eu fui de*

uma pessoa querida a uma pessoa tanto faz, assim... Só por dizer que era uma mulher trans. Foi barril, assim... Eu lembro que a gente foi fazer uma viagem recentemente e aí eu não tinha dinheiro, né? E... É uma família que tem dinheiro. E aí... Me chamaram, e eu fiquei toda sem jeito “Não gente, eu não tenho como pagar. Eu não tenho como pagar o retiro de vocês”. Ela “não, vem, vem por nossa conta. Fica tranquilo”. É que eu falei que sou uma mulher trans, mas pra ela “fica tranquilo”, ela força, faz questão de falar assim. É. É até engraçado porque às vezes tô eu, N. e S., estamos eu, N., S. e ela conversando as quatro e aí, tá S. que é a filha de N. e N., referindo-se a mim enquanto ela, usando pronomes femininos, e aí fica nessa confusão e ela me chamando de ele, a mãe de N. me chamando de ele, e tem hora que ela se confunde e aí ela chama de ela. Aí ela pede desculpa e eu “desculpa de quê?” aí ela, “não, que não é certo”, aí continua É foda, é foda, é foda, é foda e a criança vendo tudo aquilo. E aí, aí nessa viagem eu lembro. Tava lá, foi no segundo dia e eu tava bastante à vontade, eu não costumo, por segurança, usar alguns símbolos, né? Como batom, maquiagem, a não ser que seja no palco, que é um lugar que as pessoas aceitam, e aí eu tava nessa viagem e eu me senti à vontade. Eu falei “Velho, não tem ninguém da minha família por perto, não tem ninguém que eu conheça aqui por perto, eu vou ficar à vontade”, sabe? E aí eu fui sair com N., me maquiei, como eu queria, eu não faço muito, mas quando eu quero, eu quero, né? Passei maquiagem, arrumei meu cabelo, vesti uma roupa que era mais neutra. Eu gosto de vestir roupas mais neutras mesmo, e a roupa também faz parte desse processo de hierarquização dos corpos, e as neutras eu me sinto mais à vontade. E aí na hora que eu tava saindo a mãe dela me chamou e falou assim “Aqui não, aqui não”. E jogou na minha cara que tem medo de que eu seja uma má influência pra S. e pra filha dela, e que... Qualquer dia desses aí N. e eu vai terminar e que isso vai ficar sequela na filha dela, de que ela não quer que eu deixe sequela na formação de S., na filha dela foi muito bizarro assim, primeiro porque a filha dela tem vinte e sete anos (risos), não tem nada pra se formar, a cabeça dela já está extremamente formada, mas ela fica nesse lugar... Jogou na minha cara, assim... Primeiro, de que eu destrua as duas, de que eu coloque as duas numa situação de perigo, e que quando eu tivesse perto dela ali não era pra eu fazer isso. Não tive nem força pra falar nada, eu falei tá bom. E aí, é foda. E é foda, sabe por quê? Porque eu não consigo mais estar perto dela do mesmo modo, eu não consigo mais ser sorridente, brincalhona. Porque é foda, pô... E aí, agora ela me cobra por eu ter mudado com ela, ela “ah, você mudou comigo”, mas não muda o jogo. E aí é extremamente desconfortável, é extremamente desconfortável, é extremamente desconfortável... Mas é o de menos, ninguém tá me batendo, é o de menos, ninguém tá fazendo da minha vida um inferno... É só nesses momentos que é desconfortável, que é chato, mas que... Não faz tanta diferença não porque a minha família quando tô eu, N. e S. é maravilhoso, fico extremamente à vontade, fico extremamente feliz, feliz da vida e é isso que importa, é isso que importa (Bianca).

Em acréscimo às dificuldades com a família em aceitar e respeitar sua identidade de gênero, Bianca também lida com o desprezo de sua sogra após saber de sua identidade e se deparar com situações em que ela deseja e fica à vontade para exteriorizar sua identidade feminina. No entanto, diferentemente da relação com a sogra, Bianca relata estar muito confortável no relacionamento com a companheira (N.) e enteada (S.), pois há respeito e compreensão por parte de ambas. Por vezes, muitas mulheres e homens trans enfrentam este tipo de dificuldade em suas relações amorosas. Os familiares de suas/seus parceiras/os/es não aceitam o relacionamento e/ou não respeitam suas identidades de gênero, inclusive mudam a conduta e os vínculos afetivos após saberem a verdade sobre suas/seus noras/es/cunhados/es. Uma relação antes tranquila tem potenciais chances de se tornar inaceitável/insustentável após uma informação que em nada deveria ser relevante neste processo. São perceptíveis, também, nas colocações que a sogra faz para Bianca, estereótipos que nos posicionam no lugar daquelas/es/us que “prejudicam” ou destroem a família e a associação imediata de nossas imagens à situações de perigo e violência. Decerto, no que se refere a essa família referenciada por terceiros, nota-se que ainda trata-se da família nos moldes cisheteronormativos. Até quando esta ainda será a referência? Quantas pessoas, relações e tramas dissidentes ainda arcarão o ônus desta fantasia coletiva que não se sustenta há séculos?

Outro aspecto que é importante citar e que foi recorrente nos relatos foi a necessidade de autonomia financeira em relação aos familiares, sobretudo na narrativa de Milena, que apenas conta com a remuneração do estágio para suprir suas necessidades pessoais. A dependência financeira em relação à família foi e ainda é um entrave para ela em diversos aspectos, assim como uma preocupação, uma vez que as pessoas trans ainda são marginalizadas no setor da empregabilidade.

*(Milena) Muitas das vezes acontece de o distanciamento nem ter relação com isso. Eu falo, e é até uma visão da psicologia, né? Qualquer coisa que ocorre na família faz mais pra revelar a estrutura do que pra... Sei lá, aconteceu aquilo ali, foi aquilo que causou. Então eu falo que são os tensionamentos que existem por causa da minha identidade de gênero fez muito mais revelar a estrutura frágil que ela é do que de fato fragilizou ela. Entende? Porque assim, as relações nunca foram boas. Nunca foram excelentes, nunca foram totalmente benéficas pra ambas às partes. Acho que, quanto mais eu fui intensificando esse processo de identidade de gênero, de identificação, mas esses processos que não eram benéficos também foram significando. Porque justamente, eles ocorriam pelo simples fato de eu ser eu, então assim... Não é uma coisa que eu*

*especificamente temo. Na verdade minha resistência é maior mesmo. Isso até eu já analisei em análise, né? Em Psicoterapia. É justamente esse apoio financeiro, né? É uma coisa que eu temo, eu tenho um receio enorme de... Porque a gente sabe como é a realidade da mulher trans no Brasil, é tanto que eu mudar pra UFBA foi parte de um... De estratégia mesmo. Por exemplo, antes eu estudava Psicologia na FTC [Faculdade de Tecnologia e Ciências]. Quem pagava era minha mãe. E minha família é uma família do comércio, então, eles têm um comércio, né? Então assim, é a família inteira. Eu trabalhava com eles, minha vida, de certa forma, estava toda centralizada na vida deles, isso pra uma pessoa trans, ainda mais uma pessoa trans que não tem aceitação dentro de casa, que as pessoas nem sabem da sua situação de vida, sua condição, é muito adoecedor. Então, eu pensava, né? Se eles descobrirem, eu posso parar na rua, eu não tenho formas de, por exemplo, poder pensar e planejar um futuro, por exemplo, a faculdade, se eu for expulsa de casa, eu vou perder porque são eles que pagam, então me vem todas essas coisas. Antigamente eu pensava que não existia outra alternativa senão permanecer, mas eu pensei “não, eu posso criar estratégias”, então, por exemplo, mudar pra UFBA não só, não foi só por conta disso, mas um dos motivos, talvez um dos motivos principais foi justamente pensar em estratégias para que eu possa conseguir um futuro. Então a UFBA, por exemplo, ninguém paga, paga com a alma (risos), ninguém paga, exceto eu, e aí isso foi, por exemplo, agora mesmo, eu não trabalho mais com eles porque eu faço estágio remunerado, então assim, eu crio estratégias pra não depender tanto deles, sabe? Mas ainda assim, eu tenho teto... Tipo, onde dormir, onde comer, e isso faz diferença na vida da gente, principalmente se a gente é trans. Acho que é por isso que nunca houve essa... Eu nunca contei... E mesmo que... Isso não é um desejo meu contar especificamente, eu sou meio contra essa coisa de me assumir, só quero ter minha autonomia pra eu viver minha vida em paz (risos).*

*(...) Eu ainda tenho o suporte dos meus pais, por eles acharem ainda que eu sou aquilo que eles querem. E aí, isso acaba sendo um recorte muito específico na minha experiência enquanto pessoa trans, travesti. Né?... Porque essa questão da empregabilidade, quando a pessoa ainda tem um suporte, querendo ou não, ainda tem um suporte financeiro, é muito específico.*

Berenice Bento (2012) afirma que “Se a família de origem exilou a travesti, ela a reconfigura. Estratégias de sobrevivência nos são apresentadas em suas biografias, tornando-se, nesse caso, estratégias de resistência” (p. 281). Da mesma forma, ocorre na experiência trans. Milena e Bianca, a partir de suas memórias e narrativas, desvelam em diversos momentos, inclusive nas relações familiares tais estratégias para avançar em suas metas, objetivos e ambições. Pensar sobre isso me remete à força e coragem que pulsam nas veias de

nossa comunidade para lidar com um novo dia e o imprevisível nas situações mais ínfimas de nosso cotidiano. Estratégias, linhas de fuga e agenciamentos deleuzeanos fazem parte de nossos cotidianos, com objetivos diversos, cuja justificativa ainda é a sobrevivência, a autopreservação em sentido polissêmico.

Ainda tematizando a família neste subtópico, cabem algumas ponderações:

(1) As vivências relatadas por Milena e Bianca no que se refere a serem vistas/entendidas a partir de duas identidades, uma no convívio social (amigos, universidade etc) e outra no espaço familiar, infelizmente, são muito recorrentes nas experiências das pessoas trans, uma vez que nem todas as famílias estão preparadas e dispostas a acolher e respeitar as nossas identidades e, neste caso, não falar sobre isso no espaço familiar, apesar de ser uma forma de anular-se em certo sentido, o é de modo estratégico, uma vez que em muitos casos tal ato resulta em tensões diversas, inclusive expulsão do espaço doméstico, o que pode ser devastador no caso de pessoas que não possuem recursos financeiros e/ou materiais para se manter. Sobre isso, recorde-me de uma entrevista feita pelo canal Transdiário, disponível no Youtube, com a Michelly Prado, intitulado “Como contar pra família”<sup>4</sup>, onde ela, dentre diversos assuntos, fala sobre este relato na família que resultou em expulsão de casa em período desfavorável, e aí a importância em se fazer uma leitura contextual para entender se é ou não o melhor momento para realizar tal posicionamento.

(2) Como afirmei, não contar para a família pode resultar em abrir mão de certa liberdade em ser autêntica (o/e) dentro desta esfera (autoanular-se em certo sentido), desembocando em situações de humilhação ou desconforto. Obviamente que, como Milena afirmou em seu relato, é importante perceber que não deve ser entendido como obrigatório o ato de falar pra família (“assumir-se”), mas sim algo inerente às necessidades singulares de cada pessoa e ao contexto onde a mesma está inserida. Isto me remete a uma experiência relatada através do canal do Youtube por Clara Vitória em vídeo intitulado “Como eu me assumi trans pra família”<sup>5</sup>, onde ela nos faz refletir através de suas vivências sobre a necessidade de ponderar o processo de abdicar-se de coisas em função de a família não saber

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J7cD1x8Moww>. Acesso em: 15/01/2020.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3vxxJm8jQSM>. Acesso em: 15/01/2020.

e/ou aceitar nossas identidades. Ao citar uma situação – no período em que os pais não sabiam sobre sua identidade de gênero feminina – onde ela teve que entregar uma blusa que havia recebido de presente da amiga, para não ter essa conversa com a mãe que, outrora, não recepcionou bem sua sexualidade dissidente, ela se aproxima, em termos de experiência, da situação vivenciada por Bianca, quando ela também relata dificuldades em conversar com a mãe sobre sua identidade de gênero em função da má recepção de sua sexualidade em outro momento.

(3) Já ouvi incontáveis vezes e também já refleti sobre o fato de que a família passa por um processo de luto – em função de uma imagem cisnormativa direcionada ao ente trans – quando se depara com uma pessoa trans na família. Isso, em muitos casos, não implica que não fosse perceptível para eles que esta pessoa trans não correspondia a suas expectativas de gênero. No entanto, o receio, as dúvidas, a negação, em muitos casos são imperiosos em suas dificuldades com este tema. Mais uma vez, cito minhas experiências com canais informativos do Youtube. O canal do Lucca Najjar, por exemplo, através de entrevista com a mãe de um homem trans, integrante do grupo *Mães pela diversidade*, em um vídeo intitulado “Como descobri que meu filho é um homem trans – Lucca Najjar e Rita de Cássia”<sup>6</sup>, traz um relato sobre este tema (o luto) e dentre muitas reflexões feita pela entrevistada, ela fala sobre a dor e a dificuldade em lidar com a situação, afirmando que o filho não conseguia falar sobre o assunto e ela não conseguia entender e ouvia das pessoas para “não incentivar aquilo”. A mãe diz ainda que a puberdade do garoto “foram dias sombrios” e de muito sofrimento, que o pai “não queria entender”. Além disso, está presente o questionamento do porquê de não ter “sentado e conversado”. Ela admite que se sentia impotente diante do que poderia vir, sentia medo de “perder a filha” (o filho, no caso), questionava sobre o que poderia acontecer, se era necessário tomar remédios, se faria mal etc.

Refletir sobre essas narrativas da família é importante também na medida em que entender o que perpassa seu imaginário atravessa diretamente a sua relação e modo de lidar com uma pessoa trans em seu núcleo.

Por fim, um ponto que não se fez presente na narrativa das entrevistadas, mas que considero importante comentar quando se discute sobre família e a questão transgênero, refere-se a situações de violência /ou velórios após falecimento de pessoas trans e as relações

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8jVnh45curo>. Acesso em: 15/01/2020.



de respeito/desrespeito à suas identidades. Resgato Bento, mais uma vez, quando ela cita algumas situações neste sentido:

Marlene Wayar (2007), ativista trans e teórica argentina, nos relata – no artigo *La familia, lo trans, sus atravesamientos* – o caso de uma menina trans que morreu, segundo o pai, vítima de uma queda brusca da escada. Os vizinhos, no entanto, dizem que ele a matou a golpes, por não suportar a obstinação do filho em vestir-se de menina. A preservação da honra da família estaria, portanto, na eliminação de um de seus membros. (...) Luciane Jimenez (2009) também relata a história uma travesti que foi assassinada. A mãe preparava seu corpo para enterrá-la como homem, diante da perplexidade de todas as amigas, da esposa, das filhas e de outros presentes. Corta-lhe o cabelo, veste seu corpo com um terno e gravata, tira o esmalte de suas unhas. “Eu pari um filho e assim ele será enterrado,” sentencia a lei materna (WAYAR, 2007; JIMENEZ, 2009 *apud* BENTO, 2012, p. 280).

Pensar sobre esta temática é relevante, na medida em que ainda é uma realidade no Brasil. Situações de violência são muito recorrentes com pessoas trans e, embora ainda não seja possível encontrar dados oficiais, a família em muitos casos tem responsabilidade nestas vivências de violência. Do mesmo modo, um ato extremamente desrespeitoso com as vidas de pessoas trans/travesti e que, infelizmente, ainda ocorre é o desrespeito à suas identidades após o falecimento das mesmas. É como se a família quisesse resgatar uma suposta “honra” que foi perdida após o posicionamento de um dos membros em ser uma pessoa trans, sem perceber (ou mesmo percebendo) o enorme horror, a grande violência e invasão que resulta tal ato de transfobia. Falar sobre tais temáticas é importante para a sensibilização sobre o respeito à condição humana e a integridade da identidade de pessoas trans.

#### 2.2.2.2 O amor pulsa, o amor (trans)borda

Nas narrativas das entrevistadas também foi possível perceber a existência de pessoas em seu núcleo familiar com as quais elas se sentem mais confortáveis para serem elas próprias e conversar sobre isso e sobre outros assuntos, uma vez que suas identidades de gênero são respeitadas e ocorre uma rede de afetos muito potente em seus vínculos. Milena possui experiência neste sentido com o irmão com quem desenvolveu, após alguns períodos de turbulência, uma relação que tem sido de mais transparência atualmente. Bianca, por sua vez, embora ainda não encontre isso em seu núcleo familiar consanguíneo, encontrou esta transparência e afeto mútuo através de sua companheira e enteada.

*(Milena) Meu irmão, ele sabe. Ele sabe assim, teve o... Assim que eu ia mudar pra UFBA, a gente teve uma conversa muito aberta. Sabe? De tipo, todas as coisas que aconteceram na nossa relação especificamente, e aí tipo... Eu expus pra ele um monte de coisa, eu falei da minha realidade e tal, e foi até uma coisa que ele falou “meu Deus, vou sair daqui com dor de cabeça de tanto de coisa”, sabe? A cabeça vai explodir, assim... Expandir os horizontes. De coisas que ele não sabia sobre a minha pessoa. Coisas que ele imaginava que, tipo... Que a nossa relação foi muito conflituosa, em relação a demandas que não tem nada a ver com isso, mas atravessam também. Tudo atravessa porque somos seres humanos integrais. Então... Mas é isso, aí, por exemplo, nós já tivemos tensões em relação a isso, eu já fiquei um pouco afastada dele, aí recentemente, tô me reaproximando mais.*

*(Bianca) A filha da minha companheira que tem nove anos de idade é a coisa mais maravilhosa do mundo. Ela é maravilhosa, trata super, ela assimilou a situação com uma coisa tão boa assim, com uma felicidade, sabe? Com uma naturalidade, que é incrível, é incrível, é incrível. Esse dia foi até engraçado, a gente tava num lugar assim, uma criança falou assim, tava brincando com ela, falou “olha, parece uma menina” porque eu tenho um cabeção, né? Tava com as unhas pintadas aí ela olhou pra menina, olhou pra mim, deu uma risada, sabe? Tipo, “ó lá! Sabe de nada”... Tipo assim (risos)... E então com ela assim é maravilhoso.*

“Ao longo de suas vidas, as travestis inventam novas famílias, criam novos vínculos” (BENTO, 2012, p. 280). Da mesma forma, ocorre com as mulheres e homens trans, a exemplo de Bianca que, ao não encontrar compreensão em sua família consanguínea, reinventa sua família e encontra o amor e afeto a partir de um novo arranjo. Milena, em contrapartida, a partir de uma proximidade com seu irmão encontra um espaço de conversa, uma forma de manter uma relação autêntica dentro do espaço familiar.

Relatos como esses demonstram a importância do respeito e afeto nas relações com pessoas transgênero no seio familiar. Decerto, a qualidade de vida e saúde mental é preservada quando estas relações são estabelecidas e nós não precisamos nos preocupar com questões advindas da saída de casa/expulsão e seus impactos. Milena e Bianca fazem parte de uma enorme parcela que não possuem apoio familiar e/ou não se posicionam enquanto trans na família em função de retaliações de diversas naturezas. Relatos de amor, carinho e compreensão são importantes, na medida em que podem provocar familiares de pessoas nesta condição a repensar suas posturas e a importância de abarcar e respeitar as diferenças dentro da família.

### 2.2.3 Saúde

O tema relacionado à saúde se fez presente nas narrativas das entrevistadas. Embora elas não utilizem seus nomes e identidades femininas, mas apenas os de batismo em atendimentos em espaços clínicos, suas vivências são válidas e importantes para se pensar sobre este tema: a saúde física e mental da população trans. De início, importa destacar que esta temática, diferentemente de outros eixos encontrados nesta dissertação, tem sido bastante recorrente em produções científicas, dissertações, teses, rodas de conversa, algo muito importante quando se reflete sobre as necessidades e a garantia de direitos no acesso à saúde de nosso grupo, implicando em um avanço importante no que tange a reflexões e propostas interventivas, bem como políticas públicas que incidam sobre as nossas demandas de forma integral e humanitária. No entanto, foi perceptível a predominância de produções que abarcam os processos de redesignação sexual pelo Sistema Único de Saúde (SUS), sem adentrar em outras realidades no que se refere aos serviços de saúde, salvo alguns trabalhos acerca das Unidades Básicas de Saúde (UBS) e sua importância nas ofertas de serviço e acolhimento desta população.

Neste eixo, será abordado primeiramente, as alterações realizadas pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) ao longo dos anos acerca das cirurgias e demais procedimentos voltados para o público trans. Para tanto, irei perpassar pela resolução nº 1 482/97 – a primeira resolução do CFM sobre estas intervenções, em 1997 – assim como as resoluções nº 1 652/2002 e nº 1 955/2010 até a resolução atual – nº 2 265/2019 – que apresenta avanços significativos como a utilização do termo “incongruência de gênero” e “transgênero”, substituindo o termo “transexualismo” de outrora; a descentralização dos serviços em hospitais universitários e a inclusão da proposta do Projeto Terapêutico Singular (PTS), nunca antes mencionado nas outras resoluções, dentre outros avanços importantes. Em continuidade, algumas considerações serão feitas acerca dos serviços ofertados pelas Unidades Básicas de Saúde (UBS) para a população trans. Neste sentido, em seguida será possível encontrar relatos das entrevistadas sobre o uso dos serviços de saúde a partir de suas posições como mulheres trans, bem como a utilização dos serviços de Psicologia e sobre as políticas de saúde LGBTQIA+ do município voltados para nosso público.

De acordo com Rocon e colaboradores (2020, p. 2), no Art. 196 da Constituição Federal de 1988, está presente a afirmação de que a saúde é direito de todos e dever do Estado. Neste

sentido, os serviços de promoção, proteção e recuperação da saúde devem ser acessíveis de forma equânime para todas/os/es. “No entanto, a garantia de acesso universal e igualitário ainda se constitui um desafio em diferentes cenários, para os diversos sujeitos que demandam por atendimentos de saúde em suas especificidades”. A população trans faz parte deste grupo de pessoas que enfrentam diversos percalços para ter acesso integral aos serviços de saúde.

De acordo com a literatura (ROCON *et al.*, 2020; ÁRAN, MURTA, LIONÇO, 2009; PREU, BRITO, 2019), no Brasil, a primeira resolução emitida pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) acerca das demandas de saúde e propostas interventivas voltadas para a questão trans ocorreu em 1997 (Resolução nº 1 482/97). No entanto, com procedimentos de caráter experimental. Anteriormente a esta resolução, vários processos ocorreram e desembocaram nesta façanha. De acordo com Preu e Brito (2019), 1971 foi o ano marcado pela primeira cirurgia de redesignação sexual no Brasil, realizado pelo médico Roberto Farina. Esta era então uma prática ainda não regulamentada e reconhecida pelo CFM, o que resultou em processos (criminal e no próprio CRM) nos quais foi declarado culpado.

Os autores ainda apontam que a partir de 1970 outras cirurgias começaram a ocorrer. Outros aspectos destacados pelos autores foram “algumas ações isoladas nos âmbitos jurídico e legal no sentido de uma tentativa de obter permissão para a realização de intervenções cirúrgicas e retificação dos documentos oficiais” (PREU e BRITO, 2019, p. 97) e projeto de lei aprovado em Congresso cujo intuito era regulamentar em vias jurídicas o direito a retificação dos documentos, no entanto, vetado pelo então presidente da época João Figueirêdo. “Nesse mesmo ano, o Conselho Federal de Medicina (CFM) foi consultado sobre a possibilidade de se colocar próteses mamárias de silicone em uma mulher transexual” (Ibidem, 2019, p. 97), com parecer desfavorável.

Em 1980, este protocolo passou por novo parecer de consulta. A justificativa foi a relevância em sentido sociopsicológico do tratamento. Este assunto passou a ser pautado pela mídia a partir de 1995 e em 1997 através do I Encontro Nacional dos Conselhos de Medicina, convenciona-se que esta prática deveria compor o fazer médico legal (PREU e BRITO, 2019), deixando de caracterizar tais cirurgias como crimes de mutilação.

A partir da resolução CFM nº 1 652/2002 que revoga a resolução do CFM em 1997, as cirurgias do tipo neocolpovulvoplastia e/ou procedimentos complementares sobre gônadas e caracteres sexuais secundários voltados para as mulheres trans são retirados do caráter experimental, podendo ser realizados em hospitais públicos ou privados. No entanto, as cirurgias voltadas para o público transmasculino se mantêm em caráter experimental. A

resolução CFM nº 1 955/2010 não apresenta modificações notáveis quanto às demandas de pessoas trans. Com fins de discussões, importa destacar algumas semelhanças entre essas resoluções:

(1) As resoluções, até então, definem o paciente transexual/transgênero como “portador de desvio psicológico permanente de identidade sexual, com rejeição do fenótipo e tendência à automutilação e/ou autoextermínio” (s. p), neste sentido, a transexualidade é entendida como uma psicopatologia e inserida em manuais como o Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM) e a Classificação Internacional de Doenças e problemas relacionados à saúde (CID). Assim, o diagnóstico é pré-requisito para alterações corporais por processos cirúrgicos e terapia hormonal;

2) O processo deixa de ser visto como um crime de mutilação previsto no Artigo 129 do Código Penal, sob a justificativa de ter função terapêutica ao adequar a genitália ao sexo psíquico. Neste sentido, a transformação genitália é entendida como o processo mais importante neste tipo de tratamento e há um reforço de estereótipos sexuais e estéticos de gênero;

3) O perfil para definição do “transexual verdadeiro” é traçado com base em concepções binárias de gênero, estética, papéis sociais, preferências pessoais etc. e, neste caso, pessoas trans que não obedecem a estes pré-requisitos são “desqualificadas” a passar pelo processo de redesignação sexual;

4) Necessidade de equipe multidisciplinar composta por médico psiquiatra, cirurgião, médico clínico, médico ginecologista obstetra, médico urologista, endocrinologista, enfermeiro, psicólogo, assistente social, com trabalho conjunto por no mínimo dois anos, com diagnóstico médico de transexualidade e idade mínima de 21 anos para cirurgias. Neste caso, a equipe multidisciplinar é importante para um cuidado integral, no entanto, importa questionar a necessidade de patologização dessas experiências e a necessidade de pelo menos dois anos neste processo até estar habilitado para entrar na fila de espera em um país com poucos hospitais com este serviço.

Atualmente, o SUS conta com cinco hospitais habilitados pelo Ministério da Saúde no processo de redesignação sexual: Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás/Goiânia (GO); Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Hospital Universitário Pedro Ernesto/Rio de Janeiro (RJ); Hospital de Clínicas de Porto Alegre – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Porto Alegre (RS); Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina FMUSP/Fundação Faculdade de Medicina MECMPAS – São Paulo (SP); e Hospital das Clínicas/Universidade Federal de Pernambuco – Recife (PE). Existem também, na rede de saúde pública, serviços ambulatoriais destinados ao atendimento deste público: o Ambulatório do Centro de Referência e Testagem de DST/AIDS – São Paulo (SP); o Ambulatório da Universidade Federal de Uberlândia (MG); o Centro de Pesquisa e Atendimento para Travestis e Transexuais de Curitiba (PR); o Ambulatório para travestis e transexuais do Hospital Clementino Fraga – João Pessoa (PB); e o Ambulatório Transexualizador da Unidade de Referência Especializada em Doenças Infecciosas Parasitárias Especiais (UREDIFE) – Belém (PA) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011, p. 20).

Além disso, “o Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes (UFES) foi habilitado pelo Ministério da Saúde para realizar procedimentos ambulatoriais do processo transexualizador” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018). Também o Complexo Hospitalar Universitário Professor Edgard Santos (Hupes) – Salvador/BA está em funcionamento para atender as demandas deste público também na modalidade de ambulatório. No entanto, o fato de a maioria destes ambulatórios e hospitais universitários estarem situados apenas em grandes centros urbanos e capitais impossibilita a terapia hormonal gratuita e acesso a demais serviços por parte de pessoas de cidades interioranas, como é o caso da cidade da nossa pesquisa. Isso tem como repercussão o aumento pela busca de atendimentos em âmbitos privados de saúde ou a autoadministração de hormônios e outros processos que podem representar riscos potenciais à saúde e vida deste grupo.

No que se refere às resoluções do Conselho Federal de Medicina, a resolução atual, de nº 2 265, de 20 de Setembro de 2019, apresenta alguns avanços em diversos aspectos citados nas resoluções anteriores:

- 1) Terminologia - A resolução atual apresenta os termos “incongruência de gênero” e “transgênero” para se referir aos usuários, algo inédito considerando que nas resoluções anteriores utilizavam o termo transexualismo para se referir a esses pacientes. Um avanço no processo de desconstrução do entendimento da transexualidade enquanto doença, além de incluir nesta terminologia “transexuais, travestis e outras expressões identitárias relacionadas

à diversidade de gênero” (CFM, 2019, s.p) e reconhecer a identidade de gênero como singular a cada pessoa e sua identificação, de certa forma um rompimento com os “pré-requisitos” para se enquadrar no diagnóstico médico do “verdadeiro” transgênero/transsexual.

2) É uma resolução ampliada que se baseia em outras resoluções e portarias, a exemplo, a Portaria GM/MS nº 2 803/2013, que redefine e amplia o Processo Transexualizador no SUS e a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012, assim como admite “a necessidade de atualizar a Resolução CFM nº 1 955/2010 em relação ao estágio das ações de promoção do cuidado às pessoas com incongruência de gênero ou transgênero” e “a necessidade de o CFM disciplinar sobre o cuidado à pessoa com incongruência de gênero ou transgênero em relação às ações e condutas realizadas por profissionais médicos nos serviços de saúde, seja na rede pública ou privada” (CFM, 2019, s.p), algo até então ausente das resoluções antigas, mas muito importante para que as pessoas trans se sintam encorajadas a adentrar esses espaços com menos receio de situações embaraçosas e de desrespeito à suas identidades ou acolhimentos impróprios por parte dos profissionais dos ambulatórios;

3) Outra novidade é a descentralização de hospitais universitários para atendimento às demandas deste público, uma vez que é dito no artigo segundo que “a atenção integral à saúde do transgênero deve contemplar todas as suas necessidades, garantindo o acesso, sem qualquer tipo de discriminação, às atenções básica, especializada e de urgência e emergência” (CFM, 2019, s. p), ampliando as possibilidades de acesso a serviços básicos de média e alta complexidade com o respeito e atenção às nossas demandas e identidades;

4) Por fim, algumas outras novidades circundam o Projeto Terapêutico Singular (PTS), nunca antes citado e que deve ser norteado por protocolos e diretrizes vigentes. Algo importante, na medida em que demonstra preocupação no atendimento singular às demandas de quem procura o serviço, uma vez que, de acordo com a definição da resolução nº 2 265 acerca dos cuidados voltados para pessoas com “incongruência de gênero”, o Projeto Terapêutico Singular (PTS) “é um conjunto de propostas de condutas terapêuticas articuladas, resultado da discussão coletiva de equipe multiprofissional e interdisciplinar a partir da singularidade dos sujeitos assistidos. Assim, permite promover atenção em saúde integral”

(s.p). Nesta prerrogativa, “o PTS abrange o sujeito em todas as etapas de seu acompanhamento, dando-lhe condições para que participe ativamente do processo terapêutico, sendo corresponsável por seu cuidado” (CFM, 2019, s.p). A hormonioterapia cruzada que, por sua vez, poderá ser realizada a partir dos 16 anos em caráter experimental e a partir do que for estabelecido pelo PTS, com acompanhamento ambulatorial especializado, bem como os processos cirúrgicos que passam a ocorrer a partir dos 18 anos, algo até então possível apenas a partir dos 21 anos de idade. O acompanhamento prévio mínimo de um ano por equipe multiprofissional e interdisciplinar, outra mudança quando se pensa que anteriormente eram necessários pelo menos dois anos de atendimento multidisciplinar.

Convém destacar que a ampliação da concepção sobre transexualidade e demandas de saúde, bem como sua inclusão no Sistema Único de Saúde (SUS), perpassaram as portarias citadas anteriormente como a formulação do Plano Nacional de Combate à Violência e à Discriminação de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis, de 2004, que prevê ações de promoção de direitos, cooperação internacional, segurança, educação, saúde e trabalho; a Carta dos Direitos de Usuários da Saúde, de 2006, que explicita o direito da pessoa ser identificada no SUS pelo nome que preferir; e o Plano de Enfrentamento da AIDS entre Gays, Homens que fazem Sexo com Homens (HSH) e Travestis, de 2007 (MONTEIRO *et al*, 2019, p. 1) que, cumulativamente, provocou uma mudança de perspectiva e humanização do olhar para as demandas de pessoas trans, inclusive no que se refere ao modo de concebê-las em termos discursivos por parte dos conselhos de saúde, políticas públicas e de inclusão descentradas apenas de questões relacionadas a DST/AIDS, prevenção e promoção de saúde com base nos princípios da universalidade, equidade e integralidade no SUS.

A consolidação de uma política Nacional de Saúde da População LGBT e o programa Brasil sem Homofobia (ÁRAN e CORRÊA, 2004; ARÁN, LIONÇO e MURTA, 2009; AMARAL, 2007; PREU e BRITO, 2019) são devidos também a movimentos organizados em prol da causa – Coletivo Nacional de Transexuais (2005), ativistas e trans ativistas, pesquisadores e teóricos, bem como mudança de perspectiva em termos jurídicos acerca da regulamentação da alteração de nome e sexo no registro civil – Provimento nº 73 de 28 de Junho de 2018, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) – e das entidades de saúde, a exemplo da Organização Mundial de Saúde (OMS) que, recentemente (2019), retirou a transexualidade do rol de transtornos mentais e passou a entendê-la como uma “incongruência de gênero” – sentimento de angústia vivenciado quando a identidade de uma pessoa entra em conflito com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2019) – e passou



a enquadrá-la na área da saúde sexual na CID 11, algo que representa mais um passo no processo de despatologização das identidades.

A retirada completa não ocorreu em função de haver um entendimento para alguns setores de que o diagnóstico médico é condição para que os atendimentos e intervenções cirúrgicas ocorram nos casos em que exista esse desejo. De acordo com Lale Say (2019, s.p), coordenadora do departamento de saúde reprodutiva e pesquisas da OMS, a alteração ocorreu em função de um “melhor entendimento de que isto não é realmente um problema de saúde mental”. A decisão reflete avanços críticos na ciência e na medicina. Para ela, “a reclassificação vai reduzir o estigma, ao mesmo tempo em que garantirá o acesso a intervenções de saúde necessárias” (SAY, 2019. s.p). No DSM V, o termo “Transtorno de Identidade de Gênero” “foi substituído por “Disforia de Gênero”. Os critérios para o diagnóstico são praticamente os mesmos, mas a mudança de nomenclatura indica respeito à diversidade de identidades de gênero por não “patologizar” a experiência”. Da mesma forma, “a APA entende que o novo termo é mais descritivo que o anterior, sem que a falta de diagnóstico impeça o acesso aos serviços de saúde. Contudo, o pressuposto do problema mental permanece, já que a categoria permanece no Manual” (HEILBORN; DWYER, 2018, p. 211-212). Ainda sobre a temática da despatologização, Márcia Áran e colaboradores, 2009, destacam a importância de

deslocar a manifestação social da transexualidade da necessidade de traduzi-la imediatamente numa patologia, numa estrutura ou num modo de funcionamento específico, o que nos permitiria escapar da sua psiquiatrização. A experiência transexual, neste sentido, comportaria várias formas singulares de subjetivação (...) além disso, discute-se também que não existe um processo específico de construção das identidades de gênero nos transexuais e desta forma não se deve esperar de transexuais um comportamento fixo, rígido, adequado às normas de feminilidade ou de masculinidade (ÁRAN *et al.*, 2009, p. 1145).

No que se refere aos serviços ofertados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), as demandas de saúde da população trans foram incorporadas em 18 de agosto de 2008, quando o Ministério da Saúde lançou a Portaria nº 1 707, instituindo o “Processo Transexualizador”<sup>7</sup> neste sistema. A partir daí não só a orientação sexual como a identidade de gênero foram consideradas imprescindíveis à saúde das pessoas, não apenas em função das singularidades que diz sobre novos modos de vivências, “mas inclusive pelo fato de que a população LGBT,

---

<sup>7</sup> O termo foi colocado entre aspas por respeito às pessoas que são trans e entendem que não necessitam passar por tal processo para serem reconhecidas como tal.

por não estar em conformidade com as normas sociais, ser alvo frequente de estigma, discriminação e exclusão social, o que acaba por violar os direitos humanos desses sujeitos” (PREU e BRITO, 2019, p 102). Convém destacar que o “Processo Transexualizador” do SUS foi instituído com base na Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) e, apesar de tais iniciativas, a população trans é a que mais encontra dificuldades para acessar os serviços de saúde, desde a Atenção Básica até os serviços de alta complexidade. A partir de revisão integrativa, Rocon e colaboradores (2020) apontam discriminação nos serviços e equipamentos de saúde; patologização das identidades; acolhimento inadequado; falta de qualificação dos profissionais e ausência de políticas de Atenção Básica como processos que dificultam o acesso e/ou permanência de pessoas trans nesses serviços, além de ampliarem as filas e tempo de acesso às cirurgias, uma vez que os atendimentos na Atenção Básica e preparação frente a este público são quase nulas mesmo com as portarias do Ministério da Saúde que visam ampliar o “processo transexualizador” do SUS perpassando pela Atenção Básica.

Ainda sobre esta problemática, Monteiro e colaboradores apontam que

No campo da saúde, a vulnerabilidade de travestis e transexuais pode ser exemplificada pelos alarmantes índices de violência e assassinatos sofridos, pelos agravos relativos à saúde mental (p.ex.: depressão, tentativa de suicídio) e pela alta prevalência do HIV. Ademais, o estigma e a discriminação sexual têm sido apontados como importantes obstáculos ao acesso desse segmento social aos serviços de prevenção e cuidado. Em função de tais problemas, a agenda de direitos de cidadania para esse segmento social inclui ainda demandas por uma atenção integral em saúde e acesso aos serviços livre de discriminação. Essas reivindicações vêm sendo construídas paralelamente aos esforços por consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) e evocam debates acerca das implicações das desigualdades sociais no cuidado em saúde (MONTEIRO *et al.*, 2019, p. 1).

Outro ponto destacado pelos autores supracitados que se configuram como processos que ameaçam os princípios de equidade e justiça social e o atendimento integral da população trans é “o subfinanciamento do SUS que impede a sua efetivação como política nacional de saúde, a resistência de setores sociais conservadores e suas cruzadas morais contra os direitos sexuais e reprodutivos” (MONTEIRO *et al.*, 2019, p. 2). A Atenção Básica também aparece na lista de dificuldades encontradas para acesso e/ou permanência da população trans nos espaços de saúde. Importa destacar que “a Atenção Básica (AB) ou Atenção Primária a Saúde (APS) é a base organizadora e a porta de entrada prioritária dentro da Rede de Atenção à Saúde (RAS) no país, cenário ideal para o cuidado continuado, longitudinal e coordenado dos indivíduos” (PEREIRA e CHAZAN, 2019, p. 3). Neste sentido, a AB é, em muitos casos, a

primeira via de acesso de muitas pessoas trans aos serviços de saúde que possam contemplar suas demandas (endocrinologistas, psicólogos etc), sobretudo, em cidades interioranas como Vitória da Conquista, onde os ambulatórios regulamentados e habilitados para atendimento a esse público não se fazem presentes, convém refletir como está sendo este acolhimento, bem como a preparação dos profissionais frente a esta demanda.

Em revisão integrativa que considera os últimos dez anos – 2009/2019 – Pereira e Chazan (2019) indicam que embora tenha obtido quantidade de estudos considerável acerca da população trans, sobre atenção primária à saúde, poucos trabalhos foram identificados. A maioria das produções científicas tematizando a população trans tem como foco os processos cirúrgicos pelo SUS “ou a vulnerabilidade ao HIV/SIDA, limitando os conceitos de “acesso” e “saúde” da população trans somente a esses aspectos, negligenciando o cuidado integral preconizado pelas diretrizes do SUS e políticas públicas de cuidados a população trans”. Em seus resultados, percebe-se que entre as limitações para o acesso aos serviços destacam-se “a baixa acessibilidade, sistema fragmentado, focalizado e não integral, ausência de equidade e acolhimento, ausência de descentralização e regionalização da atenção” (PEREIRA e CHAZAN, 2019, p. 7). Outros pontos a serem destacados nos resultados de pesquisa desses autores são:

a) Passam por situações constrangedoras e muitas vezes tem acesso negado; b) Impossibilidade de poder escolher onde ser atendida. - Travestis relatam medo de serem maltratadas nos serviços de saúde, o que favorece a não utilização; c) O acolhimento em locais onde há mais profissionais LGBT aparenta ser mais adequado; d) A não observação do nome social causa um grande desconforto nas pessoas, e também na travesti; e) Pode haver automedicação devido medo de constrangimentos no acolhimento; f) É comum por parte dos profissionais de saúde associarem a imagem da travesti à infecção por HIV; A violência simbólica que sofrem no sistema de saúde nem sempre é percebida como tal; g) Pessoas trans relatam preconceito no acolhimento e mau atendimento por parte dos profissionais. A capacidade dos profissionais de saúde em lidar com temas que envolvam a transexualidade é vital para o acesso e uso apropriados dos serviços de saúde. h) Pessoas trans têm a probabilidade aproximadamente três vezes maior que pessoas cis de viajar mais de uma hora para uma consulta de atenção primária. 10% delas frequentam clínicas específicas para LGBTs (PEREIRA e CHAZAN, 2019, p. 8).

No “Manual de acolhimento de Travestis e Transexuais (TT) à Atenção Primária à Saúde (APS)” resultante de uma pesquisa de mestrado profissional realizada pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP) com a população TT na região central de São Paulo, a partir de entrevista com vinte usuários TT, onde investigavam sobre os motivos pelos quais estes usavam ou deixavam de usar suas Unidades Básicas de Saúde (UBS), foram encontrados os seguintes motivos de afastamentos: 1) implicações da transfobia no acesso do serviço de saúde; 2) paradigmas heteronormativo e de gênero como equivalência

de sexo na APS; 3) pouca oferta do cartão do SUS com nome social e não uso do nome social; 4) falta de uma escuta qualificada / comunicação não responsiva; 5) falta de educação permanente: desconhecimento dos fluxos e conceitos da rede da pessoa trans e 6) transfobia nos serviços da APS (MAGALHÃES, 2018).

A Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), Portaria nº 2 836, de 1º de dezembro de 2011 do Ministério da Saúde, garante às pessoas trans o direito à saúde integral, humanizada e de qualidade no Sistema Único de Saúde (SUS), tanto na rede de atenção básica como nos serviços especializados. No entanto, “a ampliação do acesso a essa população aos serviços de saúde do SUS passa pelo respeito ao nome social e pelo enfrentamento à discriminação por orientação sexual e identidade de gênero” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011, p. 3) e a incorporação de tais prerrogativas se faz urgente e necessária quando se pensa na construção e fornecimento integral e humanitário dos atendimentos a este público.

#### 2.2.3.1 Cirurgias, terapia hormonal e serviços de saúde

Posicionar-se em serviços de saúde na qualidade de pessoa trans pode ser um desafio tendo em vista toda discussão supracitada trazida por este eixo. Desta forma, foi questionado às entrevistadas se elas já haviam feito uso de espaços de saúde a partir de suas identidades e com demandas neste âmbito. Sobre isso, Milena afirma:

*(Milena) Não. Nunca. Relacionado a uma demanda enquanto pessoa trans não. Recentemente eu respondi a uma pesquisa em relação a como é esse percurso que as pessoas trans estão fazendo no serviço de saúde aqui de Conquista. É de uma menina lá da UFBA. E aí é justamente sobre isso, por exemplo, eu não faço utilização de serviço público, pelo menos recentemente eu não fiz, né? A última vez que eu fiz foi particular, por causa dos meus pais eu sempre fiz particular a vida toda. Só que, por exemplo, eu tenho sofrido muita resistência em lugares, qualquer que for, por exemplo, de adoecimento mesmo, tô com uma resistência em também de ir em lugares particulares por conta desse desejo de autonomia dos meus pais. De querer me distanciar mais disso. E, no geral, tanto na questão de saúde ou qualquer outro espaço eu tenho sido muito mais resistente atualmente por causa dessa questão de gênero... Eu tenho estado realmente incomodada. Por exemplo, esses dias eu deixei de fazer um curso de libras que é uma coisa que eu quero muito aprender, porque eu fico*

*pensando em como seria essa... Toda atenção e tal e eu tô pautando isso porque antigamente eu não sentia esse incômodo, tão forte, né? Mas hoje em dia o meu desgaste tá tão grande que eu não consigo mais, por exemplo, ir a esses lugares. Eu tô sofrendo por umas coisas na UFBA porque... Eu não tô conseguindo ir a esses lugares que sejam já conhecidos justamente pra evitar esses constrangimentos e situações novas. Acabou que eu fui longe, mas dentro dessa questão de saúde acaba surgindo isso porque ainda que eu não faça utilização de serviços de saúde para essa questão trans, eu fico pensando também... Pensar na possibilidade de ir, eu já tenho uma certa resistência. Qualquer lugar novo atualmente tá me dando, me gerando resistências. Situações novas em que eu tenho que ficar educando as pessoas. Acho que eu tô cansada de ficar educando as pessoas sobre minha identidade.*

Além do desejo de autonomia em relação aos pais e, conseqüentemente, o pouco uso de serviços de saúde via particular em função disso, Milena revela não frequentar tais serviços a partir deste tipo de demanda por motivos de constrangimentos e do cansaço em ter que educar as pessoas – incluindo as dos serviços de saúde – sobre a sua condição. Ela, inclusive, percebe-se em um movimento de distanciamento dos demais espaços e resistências em transitar neles pelo mesmo motivo, algo muito comum na experiência trans com espaços de sociabilidade e espaços de saúde. Isso diz sobre atos de violência que atravessam a nossa rotina ditando onde somos – ou não – bem vindas/os/es e acolhidas/os/es. Diz também sobre como os serviços de saúde não têm sido preparados para lidar com nossos corpos e necessidades. Diz sobre uma precarização de vidas no próprio serviço de saúde, uma vez que pessoas trans não se sentem confortáveis em transitar por espaços tão importantes como estes.

Bianca, por sua vez, reflete de forma parecida sobre essa questão ao deixar de falar sobre sua identidade nestes espaços aparentemente por cansaço em ter que, também, ficar educando as pessoas. De acordo com ela:

*(Bianca) Não. Não passei ainda por isso não. No privado teve só a terapia. E agora eu tô tendo lá com M. Mas só. Nos outros eu sempre... Por tá com o documento com... Que tem o gênero, que tem o nome e tem o corpo, eu nem me dou o trabalho, sabe? Deixa aí mesmo, vai ser uma horinha aqui, vai ser rápido.*

Outro aspecto presente nas narrativas das entrevistadas foi em relação ao desejo ou falta do mesmo no que tange a procedimentos cirúrgicos, terapia hormonal etc. Foi interessante notar que esse processo foi muito singular a suas próprias concepções e necessidades, não se

circunscrevendo a uma ideia associada ao ser trans e a “obrigação” ritualística a desejar alterar seus corpos.

*(Milena)- A cirurgia, que atualmente tem sido... Eu tenho refletido mais, antigamente eu quase não refletia sobre, embora eu apresente também uma disforia em relação à minha genitália. Só que eu nunca, nunca, pensava, não tinha essa confabulação na minha cabeça de fazer uma cirurgia, sabe? Ainda mais quando eu comecei a conhecer as consequências fisiológicas disso, em alguns casos específicos, e não é uma coisa que eu tinha pra mim, só que com algumas experiências que eu tive, principalmente esse ano, eu fui percebendo que... Provavelmente... Não é que eu vou ter... Eu tenho pensado muito. É que parece que, ao longo da vida, eu ignorei muitas coisas. E que agora elas estão sendo literalmente reveladas pra mim. Então assim, até mesmo por segurança, coisas que foram reprimidas, e esse desejo de... Da cirurgia, parece que ele tá sendo reprimido. Acho que é até mesmo pra eu não ter que pensar nisso agora e sofrer a dor disso agora. Entende? Eu acho que é uma coisa muito... É um processo analítico de perceber o que que tá acontecendo. Mas eu vejo muito isso. Parece que eu não fui ensinada a como dar sentido às coisas que eu vivencio. Isso tem muita lógica porque nas queixas que eu tenho é justamente de ter sido, eu meio que vou deixando de lado, porque as pessoas da minha casa, minha família, meus pais, eles não sabiam como lidar com uma criança como eu. Ou seja, eu fui deixada de lado pra desvendar a vida sozinha. É tanto que isso envolve um monte de demanda minha, por exemplo, eu tenho muita resistência em deixar que as pessoas cuidem de mim etc. Eu sempre cuidei muito de mim mesma, então pra mim está sendo revelado agora a forma como eu estou aprendendo a dar sentido as coisas e esse desejo da cirurgia que faz parte dessa percepção de ser trans, ele tem sido muito mais recorrente agora do que anteriormente, e aí eu fico considerando duas possibilidades: será que eu estou aprendendo isso agora ou será que isso era, na verdade, reprimido, sabe? Será que faz parte desse acesso a essa ideia do que é ser trans ou era algo que eu ignorava? E pra mim, parece muito mais algo que eu ignorava porque eu via sinais antes, mas eram sinais que realmente passavam batidos por segurança mesmo, sabe? Porque o incômodo ele sempre existiu, agora confabular sobre a cirurgia era uma outra história. Sempre foi muito pautado o desconforto com a minha genitália, isso sempre foi claro pra mim. Acho que dentro dessa digressão terrível, é... Acho que sim... Existe, existe sim, o desejo em relação a isso, mas hoje em dia, a percepção é de que não é só isso também.*

Em complemento, Milena pondera que este desejo por cirurgia e demais procedimentos tem muita relação com o incômodo que seu corpo vem lhe trazendo atualmente em função das mudanças com a idade e todo sofrimento que advém com tais alterações. Ela reitera que em

nada se assemelha a um ideal de feminilidade e salienta que a experiência de gênero para si é fluida e diversa. Sua necessidade, portanto, parte de algo processual imbricado às mudanças que seu percurso geracional tem provocado em seu corpo, rompendo a lógica de senso comum que tende a associar automaticamente as necessidades hormonais e cirúrgicas às transgeneridades.

*(Milena) É isso. Eu posso só sinalizar que pra mim tem sido também uma demanda muito grande. Por mais que eu tenha essa concepção mais lógica da coisa, de tipo: “agora não porque eu não posso”, o desejo ele tá cada dia mais intenso, principalmente pelas mudanças corporais mesmo. Por exemplo, eu sinto que conforme vai avançando de idade, algumas características masculinas, elas vão ficando mais densas. Por exemplo, a minha barba mesmo é uma coisa que já é incômodo, eu tenho a impressão de que ela não tá ficando mais... Eu não tô conseguindo tirar ela da mesma forma que eu tirava antigamente porque ela tá ficando mais marcada. Pela questão hormonal mesmo da idade. Então isso tem gerado muito incômodo em mim. Esse processo de disforia que a gente sente, né? Isso tem sido terrível pra mim então, às vezes eu fico, tipo, pensando já na clandestinidade, né? Não em me hormonizar, mas, por exemplo, ao menos tomar bloqueadores hormonais, que, justamente, para um pouco desse processo, né? E até mesmo evitar, por exemplo, os receptores de hormônios femininos se desgastam por causa do excesso do hormônio masculino, só que aí eu fico nesse processo de tipo, clandestinidade, e aí eu fico “ah, eu tenho que ir atrás de um endócrino só que eu não tenho dinheiro pra comprar hormônio” aí eu fico naquela coisa, tipo, respira. Mas ainda assim, é uma coisa que tá sendo muito atualmente. Eu tenho pensado muito, o desejo tá muito grande e não é só um desejo... Eu não sei bem como contar isso. É algo muito mais pautado no que tá doendo na carne agora, sabe? Não é um ideal de eu quero em tornar uma mulher assim, assim, mas eu quero me pautar no que tá acontecendo aqui, agora, em algum sentido.*

*(...) Acho que antigamente, anteriormente, isso pra mim soava mais como uma escolha do tipo “ah, eu não quero mesmo”, sabe? Mas atualmente eu não tinha isso claro, mas como as pessoas me perguntavam isso, eu falava “não sei, é aleatório”, só que não era tão aleatório assim, né? Não é tão aleatório assim. Eu fui perceber, na verdade. Tanto que às vezes, acho que essa identificação primária com a não-binariedade é justamente desse processo de ir se revelando aos poucos, o seu desejo na medida do possível e do suportável. Acho que é o suportável a palavra certa, sabe? O quanto do suportável é lidar com esse desejo. No que é agora. Então eu acho que é muito mais disso, sabe? Me perceber mulher também foi um pouco disso. Embora eu não goste de pensar através disso porque tem um discurso*

*de que pessoas não binárias, elas são... É igual aquela ideia de que pessoas bissexuais, elas só estão bissexuais durante um tempo pra não se assumir gay ou lésbica, né? Então eu acho que falar um pouco sobre isso pode ser um pouco problemático justamente porque, eu meio que sugiro que eu só fui uma pessoa trans não-binária, eu só me identificava assim porque eu ainda não teria me identificado enquanto mulher trans e assumido isso. Só que eu penso gênero enquanto algo flexível, né? Enquanto algo que flui, então pra mim é muito mais sobre isso. Sobre como eu estava fluindo entre gênero e que não necessariamente me pautar enquanto mulher trans agora, quer dizer que eu vou ser mulher trans pra sempre. Vai que acontece que lá já cirurgiada “ah, agora eu sou um homem trans” (risos). Ia ser bem louco.*

Bianca, por sua vez, revela seu processo de busca pela terapia hormonal após decidir passar pelos procedimentos.

*(Bianca) Isso é que tá. Por um momento da minha vida eu falei que não, mas agora eu estou super convencida de que vou. Eu vou experimentar essa história aí... Então agora eu vou começar. Eu conversei com... A questão da terapia, eu conversei com L... L que tá lá no grupo também [grupo do whats app composto por pessoas trans de Conquista]... É... E ele falou de M. [Psicóloga]. Já sabia de M. ali, mas ficava meio cismada, aí “não, vai lá conversar com ela”. Eu fiquei mais nessa cisma porque, por não conhecer, eu fiquei cismada ali, quietinha, só olhando de longe... Não sei... Mas aí fui. Fui lá, conversei com ela... E também por receio também, porque eu já cheguei em alguns outros ambientes em que me identifiquei enquanto mulher trans e foi estranho assim, foi bastante constrangedor. Mas lá não, foi bastante acolhedor, ela foi massa. E aí eu falei com L., ele me indicou a ela, ele já tinha falado de J. [endocrinologista], já tinha entrado em contato com a secretária de J. E eu busquei outras pessoas que já tinham feito com J., pra saber mesmo se ele tava ligado nas histórias e aí as pessoas falaram muito bem dele. Não cheguei a ir lá ainda porque M. vai me ceder não sei o quê que ela falou lá. O laudo. Pelo menos não é um laudo psiquiátrico, né? Que eu conheço gente que precisa passar de lá no psiquiatra, horrível! Mas é um laudo, ainda é a mão da medicina sobre nossos corpos. Ela vai me passar isso pra eu ir lá conversar com ele e tal... E aí, eu tô nesse processo aí, vamo encarar quem sabe essa história da... Da hormonização aí.*

Ela revela alguns motivos pelos quais tal decisão ainda não havia ocorrido. Suas motivações se assemelham em certa medida aos motivos de Milena no que tange a entender as identidades de maneira fluida, suas identificações e admirações pela não binariedade por certo



tempo, a militância no rompimento da concepção engessada de feminilidade e a compreensão de que tais procedimentos advêm de um desejo e não em conjunto com a identidade feminina transgênero – além da explícita consciência, pontuada em outros momentos, de que os procedimentos cirúrgicos e/ou hormonais não resolvem a passabilidade, sendo que esta também não é uma finalidade para si.

*(Bianca) Eu tinha um outro motivo que eu coloquei na minha cabeça do que seria uma militância trans que correria num caminho oposto a de uma passabilidade cis e que daria uma militância quando eu pensava que eu não iria fazer isso, né? Que eu não iria passar pelo processo de hormonização, pensava “não”, eu não vou fazer isso porque querendo ou não eu concordo muito com as pessoas não binárias, com o queer, e a partir do momento que eu digo que eu sou uma mulher trans, mas meu corpo diz outra coisa, teoricamente eu caio no mesmo lugar, no mesmo lugar não, mas em um lugar parecido de pessoas não binárias, mesmo lugar de discussão. De que os corpos e os discursos são coisas que podem brincar entre si e aí eu pensava não, não vou fazer terapia hormonal porque isso é uma posição. E às vezes geram um desconforto nas pessoas que estão me vendo. As pessoas me chamam de ele, às vezes de ela, mas esse talvez possa ser o resultado esperado, então talvez isso seja legal. Seja legal que exista essa confusão porque o gênero é uma confusão. Você tensionar essa confusão seja uma coisa boa. Eu pensava isso até então. Continuo pensando porque eu acho que eu nunca vou ter passabilidade cis também obviamente. É... Só que isso também tinha um pouco de não ver o caminho, aí quando eu vi o caminho eu falei assim: “hum, acho que eu também vou experimentar isso aqui” (risos) Tô ainda num pouco dos dois, um pouco nos dois.*

#### 2.2.3.2 Acompanhamento psicológico

O Conselho Federal de Psicologia (CFP), a partir da resolução nº 01 de 29 de Janeiro de 2018 instituiu orientações acerca da prática profissional voltada para pessoas trans. De acordo com o CFP (2018; 2020, s.p.), a resolução nº 01/2018 orienta que “profissionais da Psicologia atuem na direção do enfrentamento da transfobia e demais preconceitos associados ao gênero, acolhendo pessoas trans e travestis de forma não patologizante”. Em acréscimo, soma-se a necessidade de que “psicólogas e psicólogos não favoreçam qualquer ação de preconceito e nem se omitam frente à discriminação de pessoas transexuais e travestis. Na prática, a nova norma complementa a Resolução 01/99” (CFP, 2018, 2020, s.p). Nesta logística, também

proíbe a utilização de “técnicas psicológicas para criar, manter ou reforçar preconceitos, estigmas, estereótipos ou discriminação e veda a colaboração com eventos ou serviços que contribuam para o desenvolvimento de culturas institucionais discriminatórias” e “está baseada em três pilares: transexualidades e travestilidades não são patologias; a transfobia precisa ser enfrentada; e as identidades de gênero são autodeclaratórias” (CFP, 2018, 2020, s.p).

O CFP tem promovido “estratégias diversificadas que incluem entrevistas, produção de vídeos, debates on-line e a elaboração de resoluções que buscam orientar o exercício profissional de sorte a garantir os direitos das pessoas trans” (CFP, 2020, sp). No site Despatologização das identidades trans e travestis (<https://despatologizacao.cfp.org.br>), existente desde 2015, é possível encontrar materiais para consulta e orientação como notícias, legislação, vídeos, publicações, livros e links para organizações relevantes nesse campo (CFP, 2020).

Tendo em vista a importância do tema saúde mental, bem como seus impactos nas vivências de mulheres trans e os serviços desta natureza oferecidos para este público, tal tópico se faz presente aqui. A partir das entrevistas, a ideia era entender qual a importância que as colaboradoras desta pesquisa percebiam nos atendimentos psicológicos voltados para suas demandas. De acordo com elas:

*(Milena) Acompanhamento psicológico eu fiz em um período muito denso da minha vida, porque assim, eu comecei a ter ideação suicida, a partir dos dezesseis anos de idade. Isso sempre foi muito recorrente pra mim e quando eu entrei no curso de psicologia, quando eu... Cada dia mais, me percebendo enquanto mulher no mundo e aí todas as coisas que implica em ser pessoa trans, aprender a identificar as violências que eu sofria, enfim... A vivência... E a pior parte é realmente essa. Passar a identificar, passar a saber o que eu queria e começar a perceber as possibilidades, pra chegar até isso então isso foi machucando cada vez mais. Esse processo de tipo... Veio associado à depressão, pensamento cada vez mais intenso, eu achava que quando passasse da metade do curso eu surtaria, me mataria. Literalmente foi quando eu cheguei no quinto semestre e isso ficou muito mais forte pra mim. E aí eu tive uma aula de psicanálise e era a única abordagem que eu ainda não tinha visto dentro do currículo da FTC, né, então, teve uma aula específica que pra mim fechou uma Gestalt, “Nossa, é muito isso”. Eu sempre tive essa... Tipo, em outras aulas sempre tinha essa coisa da dedicação com a psicologia, mas... Aquela coisa do... Realmente é isso, sabe? Foi um momento muito único assim, não que antes eu não tivesse, mas... Não sei, fechei uma*

*Gestalt mesmo. E aí eu percebi que, se eu quero isso, eu preciso lutar com a minha vida, pela minha vida pra ter isso, né? Pra me formar nisso. E era uma época que tava realmente muito crítica, eu tava passando por inúmeras coisas, não só em relação à identidade de gênero, mas relações, relacionamentos enfim... Me apaixonei, eu tava apaixonada por duas pessoas nessa época, bem louca (risos), e foi muito complexo o processo, aí foi que no final da aula eu falei “não, tenho que falar com alguém, né?”, aí eu fui. Isso tinha sido pontuado por inúmeros professores antes porque, por exemplo, no quarto semestre eu já tava apresentando sinais de depressão muito drásticos. Teve uma aula mesmo que a professora ficou muda porque... Ela não conseguia reagir. Porque durante a aula eu tive uma explosão. Super... Eu tava muito irritada nessa época. E aí eu tava de irritabilidade muito grande assim, sabe? Foi de uma explosão e uma agressividade enorme. E ela ficou, tipo, sem reação, e ela falou depois sobre... Que eu não era assim, tipo, nunca fui assim e ela não sabia o que fazer. E aí é tanto que ela pontuou “olha, vai procurar e tal” então os professores eles eram sempre muito atentos a isso, eles sabiam que tinha algo acontecendo. Aí eu fui conversar com essa professora e tal e ela perguntou: “Olha, se eu te atender você vai?” e eu falei, “vou”... E aí eu fui com ela a primeira sessão, entre a primeira sessão e a segunda, aconteceu uma coisa que tipo assim, mudou a minha vida de uma forma que ia mudar a perspectiva. Aí é uma mudança de perspectiva mesmo. Inclusive, a UFBA é até reflexo disso. E aí, uma pessoa extremamente deprimida na primeira sessão, com ideação suicida, na segunda já estava totalmente diferente. E houve um espaço de tempo, não foi, tipo, uma semana depois não, foi tipo, duas, três semanas, uma coisa assim... Então assim, foi muito distinto, sabe? Eu acabei continuando o processo, mas eu nunca fiquei indo semanalmente, isso era, foi muito raro. Às vezes eu ia uma semana atrás da outra durante duas semanas e depois parava. Eu sempre fui muito... É isso... Tem a resistência de deixar as outras pessoas cuidarem de mim, e é uma coisa que eu já sabia, só que, ao mesmo tempo, passava por esse processo de autoconhecimento, religiosa e espiritual também e que isso com o tempo foi me desgastando muito. Fora que eu também sempre fui uma pessoa que tá nesse processo de autoanálise. Como eu já citei aqui, eu sempre tive nesse cuidado de mim mesma desde pequena, então eu tive que saber o que tava acontecendo comigo. Isso acabou gerando, de certa forma, um conhecimento de mim mesma e uma possibilidade de autocuidado muito grande, então assim... Reconhecer o porquê que isso acontece, como acontece, comparar, isso sempre foi recorrente na minha vida. Acaba que, eu fui me autorregulando, muito, durante algum tempo e não precisava estar naquele espaço de análise o tempo todo, e eu ia sempre que eu sentia a necessidade ou tinha dinheiro pra ir. Então, a última vez que eu fui, eu fui já pautando que eu queria mudar, com a vontade de pautar que eu queria mudar de psicóloga. E aí, essa sessão acho que foi a melhor. A melhor sessão e eu acabei não pontuando isso. Só que houve uma atualização da minha demanda terapêutica que era uma coisa que ela sempre marcava as sessões e*

*nesse dia ela falou “não, vou deixar no seu controle agora, você marca a sessão” e até hoje eu não marquei. Eu não marquei, mas não quer dizer que eu não esteja querendo ir, eu não quero ir lá mesmo. Nela especialmente. Eu quero mudar, acho que o que a gente tinha pra explorar na nossa relação terapêutica, já aconteceu, eu sei que com ela não vai rolar mais, tipo, de entrega mesmo da aliança terapêutica, sabe? Tem aspectos que eu não quero explorar com ela, e acho que é isso. É esses aspectos que eu não consigo explorar com ela, eu quero explorar eles agora, então eu preciso de ir pra outra só que eu estou sem dinheiro, só que o serviço de psicologia não dá porque, pelo menos pra mim eu não me sinto confortável, têm pessoas conhecidas, eu conheço pessoas da FTC, daqui da UFBA agora, aí tem pessoas da UESB então assim... Ainda mais pelos percursos que eu faço, né? Então querendo ou não, de certa forma, as pessoas de psicologia elas me conhecem, agora também tem o conselho, eu faço, a gente que é estudante a gente se conhece, né? Ainda mais pelos percursos, então pra mim isso é um incômodo. E agora eu tô necessitando mesmo. Eu preciso de análise, eu preciso de análise. Mas agora eu tô sem dinheiro, tô embolada, e tá aí, né? (risos).*

O relato de Milena nos convida a pensar sobre a importância que o espaço terapêutico pode ter frente a nossos conflitos e angústias. Sua narrativa indica que demandas diversas atravessaram esta necessidade, superando, inclusive, questões envolvendo identidade de gênero. Entretanto, seu percurso acadêmico e profissional, bem como dificuldades financeiras para manter a terapia, impossibilitaram a continuidade do processo. Além disso, o espaço interiorano produz algumas implicações como sua dificuldade em encontrar um local onde se sinta resguardada pelo anonimato de sua identidade, uma vez que seu trânsito por diversas instituições – em função de sua formação em Psicologia – tem como consequência certo desconforto por não se sentir resguardada, em função das diversas pessoas que tem conhecido ao longo do percurso formativo e as poucas opções de baixo custo e/ou gratuitas que a cidade oferece no âmbito do acompanhamento psicológico.

Outro ponto importante é o fato de suas dificuldades terem sido percebidas e indicadas por outras pessoas como algo que necessitava de um cuidado. Em um momento delicado, perceber-se acolhida pode ser importante e o incentivo pode fazer diferença – as redes de cuidado podem ser preponderantes em determinadas circunstâncias, sobretudo em contextos que circundam violências diversas. O espaço terapêutico, bem como outros espaços e relações de cuidado, atuam como ferramentas que produzem deslocamentos funcionais frente aos diversos sofrimentos que tendem a nos espreitar. Percebe-se neste relato que, naquele

contexto, estar em acompanhamento foi uma saída importante para Milena lidar com suas dificuldades.

Bianca, por sua vez, faz a seguinte afirmação:

*(Bianca) Hoje, eh... Eu passei dois anos, dois anos atrás, né? Não dois anos... Dois anos atrás não. De agosto do ano passado pra trás eu passei por dois anos de acompanhamento psicológico. Foi muito bom, era uma terapeuta daqui de Vitória da Conquista que ela fez... Até hoje eu sou bastante grata a ela porque ela fez um preçozinho mais baixo e era o que eu conseguia pagar na época em que eu ganhava uma bolsa na UFBA, então era a minha bolsa na terapia. Então foi fundamental, assim... Pra tá podendo falar com tranquilidade essas coisas aqui é porque o processo já foi bastante assimilado, já pude entender bastante coisa, né? Pude comer esse tanto de coisa, esse tanto de informação. Foi fundamental. Fundamental inclusive por um processo, é... Muito interessante. Como eu passei muito tempo negando a minha transgeneridade, quando eu aceitei, ficou uma dúvida. Eu ficava “será que eu sou? Será que eu tô fazendo a escolha certa? Será que é isso mesmo?” E aí eu pude levar essa dúvida pra dentro da terapia, e quando eu levei a dúvida pra terapia, que eu vivo super bem com a dúvida e vejo que a dúvida é o tempero do negócio porque a única coisa que existe de certeza é a cisgeneridade e a cisgeneridade ela em si já não é certeza porque senão a gente não tava aqui, então não existe certeza, sabe? O que existe é a dúvida e se você... Se quer brincar com a dúvida ou não. E você vai gozar da dúvida ou não e se você quer viver na dúvida ou não. Porque viver na dúvida é interessante. No que se refere à transgeneridade, viver na dúvida não é fazer ou não fazer, mas é ser a dúvida em si. Quando você faz, você já é a dúvida pra quem te vê. Então eu entendi que esse processo de dúvida não necessariamente era de mim comigo mesma, era se as pessoas iriam pagar ou não, se iriam acreditar ou não em mim. Então quando eu passei por isso, um grande peso das minhas costas foi aliviado. Quando eu senti “isso que eu sou, e que eu quero ser” então a terapia é quem hoje... Que me segura até hoje. Hoje eu faço terapia em um outro lugar, que é na secretaria lá de Direitos Humanos daqui da cidade que é com... M. Só que com M. é um outro esquema. Eu já percebi assim, mas também eu só fui duas vezes em M. só. M. é um outro processo, assim... Não é uma terapia... M. é ótima, eu gosto muito de M. e eu acho interessante que seja assim hoje. Eh... Quando da última vez eu fui falar com M., ela tá muito... A gente conversou muito sobre processo hormonal, sobre essas coisas. Não é necessariamente uma terapia que você vai, ali uma terapia que você vai pra falar de tudo. É uma terapia que vem junto com orientação de saúde, que dialoga com J. [endocrinologista], então é algo que é um pouco diferente, mas é legal e que dá um suporte também, eu acho que é fundamental, é fundamental, é fundamental... E aí eh... Mas eu acho que uma coisa*

*muito interessante é se aproximar de outras pessoas trans, eu acho que... A terapia é fundamental? É. É incrível. É necessária. Mas outra coisa que é necessária é nas redes você se aproximar de pessoas trans, tem pessoas incríveis na... Eh... Ah, eu acompanho muita gente na internet. E essas pessoas que vão atrás dessas discussões na internet são muito interessantes. Tem muita pessoa legal e eu acho que é fundamental. Não só na internet como se aproximar também, eh... No cotidiano, né? Acho que isso tudo muda, muda tudo.*

Bianca destaca a importância que a terapia teve em seu processo de autoconhecimento e autoaceitação como pessoa trans. Ela percebe que a dúvida faz parte do processo e, ao desconstruir a necessidade de certezas, ela se liberta de amarras e angústias e se permite experimentar e brincar com estas questões. Aponta a importância de estabelecer vínculos e diálogos com outras pessoas trans como algo de suma importância no processo terapêutico e de conhecimento da causa.

Tal como preconizado pelo CFP a partir da resolução nº 01/18, os profissionais de Psicologia devem se instrumentalizar teoricamente sobre o tema e exercer a prática a partir da ótica da despatologização das identidades, atentas (os) aos efeitos da “violência e da transfobia sobre a saúde mental das pessoas trans”. Neste sentido, “entender os processos de precarização da vida associado a preconceitos” (CFP, 2018, s.p), desconstruir-se cotidianamente de concepções cisheteronormativas é de suma importância para exercer um serviço profissional compreensivo, empático e afinado com as prerrogativas e orientações vigentes no Conselho.

### 2.2.3.3 Políticas de saúde e ações afirmativas do município

Este subeixo se fez necessário na medida em que a realidade local em termos de possibilidades de assistência em saúde afeta diretamente as vivências das entrevistadas no que tange a suas necessidades enquanto mulheres trans. Importa destacar que a cidade de Vitória da Conquista possui, a partir do Gabinete Civil, a Coordenação de Políticas de Promoção da Cidadania e Direitos de LGBT, que desde a sua criação, em 2014, tem como prerrogativa a promoção de ações municipais “com foco no debate sobre a homofobia e o direito à livre orientação sexual e identidade de gênero”, bem como “formular e propor diretrizes e ações

governamentais para combate à discriminação e para a promoção e defesa dos direitos de LGBT” (GABINETE CIVIL - VITÓRIA DA CONQUISTA, 2017; 2019).

Outras informações divulgadas pelo Gabinete Civil (2017; 2018; 2019; 2020) dizem respeito ao fato de a cidade ser uma das poucas constituintes do interior baiano com uma coordenação municipal dedicada à população LGBT em sua estrutura governamental. Funcionando no Centro Integrado de Direitos Humanos,

A coordenação conta com uma equipe multidisciplinar, formada por técnicos e profissionais das áreas social, psicológica e jurídica. [...] Somente em 2018, cerca de 200 usuários receberam atendimento psicológico e mais de 120 foram beneficiados com orientações jurídicas, inclusive com acompanhamento do profissional de Direito à delegacia (GABINETE CIVIL, 2019, s.p).

Ainda de acordo com a matéria divulgada pelo Gabinete Civil (2019), a secretaria

realiza ainda eventos, a exemplo de oficinas, formações e capacitações com foco no debate sobre a homofobia e o direito à livre orientação sexual e identidade de gênero. [...] Entre os anos de 2017 e 2018, o somatório de todas as ações foi superior a 1.100, incluindo Paradas do Orgulho de Ser LGBT, conferências, audiências e atos públicos (GABINETE CIVIL, 2019, s.p).

Entre os parceiros da coordenação, é destaque “a subseção da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-Vitória da Conquista), a Defensoria Pública Estadual, a Polícia Militar, os órgãos de Justiça, a rede estadual de educação e municípios da região” (GABINETE CIVIL, 2018; 2020). “Além disso, é disponibilizada assistência na Unidade de Saúde João Melo, onde são realizados exames laboratoriais, consultas e USG, para auxílio no processo de transição” (GABINETE CIVIL, 2020). Outro aspecto destacado é o levantamento de dados nos 34 territórios de Vitória da Conquista – Projeto Mapa Falado – em parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, “que irá trazer ao conhecimento dos governos públicos o atual cenário do território, incluindo comunidades e distritos rurais, dentro da realidade das políticas de assistência social, seu alcance e sua eficiência” cuja participação da coordenação LGBT tem como objetivo “identificar as situações de vulnerabilidade desse público e as principais necessidades, dentro da assistência social” (GABINETE CIVIL, 2018).

Neste sentido, a proposta foi compreender como as entrevistadas percebem e se beneficiam das políticas de saúde e ações afirmativas do município.

De acordo com elas:

*(Milena) É isso... Existe um distanciamento, tipo, do que existe pra gente enquanto pessoa trans. Em relação... E é uma coisa que é uma crítica minha, crítica de outras pessoas também, inclusive mulheres trans, travestis que também me falaram isso. Por exemplo, um dos serviços que seriam responsáveis por nos orientar em relação a isso, a gente não tem acesso. Inclusive há até uma aversão a ele que é o... A coordenação de políticas públicas LGBT aqui da cidade. Não existe uma articulação, pelo menos eu não vejo, e eu não sei se é porque eu estou distante ou se realmente não existe porque a cidade, ela é pequena. Coisas que às vezes, a gente acabaria sabendo, mas não existe uma articulação pública assim de... Compreensão, de conscientização, do que fazer, pra onde ir, sabe? Não existe isso. E atualmente há até embates dele com algumas travestis, então, assim... Eu particularmente não conheço muito e acho isso muito engraçado. Porque eu tô inserida em ambientes de informação, por exemplo, eu tô na universidade, eu tô num instituto multidisciplinar de saúde, né? Eu tenho acesso a essas coisas e ainda assim eu também não sei pra onde ir, não sei o que fazer, quais os serviços que atendem pessoas trans. Eu não sei também, né? Às vezes eu fico pensando “nossa, eu sou preguiçosa porque internet tem aí pra isso, né?”. Eu não entendo o que acontece. Eu não sei, tipo, não tenho trauma de ir, não tem essa informação pra mim, sabe? Essa questão do... E eu fico, às vezes, pensando que é muito importante essa questão da politização das pessoas trans, e como, às vezes, esse desconhecimento também é reflexo dessa violência que a gente sofre. O não conhecimento de ter pra onde recorrer. E olha que eu já fiz alguns cursinhos em relação, uma vez eu iniciei um curso online do próprio SUS [o curso não foi oferecido pela cidade], pra atendimento a pessoas trans. Como é que funciona lá dentro. Só que eu não dei continuidade, não tenho noção, tipo, do que eu tenho que fazer se eu quiser, por exemplo, começar um tratamento no SUS. E acho que sim, é minha função enquanto cidadã procurar buscar saber também, mas, ao mesmo tempo, não existe, eu acho, essa articulação política, especialmente a parte que é responsável que é a coordenação de políticas públicas. Acho que também é um erro muito gritante. A gente é desassistido aqui. Falando isso, eu lembrei do meu supervisor, um dos, porque eu tenho dois supervisores, uma supervisora que fica aqui em Conquista, e um que fica em Salvador. Teve uma mostra de políticas públicas aqui, então o setor tava todinho aqui, o CREPOP, né? O CRP também veio quase todo pra cá, e aí a gente saiu de noite assim, ele falou bem assim “Pra onde eu vou aqui? Tipo se eu quiser, por exemplo, ir num bar, ou tipo, onde tenha pessoas trans e travestis”, eu falei “Meu amor, se você quiser ver alguma pessoa trans/travesti aqui você vai na avenida, na Rio-Bahia que é o único espaço que existe pra gente aqui nessa cidade” E ele ficou tipo, chocado. Porque ele é de Salvador. Salvador tem territórios pra ocupar, as pessoas trans, travestis. Aqui não. Então assim, não existe coisas voltadas pra gente*



*aqui. Recentemente, teve uma articulação e quem tava mais envolvidos eram os homens trans daqui. Eles fizeram um coletivo pra tentar um ambulatório aqui pra cidade, né? E aí tá nessa articulação, mas eu também não sei se deu certo, obviamente não deu porque seria anunciado, um ambulatório trans, né? Politicagem... Mas... Não sei como está a articulação, é isso.*

*(Bianca) Olha... É uma pergunta interessante. Porque... Olha... Por eu não saber muito bem das políticas de saúde voltadas pra gente, isso implica em duas coisas: a primeira de que elas não me alcançaram e isso já é um dado, né? Elas não me alcançaram. E a segunda também porque eu também não fui instruída a procurá-los ou também porque não existe também uma preparação política pra lidar com essas procuras, né? Por tá muito envolvida com o meio da música e com as questões voltadas a música eu acabo não, acabei por muito tempo não me envolvendo com as questões de políticas afirmativas aqui pra gente. Que é um erro da minha parte e que tem que ser corrigido, mas em contrapartida também isso não me alcança então cria essa dualidade. Eu tô conhecendo um pouco mais agora porque também até então eu me sentia meio que sozinha e o que eu sabia eram só dados negativos, dados de homicídio em Vitória da Conquista, e... Eu já tinha uma experiência num posto de saúde, na Unidade de Saúde da Família de Miro Cairo onde eu tive um... Eu fiz uma extensão lá e eu pude ver uma vez uma mulher trans lá sendo atendida e foi horrível. Aqui em Conquista. Foi horrível, foi horrível. Desde o momento da recepção até o momento da saída, o nome social dela não foi respeitado, eh... Foi assim um lugar de exclusão bastante pesado, assim. Eu não pude ver o processo todo porque eu tava em uma outra sala, fazendo uma categoria de prontuário, mas o que eu pude ver foi extremamente chocante, assim... Eu fiquei... Eu fiquei bastante sentida... E não fiz nada, o que é um erro também, mas eu... É algo que eu tenho que tomar vergonha na cara, mas eu vejo que tem pouco assim... Porque não é atingível e também porque vi pouca coisa.*

Nas duas narrativas é possível encontrar incongruência entre os dados disponíveis no site da Prefeitura sobre a coordenação de políticas LGBTQIA+, seus feitos e o modo como as entrevistadas se sentem contempladas. Elas atribuem essa ausência de acolhimento e desconhecimento das políticas do município em função de as ações não as terem alcançado. Como bem pontuaram e problematizaram isso implica que há, no mínimo, um sério problema no que tange à divulgação das ações, atividades da coordenação e ofertas de serviços de saúde na cidade voltadas para nós pessoas trans, bem como a falta de projetos de politização e conscientização de profissionais dos espaços de saúde e de pessoas trans acerca de seus direitos e serviços ofertados pela cidade neste âmbito e a propagação dos serviços, algo que

desfavorece o primeiro contato com tais profissionais e espaços. Cabe destacar que eu sabia sobre a oferta de assistência jurídica e psicológica e até fiz uso de tais assistências por um tempo depois de saber dos serviços a partir de relatos de alguns meninos do grupo de homens trans no *whats app*. No entanto, chamou-me atenção a possibilidade de atendimento na Unidade Básica de Saúde aqui do município, algo que até então é de desconhecimento geral – até onde sei – e isso se deve à falta de difusão deste serviço.

Outro aspecto muito importante é a denúncia de Milena sobre a falta de territórios para ocupar, se apropriar, transitar livremente aqui na cidade, algo diferente de Salvador, de acordo com ela. Isso também diz sobre a realidade interiorana e algumas implicações para pessoas trans, neste sentido. Quando ela aponta a avenida – Rio Bahia como é mais conhecida – ela indica a única possibilidade que parece possível e disponível para as pessoas trans no município: a zona de prostituição. Infelizmente, de fato único espaço legitimado por diversas pessoas cis para nossas existências. Uma representação social que insiste em perseguir nosso público<sup>8</sup>. Da mesma forma, quando Bianca relata que as únicas informações que lhe alcançavam diziam apenas sobre dados de homicídio/transfeminicídio na cidade de Vitória da Conquista, isso revela uma política de extermínio, uma realidade naturalizada na cidade. Desta forma, a cidade, a partir da coordenação de políticas LGBTQIA+ do município, necessita, aparentemente, ampliar as vias de divulgação de suas ações e serviços ofertados. Isso aproximará e beneficiará a comunidade trans e fortalecerá os vínculos e a saúde neste setor, possibilitando políticas de fomento à vida de pessoas trans e o fortalecimento de políticas públicas de saúde<sup>9</sup> afinadas aos princípios de universalidade e equidade tal como preconizadas desde a Constituição Federal de 1988. Sobre isso, Lucchese e Aguiar (2004, p. 3) afirmam que propostas afinadas a estes princípios possibilitarão a organização do SUS do território nacional “o acesso às ações e serviços (...) pelas diretrizes de **descentralização** da gestão, de **integralidade** do atendimento e de **participação da comunidade**” (grifos das autoras). Ainda de acordo com elas

---

<sup>8</sup> Esta nota de rodapé se justifica pelo fato de entendermos a importância de sinalizar que profissionais do sexo (cis e/ou trans) devem ter suas funções respeitadas e reconhecidas como qualquer outra atividade laboral. A crítica feita tem intuito, apenas, de confrontar as representações de senso comum acerca da população trans, em especial mulheres trans/travestis, que insistem em nos alocar apenas nesta função como se outras possibilidades não pudessem ser concretizadas e /ou permissíveis, provocando abjeções diversas nos trânsitos em outros espaços.

<sup>9</sup> De acordo com Lucchese e Aguiar (2004) as políticas públicas de saúde “integram o campo de ação social do Estado orientado para a melhoria das condições de saúde da população (...). Sua tarefa específica (...) consiste em organizar as funções públicas governamentais para a promoção, proteção e recuperação da saúde dos indivíduos e da coletividade” (p. 3).

As políticas públicas se materializam através da ação concreta de sujeitos sociais e de atividades institucionais que as realizam em cada contexto e condicionam seus resultados. Por isso, o acompanhamento dos processos pelos quais elas são implementadas e a avaliação de seu impacto sobre a situação existente devem ser permanentes. Assim, no contexto da realidade brasileira, cabe indagar: os cidadãos brasileiros têm acesso às ações e serviços de saúde necessários para a resolução de seus problemas, ou ainda existem restrições e barreiras importantes de acesso? As ações e serviços estão sendo planejados e programados de acordo com as necessidades de saúde da população e com as condições de saúde da realidade local? Os recursos que estão sendo mobilizados para o enfrentamento dos problemas de saúde, estão sendo mobilizados da forma mais adequada? Se estão, são suficientes? É possível identificar ganhos de equidade e qualidade no atendimento ao cidadão? A atuação setorial tem produzido impactos significativos na melhoria das condições de saúde da população e na qualidade do ambiente? (LUCCHESI e AGUIAR, 2004, p. 3-4).

Tais considerações tornam-se potencializadoras de uma assistência que inclua, de forma mais abrangente, os diversos povos e grupos – como a comunidade trans – possibilitando que as políticas tornem-se efetivas frente aos desafios que tendem a espreitar nosso grupo cotidianamente.

#### 2.2.4 Afetividades

As relações afetivo-sexuais fizeram-se presentes nas unidades de sentido apreendidas a partir das narrativas das entrevistadas. De fato, este assunto é muito emblemático nas vivências das pessoas trans, em especial mulheres trans e travestis, uma vez que estabelecer vínculos desta natureza implica, por parte das mesmas, bem como parceiras/es e/ou parceiros, a desconstrução e, por que não dizer, coragem de enfrentar toda uma estrutura que perverte, condena e deslegitima tais afetividades. Para tanto, neste tópico utilizo como recurso para análise das vivências das entrevistadas, materiais produzidos e publicados por mulheres trans e travestis na internet por meio de blogs e outros sites, além do diálogo com a literatura existente e as entrevistas cedidas pelas colaboradoras desta dissertação.

Historicamente, as afetividades de relacionamentos com pessoas trans foram patologizadas pelo saber médico-psiquiátrico através da criação de terminologias como “*folie à deux*” – o entendimento de que a legitimação da identidade de gênero por parte da parceira e/ou parceiro da pessoa trans é, na verdade, um “delírio compartilhado” – e, também, o termo “ginandromorfofilia” que parte do pressuposto de que o interesse de homens cis por mulheres trans seria, na verdade, um tipo de parafilia (SOARES *apud* BAGAGLI, 2017).

Tais concepções de cunho psicopatológico e transfóbico não se encerram aí. Diversas questões podem ser levantadas e problematizadas quando se reflete sobre afetividades trans. A exemplo, cito a importância de se questionar sobre a origem da recusa em legitimar estes afetos e desejos. Da mesma forma e, neste sentido, a urgência em procurar compreender quais fatores estruturam, reforçam e fomentam a marginalização e abjeção destas configurações afetivas? A que/quem serve a deslegitimação e repulsa pelo desejo em/por pessoas trans?

No caminho que nos conduz a algumas destas respostas é impossível não esbarrar na problemática do binarismo de gênero, que é imprescindível para entender como ocorrem as transfobias e as marginalizações dos afetos transviados à normatividade que estruturam as identidades e desejos afetivos. Da mesma forma, pautar as diversas experiências trans, sem perpassar pela estrutura cissexista é uma tarefa impossível. Estes conceitos, nesta estrada, nos conduzem aos silenciamentos e apagamentos destas formas de existências e afetividades: a heteronormatividade, introduzida nesta dissertação no primeiro capítulo, e a cisnormatividade e cissexismo que seguem operantes nas relações sociais. Cabral (2018) invoca Butler (1993) em suas reflexões para entender os enlaçamentos presentes entre estes marcadores. De acordo com ela, “tanto a heterossexualidade, como o cissexismo, têm como premissa o binarismo de gênero”. Tendo como referência a divisão das pessoas em duas classes: homens e mulheres (cis), “quaisquer corpos marcados fora desse binário são compreendidos como ininteligíveis frente àquilo que é considerado “humano”” (CABRAL, 2018, p. 3). Convém sinalizar que estes “corpos-homens e corpos-mulheres” (BENTO, 2012, p. 2657) que importam neste processo são cis e não trans.

Cabral ainda complementa sua reflexão indicando as implicações do cissexismo nas concepções de gênero e, por conseguinte, nas identidades trans. De acordo com ela:

O cissexismo pressupõe que essa divisão é algo imanente, escrita a ferro em nossos corpos desde o nascimento: pessoas com pênis *são e serão* necessariamente do sexo masculino; pessoas com vagina *são e serão* necessariamente do sexo feminino. Corpos que desviam dessa norma são, por conseguinte, considerados delirantes, desviantes: uma mulher trans é lida como “falsas mulheres”, homens trans como “falsos homens” – mas não como homens ou mulheres “de verdade”. Essa premissa de que somos *falsas mulheres* ou *falsos homens* marca uma posição social – desde a qual nossos corpos fronteiriços são desprovidos de humanidade, marcados como “perversos”, “patológicos”. Essa marca não se constrói a partir da orientação de nosso desejo (sentir atração por pessoas do mesmo sexo ou sexo oposto), mas se constrói sobre a vinculação entre nosso corpo e nossa identidade: nos afirmarmos enquanto mulheres, desde um corpo que nasceu com pênis – ou alguém se afirmar como homem, desde um corpo que nasceu com vagina. Essa marca expõe a população trans a todo tipo de violência, desde dentro da família (que, por vezes, nos expulsa de casa), naturalizando que nossas vidas se constroem desde uma posição de marginalidade social (CABRAL, 2018, p. 3).

Neste sentido, o cissexismo implica em uma maquinaria estruturada socialmente para impor uma norma – a cis – segundo a qual, as diversas alteridades e dissidências de gênero são convertidas em aberrações, anormalidades, existências superficiais, desprovidas de verdade. Portanto, um “*bug*” no sistema, um erro, um delírio, uma “*esquisitice*”, uma deformidade nas engrenagens normativas. A autora ainda pondera que

a identidade travesti e de mulheres trans costuma ser pensada como uma versão *hiperssexualizada* da identidade “gay”. Nos lêem como se fôssemos viados, mas *tão viados*, com tanto “fogo no rabo”, que precisamos nos utilizar de uma feminilidade falsa como um artifício exclusivamente para “enganar e seduzir homens. Isso parte de um pressuposta que lê nossa identidade como manifestação de uma sexualidade perversa, excessiva que não se contém – feminilidade essa que, heteronormativamente, precisa ter um homem como centro do desejo (CABRAL, 2018, p.7).

Ainda sobre as considerações supracitadas, Bento afirma que a ótica definidora de gênero

assenta-se em uma dicotomia entre sexo (natureza) versus gênero (cultura). Segundo essa visão, a cultura imprimiria no corpo inerte e diferenciado sexualmente pela natureza as marcas culturais. [Nesta perspectiva,] ao contrário, podemos analisar gênero como uma sofisticada tecnologia social heteronormativa, operacionalizada pelas instituições médicas, linguísticas, domésticas, escolares (BENTO, 2012, p. 2657)

que têm como objetivo principal a manutenção do *status quo* no que se refere à concepção e manutenção das identidades de gênero e sexualidades.

De acordo com esta estrutura no que tange a tais questões, “os gêneros inteligíveis obedecem a seguinte lógica: vagina-mulher-feminino *versus* pênis-homem- masculinidade. A heterossexualidade daria unidade às diferenças binárias entre os gêneros”. Neste sentido, “a complementaridade natural seria a prova inquestionável de que a humanidade é necessariamente heterossexual e que os gêneros só têm sentido quando relacionados às capacidades inerentes de cada corpo” (BENTO, 2012, p. 2657). Desta forma,

há uma amarração, uma costura, no sentido de que o corpo reflete o sexo, e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação. As performatividades de gênero que se articulam fora dessa amarração são postas às margens, analisadas como identidades transtornadas, anormais, psicóticas, aberrações da natureza, coisas esquisitas (BENTO, 2012, p. 2657).

Bento (2012) denuncia, portanto, o reducionismo de se pensar o corpo enquanto sinônimo da região genital. O fim e o começo das possibilidades do corpo, perspectiva que têm o sexo como imperativo máximo. Beatriz Bagagli, por sua vez, aponta a partir de outras referências, que ao pensar sobre heteronormatividade é preciso levar em consideração seu papel regulamentador tanto da sexualidade quanto da identidade de gênero, embora ambos sejam processos distintos e não devam ser confundidos. De acordo com ela:

é preciso compreender como tanto as normas de gênero quanto de sexualidade se imiscuem na forma de produção de normas e exclusões de maneira a não apagar as especificidades que concernem tanto as identidades de gênero contra-hegemônicas quanto às sexualidades contra-hegemônicas. Assim, podemos compreender em que medida gênero e sexualidade se interseccionam na produção de efeitos e significados sociais na mesma proporção em que reconhecemos suas especificidades enquanto campos distintos – sem sobrepor equivocadamente um sobre o outro, evitando o apagamento das questões que concernem propriamente às identidades de gênero inconformes à cisgeneridade hegemônica. (BAGAGLI, 2017, p. 140).

Vergueiro (2015, p.72), a partir de pesquisa autoetnográfica, tematiza sobre a questão das identidades inconformes frente aos processos coloniais presentes nas matrizes que se fundamentam em uma cultura cisgênero e heteronormativa no processo de reconhecimento das identidades de gênero. De acordo com ela, a cisgeneridade pode ser compreendida como “um conjunto de dispositivos de poder colonialista sobre as diversidades corporais e de gênero, sendo tais dispositivos atravessados por outras formas de inferiorização, marginalização e colonização interseccionais”. Neste sentido, impõe às corporalidades dissidentes uma coerência doutrinária que, em casos inviáveis de submissão, direciona-as a exclusões e marginalizações diversas. “Desta forma, há uma relação intrínseca entre a produção de coerências por esta matriz cisnormativa e a exclusão (constitutiva) das transgeneridades, relação esta que produz efeitos de abjeção e subalternidade sobre as identidades ininteligíveis”. Bagagli comenta que Vergueiro, ao dialogar com Butler, nos permite compreender “como a cisnormatividade e heteronormatividade se sustentam mutuamente em seus efeitos nas produções das identidades inteligíveis nos campos, respectivamente, da identidade de gênero e orientação sexual” (BAGAGLI, 2017, p. 146).

Neste sentido, a partir das reflexões supracitadas neste sub-eixo, a proposta é discutir, dentre outros pontos levantados pelas entrevistadas, sobre como tem sido estabelecido relações com mulheres “cujos corpos são incapazes de sustentar uma verdade quanto aos seus gêneros?”. Neste mesmo raciocínio, “como é pensada a sexualidade dos sujeitos cujos corpos são ininteligíveis segundo as normas de cisgeneridade e como é pensada a sexualidade dos

sujeitos que se atraem por eles?” (BAGAGLI, 2017, p. 139) Como as entrevistadas concebem suas relações afetivo-sexuais, seus corpos e desejos? Em termos de intensidades, qual a qualidade estabelecida nos relacionamentos com elas?

#### 2.2.4.1 Corpo, sexualidade e identidade de gênero

As relações afetivo-sexuais fazem parte das experiências que foram compartilhadas pelas entrevistadas ao longo de suas narrativas. Este tema é de fundamental importância para compreender as dinâmicas estabelecidas com elas no que tange a intersecção de suas identidades de gênero, sexualidade, desejos, bem como as relações estabelecidas com seus corpos seja por parte delas es/us ou de terceiras/os/es. Milena e Bianca, a partir de suas vivências, ampliam as possibilidades de compreensão dessas articulações em suas relações, revelando os impactos em termos afetivos e subjetivos destes processos em suas vidas. Inicialmente, elas comentam sobre o início de suas experiências e as primeiras repercussões e reflexões destas relações e suas performances corporais neste sentido.

*(Milena) A afetividade, ela tem sido uma questão problemática, né? Quando eu falo, por exemplo, de experiências com sexo, eu perdi minha virgindade quando eu tinha dezessete anos. Quando eu perdi eu ainda não compreendia essa identidade de ser trans. Engraçado que eu só consegui perder a... Ficar confortável ao ponto de tirar minha roupa quando eu falei pro cara que tipo... Eu desconfiava que eu era uma pessoa trans. Antes disso, eu estava extremamente travada. Ele só de cueca e eu, tipo, extremamente travada, com roupa e não conseguindo tirar. Naquela época eu não compreendia direito, tipo, não... Não sabia ainda dividir aquele dilema ali. Aquela dúvida, se, por exemplo, eu era uma mulher trans ou um homem gay ou uma pessoa assexuada. E aí tinha essa confusão na minha cabeça e nessa época eu não compreendia muito bem, mas eu sabia que existia essa possibilidade e eu pontuei. Quando eu pontuei pra ele que eu poderia, né? Que eu considerava, tava desconfiada que eu era uma mulher trans, foi quando eu consegui respirar, relaxar mais e acabou rolando, mas foi extremamente assim... Eu fiquei extremamente anestesiada, sabe? Como se eu tivesse me desligado ali, e as outras experiências, depois disso eu tentei ter relações sexuais com outros caras, todas elas foram casuais, tipo pessoas desconhecidas, ou seja, um comportamento de risco altíssimo, porque eu também não tinha outras formas de afetividade. Não tinha como ter outras formas de afetividade. Porque mesmo que naquela época eu não me identificava enquanto mulher e nem, tipo... Expandir esse comportamento*

*feminino, eu já era muito afeminada. Então assim... Até a afetividade para um homem gay afeminado é muito... É uma questão que perpassa por outras discussões, mas dá pra relacionar porque, o feminino na sociedade já é totalmente abjeto. E quanto mais afeminada é a pessoa, mas suscetível ela tá a sofrer violências. Então assim, especialmente se ela não era prevista pra ter aquela... Socialmente ela não é lida pra ter aquilo.*

Milena aponta a necessidade de ter comentado sobre sua identidade para sentir conforto e espontaneidade em sua primeira relação. No entanto, ela complementa refletindo que teve dificuldade em estabelecer relacionamentos concretos e satisfatórios em função de sua feminilidade ter sido tratada de forma abjeta pelos parceiros, além de seu corpo não ser reconhecido em certa medida. Bento reflete sobre a materialidade do corpo. Em sua perspectiva, esta “deve ser analisada como efeito de um poder e o sexo não é aquilo que alguém tem ou uma descrição estática. O sexo é uma das normas pelas quais o “alguém” se torna viável, que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade”. Nesse sentido, “há uma amarração, uma costura, ditada pelas normas, no sentido de que o corpo reflete o sexo, e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação” (BENTO, 2012, p. 2657), desta forma, corpos e performatividades que contradigam as normas que enlaçam tais concepções são deslocados para o campo da abjeção e da deslegitimação, como na experiência relatada por Milena.

Sobre este aspecto de sua vivência, ela ainda complementa:

*(Milena) Eu sou libriana, então libriano tem crush, cada metro um libriano tem um crush, e eu era muito disso. Ter paixonitezinhas, ter uns crushzinhos enormes. É que eu sou uma pessoa tipo assim... Eu gosto muito das pessoas, eu me dou pra elas, e sou de boa com isso. E isso não necessariamente impõe, eu não sofro muito com, por exemplo, ao menos não atualmente. Antigamente eu sofria, mas hoje em dia eu sou mais de boa com essa minha forma de sentir as coisas, sabe? Gostar muito das pessoas, mas não necessariamente exigir que elas gostem de mim, ou gostem na mesma medida porque isso é meu, sabe? Isso é uma demanda minha, isso é algo que é a minha forma de sentir, e que, não necessariamente eu tenho relação com a forma como ela tem que sentir em relação a mim. Enfim, outras questões, de afetividade. Mas é isso, só, assim, eu sempre fui muito de ter crushszinhos, ver um boy bonito na rua já imaginar uma história muito grande, até mesmo por causa disso mesmo, não tenho relações assim, nunca tive relações em que eu pudesse, eh... Ter esse ideal, porque quando eu era criança, eu lia muito conto de fada, então pra mim isso ficava na cabeça, aquela coisa do relacionamento, né? Eu*



*lembro que quando eu tava no início da adolescência, ficava confabulando um futuro, eu sempre imaginava... Ó que curioso, nessa época eu nem sabia o que era pessoa trans, eu sempre imaginava tipo assim... Casada, com marido, casada mesmo, tipo, mulher e tipo, dois filhos correndo e que esses dois filhos, não que eu, tipo, imaginava, mas o sentido era que eles eram meus filhos biológicos, ou seja, tinham nascido da minha barriga. Nessa época, eu nem tinha ideia do que era mulher trans, eu nem pensava, só que quando eu pensava no futuro, no desejo, existia isso, existia... Eu era casada com um homem negro e tinha dois filhos biológicos nascidos da minha barriga. Através dessa experiência que, por exemplo, eu sentia, gerava um sofrimento. Eu lembro que imediatamente depois de pensar sobre isso, já gerava um sofrimento porque eu percebia que eu não podia engravidar. E aí quando eu penso hoje em dia, eu acho que foi a partir dessas experiências foi que eu fui percebendo, sabe? Que eu, o meu corpo... Acho que eu aprendi daí, tipo, os incômodos com o meu corpo foram crescendo muito mais. Que aí sim, eu fui percebendo que eu não tinha o incômodo com o meu corpo, eu tinha, mas, não tinha tanto. Não era uma coisa tipo assim, ah, como pessoa trans, desde pequena eu tinha e queria cortar e tal... Eu não tinha isso. Não lembro, não consigo me lembrar de nenhuma experiência assim. Mas foi, especificamente na adolescência que isso foi um problema pra mim. Acho que tudo pra mim não era claro, né? Por mais que eu era pautada enquanto homem, eu não me via homem, e todas as características masculinas começaram a surgir, como, por exemplo, minha voz engrossou, barba começou a nascer, o formato do pênis e o tamanho muda, então isso tudo começou a ser pautado pra mim, os incômodos foram tipo “nossa, tá acontecendo mudanças”. E agora? Entende? E tipo... Meu Deus como eu entrei nisso? Risos. A gente tava falando de afetividade. Tipo, eu nunca tive a oportunidade de ter uma relação do jeito que eu sempre quis. Até essa forma como eu quis foi mudando... Amadurecimento mesmo, né? Conto de fadas não existe né? Vamos ser sinceros. Mas... Essas experiências, né?*

Esse relato de Milena é interessante para se pensar nas articulações entre desejo e identidade de gênero, infância e a manifestação de necessidades e construções subjetivas a partir do simbólico que as fantasias fornecem. Importa destacar também o modelo familiar que era presente em sua imaginação, referenciado na normativa social que nos é dado desde a mais tenra idade. Um modelo de núcleo familiar cisheteronormativo com a figura materna e paterna e a presença de filhos biológicos. Mais uma referência construída em bases e critérios da biologia e a cisheteronormatividade que é simbolizada em suas fantasias de infância com base nas construções que a cultura, a qual está imersa, lhe fornece. Processos e desejos que foram se modificando ao longo dos anos, conforme a mesma afirma.

Bianca, por sua vez, sobre o processo do início de suas práticas sexuais afirma que

*(Bianca) Primeiro começou... Eu comecei a me relacionar primeiro com homens, né? Depois eu me relacionei só com mulheres, aí depois eu comecei a me relacionar com todo mundo. E aí eu fui sabendo que meu lugar era mais ou menos esse mesmo de me relacionar com qualquer tipo de pessoa, e com quantas pessoas rolar, sabe? Isso é interessante. Em questão afetiva em relação a isso, isso é... Identificações, ela é bastante aberta. Agora tem um processo bastante interessante com a questão afetiva da sexualidade do corpo, que por um tempo, eu acabar negando o meu corpo, ou as próprias regiões erógenas, ou até meu próprio genital, eu entendia a sexualidade por outros campos também. Existe outras maneiras de você se relacionar sexualmente com outras pessoas que não necessariamente se ligue a questão genital, e isso amplia muito o seu modo de pensar o outro, o seu modo de pensar estar com o outro. Isso é bastante legal, assim... Acho que o que eu poderia dizer é isso. Acho que quando você... Quando sua cabeça sai desse lugar de pensar sua sexualidade de um lugar que não é cisnormativo, eh... E eu digo cisnormativo porque, eh... Pessoas homo acabam por repetir esse... Algumas performances sexuais que são bastante limitadas, que são falocêntricas, né? Quando você rompe com esse procedimento você vai entendendo melhor assim... Acho que o meu ganho foi entender que uma relação sexual está para além do... Ela está para além do genital, e digo mais ainda... Está para além do corpo também. Não numa perspectiva espiritual, mas sim numa perspectiva sábia, numa perspectiva de linguagem, num ponto de eu já ter me relacionado com uma pessoa pela voz, pelo som, não é? Isso é bastante legal, isso é bastante legal, isso é também, isso é um sexo trans também, ele é um, não transgênero, mas ele é trans, ele transpassa alguma coisa, ele atravessa alguma coisa. Ele atravessa as certezas, então, eu diria isso, assim.*

Bianca nos provoca, a partir de seu relato, a refletir sobre dois pontos muito importantes e que superam nossa tendência cisnormativa de pensar os corpos trans no que tange à sexualidade: as identificações de pessoas trans neste processo de relacionamentos sexuais com terceiros, bem como a importância de deslocar a perspectiva genitalista, falocêntrica, cisnormativa e monogâmica de se conceber, em termos teóricos e/ou práticos a sexualidade e relações sexuais. Sobre o primeiro ponto, a primeira reflexão urgente é a necessidade de compreendermos que existem diferenças entre identidade de gênero e orientação sexual, uma vez que há enorme confusão destes dois conceitos e significados quando são posicionados na experiência trans, sobretudo pela comunidade cisgênero. Sobre essa questão Bagagli afirma que

a categoria do corpo na sua relação com a sexualidade passa a se tornar uma questão central para a compreensão da sexualidade das pessoas trans ou das pessoas que se relacionam com elas. É por meio do corpo que o sexo é significado e também é por meio dele que a sexualidade das pessoas trans e daquelas que se relacionam com elas é posta em uma posição de excepcionalidade – não se sabe qual é a sexualidade das pessoas trans e das pessoas que se relacionam com elas na medida em que não se sabe como interpretar, posicionar, classificar, ler ou simbolizar os corpos trans. Corpos não “suficientemente” femininos, nem “suficientemente” masculinos, a partir de uma referência cisgênera para tal suficiência, desvelarão a disputa pela definição do que viria a ser uma “sexualidade verdadeira” (BAGAGLI, 2017, p. 144).

Neste sentido, a partir de referência cisgênero de se entender as corporalidades, performances e identidades de gênero, as experiências trans são interpretadas de maneira caótica e, em muitos casos seus corpos e desejos são deslocados e fixados em critérios heteronormativos de se conceber suas relações afetivas. Em outros casos, em termos de discursos – inteligibilidade social – a identidade de gênero é, em muitos casos, confundida com a orientação/condição sexual, desembocando na deslegitimação desses posicionamentos e o direcionamento de suas práticas afetivo-sexuais, tendo como lógica linear mulher trans = interesse afetivo/sexual por homens (cis); homens trans = interesse afetivo/sexual por mulheres (cis). Contudo, nem sempre estes desejos são concebidos como heterossexuais. Casos homoafetivos, por sua vez, são colocados discursivamente como argumentos de deslegitimação dessas identidades sendo inconcebíveis, neste sentido, que mulheres trans possam se interessar por outras mulheres (cis/trans) ou homens trans possam estabelecer interesse por homens (cis/trans) ou mesmo outras performatividades inconformes.

Outro aspecto muito importante encontrado na narrativa de Bianca diz respeito à genitalização dos afetos e desejos na experiência trans. Algo muito recorrente nas relações de forma geral (cis e/ou trans), mas que, no entanto, é extraordinariamente grandioso nas narrativas e literaturas sobre as relações afetivo-sexuais estabelecidas com mulheres trans. Hailey (2013, s.p.) aponta que “a importância que as pessoas dão à genitália de outra, como elemento fundante das relações, elemento essencial dos afetos e do “gostar” romanticamente, é algo que talvez” ela “jamais entenda”. Citando sua própria experiência, ela ainda afirma que os homens por quem demonstrava interesse e obtinha reciprocidade ou encerravam o romance após a “descoberta” de sua identidade de gênero ou intensificava as investidas por buscar “essa diferença genitalizada em relação a outras mulheres”. Ela adiciona o raciocínio da seguinte forma:

Muitas pessoas me perguntam no ASK se elas têm preconceito porque não se relacionariam com mulheres ou homens trans, sempre fazendo alusão ao genital.

Muitas acham que defender a não-genitalização dos relacionamentos é fazer condicionamento de sexualidades. Nada poderia estar mais longe do que isso. O único condicionamento que consigo perceber nisso é a ideia de que o genital é uma categoria fundante das relações interpessoais. Que se um genital não condiz com as minhas expectativas de gênero da pessoa com a qual eu quero me relacionar, isso é um motivo legítimo para eu ignorar todos os meus sentimentos afetivos (e sexuais) pela pessoa e não me relacionar com ela. O que acontece é que colocamos uma importância tão grande nos genitais “originais” que esquecemos que o “objetivo”, digamos, do sexo é dar prazer (HAILEY, 2013, s.p).

Ainda sobre isso, Milena complementa com a seguinte afirmação:

*(Milena) Eu tava até falando até com uma amiga... Pra mim é muito louco porque, por exemplo, rola muito de você perceber aquela troca acontecendo, aquele flerte, a pessoa claramente afim de você, mas ela não consegue ir além. Porque existe a barreira aí que é a barreira de gênero. Ela não consegue, por mais que ela possa estar afim, e de fato muitas pessoas ficam afim, só que elas não conseguem dar um passo, elas não conseguem ir além desse flerte inocente que rola, entendeu? Por mais que ela tenha vontade. Existe. Eu já passei por inúmeras situações, com homens especificamente. Rolava, claramente, a gente flertava abertamente, só que não ia, não acontecia nada porque existe essa barreira, cada vez mais essa barreira fica mais grossa, né? É uma parede de vidro, tá cada vez mais grossa, porque é isso. Acho que as experiências de afetividade, especialmente essas de relações sexuais elas estão cada vez mais distantes da minha realidade.*

Essa parede de vidro é estabelecida em função, primordialmente, de sua identidade de gênero. No entanto, ela aponta certa confusão na identificação de sua identidade e as repercussões subjetivas e nos seus enlacs afetivos em função disso:

*(Milena) Muito, muito grande. Houve. Essa questão da... Teve um momento específico, por mais que eu era lida ainda enquanto homem cis gay, eu não queria ficar com homem porque... Homens gays, pra não ter que reafirmar essa identidade, sabe? Porque eu não me sentia assim. Então eu comecei a evitar ficar com homens gays e não era recorrente também porque, por exemplo, eu sempre fui afeminada, e isso dentro do meio LGBT, especialmente entre gays é uma questão muito complicada porque eles não conseguem lidar com isso, né? Eles não conseguem lidar com pessoas afeminadas. E é isso, tipo, das minhas experiências ainda de... Relações em que eu era lida enquanto gay, foram sempre muito restritas ou pontuais, sabe? Pontualíssimas, teve realmente assim um momento que eu tive... Primeiro porque eu nunca gostei muito de ficar em festas e às vezes são coisas que não tem nem muito a ver com... Especificamente com minha identidade, mas que... Características minhas mesmo, sabe? De personalidade.*

*Nunca fui muito de ficar em festas porque eu não gosto, não tem porquê. Já teve momentos em que fiquei com várias pessoas em festas, mas não dá prazer, eu nunca entendo o que as pessoas sentem em relação a isso. Então eu evito. É isso, vai juntando isso com aquilo, experiências minhas.*

Sobre os impactos no processo de identificação e respeito à identidade de gênero, Bianca faz o seguinte relato:

*(Bianca)- Tudo... Vish, mudou tudo, mudou tudo... Você se relacionando com a mesma pessoa, só que se você se identifica como uma outra coisa isso muda a relação, isso muda, muda, muda tudo, muda tudo, muda tudo... da minha parte para com a pessoa. Em contrapartida, a gente tem agora um novo problema, porque se eu estou me relacionando com uma pessoa, eu quero também que ela também me veja, ou que ela lide comigo, me trate com o que eu me identifico. Isso é um problema de algumas pessoas trans que eu já conversei. Eu tenho um amigo, que é um homem trans que ele fala que ele já se relacionou com um cara e mesmo de barba, ele tem uma barba, tendo tudo, o cara se referir a ele enquanto ela. Isso estragar tudo, isso, sabe? Derrubar todo o processo. Como assim, velho? Sabe? Isso é um problema que eu venho tendo agora. É... Como eu e N., a gente tem um relacionamento que é aberto, a gente se relaciona com outras pessoas, é muito interessante isso acontecer porque se eu e N. estamos com outra pessoa, essa pessoa tem a referência de mulher que é N. e meu corpo é extremamente diferente do de N., eu acabo sendo colocada como o homem, e isso tem sido bastante complicado, assim... eh... E é um lugar interessante assim... E bastante complicado porque, homens gays se aproximam pela leitura de que é um homem gay, aí eu falo: “Não sou um homem gay, ou um homem bi, ou um homem pan. Eu sou uma mulher trans e me relaciono com homens também, e aí? Bora?” E aí não rolar, ou então a pessoa rolar, mas você tá vendo que pessoa tá te lendo, ou prefere estar te lendo enquanto um homem cis, que é gay ou que é bi. Isso é um pouco, isso é um pouco foda, assim... Eh... Você se dar o direito da sua identificação, mas não significa que as pessoas vão se identificar com isso ou que as pessoas vão aceitar isso. Isso é foda. Existe uma discussão muito pesada que é justamente essa questão que eu tenho pegado muito forte que é com uma mulher trans que eu acompanho que é a Riley, que ela é lésbica, porém ela tem um pênis. Ela tem uma passabilidade cis, mas ela tem um pênis. E... Muitas mulheres cis, lésbicas não querem se relacionar com ela. E aí cria uma via de mão dupla assim que... Os dois lados fazem extremamente sentido. Primeiro que ela é uma mulher, e segundo de que ela tem um pênis e não é necessariamente uma mulher lésbica ela tem que desejar um pênis. E aí você cria essa incongruência no pensar a homossexualidade e a pessoa trans. O próprio conceito de homossexualidade não abarca, ele não nos abarca, ele nos exclui*

*também. Então cria essa tensão assim. Então eu havia passado um pouco por isso, sobre... Me relacionar com pessoas homo, pessoas hetero é complicadíssimo. Sempre me relaciono com pessoas pan ou bi porque aí a pessoa se relaciona, se a pessoa me vê, a pessoa gosta de um corpo tanto masculino quanto feminino, ela vai ter as duas coisas, então ela vai estar bastante tranquila, mas se a pessoa ela só se identifica com um tipo de corpo, quando ela me vê sempre vai existir algum tipo de incongruência que é extremamente desconfortável e que tira o gostoso do sexo que é se sentir à vontade, né? Que é o afeto, né? Não é só o ato em si.*

Bianca relata conforto no relacionamento com sua parceira, entretanto, o mesmo não ocorre quando elas se relacionam com outras pessoas, uma vez que não há o mesmo reconhecimento de sua identidade de gênero. Essa incongruência se deve ao referencial cisgênero e heteronormativo que fundamentam as lentes com as quais outras/os/es parceiras/os/es enxergam seu corpo, identidade, sexualidade e performance sexual. Em nossas vivências, em termos de corporalidades nas relações com os outros, nossos corpos aparecem “(...) como meio de estar no mundo: ‘eu sou meu corpo’. E ele não é uma coisa entre as coisas, é uma experiência que dialoga interiormente com o mundo, outros corpos, é com eles, no lugar de ser ao lado deles” (DAVI e BRUNS, 2017, p. 60), não é diferente para Bianca. Nesse sentido, importa as reflexões que ela faz sobre essa dialogicidade nos relacionamentos com terceiras/os/es e os impactos que a falta de reconhecimento de sua identidade traz a esse processo.

César faz a seguinte afirmação sobre o funcionamento das concepções de cunho genitalista e heteronormativo:

*Não é possível suportar a dubiedade anatômica, na medida em que isso também pode significar uma dubiedade do desejo. Somente é possível suportar um corpo que carregue um sexo que corresponda ao desejo correspondente ao sexo verdadeiro. Essa é a regra de ouro da heterossexualidade normativa. Por meio do funcionamento dos dispositivos, tanto da sexualidade, proposto por Foucault, quanto da heterossexualidade compulsória, de Butler, podemos interrogar os não tão novos sujeitos da normalização contemporânea e do sistema corpo-sexo-gênero, isto é, a experiência transexual. (...) Quem são estes corpos que habitam as margens do dispositivo da sexualidade? Transexuais e travestis são apreendidos no interior dos dispositivos da sexualidade e da heteronormatividade são aqueles que Judith Butler chama de “corpos que pesam” [Butler, 1999: 171], isto é, corpos que não valem, que não importam e que poderão ser descartados sem mais (CÉSAR, 2010, p. 118).*

Neste ponto, a autora provoca, a partir de sua reflexão, a pensar sobre essa logística que define os corpos e identidades trans como descartáveis, “corpos que não valem” (CÉSAR,

2010, p. 118) e a desumanização e subalternização que essa estrutura impõe a essas vivências. Leoni (2017, s.p.) afirma que “a sexualidade para a pessoa trans é muito difícil porque não importa o que você seja, sempre vão encontrar uma forma de te desqualificar”. Ele reflete, a partir de suas vivências e posição de homem trans que

Se você é trans e gay, você é só uma menina confusa. Se você é trans e hétero, você está tentando fugir da lesbofobia. Se você é trans e bi, então porque você não continua mulher? Nunca tem uma aceitação da sexualidade. As pessoas acham que trans é uma sexualidade por si só, que é uma super caminhoneira ou um super viado. Eu, sendo como eu sou e me comportando como eu me comporto, todo mundo me cobra masculinidade e me cobra heterossexualidade, algo muito distante da minha vivência. Em todos os lugares que eu já frequentei, eu não me lembro quando as pessoas acharam que eu era hétero. Mesmo quando eu sou lido como homem, eu sou lido como gay. Para as pessoas eu sou uma super lésbica, só que não faz sentido porque eu também fico com homens. Então as pessoas me veem e soltam a famosa máxima: "Então por que não continua menina?" Qual é lógica de achar que eu estou "virando menino" para ficar com mulheres? Lésbicas não existem? É um apagamento só, e as pessoas a presumem o que você é. Estruturalmente as pessoas não estão treinadas para ver o gênero distinguido da orientação sexual. Para eles o homem é homem porque pega mulher, a mulher é mulher porque pega homem, como se fosse uma relação mútua. Eles enxergam como se um completasse o outro e isso impede a compreensão do trans. Nessa lógica o que é o trans? O que ele completa? Trans só vai ficar com trans para completar o trans? Não tem lógica. (LEONI, 2017, s.p).

Nossas identidades de gênero, nesse sentido, não apenas são inconformes como a nossa sexualidade, seja ela de qual natureza for, também é uma sexualidade dissidente/inconforme. Entretanto, Hailey (2013) adverte sobre a necessidade de se repensar os modos como a diversidade sexual tem sido estabelecida, deslocando o cissexismo de seus fundamentos. De acordo com ela, tanto a heterossexualidade quanto a homossexualidade não requerem simetria genital, desta forma, mesmo ela uma mulher trans não cirurgiada e, portanto, com a presença do pênis em si, ao se relacionar com uma mulher – cis –, elas estão em um relacionamento lésbico. Um homem hétero – cis – que se relacione com uma mulher trans – que possui pênis – está, por sua vez, em um relacionamento heterossexual, apesar dos genitais simétricos. “Ainda poderia haver simetria genital com homossexualidade no caso de duas mulheres trans lésbicas ou dois homens trans gays” (HAILEY, 2013, s.p). De acordo com a autora,

quando retiramos dos genitais essa importância que damos fundante das nossas relações, e retiramos essa “verdade” última das identidades (sou gay então gosto de pênis; sou lésbica então gosto de vulvas etc) e desconstruímos essas ideias limitadas que relacionam genital-gênero-sexualidade-relações, percebemos que existe um número infinito de configurações aí fora (HAILEY, 2013, s.p).

Entretanto, Bianca afirma se sentir perdida em relação a esse processo e as reivindicações possíveis.

*(Bianca) Me sinto perdida no que reivindicar porque... Eu não posso exigir uma mulher lésbica ou reivindicar que uma mulher lésbica goste do meu corpo, que ela queira o meu corpo por causa da minha identificação. Mas, em contrapartida, é minha identificação, sabe? Eh... Isso é importante e vice-versa. Tem homens gays que eu conheço, eu já peguei briga. Um amigo meu muito próximo que ele não se relaciona com homens trans. Só que... Aí você vai ouvi-lo... É extremamente transfóbico, é extremamente errado, mas é extremamente (na concepção de homossexualidade dele, na concepção de genital e de sexo dele)... Existe um sentido pra ele ali e aí você cria essa... Eu me sinto perdida nessa situação. A única coisa que eu sei dizer é que a homossexualidade e a heterossexualidade, as pessoas trans que não têm passabilidade não cabem nisso, não cabem nesse lugar. Até as que têm passabilidade, que não fizeram nenhum tipo de intervenção cirúrgica, mas que ainda assim têm passabilidade, elas não cabem nesse lugar e eu não sei o que reivindicar porque... Soa até estranho dizer isso, mas toda sexualidade binária, acho que a gente pode dizer assim, né? Uma sexualidade que tende a querer o oposto ela é transfóbica. É um pouco perigoso dizer isso, mas é um pouco de verdade, sabe? A homossexualidade ela é transfóbica, bem como a heterossexualidade. E eu fico perdida no que reivindicar, porque querendo ou não o l e o g tá na mesma comunidade e tem pautas que eu mesmo nem toco porque eu me atraio por qualquer tipo de corpo, então é fácil, é fácil pra mim pensar isso, é tranquilo pra mim pensar isso. Mas pra essas pessoas que tem outro tipo de vivência e sexualidade diferente de mim... Não tenho essa vivência, não tenho esse recurso pra poder dizer, mas ao mesmo tempo eu tenho uma outra coisa que é ser trans que eles também não sabem, então é uma coisa que eu não consigo reivindicar e que eu fico perdida, incomodada.*

A colocação de Bianca sobre os conceitos de homossexualidade e heterossexualidade é muito emblemática. Há sentido no que é refletido por ela, na medida em que se percebe que essas terminologias foram pensadas e referenciadas a partir de corpos cisgênero e em uma estrutura cissexista e normativa para se pensar os afetos, inclusive dissidentes. O imaginário social, nesta perspectiva, produz sentidos a partir dessas referências genitalistas e, embora tenha a proposta de expandir os horizontes da sexualidade a partir do apontamento de sua diversidade, as raízes da cisnormatividade desses afetos e desejos se convertem em um entrave gigantesco quando se pensa nos corpos, desejos, afetos e performances sexuais de pessoas trans.



Alves (2013 *apud* BAGAGLI, 2017, p. 159) pontua, a partir da concepção por parte de algumas pessoas de que identidade de gênero e orientação/condição sexual seriam sinônimos no entendimento das vivências de pessoas trans, que “tal visão vincula-se frequentemente à noção de que a sigla LGBT refere-se a “uma coisa só”, imiscuindo indiscriminadamente identidade de gênero e sexualidade”. Nesse sentido, torna-se importante essa observação: de fato, é questionável em que medida a sigla T de transgêneros, transexuais e travestis faz sentido junto às demais, haja vista que as outras versam sobre orientação/condição sexual, ao passo que o “T” refere-se à identidade de gênero, o que pode reforçar as confusões em torno dos termos e vivências distintas, embora atravessadas com as sexualidades inconformes em muitos casos.

Em suma, cabe destacar que

nem todas as heterossexualidades e homossexualidades são as mesmas [...] nem toda sexualidade é cisgênera, ou seja, nem toda sexualidade centra-se em parceiros e cônjuges cisgêneros e suas respectivas corporeidades para “fazer sentido” ou simplesmente existir” (BAGAGLI, 2017, p. 160),

e, por fim, não só a heterossexualidade é compulsória como a cisgeneridade também o é e, neste sentido, a necessidade de desestabilizar, “bagunçar” e romper com essas normativas torna-se urgente para que as pluralidades afetivas saiam do âmbito da abjeção.

As entrevistadas comentaram ainda sobre suas performances sexuais e em que medida suas condições corpóreas afetavam ou não o processo. Sobre isso, Milena confirma que há afetamentos. De acordo com ela:

*(Milena) Com certeza. Eh... Principalmente essa experiência que eu tive, que eu citei, ela me revelou, que, por exemplo, depois disso eu não consegui mais ter... Fazer sexo. Nem comigo mesma. Eu tenho dois dildos e isso pra mim sempre foi muito de boa. Na verdade, as experiências sexuais, as melhores que eu tive sempre foi sozinha, com esses dildos. Depois disso eu não conseguia mais usar e tipo eu... Tô resistente a usar porque eu tenho medo de gerar alguma lembrança, então foi uma experiência que pra mim foi um pouco traumática. E... Essa relação com o corpo me fez revelar justamente que eu não sabia que estaria nesse nível, né? Mas que, por exemplo, eu já vinha há algum tempo, tinha incômodos com o sexo anal. E aí, né? Eu falei não, tudo bem, eu senti isso, mas tá cada dia mais forte. Depois desse dia, eu tive uma epifania assim, em que eu pude perceber que, na verdade, esse incômodo (e isso foi durante o processo, né?)... Eu não*

*me senti totalmente desconfortável, não só pela presença do pênis, mas também pelo fato de tipo ter que estar fazendo sexo anal. Sabe? Porque eu não tenho outra opção. Então isso pra mim ficou muito marcado. De não ter outra opção e de, por isso, estar fazendo daquela forma. Que nem, às vezes, eu nem tô afim. Mas eu faço daquela forma porque é a única forma que eu tenho. Então essa relação com o corpo ela... Totalmente, diretamente essas relações de afetividade. Porque é um corpo que vai vivenciar então não tem como não atravessar. É um corpo afetivo que vai vivenciar essa experiência de afetividade. Então minha relação com esse corpo que é afetivo, né? Que tem poros e vias e veias, querendo ou não, afeta. Afeta diretamente essa relação. Que pra mim depois é tipo... Não é algo que surgiu agora depois que eu me pontuei enquanto trans. Na verdade essa relação afetiva com o corpo, eu fui passando a identificar o quê que não funcionava, e aí foi que eu identifiquei que não funcionava pelo fato de eu ser assim, assim, assado, gostar assim, assim, assado. E aí acho que mais antigamente também não quer dizer que funcionava e que agora parou de funcionar. Sabe? Foi que eu não funcionava, não funcionava e eu não sabia por que e agora eu sei. Acho que essa é a grande diferença.*

Ela ainda complementa:

*(...) eu tinha passado mais de dois anos sem fazer sexo com penetração com outras pessoas, justamente porque eu sabia que não ia rolar mais, sabe? Pelas experiências contínuas com outros homens que me desgastou. De certa forma, eu me privei de sexo com penetração com outras pessoas, porque sozinha eu tinha sempre, eu tenho dois dildos, e isso também foi muito bom pra me descobrir enquanto pessoa, sabe? Descobri meu corpo e todas as potencialidades que isso pode gerar.*

Bianca, por sua vez, faz a seguinte afirmação:

*(Bianca) Eu estaria errada em dizer que não porque interfere. Interfere. E, às vezes, às vezes, eu fecho os olhos, sabe? Porque se eu fecho os olhos eu não me vejo e consigo me imaginar. Mas ao mesmo tempo às vezes você está... É tão bom estar com a pessoa que, independente de como você esteja, eh... A pessoa te identifica enquanto mulher, às vezes isso não acontece, às vezes é confortável você estar do jeito que você é, do jeito que seu corpo está agora, mas... Grande parte das vezes interfere, interfere. E aí eu tenho que tá sempre pensando nisso, tenho que tá sempre discutindo isso, tenho que tá sempre tensionando esse lugar. Mas por quê? Mas por quê? Isso é um padrão também cisnormativo que está na minha cabeça e na minha referência de sexo, e... E é isso. E, ao mesmo tempo, é algo*

*que me dói. E aí eu fico... Outra coisa. Outra questão que eu fico sem saber o que reivindicar. É algo que me dói e algo que eu sei também que é uma questão de referencial, então fica nessa dualidade. Que é extremamente difícil assim... É difícil, é difícil, é difícil...*

Milena e Bianca relatam desconforto em suas relações afetivo-sexuais de forma tão intensa que, no caso de Milena, por exemplo, a impediu de sentir prazer ou vontade de se relacionar sexualmente com outras pessoas durante um tempo. Assunto muito delicado, mas que atravessa diretamente as experiências desta natureza por parte de pessoas trans, o âmbito das corporalidades na interlocução com performances sexuais são temas pouco discutidos na literatura, exceto no que tange a aspectos epidemiológicos como DST/AIDS, sendo, portanto, negligenciado aspectos subjetivos no que se referem às questões afetivo-sexuais, performances e corporalidades, além de outros pontos supracitados como as possibilidades plurais das experiências sexuais da comunidade trans.

Os aspectos corporais que podem gerar sofrimento para as pessoas transexuais são aqueles ligados, principalmente, aos genitais e a área peitoral (presença ou ausência de glândulas mamárias desenvolvidas), e que estão fortemente associados às leituras sociais de gênero que delimitam o que é considerado feminino ou masculino, afirma Bagagli (2017, p.147) De fato, estudos que versavam sobre as experiências trans, a exemplo, a desenvolvida por Bento (2012), trazem narrativas que dialogam com esta afirmativa, assim como os relatos das colaboradoras desta pesquisa. Neste sentido, os corpos alheios aos desejos e identificações das entrevistadas transmitem certo condicionamento e desconforto, ao passo que, a partir da leitura cisnormativa de parceiras/os/es acerca dos corpos, sobretudo, os genitais e práticas sexuais, esse sentimento e angústias tornam-se intensificadas.

Entretanto, Bianca admite que o desconforto parte também de um ideal cisnormativo, indicando a necessidade de desconstrução dessa autoconsciência corpórea, embora não seja um processo tão simples em termos práticos, pois há uma construção estrutural que nos acompanha desde o nascimento e contato com as normas e construções sociais. Concordo com Bagagli (2017) quando ela afirma que

a disforia corporal que muitas pessoas trans podem experienciar não marca nenhum destino ou essência do que seja uma identidade em inconformidade com a cisgeneridade. Também não assumimos que a existência da disforia se dê sob o resultado de alguma forma de auto alienação por parte destes sujeitos, como se pessoas trans só experienciassem disforia em decorrência de uma suposta reprodução consentida de normas sociais. (...) Podemos concluir que as disforias não são as mesmas entre todas as pessoas trans, e que as pessoas trans encontram muitas

vezes maneiras de subjetivarem seus corpos de forma a resistir aos imperativos normativos a partir da singularidade e criatividade de suas vivências (BAGAGLI, 2017, p. 147).

Essa observação é de suma importância para não haver nenhuma possível culpabilização das pessoas trans frente ao próprio processo, bem como para apontar a diversidade e singularidade de experiências no que tange a esta problemática. Ainda sobre a interferência corpórea em práticas sexuais, Milena indica que foi importante para que ela percebesse o desejo pela cirurgia. De acordo com ela:

*(Milena) Essa situação específica, não poder também, acho... Claramente é atravessado e foi uma experiência muito importante pra mim porque me deu esses feedbacks em relação ao meu corpo também. Quando eu falei, por exemplo, que... Essa necessidade de cirurgia pra mim tá ficando muito mais clara, foi que, durante essa experiência eu tive momentos que eu me desloquei daquela situação e me vi distante daquilo, sabe? De tipo... Por exemplo, teve um momento em que eu achei que ele fosse tocar e eu simplesmente travei. Travei mesmo... E antes pra mim isso nunca tinha acontecido essa situação em que, pelo menos assim, nessa específica, em que eu meio que fugisse disso, tão fortemente assim. Me deslocasse. E isso me lembrou uma situação em que, por exemplo, uma crise de disforia, eu fui tomar banho e não conseguia nem olhar pro meu corpo durante eu tomava banho. Tipo, eu ficava esfregando com a cabeça pra cima e que o meu desejo era, tipo, minha cabeça fosse arrancada desse corpo. E que aí, em alguns momentos, era como se eu tivesse fora desse corpo e olhando aquilo acontecendo e aí durante a experiência teve um momento em que depois eu lembrei disso, tipo, teve momentos em que parecia que meu corpo tava fora do meu controle, por exemplo, eu travar quando achei que ele fosse tocar lá, tipo assim, eu ficar chocada com meu próprio incômodo. Nesse nível, simplesmente travar, sabe? E pra mim foi tipo revelador de como “nossa, é nesse nível?” eu não sabia que era nesse nível. Porque eu mesma... Por isso que pra mim as coisas tão se revelando agora pra mim. Ainda tem coisas que eu acho que eu reprimo muito, sabe? Esses desejos de cirurgia, essas coisas, são coisas que eu não vejo, acho que justamente pra poder conviver, não porque eu sou cem por cento de boa com isso, sou cem por cento de boa com o fato de eu ser uma mulher com pau, tem pessoas que são de bem e não necessariamente elas tão reprimindo, elas realmente lidam bem com isso. E eu sempre fiz essa desconstrução até mesmo pra poder lidar. Mas atualmente eu tô percebendo que é o inverso. Eu reprimo pra não poder ver, né? Ou então eu uso desses discursos pra não poder ver, e eu tô falando da minha experiência específica. Da minha relação, não necessariamente isso pode ser pra avaliar a relação de outras mulheres trans com o corpo delas.*

#### 2.2.4.2 A solidão da mulher trans

Ao longo da narrativa de Milena sobre a temática da afetividade, ela pondera, a partir de suas vivências enquanto mulher trans, que ainda não estabeleceu nenhuma relação amorosa duradoura. Da mesma forma, comenta sobre as diversas situações de objetificação e solidão pelas quais ela e outras meninas passam neste aspecto. De início, ela destaca que, em termos de afetividade, seus relacionamentos têm sido de amizade. No que se refere à questão amorosa ela destaca que:

*(Milena) No que se refere à questão amorosa, sexual, é um ponto muito delicado. Não tô falando delicado pra compartilhar, eu falo isso abertamente. Mas é uma questão que tem sido muito mais distinta dessa relação de amizade. Isso acaba sendo muito recorrente pra nós mulheres trans e travestis. Porque eu não tenho relações assim que... Não tenho da forma como eu gostaria de ter e de como as outras pessoas têm. Por exemplo, eu nunca namorei, né? As experiências que eu tive em relação a isso, sexuais, elas sempre foram muito frustrantes pra mim, então... Isso tudo acaba pautando muito a afetividade na minha vida, sabe? E aí toca na questão da solidão da mulher trans. Pessoas trans, mulher trans, travesti. Isso pra mim tem sido muito recorrente. Só que, pelo menos da forma como pontuo eu não gosto muito porque ainda é de que não existe afetividade para mulheres trans.*

*(...) Mas afetividade é uma questão muito complicada. Mesmo. Muito. Às vezes eu, tipo, eu lido bem até mesmo com uma lógica mais existencialista com a solidão. Pelo fato de eu ser uma pessoa introspectiva, eu gosto de ficar só, só que às vezes, eu penso que a solidão, pra mim, ela não é nunca uma escolha. Ela raramente é uma escolha, porque, por exemplo, e quando eu não quero estar só, é uma escolha? Então assim, o gostar só pra mim, será que eu gosto só da experiência de estar só, ou eu tive que aprender a estar só porque eu não tive outra escolha? Sabe? Eu fico muito refletindo sobre essas coisas. É uma experiência muito marcante.*

Em seu relato, Milena, embora revele lidar bem com a solidão a partir de uma lógica existencialista – neste sentido, como uma condição que também faz parte da vida e que possui sua funcionalidade pessoal – questiona em que medida sua solidão é de fato uma escolha e provoca algumas reflexões nesse sentido quando se pensa sobre a afetividade das mulheres trans. No entanto, ela adverte que há outras motivações possíveis para que as pessoas não

mantenham este tipo de vínculo, embora seja comum para ela que suas vivências sejam também pensadas a partir do atravessamento de sua identidade de gênero.

*(Milena) Quando eu... Sofro por isso, sabe? Quando eu realmente tô querendo isso, e quando eu estou fragilizada demais, enfim, eu não sei explicar bem o porquê. Talvez é isso, de me sentir fragilizada demais e às vezes eu sinto isso, sabe? Quando, por exemplo, eu pontuei aqui, às vezes quando eu não quero estar sozinha e minha solidão não é uma escolha, sabe? Esses momentos em que eu não quero estar sozinha, é que dói. Por exemplo, quando eu quero apenas uma pessoa pra poder dividir, né? A intimidade, né? E, por isso que essa experiência acaba sendo tão dolorosa, né? De... Recentemente com o cara. Mas é isso, tipo, tem dias que eu não quero dividir por mais que eu possa não estar querendo ficar sozinha, eu lido bem com o fato de que... Eh... Eu tento não pautar isso apenas pela questão trans, sabe? Eu aprendi a ver isso não só pela questão trans. Porque as pessoas não vão te querer só pela questão transgênera, tem outros fatores. As pessoas não vão me querer porque eu sou ateia, as pessoas não vão me querer porque eu posso ser chata. Tipo: é claro que isso pode ser atravessado e é atravessado pela questão trans, mas... É uma coisa que eu... Eu sempre fui resistente e sempre ficava: “não vou fazer isso”. Eu tento ver assim, porque, por exemplo, eu sinto que na nossa vivência trans, a gente, querendo ou não, a gente é direcionado pra pensar o tempo inteiro nisso. Tem um autor que ele fala, Solomon, ele fala sobre experiências familiares, e dentre as inúmeras experiências familiares que ele analisa, um deles é de pessoas trans. Ele fala que pessoas trans quando elas não transicionam na infância, elas passam o resto da vida delas, tipo... Pensando sobre isso ou então elas gastam muito tempo pensando sobre isso e é o tempo que elas podiam estar se desenvolvendo em outros aspectos. Por exemplo, enquanto pessoas cis, elas estão se desenvolvendo na escola, na faculdade, as pessoas trans, elas estão pensando nisso porque isso gera um sofrimento muito intenso pra elas e por isso que é importante essa transição na infância que é justamente ajudar elas a se desenvolverem em outros períodos da vida, pra poder focar em outras coisas, acho que, com o tempo, eu estudando essas coisas, eu comecei a pensar que é até mesmo um mecanismo de poder a solidão. Tipo, usada de forma muito bem pontuada, a solidão, porque nos faz rodar em torno disso, nos faz pensar o tempo inteiro em torno disso, sobre isso e tipo, quando a gente aprende a falar sobre isso é que... Eu falo brincando com um amigo meu que nós pessoas trans, quando nós aprendemos a falar sobre a gente a gente não para. A gente fica tipo “ah”, quando a gente aprende a ver isso tudo, a gente quer ver isso em tudo o tempo inteiro, então isso se torna em relação a ser trans.*

Sophia Rivera (2019, s.p.), travesti, transfeminista, ativista dos direitos humanos e das causas LGBTQIA+, a partir de algumas reflexões acerca da solidão condicionada à mulher

trans/travesti, afirma que esse processo está muito relacionado ao fato de esse grupo não ser visto como possibilidade de afeto, sendo reduzido apenas ao corpo, um processo que “objetifica, hipersexualiza e serve de fetiche para os outros”, acontecimentos que se intensificam quando se intersecciona identidade de gênero com raça, onde mulheres trans negras são duplamente atravessadas por estas relações, uma vez que por – não serem cis e – serem negras há um ponto de confluência da solidão na outridade das experiências que o movimento de mulheres negras tem tensionado a este respeito.

Rivera (2019, s.p.) explica que não se deve entender fetiche apenas a partir da sexualidade, pois ele “está para além do desejo sexual, é sobre sermos entretenimento, alvo de pena e ‘compreensão’, um templo para os desabafos daqueles que vivem abafados, mas nunca uma possibilidade”. Hísis Rangel (2019) também reflete, a partir de suas próprias vivências de pessoa trans, sobre por que os homens não estão assumindo relacionamentos com as mulheres trans e travestis. Ela afirma que já se percebeu pensando se não era digna de ser amada, se tinha relação com o fato de a mesma não possuir passabilidade cis. No entanto, ela pondera que não há culpa pessoal neste processo e que a sociedade tem muita responsabilidade nisso. De acordo com ela:

Às vezes eu gosto de pensar que nós mulheres trans e travestis, não somos só nós, as vítimas desse sistema, pq a sociedade tb impõe que um homem não apareça com um “traveco” se não ele perderá todo seu “crédito de homem”. Creio que seja algo muito mais estrutural. Percebo que nem homens cis e nem homens trans estão amando essas mulheres, e pra gente resta a sombra, a casa abandonada ou o terreno baldio, pq não podemos ser vistas entrando na casa de fulano. (...) E vivemos de migalhas de afetos, muitas das vezes de caras que acabam vendo em nós essa carência afetiva e acabam se aproveitando dela, que muitas vezes veem que somos tão sozinhas e que com qualquer falso sorriso, nós já abrimos a nossa vida. E com o sorriso falso, nos escutam, fingem entender a nossa dor, talvez até haja com naturalidade se caso nos leve para algum lugar público, falam tudo o que a gente quer escutar, até gozar. Depois do gozo, vem as desculpas, as enroladas ou até as escapatórias, quando não somem e nem se quer nos dão satisfação. Nos usam como anomalia, pq muito homem sente atração por pau, e talvez nós, sejamos a identidade mais próxima para matar a curiosidade daquele, sem ferir toda a sua masculinidade (RANGEL, 2019, s.p).

Essas considerações são importantes na medida em que deslocam o pensar sobre as relações que são estabelecidas com mulheres trans. Se por um lado, há uma estrutura cultural machista e sexista que ensina e permite aos homens o pensamento de que eles podem (e devem) objetificar as mulheres (sobretudo, as trans/travestis) ao ponto de atingir o prazer pessoal e, por fim, o abandono, por outro lado, essa própria estrutura que também é cisheteronormativa e pensada a partir de uma moral cristã, os condena e marginaliza a partir

da ideia de “anormalidade” das conexões afetivas estabelecidas com as mulheres trans/travestis. Isso repercute na necessidade de esconder, repudiar e/ou tratar como vexatório tais arranjos afetivos, resultando em transfobia, violências, impactando diretamente as experiências afetivo-sexuais dessas mulheres e favorecendo processos de desumanização e abjeção.

“A solidão da mulher trans e travesti, portanto, não decorre de um pretenso preterimento afetivo no nível de escolhas individuais, mas, sim, de uma estrutura que institui normas”, que reverberam nos relacionamentos afetivos estabelecidos. Desta forma, relacionamentos afetivos instituídos com mulheres trans e travestis ainda tendem a implicar no “questionamento (enquanto uma ameaça iminente) da heterossexualidade masculina”, pois “as interpretações sociais condicionam estes relacionamentos a serem vistos ora como vergonhosos, ora como motivos de interdições e denegações”, algo que repercute diretamente na forma como eles tendem a funcionar e/ou mesmo na inexistência deles (BAGAGLI, 2017, p. 151).

Bagagli (2017, p.152) aponta a experiência de Araújo (2015) que relata ter sido expulsa da casa da família do namorado após a família saber que ela é travesti. Algo que ilustra bem que na realidade de pessoas trans/travestis, conseguir estabelecer vínculos duradouros não implica em deixar de passar por situações embaraçosas, seja com a família da/e/o companheira/e/o ou nas ruas e em outros locais. Da mesma forma ocorre com a pessoa com quem estas se relacionam, uma vez que “a condição de estigma social que envolve as identidades trans é tamanha a ponto de atingir também pessoas cisgêneras que eventualmente se relacionem com pessoas trans”. A partir de algumas outras referências, Bagagli (2017) aponta ser comum ao homem que estabelece relações com mulheres trans/travestis serem vistos como gays “enrustidos”, uma vez que as identidades trans e suas sexualidades não são inteligíveis a partir de uma ótica cisgênero, algo já discutido neste eixo – a confusão em torno da identidade de gênero e orientação/condição sexual. Além disso, a autora afirma ainda que há uma “crença espontânea acerca da sexualidade de pessoas trans” (ibidem, p. 157) sendo estes vistos como bissexuais (quando não homossexuais – a partir de critérios genitalistas).

pelo fato das pessoas trans serem frequentemente vistas como pessoas portadoras de atributos tanto masculinos e femininos. Tal concepção sobre bissexualidade é também potencialmente problemática, já que relega os corpos transgêneros a um lugar de excepcionalidade na forma como a sexualidade é simbolizada que beira o exotismo e cissexismo” (BAGAGLI, 2017, p. 157).



Ainda nesta perspectiva, a autora destaca que a posição de pessoas cis que mantêm um relacionamento com pessoas trans é, também, “analisada precisamente através de um não lugar: poucas pessoas se mostram abertas a falarem que sentem ou podem sentir atração por pessoas trans – “ninguém sabe quem são os nossos parceiros e nossos parceiros não conhecem ninguém como eles”” (BAGAGLI, 2017, p. 154).

#### 2.2.4.3 Objetificação

Milena aprofunda seu relato sobre a solidão que perpassa as relações afetivo-sexuais de mulheres trans/travestis a partir da descrição de algumas vivências específicas de objetificação pela qual ela já passou ao longo de sua trajetória. De acordo com ela:

*(Milena) Acho que acabei tendo todas as experiências depois dessa perda da virgindade, foi de objetificação. Eu me sentia objeto nessa experiência, mas, ao mesmo tempo, elas foram importantes porque eu fui me descobrindo, eu fui descobrindo o meu corpo e elas me atravessaram. Por mais negativas que elas possam ter sido, por todos os efeitos negativos que elas tiveram sobre tudo, né? Sobre... Relacionado à minha vida, teve aspectos positivos porque todas elas me proporcionaram autoconhecimento e eu acho que acabei insistindo tanto nisso que eu acabei, tipo, me nublando, né? Me anestesiando em relação a isso também. É tanto que a última relação afetiva, relacionada à sexualidade mesmo, sexual, que eu tive foi com um colega da UFBA. Foi uma das experiências assim, mais próximas de tipo... Porque eu falo que... Eu pude me sentir uma pessoa na relação. Antes disso, com exceção da primeira que eu não senti nada e com as outras em que eu me senti apenas um objeto, tipo, um buraco onde as pessoas poderiam, né? Gozar. Com essa, especificamente, foi a única que eu pude ascender à condição humana, de certa forma.*

*(...) Mas é isso, acho que a experiência de afetividade, eu nunca tive assim, uma relação que eu pudesse me sentir extremamente bem, ou, tipo, poder estar com outra pessoa, sabe? Eu nunca senti isso. E depois que eu comecei a mudar muito, cada vez mais afeminada cabelo grande, né? Uma mulher... Eh... Isso foi ficando cada vez mais delimitado, sabe? A objetificação aumentou e a não afetividade nesse sentido ficou cada vez mais escassa também, sabe?*

*(...) Esse cara mesmo que eu tive minha primeira relação sexual, ele foi uma coisa muito pontual também, sabe? Umas das coisas que... Fui eu que acabei. A gente ficou um bom tempo antes de rolar, né? E*

*eu corria dele, porque... eu não sentia... era uma pessoa que eu gostava, mas ao mesmo tempo não era um correr de medo, era um correr que eu sabia que nunca iria dar certo. E eu corria dele, tipo... correr até mesmo nesse sentido do sexo. Que ele queria muito. Eu sentia que ele me objetificava pelo fato de eu ser... naquela época eu compreendia assim... ser um homem gordo, eu ficava pensando, ele gosta, né? De segurar os peitos. Aquelas coisas de tipo... Da feminilidade, né? Que ele buscava em mim. Tanto que a gente teve umas conversas, ele me falou que nunca tinha ficado com mulher trans e tal, só que antes... ele só gosta de ficar com homens nesse perfil – gordinhos etc – Objetificação total. Já me sentia objetificada nessa época e olha que eu nem me identificava enquanto mulher trans. Então assim, me identificando como mulher trans isso foi... ainda mais assim, o meu corpo foi mudando muito e isso foi ficando cada vez pior. (Milena)*

Os relatos de Milena desvelam a realidade de muitas mulheres trans e travestis no que tange a este aspecto. De fato, escancara também, a partir de sua posição e performance afeminada mesmo antes de se posicionar como mulher trans, algo que ela já havia pontuado em outra narrativa: o fato de “o feminino já ser totalmente abjeto em nossa sociedade”. Independente da sigla dentro das sexualidades e/ou identidades de gênero, este aspecto é alvo de objetificação e abjeções diversas. Em termos interseccionais e partindo da posicionalidade trans, essas relações tornam-se ainda mais intensificadas quando se pensa essa dinâmica afetiva, sobretudo com homens (cis). Rodrigues (2017) a partir de suas vivências como travesti afirma que

falar sobre afeto e travestilidade é um desafio imenso. Tentar ressignificar o que foi construído por uma história cisgênero, mais ainda. Principalmente quando para uma parcela das travestis o amor foi visto como um campo que permaneceu entre os desejos de um coração vazio (RODRIGUES, 2017, s.p).

Na mesma proporção esta reflexão se aplica às experiências cotidianas de mulheres trans. Neste sentido, emerge o questionamento sobre que estrutura é essa que insiste em se reorganizar com vistas a oprimir, condenar e subalternizar as feminilidades, inclusive, independente das identidades de gênero, corporalidades e sexualidades? Rivera (2019, s.p.) indica, sobre a objetificação dos corpos trans, que estes são vistos como “corpas invisíveis (...), sem rosto, só genitália!”, não é isto algo sintomático de uma sociedade adoecida e imersa em processos de desumanização e precarização de vidas?

Araújo (2015, s.p.), por sua vez, pontua uma experiência com a família do namorado cis – o único que teve, de acordo com ela – em que ambos tiveram que escutar da família o

seguinte comentário: “‘trouxe um traveco’ para dentro de casa”, algo que resultou na posterior expulsão do rapaz. Essa observação feita por ela é interessante quando se reflete sobre a recusa por parte de muitas pessoas, sobretudo homens cis (novamente) em assumir relacionamentos com mulheres trans/travestis. Para além de uma recusa pessoal neste processo, há uma enorme rejeição familiar e social deste tipo de arranjo afetivo, algo que não favorece em nada no processo de naturalização destas relações. Deste modo, como destaca Araújo (2015), pode-se constatar que há uma espécie de limbo afetivo relegado às mulheres trans e travestis, do qual é difícil escapar.

Ela destaca algumas reflexões que tem feito a partir desta constatação: “Afim, qual homem me beijará? Qual homem andará junto comigo em um Shopping? Qual homem me apresentará para sua família enquanto companheira?” e pondera que para a maioria dos homens “que ontem portava privilégios de ser quem apontava o dedo, hoje passar para quem pode receber os dedos apontados, é um jogo de relação de poder que (...) não está disponível de se abrir mão” (ARAÚJO, 2015, s.p), convertendo-se, neste sentido, em um jogo de forças do qual a maioria não está sensibilizado a investir, uma vez que sua posição de poder estaria ameaçada e diversos outros privilégios reservados ao homem cis que não se arrisca a se aventurar fora dos limites estabelecidos e se/quando o fizer que seja nas sombras e no silêncio para resguardar a suposta moral que foi estabelecida para si a partir de seus grupos sociais (família, amigos etc).

Araújo (2015, s.p.), a partir de suas vivências, também destaca que a concepção de uma prática sexual com mulheres trans/travestis ser atravessada por interditos “cria, para alguns, um fetiche”. De acordo com ela, o processo de hiperssexualização de seus corpos desemboca no desejo de satisfazer uma curiosidade que flerta com a ideia de uma experiência “exótica”, e atrelado a isso a desqualificação de suas identidades femininas, de modo a alocá-las “como uma subcategoria para desejos “estranhos” que aparecem durante o tedioso dia a dia”.

O processo de desumanização diário que somos, infelizmente, expostas refletem não só nos índices de evasão escolar e de não estarmos no mercado de trabalho, mas também em questões afetivas. Na nossa interação com o outro. Com a nossa expectativa afetiva em relação ao outro. O que eu, enquanto mulher trans, posso esperar de você, homem? O que você tem para me dar? Você, mulher cis, seu irmão, seu primo, seus amigos, seus conhecidos ou até mesmo, seu atual namorado, quantos deles assumiram mulheres trans? Quantos deles veem mulheres trans como mulheres? Quando eles, enfim, poderão nos amar? Afim, por que os homens não estão amando mulheres trans? (ARAÚJO, 2015, s.p)

Sobre esse processo de desumanização, Milena reflete sobre suas vivências após mudar o turno em que estudava. De acordo com ela:

*(Milena) É uma coisa que eu tenho analisado muito, em relação a quando eu mudei pra UFBA. Porque a UFBA é diurno. Todo o tempo que eu passo fora agora de casa é durante o dia. Antigamente, eu passava o dia todo dentro de casa e só saía à noite que era quando eu ia pra faculdade. E aí, tipo... Eu vivenciava muitas experiências de assédio à noite. Era gritante. Parece que à noite era quando os bichos saíam assim, saíam... Vamo revelar agora. Era praticamente todo dia, ou duas vezes na semana eu tinha experiência de assédio. Especialmente depois que eu comecei a transicionar. E aí, depois que eu mudei pra UFBA, eu percebi que quase não sofri assédio. E eu fiquei tipo, é porque agora você não sai mais à noite. Você sai de dia e aí inverteu na verdade. O que eu sou de dia é o repúdio das pessoas, os olhares estranhos. Tipo assim, se antes eu era objeto de gozo agora eu sou objeto de escárnio, né? Aquela coisa do... Tipo, começar a ter experiências, como, por exemplo, as pessoas gritarem pra mim na rua, na minha cara me perguntarem “que porra é essa?”, né? Você conseguiu relacionar, né? As pessoas gritarem na rua perguntando que porra é essa, sabe? Tipo, se eu sou homem ou uma mulher.*

Cabe então, dentre outros questionamentos, por que a abordagem das pessoas é diferente no que tange à noite e ao dia? Sob quais prerrogativas ocorre essa mudança de postura? A penumbra noturna parece esconder muito mais do que as nossas sombras.

#### 2.2.4.4 Outras considerações

Este subeixo foi criado pela necessidade de se apontar algumas reflexões feitas por Milena no que tange à afetividade. Em proveito disso, irei tecer algumas considerações complementares ao que foi discutido ao longo deste eixo. De acordo com ela, é importante considerar as relações de amizade no que se refere aos vínculos afetivos, uma vez que eles são muito importantes em nossas vivências.

*(Milena) Isso pra mim, eu já fico assim... Afetividade... Será que afetividade só está relacionada a sexo ou afetivo-sexual, sabe? Porque assim... Em relações amorosas? Porque tem amizade! E, pra mim, a amizade são relações afetivas que eu... Eu sempre tive uma amizade de toda a vida.*

De fato, falar sobre afetividades é falar sobre as relações de afeto que nos atravessam cotidianamente, seja por parte de companheiras/os/es, familiares, amigas/os/es, anônimas/os/es que encontramos no dia a dia, nas relações de trabalho, na universidade etc. Entender que existem atravessamentos afetivos nestas relações e que impactam diretamente nas vivências e experiências de pessoas trans e processos de subjetivação é fundamental para entender esta dinâmica de forma integral. Em grande medida, no que tange a relações de amizade, estas quando bem estabelecidas, seja por vínculos de empatia e respeito, dentre outros, são muito caras e importantes para enfrentarmos os processos aos quais somos submetidas/os/es cotidianamente, uma vez que socialmente não há uma estrutura que naturalize e humanize os nossos corpos e, via de regra, as relações (cis) que são estabelecidas conosco e nossa humanidade costumam ser arbitrárias em diversos aspectos. O próximo eixo será dedicado a se debruçar sobre as relações de convívio social e este tema será melhor desenvolvido nele.

Outro ponto em que Milena faz algumas colocações que merecem atenção e reflexões diz respeito às próprias relações afetivas. De acordo com ela:

*(Milena) É incômodo, mas, ao mesmo tempo, eu não sei, especificamente, tipo, como definir isso, porque é incômodo, mas, ao mesmo tempo, não é algo que eu penso sempre, sabe? Eu penso que as coisas são muito de momento. Eu aceito, eu aprendi na verdade a aceitar que as coisas elas mudam, então, por exemplo, hoje em dia eu posso estar super bem com o fato de eu não ser amada, né? Não ter um relacionamento amoroso e amanhã não, tipo, isso não quer dizer que hoje eu não estava bem de verdade. Né? Que eu estava reprimindo ou que eu estava fingindo... Só quer dizer que mudou, tipo... Que as minhas necessidades que eu tinha hoje não quer dizer que são as mesmas necessidades que eu vou ter amanhã, então, por exemplo, eu tive um encontro que me mudou, né? Por exemplo, eu vi um casal na rua que querendo ou não me fez desejar aquilo, ou sei lá, às vezes eu vejo um casal na rua que tipo “Ah”, sabe? Pra que eu vou querer ter isso. Ou então é isso, as coisas mudam, então assim, é incômodo sim, gera um sofrimento, tem uma história, tem um percurso, eu entendo esse percurso, mas, ao mesmo tempo, não é sempre que isso me gera um incômodo, não é sempre, porque não é sempre que eu tenho necessidade disso, e quando eu tenho necessidade não é sempre que essa necessidade me faz sofrer, né? Porque tem isso também: a necessidade ela pode existir o tempo inteiro, mas se essa necessidade me faz sofrer ou não, é um outro fator. Então é isso, sabe? Não existe, eu não sei responder muito bem se isso me incomoda ou não, é incômodo quando é incômodo.*

Essa colocação de Milena é de suma importância para perceber um deslocamento nessa ideia (subentendida, em muitos casos e narrativas) de que para se estar bem é preciso estar acompanhada/o/e, sobretudo quando se pensa que, no caso das mulheres (cis), há uma cobrança social muito intensa neste sentido – que é atravessada pelo etarismo que reflete a heteronormatividade e o cissexismo associado a uma ideia de idade para reprodução. Ela reposiciona o olhar ao perceber que não necessariamente precisa ser dessa forma e rompe com a ideia romantizada dos relacionamentos. Sua reflexão me fez lembrar de Ana Flor Rodrigues (2017), quando ela faz a seguinte afirmação: “se os homens não estão se relacionando conosco, é porque não nos merecem” (s.p) e aponta que “uma das pautas mais recorrentes no debate transfeminista brasileiro é o direito ao afeto” (s.p), entretanto, pondera a partir desse deslocamento de perspectiva, um novo olhar lançado sobre o tema da afetividade, ao afirmar que

o fato de sermos incríveis significa que não devemos, nem precisamos estar ao lado de qualquer um. Para estar conosco (...) faz-se necessário reconhecer que não somos pouca coisa. Logo, se relacionar com uma travesti é um privilégio, e nem todo mundo deve gozar dele. Ou seja: nenhum homem medíocre deve ser amado por uma travesti” (RODRIGUES, 2017, s.p).

Esta consideração se estende para a experiência de mulheres trans. Acerca de outras problemáticas e ponderações trazidas neste eixo, cabem algumas observações:

(1) Tal como afirma Tannehill (2014), os corpos e as histórias de pessoas trans são manejadas como se fossem de domínio público (s.p). Nesta perspectiva, pessoas trans, em especial mulheres trans e travestis, são submetidas a situações perigosas e/ou mesmo vexatórias e de objetificações, além de haver uma permissividade (não dita) de descarte e violabilidade de nossos corpos caso as pessoas (cis) se sintam “ludibriadas” de alguma forma, ou mesmo para atingir algum tipo de realização fantasiosa e/ou gozos diversos. Isso reflete em situações onde assassinatos e transfobias são minimizadas socialmente por entenderem que a pessoa trans foi culpada por não revelar sua condição ou mesmo por estar nesta condição (BAGAGLI, 2017). Apenas o ato de ter que refletir sobre isso e viver em constante vigília ou tendo que dar satisfações diversas pela própria condição de existência é algo extremamente violento para nós e, infelizmente, uma realidade cotidiana;

(2) A binariedade e o jogo de forças opostos estabelecido a partir da relação “hetero e homo” (incluindo as demais dissidências sexuais), sendo a heterossexualidade entendida como norma e hegemônica e as dissidentes entendidas como “alternativas, o “outro”” da

norma, é problematizada por autores como Louro (2000); Bagagli (2017) como uma necessidade genuína de reiteração de si, ou seja, nessas redes de relações, a normatividade hetero só existe e se reafirma na medida em que se cria este “outro”, as dissidências de gênero, sendo estas, portanto, necessárias para a sustentação deste círculo, embora as relações estabelecidas sejam em grande maioria de abjeção e marginalização. Acredito que este mesmo raciocínio pode ser aplicado para as identidades de gênero (cis-trans);

(3) Compartilho do ponto de vista de Hailey (2013, s.p.) quando ela afirma que as corporalidades têm sido “empecilhos que nos previnem de relacionarmos com pessoas maravilhosas” (s.p). E complementa afirmando que o gênero e o corpo faz parte de cada pessoa, no entanto, ela é muito mais do que isso. Em suas palavras: “Desejo conhecer as pessoas – todas elas – em suas particularidades, seus gostos, suas idéias, seus modos. Desejo conhecer as pessoas em outros espectros que não (só) gênero e corpo”. Somente desta forma, as relações e os arranjos afetivos seriam considerados em sua amplitude e todas as formas de amor seriam socialmente valorizadas e respeitadas.

### **2.2.5 Convívio social**

Este eixo se fez presente em função de as narrativas das entrevistadas se desenrolarem, em grande medida, sobre circunstâncias que provocaram afetamentos em suas vivências a partir de convivências sociais fora do ambiente familiar. De fato, a convivência social é inevitável em nosso trânsito cotidiano. No entanto, esse processo pode ser muito doloroso e desafiador para pessoas cujas performatividades de gênero não condizem com a norma estabelecida, tornando a existência em certos espaços um processo de resistências e enfrentamentos diários, como em espaços de trabalho e educação, por exemplo, ou mesmo em rodas sociais, espaços de convivência, entre outros.

De acordo com Amorim, o espaço escolar é um ambiente que possibilita situações de hostilidade e humilhações para a comunidade trans. Atitudes preconceituosas e discriminatórias, de “negação, estigmatização ou ódio contra toda sexualidade que não seja a heterossexual se expressam de forma sistêmica na escola, o que faz com que esses alunos muitas vezes não consigam avançar nos estudos formais” (AMORIM, 2018 p. 15). Neste sentido, o avanço na formação, quando tal processo ocorre para algumas pessoas trans, é recheado de experiências que tensionam a convivência sadia nestes espaços, processo que desemboca na necessidade deveras emergente de se pensar sobre não apenas a inclusão das

peças trans nestes espaços, como também a permanência nos mesmos, levando em consideração as singularidades de cada processo específico, mas sem perder-se da necessidade de olhar a partir das lentes de gênero que atravessam e constituem tais vivências, uma vez que muitas pessoas trans têm desistido de transitar em espaços de formação acadêmica básica e superior em função das diversas vivências de transfobia e opressões diárias. Ainda de acordo com o entendimento de Amorim, “essa evasão se caracteriza mais como uma expulsão daquele que tem que ser eliminado por ter algo que a sociedade quer higienizar. Por vezes, a violência é tão intensa que chega ao ponto de motivar homicídios de pessoas trans e/ou suicídios” (AMORIM, 2018, p. 15).

O espaço educacional não é isento das construções de cunho cisheteronormativo que estruturam as relações interpessoais e, desta forma, as relações de estranhamento e abjeção advindas desta estrutura. Isso somado às intolerâncias transfóbicas nestes espaços recaem em relações arbitrárias onde violências de diversas ordens espreitam os corpos e performatividades trans. Tal processo instaura situações de marginalização, preconceitos e discriminações, violências físicas e/ou simbólicas e expulsão de nossos corpos destes espaços. De certa forma, a quase que total inexistência de discussões sobre gêneros e vivências de identidades dissidentes, bem como a falta de formalização desses debates nos componentes curriculares, nas referências bibliográficas utilizadas nas aulas, livros e poucos professores articulados e afinados à temática de gênero nestes espaços, podem ser caracterizados como um tipo de política de higienização, uma forma de garantir que a manutenção do *status quo* se mantenha firme e operante e, em consequência, o apagamento das vivências e identidades desviantes, aquelas não desejáveis.

De acordo com a Constituição Federal do Brasil (1988) e a Lei de Diretrizes Básicas da Educação (LDB, 1996) e Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN, 2013), é garantido aos cidadãos a educação como Direito Social básico (AMORIM, 2018), importa, portanto, compreender e intervir nos processos que dificultam e/ou impossibilitam a existência e permanência das pessoas trans nesta esfera. No que tange ao mercado de trabalho, as considerações não são mais felizes e promissoras. Mulheres e homens trans enfrentam as dificuldades do processo de empregabilidade adicionado a fatores como preconceitos, discriminações, transfobias, intolerâncias, ignorância em relação à própria compreensão de suas performatividades. Muitos de nós perdemos o emprego fixo após anunciar nossas identidades, outras pessoas da comunidade atrasam a terapia hormonal e/ou abdicam de suas próprias identificações de gênero para se resguardarem da perda do emprego e/ou diversas



violências sofridas no espaço laboral. De acordo com Moura e colaboradores, dentre os fatores que dificultam o acesso de pessoas trans ao mercado de trabalho, “o preconceito de gênero, a invisibilidade das transexualidades, a falta de políticas públicas que insiram esse grupo social no ensino médio e superior” (MOURA *et al.*, 2019, p.2) são mais frequentes revelando “uma grande necessidade no mundo corporativo brasileiro, que é criar um ambiente de diversidade nas empresas e nos serviços públicos” (MOURA *et al.*, 2019, p. 6).

Outro aspecto importante quando se pensa sobre convívio social das pessoas trans refere-se à segurança durante o trânsito nas ruas, espaços públicos e privados, bem como o respeito à nossas identidades de gênero e as possíveis violências, às quais nossos corpos ficam vulneráveis ao longo do dia a dia. Segundo um levantamento realizado pela ONG europeia Transgender Europe, em 2019 o Brasil, a exemplo de anos anteriores, se mantém na posição do “país que mais mata transexuais no mundo. Foram cento e sessenta e três assassinatos de transexuais, sendo cento e cinquenta e oito de travestis e mulheres trans, quatro de homens trans e um de pessoa não-binária” (AMORIM, 2018, p. 6).

De acordo com a Antra (2020, p.7), a partir de levantamento realizado com o intuito de mapear, “através de pesquisas, monitoramento e análise assassinatos”, violências direcionadas a travestis e transexuais brasileiras, bem como assassinatos, “visto que o Estado tem-se omitido de levantar esses números”, não há “nenhuma diferença significativa no dia-a-dia da vida das pessoas trans. Os números se mantêm acima da média, que assegura ao Brasil o 1º lugar no ranking dos assassinatos durante últimos 10 anos” (ibidem, p. 8) algo que revela a política genocida do Estado a partir de seu silenciamento e falta de mobilização e amparo frente às demandas e extermínio da população trans.

Em levantamento recente, a *Revista Gênero e Número*, revelou um aumento de oitocentos por cento (800%) das notificações de agressões contra a população trans, chegando ao grave número de onze pessoas agredidas diariamente no Brasil. Em um caso recente, uma travesti teve que se fingir de morta para conseguir sobreviver (ANTRA, 2020, p. 10). É inadmissível que essa conjuntura continue a fazer parte de nossa realidade cotidiana. É importante reforçar que grande parcela da população trans do país “vive em condições de miséria e exclusão social, sem acesso à educação, saúde, qualificação profissional, oportunidade de inclusão no mercado de trabalho formal e políticas públicas que considerem suas demandas específicas” (ANTRA, 2020, p. 10) interseccionar esses dados à experiência das mulheres trans, é entender que a sua condição feminina na sociedade – machista e sexista

– potencializa tais vulnerabilidades e marginalizam suas existências a um lócus que flerta com o potencial risco de mortes e assassinatos.

O transfeminicídio é classificado como o assassinato sistemático de travestis e mulheres transexuais, sendo caracterizado como uma política disseminada, intencional e sistemática de eliminação da população trans, motivada pelo ódio, abjeção e nojo (BENTO, 2016, p. 1) “sendo a população negra a que tem maiores chances de ser assassinada” (ANTRA, 2020, p. 34) como mostra os dados produzidos pela ANTRA – 82% dos casos – além disso, travestis e mulheres trans negras são maioria no mercado de trabalho do sexo.

Ainda de acordo com a ANTRA (2020, p. 13), há diversos aspectos que favorecem esta “política de morte” e que provocam a manutenção desta violência e assassinatos direcionados a nossos corpos, das quais cito:

Proibição das discussões sobre gênero, sexualidade e diversidade nas escolas; Ausência de projetos, ações e campanhas sobre educação e empregabilidade para a população trans; Dificuldade no acesso ou negação de atendimento de pessoas travestis e mulheres transexuais nas Delegacias da Mulher e demais aparelhos de proteção às vítimas de violência doméstica; Ausência de dados populacionais e estatísticos sobre a população LGBTI; Omissão frente às violações de direitos humanos e a necessidade de mapeamento, acompanhamento e controle quantitativo sobre a população trans privada de liberdade; Ausência de campos ou informações sobre nome social e identidade de gênero das vítimas no registro das ocorrências; Dificuldade no entendimento e na correta aplicação da decisão do STF que reconheceu a LGBTIfobia como crime de racismo nos termos da lei nº 7716/89; Não reconhecimento e garantia da proteção através da Lei Maria da Penha ou a tipificação das mortes como Femicídio (ANTRA, 2020, p. 13- 14).

Bento (2016, p.1) reforça tais informações afirmando que “a população trans do Brasil é diariamente dizimada”. De acordo com ela, os assassinatos cometidos contra a população trans são erroneamente contabilizados como crimes contra os LGBTTT quando, na verdade, seria interessante enquadrar os casos voltados para as mulheres enquanto transfeminicídio, uma vez que o termo reforça que a motivação tem como base a questão de gênero. Compartilho da mesma posição. Ela ainda reforça que, em âmbito conceitual, tais crimes são colocados na categoria de homofobia, o que dificulta no processo de reconhecimento da cultura de extermínio de pessoas trans. Ela aponta seis recorrências preliminares que caracterizam o transfeminicídio a partir de seu ponto de vista:

1) O assassinato é motivado pelo gênero e não pela sexualidade da vítima; 2) A morte ritualizada. Não basta um tiro fatal, ou uma facada precisa ou um atropelamento definitivo. Os corpos são mutilados por dezenas de facadas, por inúmeros tiros. Os corpos são desmembrados pelo peso do carro que o atropela

várias vezes; 3) Ausência de processos criminais. Considerando que se trata de uma absoluta impunidade, pode-se inferir que há um desejo social de eliminação da existência trans com a convivência do Estado brasileiro; 4) As famílias das pessoas trans raramente reclamam os corpos. Não existe luto nem melancolia; 5) Suas identidades de gênero não são respeitadas no noticiário da morte, na preparação do corpo e no registro da morte; 6) As mortes acontecem em espaços públicos, principalmente nas ruas desertas e à noite. Sugiro que a principal função social deste tipo de violência é a espetacularização exemplar. Os corpos desfigurados importam na medida em que contribuem para coesão e reprodução da lei de gênero que define que somos o que nossas genitálias determinam. Da mesma forma que a sociedade precisa de modelos exemplares, de herói, os não exemplares, os párias, os seres abjetos também são estruturantes para o modelo de sujeitos que não devem habitar a nação (BENTO, 2016, p. 2).

A meu ver, Bento (2016) tem um olhar clínico em sua reflexão acerca do aparelhamento que sustenta o assassinato de pessoas trans, em especial, aqueles que devem ser caracterizados de transfeminicídio. De fato, é uma política de morte, uma higienização social onde corpos trans são tombados, e/ou dilacerados e despersonalizados de sua condição humana, sujeitos a um julgamento perverso em que a culpabilização e responsabilização desses corpos desumanizados é uma regra e até um favor social. Há um longo – e exaustivo – caminho para que nossos corpos e existências tenham sua humanidade reconstituída. Até lá muitos corpos, muitas vidas cotidianamente enfrentam a mira desse ódio e barbaridade dirigida à população trans.

#### 2.2.5.1 Espaços de trabalho e de formação acadêmica

A despeito das estimativas e de toda política de higienização de corpos trans dos espaços sociais, das oportunidades de trabalho e de ascensão social, mulheres e homens trans têm ocupado diversos espaços, ecoando suas vozes, levantando suas bandeiras e deslocando as normativas, refazendo caminhos e borrando expectativas acerca de sua condição e realidade social. “Nesse sentido, fortalece-se a importância de se pensar estratégias que promovam e acentuem fissuras na reprodução do heterossexismo e suas consequências no cotidiano escolar e na trajetória de vida de pessoas trans” (AMORIM, 2018, p. 16).

Vasconcelos (2018, p. 1) afirma que, embora se saiba que o acesso à educação é um direito universal, muitos alunos ficam às margens deste direito, a exemplo, as pessoas trans que fazem parte do quadro de evasão escolar. “Por mais que exista atualmente o reconhecimento da diversidade sexual e de gênero, vemos um crescimento significativo de

evasão escolar de alunas travestis e transexuais, assim como a violência sofrida por eles em diversos ambientes”.

Louro (2010) endossa tal perspectiva ao afirmar que:

Não há dúvidas de que o que está sendo proposto, objetiva e explicitamente, pela instituição escolar, é a constituição de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais – nos padrões da sociedade em que a escola se inscreve. Mas, a própria ênfase no caráter heterossexual poderia nos levar a questionar a sua pretendida “naturalidade”. Ora, se a identidade heterossexual fosse, efetivamente, natural (e, em contrapartida, a identidade homossexual fosse ilegítima, artificial, não natural), por que haveria a necessidade de tanto empenho para garanti-la? Por que “vigiar” para que os alunos e alunas não “resvalem” para uma identidade “desviante”? Por outro lado, se admitimos que todas as formas de sexualidade são construídas, que todas são legítimas mas também frágeis, talvez possamos compreender melhor o fato de que diferentes sujeitos, homens e mulheres, vivam de vários modos seus prazeres e desejos (LOURO *apud* VASCONCELOS, 2018, p. 3).

Esse processo favorece e de certo modo estimula a produção de práticas transfóbicas, sendo uma postura instituída pelo próprio modo de funcionamento que se isenta de discussões e reflexões a respeito das questões de gênero. Os espaços escolares apresentam diversas problemáticas “dentre eles a transfobia, que afeta travestis e transexuais que lutam pela sua existência neste ambiente e interferem na sua permanência, ocasionando de maneira significativa a evasão escolar das mesmas” (VASCONCELOS, 2018, p. 4). Outro aspecto a ser considerado é o epistemicídio<sup>10</sup> – que atravessa as vivências de pessoas subalternizadas nos espaços escolares e de ensino superior – e que desmotiva a continuidade de produção de conhecimento destas pessoas nestes âmbitos.

Da mesma forma, a falta de incentivos e políticas de inclusão e permanência de pessoas trans no mercado de trabalho segue interferindo na aderência e permanência desse grupo nas atividades laborais algo que, por consequência, interfere na qualidade de vida de nossa população.

---

<sup>10</sup> Nas universidades ocidentalizadas, o conhecimento produzido por epistemologias, cosmologias e visões de mundo “outras”, ou desde geopolíticas e corpos políticos do conhecimento de diferentes regiões do mundo considerados como não ocidentais com suas diversas dimensões espaço/temporais, reputados “inferiores” em relação ao conhecimento “superior” produzido por uns poucos homens ocidentalizados dos cinco países, conformam o cânone do pensamento nas humanidades e nas ciências sociais. O conhecimento produzido a partir das experiências sócio-históricas e concepções de mundo do Sul global – também conhecido como mundo “não ocidental” – é considerado inferior e é segregado na forma de “*apartheid* epistêmico” (RABAKA, 2010) do cânone de pensamento das disciplinas das universidades ocidentalizadas. Mais ainda: o conhecimento produzido por mulheres (ocidentais ou não ocidentais) é também visto como inferior e fora do elenco do cânone do pensamento. As estruturas fundacionais do conhecimento das universidades ocidentalizadas são epistemicamente racistas e sexistas ao mesmo tempo (GROSFOGUEL, 2016, p. 27- 28).

Previsto no *caput* do art. 6º da Constituição Federal, o trabalho é considerado um direito social. Contudo, no Brasil, em virtude dos padrões culturais que constituem as identidades transgêneras como desviantes e inferiores, essa população tem grande dificuldade de acesso ao mercado de trabalho formal (ALMEIDA e VASCONCELOS, 2018, p. 303).

Através de pesquisa realizada com a população trans com o intuito de perceber as relações de trabalho e seus impactos cotidianos, Almeida e Vasconcelos (2018, p. 304) apontam que a falta de conhecimento sobre as diferenças entre cisgeneridade e transgeneridade – que é comumente confundida com orientação sexual – dá início ao processo de invisibilidade. “Isso prejudica não só a compreensão dos problemas específicos das pessoas trans, como até mesmo o reconhecimento de sua existência”. Além disso, apontam cinco principais desafios que a população trans se defronta na busca e/ou inserção no mercado de trabalho, a saber: “(i) preconceito e transfobia; (ii) documentos, tais como registro civil e certificado de reservista; (iii) uso de banheiro, vestiário e uniforme; (iv) baixa escolaridade e evasão escolar involuntária; e (v) linguagem corporal e verbal” (ibidem, 2018, p. 310).

De acordo com Fleury, no próprio processo da entrevista de seleção para o posto de trabalho, as pessoas trans são vulneráveis a serem dispensadas apenas pelo fato de serem trans. Quando pessoas trans e, em especial, mulheres trans e travestis são incorporadas ao mercado formal são alocadas em posições subalternas. Essa alocação “pautada pela divisão sexual do trabalho busca dissimular a existência de corpos e de vivências de gênero dissidentes das normas regulatórias do sexo e dos estereótipos de gênero”. Uma vez empregadas, ainda não estão livres de violências físicas e/ou psicológicas, bem como desafios para incorporação do nome social ou utilização do banheiro a partir de sua identidade de gênero (FLEURY, 2016, p. 24).

O campo da abjeção é reservado às pessoas trans cotidianamente. Cabe destacar que a abjeção:

se incumbe da desapropriação de qualquer reconhecimento ou direito que um ser humano possa ter devido inexistir para a inteligibilidade lógica das compreensões normativas, ou seja, sem visibilidade não é reconhecido como sujeito, se não é sujeito não existe, logo, não pode ser tomado como ser de direitos. Situa as pessoas no interstício entre corpos que parecem não ter importância devido a suas dissidências frente ao normativo, e corpos que importam enquanto marcadores das fronteiras da normalidade (AMORIM, 2018, p. 129).

Infelizmente, poucas estratégias têm sido pensadas para romper com a lógica de deslegitimação de nossas existências e necessidades como sujeitos de direitos e necessidades. No que tange ao mercado de trabalho, por exemplo, poucas estratégias têm sido pensadas para retirar a população trans das margens e da sub-humanidade e inseri-la no mercado de trabalho, garantindo qualidade de vida e estabilidade.

Entendendo a relevância deste tema, as entrevistadas foram convidadas a falar sobre suas vivências na universidade e mercado de trabalho. Partindo também da realidade de um município interiorano – e as implicações possíveis que este atravessamento produz – várias ponderações interessantes foram feitas por elas. Milena, por exemplo, inicia comentando sobre sua experiência de estágio e inserção em universidade pública em momentos simultâneos.

*(Milena) Atualmente, eu estudo e faço estágio. Pra mim acaba entrando como atividade laboral. Pela oportunidade de profissionalização.*

*(...) Quando eu passei na seleção do CREPOP, foi no mesmo momento que eu passei na UFBA. Tipo, eu fiz a seleção do CREPOP na quinta-feira, aí no domingo eu fiz a prova da UFBA. Aí na sexta eu recebi o resultado, na sexta entre a quinta e o domingo eu recebi o resultado do CREPOP e um dia depois, um mês depois eu recebi o da UFBA, quando saiu o resultado da prova. Então pra mim, tipo, foi um momento marcante na minha vida, porque além de ter essa coisa da questão da autonomia, são dois espaços em que minha identidade trans é amplamente respeitada e reconhecida.*

*(...) Eles sempre foram muito receptivos, muito cuidadosos e tiveram o máximo de cuidado possível em relação a isso. Então assim... Foi uma experiência muito, muito, muito importante que... Meu treinamento foi em Salvador. E eu fui pra lá, e eu lembro que conversando com a minha supervisora, logo no final assim, depois dos dois dias de treinamento eu falei que eu nunca estive... E pra mim, isso foi chocante também. Eu falei que eu nunca estive em um espaço e frequentando um ambiente em que todas as pessoas respeitavam minha identidade de gênero. É um cuidado delas em relação a isso, então isso pra mim foi muito marcante, né? E aí, com a UFBA é igualmente. Há tensionamentos, obviamente, mas todas as pessoas sempre foram muito abertas. Sempre... Ainda mais agora no curso.*

Milena relata experiências felizes no que tange ao respeito a sua identidade de gênero tanto em seu espaço de trabalho quanto no espaço acadêmico, algo que costuma ser exceção na experiência de pessoas trans. No entanto, há situações específicas em que esse respeito é corrompido, de acordo com ela, em função de uma adaptação que é muito singular para cada pessoa. Dando continuidade ao seu relato, ela afirma que:

*(Milena) Todo mundo sabe, então todo mundo respeita muito. Só que querendo ou não existe ainda os aspectos negativos, por exemplo: cada pessoa tem um processo de adaptação muito único, então, às vezes, erra o gênero ainda ou então funcionários que não me conhecem, nunca houve... Por exemplo, uma das meninas que servem no R.U. [Restaurante Universitário], N., ela... Eu conversei com ela, tipo, cumprimento, “e aí?” Ela sabe o meu nome (M.) e ela fala “Ah, seus irmãos também têm um nome diferente assim?” E aí quase que eu falava “Não, é porque esse nome foi eu que escolhi, por isso que é diferente”. Eu encontrei ela recentemente, ela tem um acarajé ali na Frei Benjamim e eu passei, tava andando na rua, louca, passei assim, depois descii, e eu não tinha notado ela ali, entendeu? Quando eu descii, que eu voltei, ela me chamou “Ei, gatinho”! Aí eu reconheci a voz, tipo, na cabeça fez aquele mapa mental assim rapidinho, eu falei “Deve ser N.” E quando eu olhei pra trás era ela, e tal, e aí tipo, eu fiquei com isso na cabeça, e isso nunca foi pontuado. Tipo, na fila do R. U., ela sempre me chamou de ele e eu também nunca corriji porque pra mim era muito cansativo, sabe? Passar por isso o tempo inteiro, às vezes acontece muito isso de as pessoas me chamarem de ele e eu simplesmente passar reto porque é uma coisa que eu coloco muito pra mim, sabe? Eu não posso perder experiências por conta disso. Acho que, por exemplo, existe uma interação ali, e aí da interação, das inúmeras coisas que eu posso focar, se eu focar só nisso, eu vou ficar só nisso. Por exemplo, se cada vez que a pessoa errar o meu gênero ou os pronomes e tal e eu ficar corrigindo isso eu vou perder a interação, sabe? Por mais que isso é importante pra interação, mas eu não posso também focar só nisso porque eu posso perder inúmeras oportunidades de desenvolvimento integral. Então, eu tenho que abrir mão de algumas coisas pra poder ter outras. Isso sempre foi muito claro pra mim. Atualmente, pra mim, eu não tô conseguindo fazer essas distinções tão clara, e por isso eu estou me privando de muitas situações. Acho que até mesmo pelo desgaste de ter feito isso durante muito tempo. Mas, por exemplo, teve isso aí, eu tive que pontuar pra ela, na fila do R.U. Eu falei, foi agora segunda-feira, eu falei “Ah, foi você que me chamou, né?” Ela: “É”. Aí eu falei: “Eu não costumo atender quando as pessoas me chamam pelo masculino”. Aí ela: “Oh, M., me desculpa!” Entendeu? Tipo assim, já pontuei isso pra pessoa, só que aí eu fiquei tipo “Tive que pontuar isso, meu Deus, que preguiça”! E antigamente, eu falava, “Oh, que bom, eu não precisei falar muitas coisas, né?”. Eu fiquei analisando as reações porque isso não me deu uma satisfação. Geralmente,*

*antigamente, quando isso acontecia me dava uma satisfação porque eu não precisei fazer um percurso todo, eu não precisei ficar pontuando, no momento eu pude ficar, encontrar uma forma de falar depois. “Que massa que eu consegui”, sabe? “Que massa que isso foi possível!” E que nem tudo precisa ser... Tipo, da forma que funcionava, tava ok. Só que hoje em dia eu não consigo mais, não tô conseguindo mais, então pra mim, eu não tive satisfação em falar, em ter que falar isso, na verdade, pra mim, eu fiquei muito ansiosa em ter que fazer isso, mas eu fiz porque senão ia continuar, sabe? E ainda pode continuar, porque eu não sei, acontece, mas é isso, são os tensionamentos cotidianos, pra mim é muito mais sobre permanência do que adentrar esses espaços.*

Um aspecto muito importante trazido por Milena diz respeito à discussão sobre permanência e inclusão nos espaços. De fato, quando se pensa sobre a realidade de pessoas trans e seus corpos transitando neles, uma discussão não deveria ser levantada sem a outra, uma vez que os desafios de permanência nas escolas, universidades, espaços laborais etc, são uma constante em nossas vivências e têm potencial suficiente para barrar nossa inserção conquistada após muitas lutas e dificuldades. Afinal, o que tem sido pensado e articulado para garantir a permanência de nossos corpos, identidades e necessidades nestes espaços? Nossos direitos e nossas singularidades estão sendo consideradas de fato? Milena continua sua narrativa com a seguinte afirmação:

*(Milena) A permanência pra mim nesses espaços tem sido muito, é uma questão que tá sendo muito pautada por mim mesma, porque, por exemplo, no CRP [Conselho Regional de Psicologia], por mais que outras pessoas respeitem a minha identidade de gênero, por exemplo, eu tô encontrando agora, até mesmo embates que são mais relacionados à organização, né? Nem tanto em relação com o respeito a minha identidade de gênero, mas que é indiretamente atingida por isso que, por exemplo, eu me reconheço atualmente passando por um processo de esgotamento, né? Tanto que eu tava brincando com a professora de organizacional que eu tinha que apresentar um artigo, algum artigo relacionado à matéria, e o meu grupo ficou com um artigo chamado burnout, sobre burnout, né? A síndrome burnout<sup>11</sup>. Eu fiquei, “Gente, eu me reconheci tanto nisso!” Justamente esse esgotamento, sabe? Essa exaustão emotiva e isso tem*

---

<sup>11</sup> Trata-se de uma experiência subjetiva interna que gera sentimentos e atitudes negativas no relacionamento do indivíduo com o seu trabalho (insatisfação, desgaste, perda do comprometimento), minando o seu desempenho profissional e trazendo consequências indesejáveis para a organização (absenteísmo, abandono do emprego, baixa produtividade). O *burnout* é caracterizado pelas dimensões exaustão emocional, despersonalização e diminuição da realização pessoal (TAMAYO e TRÓCCOLI, 2002, p. 37). Silva e colaboradores (2015) indicam, através da literatura, a possibilidade de esses sintomas serem encontrados na população estudantil também.



*afetado o meu trabalho no CREPOP. E, às vezes, eu fico pensando, por exemplo, como ela não é levada em consideração, não que não seja levada em consideração, mas que não existe, pelo menos eu ainda não encontrei, essas vias pra poder falar sobre essas coisas, sabe? Porque, por exemplo, tem muita coisa que afeta a minha experiência de estágio que não necessariamente tem a ver com como eu sou tratada no estágio.*

Bianca, por sua vez, sobre suas experiências de trabalho e universidade, inicialmente define a si mesma como:

*(Bianca) Sou musicista, compositora, produtora fonográfica, afiliada à UBC, a União Brasileira de Compositores, e... Faço Psicologia. Na verdade, faço turismo em Psicologia, porque vou de vez em quando (risos), faço psicologia, eh... Trabalho também com serigrafia, além de trabalhar com serigrafia, trabalho com... Não... Acho que dá pra terminar por aí porque o resto... É um trabalho mais ou menos. Esses daí são os que eu faço um trabalho mais direitinho assim.*

Em continuidade, ela relata sobre suas vivências na UFBA e em seu espaço de trabalho – nos shows, nos palcos, nos bastidores – em relação à recepção das pessoas à sua identidade de gênero. De acordo com ela:

*(Bianca) Eh... Com algumas pessoas da UFBA, que eu já tô percebendo que tá acontecendo, algumas poucas eu não sei, algumas muitas, não sei também, tá sendo interessante também, algumas pessoas tão vindo conversar comigo e tão sendo bastante... Tão me dando um suporte incrível, incrível, incrível, incrível... Outras eu sei que sabem, preferem ficar ali quietas esperando, talvez, que eu conte, que eu converse. Já algumas pessoas assim, aí eu converso, converso com a pessoa, cê percebe que tem alguma coisa diferente ali, mas, tudo naquele negócio.*

*(...) e aí tá sendo. E aí sim em sua grande maioria tá sendo legal, pelo menos a maioria que vem falar comigo, tem sido bastante legal, apesar de eu sempre gerar alguma confusão e desconforto por ainda não ter passado por nenhum processo hormonal e por não necessariamente entender que eu tenha que utilizar algumas coisas ou algum símbolo pra me identificar com o que quero, com o que sinto, e... Aí algumas pessoas eu percebo que ficam assim, mas de resto é... Tem sido interessante pelo menos as pessoas que vêm falando comigo e no show, no palco, o público são as melhores pessoas, assim... No palco é incrível... Porque no palco é você quem manda né? Aí se eu*

*falar alguma coisa, alguém vim com negócio, algum negócio, o público vai em cima da pessoa, então tá de boa. No palco tá sendo bastante legal, e nos meios assim, musicais tá sendo bastante legal porque é um meio hoje onde a gente tá conquistando muito espaço, né? Mulheres e homens trans... E pessoas não binárias.*

Bianca também relata que, em grande parte, suas experiências, no que se refere à recepção das pessoas nestes espaços, têm sido tranquila, embora ocorram alguns entraves. Da mesma forma, em seu trabalho, ela aponta que há uma conquista de espaço por pessoas trans no meio artístico, o que favorece o respeito das demais pessoas. Entretanto, é inegável a existência de entraves nas vivências das meninas, seja no ambiente de formação acadêmica, seja no espaço laboral. Milena, por exemplo, afirma que há atravessamentos específicos oriundos de sua identidade de gênero que influenciam em seu cotidiano laboral. Sua perspectiva nos convida a refletir sobre as singularidades de nossos corpos em determinados espaços e alguns afetamentos, pouco discutidos e/ou refletidos, que isso provoca. Além disso, a temática da permanência é novamente invocada, uma vez que é essencial para que a nossa existência perdure nestes espaços e que a nossa humanidade seja resguardada. De acordo com ela:

*(Milena) Afeta, por exemplo, o fato de numa reunião eu ter que levantar o tempo inteiro porque eu tinha uma coisa presa dentro de minhas pernas, sabe? Me incomodando, sabe? Me machucava, aí eu tinha que consertar porque tava... Essa última viagem mesmo, ficou muito marcado. Porque tem que prender pra trás, né? Pra eu me sentir confortável. Então são essas coisinhas, por exemplo, eu tô levantando o tempo inteiro na reunião que a gente tá tendo, pra ter que consertar... São coisas... São coisas específicas da minha vivência enquanto pessoa trans/travesti, entendeu? Então, é sobre isso que tem me incomodado muito recentemente. Sobre esse processo de permanência e que é muito mais importante, sabe? Acho que sim, é importante a gente adentrar os espaços, mas e a permanência, né? E as estratégias de permanência? Como é que esses espaços estão preparados pra nossa permanência lá dentro? E a impressão que eu tenho é que não tão. Nem... Por mais que as pessoas falem “Não, a gente tá aqui, a gente te dá todo o suporte”, também não tem como prever, né? Elas não têm como prever as coisas que surgem ali, mas pelo menos no CRP eu sinto que existe essa abertura e inclusive essa reunião mesmo a gente vai apresentar esse relatório de estágio e tal. E vai poder fazer essa apresentação. E no meu, eu pautei todas essas questões porque pra mim é importante fazer o recorte, né? A experiência de estágio não é uma coisa que tá lá e eu fui lá e... Foi um corpo que foi lá e esse corpo é trans, então assim, esse estágio*

*querendo ou não, é afetado totalmente por isso. E, pra mim, é uma coisa que eu tenho que pautar novamente, mas o sentido da pergunta é muito isso, a experiência de pessoas trans nesses espaços específicos, eles não... Eles em si... Pelo menos a UFBA eu sofri mais com isso. Tipo, resistência dos diversos aspectos institucionais, né? Pessoas que sabem, mas ainda assim não consegue acompanhar, não consegue compreender o que tá rolando porque é um corpo que as pessoas tentam fazer uma leitura, né? O meu corpo, ele não grita fisicamente o meu gênero, eu que falo qual é, então as pessoas ainda esbarram em algumas coisas mesmo compreendendo que logicamente existe uma não lógica aí. Que não compreende especificamente o quê que tá acontecendo ali. E as pessoas acabam errando... Isso desgasta, isso tem sido muito... É isso. Permanência também. Permanecer nesses espaços tem sido muito difícil pra mim. Mas eu preciso permanecer neles, porque é a única coisa que eu tenho, então... Tem sido muito bom.*

Bianca também relata desafios encontrados na graduação e no mercado de trabalho em função do desrespeito à sua identidade de gênero, bem como práticas, pensamentos e/ou posturas transfóbicas. Em sua narrativa ela traz, sobre a Psicologia, essa dificuldade de se sentir pertencente em função das questões supracitadas.

*(Bianca) Já no campo da Psicologia, a meu ver, é um pouco mais complicado ainda. Eh... Eu tenho percebido uma coisa que é muito interessante. Eu tô passando pelo processo de supervisão de estágio com S., Tá. Isso aqui... Eh... Nunca contei isso aqui não. Mas eu percebo... Por exemplo, uma das pessoas que eu atendo é um homem gay, e eu percebo na orientação uns, alguns comentários um pouco homofóbicos, por parte de um orientador, sabe? E eu fico, na desculpa de que isso é uma teoria, na desculpa de que isso é um... É como se... É como se o que ele tivesse falando não tá certo porque a teoria diz isso. Não que ser gay é errado, mas tipo, uma generalização do que é ser gay, sabe? Que é um pouco estranho ouvir isso da boca de uma pessoa que é, teoricamente, é... Mais liberal, assim. Mas eu entendo também, até certo ponto, eh... Não o culpo e também não fico com mágoas pra cima dele, agora, por exemplo, na psicologia não tem, eu não me sinto à vontade de falar num setting terapêutico, num setting terapêutico não, numa supervisão sobre minha identidade. Não fico à vontade. Se coisas tão primordiais assim ainda não foram acessadas, eu trazer isso vai me gerar alguns desconfortos que não serão legais. Outra coisa que me preocupa bastante também com psicologia é porque eu trabalho com crianças. Eu atendo hoje em sua maior parte crianças, e é barril, assim. Eu já, algumas mães assim, quando chegam na sala pela primeira vez me veem com coisas simples, né? Que é tipo um cabelo, unha pintada, isso nem... Teoricamente isso nem indica pra uma pessoa se você tem certa sexualidade ou não, até porque esse ciclo do cabeludo de unha*

*pintada preta tá muito ligada à questão do metaleiro, né? Mas... Eh... Ainda assim eu já sinto algumas coisas... Eu fui fazer uma triagem com uma mãe, eh... E ela o tempo todo batendo na tecla de que ser gay era errado. Ser gay era errado, ser gay era errado, esfregando na minha cara, enfim... Porque a pessoa me lê enquanto, ela me leu ali enquanto gay, né? Não me leu enquanto uma mulher trans ou uma pessoa... Enfim. Eh... E aí eu percebo que há uma certa insegurança às vezes, da mãe deixar uma criança com uma pessoa assim. Aos poucos eu percebo que eu vou conseguindo e fica tudo tranquilo, porque aí eu desconto no carisma, a mãe chega, eu: “Não, fique à vontade”. Falo daquele jeito, emulo muito bem algumas coisas como antigamente, né? Sento de algumas maneiras que eu percebo que vai meio que esfregar na cara delas “Não, fique tranquila, fique tranquila”, e... É isso, sabe? É bastante desconfortável esse lugar da psicologia, de você ter que lidar com as mães e com os pais. Ainda mais porque alguns trazem, demandam tipo isso, tipo “Tô achando que meu filho tá virando viadinho”, e eles meio que jogam isso nas suas costas, assim, lide com isso, sabe? Conserte isso. Porque isso tá no meio do discurso, ou oriente...*

*(...) E aí eu não sei, a atuação é algo que me preocupa um pouco. Hoje por estar com uma passabilidade cis por um homem, isso me dá uma certa tranquilidade. Agora quando eu começar a tomar hormônios e criar uns peitinhos bem pequenininhos, vai que nasce peitinho, né? Essas coisas já vão começar a mudar um pouco. Vai que a gordura no quadril cresça, vai que ela acabe desenvolvendo em outra região, vai que... Eu já tenho aí alguns símbolos que remetem a algo. Quais são as chances de eu chegar no mercado de trabalho ou já ter dito sou mulher trans e me formar como mulher trans e... Como isso vai repercutir no mercado? E aí eu já não sei, eu já não sei se... É um caminho que, por nunca chegar a uma passabilidade cis, né? Porque se eu tivesse uma passabilidade cis, tudo bem, né? As pessoas iriam me ver enquanto uma mulher cis e “não, tudo bem, vou deixar minha criança aqui com você, com uma mulher aqui, uma cuidadora”. Mas com uma pessoa toda errada igual eu vai pensar o quê? Visto que as nossas identidades são entendidas como identidades eh... Perturbadas, sexualmente falando ou coisas do tipo. E... E aí é foda, eu fico com esse receio e aí eu penso “Não, vou atender adulto, vou me focar pra esse rumo aí porque, pelo menos, alguns adultos, eu acredito, que existe algum tipo de diálogo ou, ao menos, uma suspensão do que você é”. Agora pra uma mãe deixar sua criança que, na cabeça dela, é uma pessoa toda errada, isso é perigoso, isso é perigoso, isso é muito perigoso. Eu tenho muito medo disso. Muito, muito, muito. E aí, talvez, seja também esse um dos motivos dos quais eu acabo me distanciando cada vez mais da psicologia, eh... a psicologia acaba ficando num lugar muito terceiro assim. Por ser um lugar que... eu percebo que, a minha existência sempre vai atravessar esse trabalho, sempre vai de algum modo ser mais uma pedra ali pra algumas pessoas que vão estar comigo no setting terapêutico. Isso me*

*preocupa. Já na música não, já na música eu percebo que está num caminho que é muito mais claro, e um lugar onde eu fico muito mais à vontade, né? E aí eu fico nisso. Serigrafia em nem conto porque eu trabalho com meu pai então, nem, nem, e nem quero seguir nada, é só pra ajudar a pagar a luz mesmo.*

Esse relato é um retrato de algumas dificuldades que a comunidade LGBTQIA+ enfrenta, neste caso, mulheres trans estudantes e formadas em Psicologia. Infelizmente, um retrato também de uma sociedade que abomina as diferenças e normatiza os corpos, identidades e desejos, portanto, mais um desafio para corpos trans que transgridem as estimativas sociais e adentram espaços de trabalho como a Psicologia. Infelizmente, é uma condição que nos obriga a criar estratégias para minimizar os danos em termos profissionais e também pessoais, uma barreira que afronta nossas permanências nos espaços acadêmicos e de trabalho. No que se refere à postura do professor, é importante notar o *feedback* que é reverberado em Bianca uma vez que ela, a partir disso, percebe que não é um espaço seguro suficientemente para que sua identidade seja revelada e respeitada.

De acordo com Vasconcelos (2018, p. 1), no âmbito da educação “o professor é um sujeito essencial para a inclusão e permanência de alunas travestis e transexuais, visto que este sujeito tem sua função social de despertar no educando sua concepção empática, relacional, de identidade e de respeito perante a sociedade”. No entanto, nas escolas e universidades existe um abismo neste sentido. Há pouca ou nenhuma preparação para o acolhimento e respeito às performatividades trans, o que implica na impossibilidade de “ver estas pessoas no ambiente educacional de forma assídua”, sendo “as que frequentam esses espaços (...) as que suportaram as sobreposições heteronormativas em virtude da vulnerabilidade social, que estão evidenciadas desde a fase inicial da educação básica” (ibidem, p. 2).

O contexto educacional e laboral ainda precisa de uma grande reparação quando se pensa a recepção, inclusão e permanência da população trans. A inserção nesses espaços, em várias experiências de pessoas trans, sempre implicou algum tipo de abnegação. Seja de si, seja de submissão e vulnerabilidade a situações vexatórias e/ou desconfortáveis em outros aspectos. Uma resistência cotidiana e, em muitos casos, a reorganização de projetos de vida e objetivos em função de a permanência se fazer insuportável e/ou impossível. Uma “cidadania precária”<sup>12</sup> (BENTO *apud* MODESTO, 2017) sempre foi algo reservado para nossos corpos,

---

<sup>12</sup> A cidadania precária representa uma dupla negação: nega a condição humana e de cidadão/cidadã de sujeitos que carregam no corpo determinadas marcas. Essa dupla negação está historicamente assentada nos corpos das

uma vez que estes espaços não conseguem sustentar as nossas verdades a circular por seus corredores e a “bagunçar” suas certezas.

#### 2.2.5.2 Amizades, espaços sociais e outras interações sociais

O convívio social de nós pessoas trans é constantemente atravessado por situações de violência. Seja em espaços públicos ou em espaços privados, já parece ser consenso social que as pessoas trans devam passar por situações de discriminação, preconceito e risco de morte. Parece ser uma penalidade por ter “saído do eixo”, feito a curva em horizontes de linha reta, apresentado novos caminhos, novas possibilidades de ser. De acordo com a ANTRA (2020, p.7), as violências às quais as pessoas trans são submetidas “vem passando por um processo de modificação de sua estrutura, tensionada pelo avanço da (re)organização dos movimentos sociais e o olhar atento das instâncias internacionais”. Desta forma, percebe-se que “assim como o capitalismo, o racismo e o machismo, essa violência tem dinamizado suas formas de perpetuar o poder que autoriza quem manuseia essas ferramentas de opressão e de violência sobre os corpos que são matáveis”. Sendo assim, pode-se inferir que “a Transfobia [...] tem migrado do epicentro do ódio para assumir outras formas, em que matar seria o ponto mais extremo e a violência passa a se intensificar sob outros aspectos, simbólicos, psicológicos, estruturais e institucionais” (ANTRA, 2020, p. 7-8).

Ao longo de nossas interações sociais, em instituições ou em rodas de amigos e conversas informais, parece ser impossível escapar, em algum momento, de situações que envolvam nossas identidades de gênero. Poder-se-ia dizer, inclusive, que a categoria trans superasse nossa condição humana<sup>13</sup>, infelizmente, no mal sentido para muitas pessoas. Obviamente, isso não ocorre na totalidade dos casos, há muitas pessoas cis aliadas e sensíveis à causa ou com ótica suficiente para enxergar nossa condição humana anterior à nossa identidade de gênero. No entanto, enquanto tais casos forem exceção e houver enormes taxas

---

mulheres, dos/as negros/as, à das lésbicas, dos gays e das pessoas trans (travestis, transexuais e transgêneros). (BENTO apud MODESTO, 2017, p. 97-98).

<sup>13</sup> O debate sobre a condição de humanidade é bastante amplo. Sob o viés do racismo, Grada Kilomba, em Memórias da Plantação – publicada originalmente em 2008 – traz essa discussão junto com Paul Gilroy ao pensar em pessoas negras e, mais particularmente, em mulheres negras.

de assassinato, desemprego, expulsão doméstica etc da população trans, são necessários e emergentes esses tipos de discussões e denúncias.

Falar sobre as experiências de mulheres trans residentes no interior da Bahia é abarcar um rol de vivências que escancaram diversas violências ao longo de suas trajetórias. Além disso, é perceber o quanto de abjeto é o feminino na sociedade, tal como afirma Bento:

Se o feminino representa aquilo que é desvalorizado socialmente, quando este feminino é encarnado em corpos que nasceram com pênis, há um transbordamento da consciência coletiva que é estruturada na crença de que a identidade de gênero é uma expressão do desejo dos cromossomos e dos hormônios. O que este transbordamento significa? Que não existe aparato conceitual, linguístico que justifica a existência das pessoas trans. Mesmo entre os gays, é notório que a violência mais cruenta é cometida contra aqueles que performatizam uma estilística corporal mais próxima ao feminino. Portanto, há algo de poluidor e contaminador no feminino (com diversos graus de exclusão) que precisam ser melhor explorados (BENTO, 2016, p.1).

Parece mesmo haver uma abominação extrema nas performatividades femininas de mulheres trans, parece ser absurdo para a sociedade que seus corpos expressem feminilidade e não sejam passíveis de punição por isso, parece ser justificável atos de crueldade, portanto. “Essa zona de abjeção, além da própria exclusão, gera, em determinados sujeitos, um ódio explícito, persistente e generalizado, que pode ser manifestado através de violência verbal ou física contra o abjeto” (CRUZ e SOUZA, 2014, p. 218). Nesse contexto, “temos aqui a repetição de textos e de normas que reiteram essa questão e produzem a performatividade de mulheres travestis e mulheres trans em relação à naturalização da violência” (SOUZA e PRADO, 2019, p. 58).

Jesus (2013) considera a existência de uma política de genocídio da população trans, ao avaliar o contexto de violência estrutural ao qual nossos corpos são submetidos e a falta de assistência e políticas efetivas no combate à violência e crimes de ódio contra a nossa população. Em sua perspectiva, esse processo em nível micro pode ser caracterizado como crimes de ódio e no macro uma política de morte com o intuito de

elucidar as consequências da violência estrutural contra as pessoas trans, para que se deixe de invisibilizar o que sofre como se fosse apenas uma série de assassinatos isolados, e revelar seu mecanismo de intolerância generalizada, que encerra a ideia da impossibilidade de conviver com —essel outro, porque sua vivência de gênero é diferente da —nossal (JESUS, 2013, p. 118).

De fato, quando se pensa sobre a violência direcionada à comunidade trans e em especial às mulheres trans e travestis, é inegável perceber uma maquinaria de guerra contra suas identidades, suas feminilidades, o que desemboca em diversas violências e também assassinatos, algo que Bento (2017) qualifica como transfeminicídio, a violência que se encerra em morte em função da intolerância frente à identidade de gênero de mulheres trans. Não existem políticas de combate ao transfeminicídio e, de acordo com Jesus (2013, p. 113), não há informações oficiais direcionadas ao público de mulheres trans e travestis acerca da forma como os órgãos públicos do Brasil “têm-se articulado para pensar e auxiliá-las, no que envolve a possibilidade de serem atendidas nas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher; a proteção pela Lei Maria da Penha; o respeito à sua identificação” nos diversos espaços.

Percebe-se a emergência de se elaborar estratégias de combate às violências e transfeminicídio direcionadas às mulheres trans, bem como às práticas transfóbicas que dificultem o trânsito nas cidades, nos espaços sociais, nas empresas, nas escolas e universidades, de modo a possibilitar a “(re)construção das redes de apoio social, promovendo a desconstrução dos estigmas sociais (...) além de auxiliar na elaboração conjunta de projetos de vida, onde a emancipação, o protagonismo e os direitos sociais possam ser restabelecidos” (SILVA *et al*, 2015, p. 371).

As entrevistadas, a partir de suas narrativas, refletiram bastante sobre a interlocução de suas performatividades de gênero com as recepções sociais, as ressonâncias em termos afetivos e/ou de interações com pessoas, espaços, desejos, sociabilidades etc. Bianca, por exemplo, aponta como tem sido esse processo de entendimento e acolhimento de sua identidade por parte das pessoas. De acordo com ela:

*(Bianca) É um procedimento que ainda rola, e que vai rolar aí por anos. Eh... Tem algumas pessoas, as primeiras pessoas com o qual eu contei, é... Em primeiro momento se chocaram assim, justamente... O processo de repressão pós-pornografia, digamos assim, lá quando eu era criança, foi tão forte e lá no bairro Brasil que era onde eu vivia, eh... Os homens, homens gays e mulheres lésbicas sofriam tanto. Eu lembro de titia, titia já chegou a apanhar na praça. B. eh... O pessoal tinha uma repulsa a B. que eu falava, eu não posso nem parecer com eles, não podem descobrir um negócio desses... Então eu enrijei. Aprendi a emular, isso foi uma característica, aprendi a imitar meu pai, por exemplo, não tinha barba e ficava assim ó, andar assim, falar assim, de ombro assim, ficar assim, toda marrenta, coisas que eu não consegui desaprender. E hoje eu já não faço nem questão de*



*desaprender, que fazem parte da história. Mas eu emulei tão direito que as pessoas primeiro que eu contei se assustaram, falaram: “Que porra é essa? Como assim? Não...”. Eu me lembro até de... Daquela clássica pergunta “cê tem certeza?” “Não é uma outra coisa não, porque cê não parece... Não sei o que... Não sei o que”. E eu cagando já falava “olha, me deixa, é isso aí, é isso aí” e eu contava a história e aí essas pessoas de início foram um pouco mais resistentes, até porque também eu não tinha traquejo pra contar, e aí hoje minha relação com elas é maravilhosa, que eu escolhi que foi a primeira pessoa que eu pude contar mesmo foi L., L. que é um amigo muito próximo, hoje ele já não tá mais tão próximo, mas eu sei que se a gente sentar pra conversar vai ser maravilhoso. Eh... Ele... Hoje, a nossa relação é incrível, é incrível, é incrível! Assim de amizade e é incrível que desde o dia que eu falei pra ele assim “sou uma mulher trans”. Independente dos caracteres que as pessoas está vendo, independente do que tá ali pra ele, sempre foi ela. Ele sempre... Depois que ele... Que foi informado a ele: é ela. Ele nunca escorregou assim nessa terminação, porque acontece o tempo inteiro, mas ele eu acho incrível que ele nunca... Eu gosto que ele internalizou tão bem a situação. Primeiro ele resistiu, ele perguntou “tem certeza?”, quando eu bati na tecla “não, é isso”. Eh... Apesar da certeza ser um negócio muito engraçado, aí a partir daí foi. E aí eu lembro também de outras pessoas como H. que era minha companheira que eu já contei um pouco depois, eh... Namorei um certo tempo com ela enquanto ele, né? É... Com ela também foi legal, tive um primeiro momento assim meio momento de silêncio, foi um pouco um choque um pouco pra ela, mas de resto foi interessante. Essas foram as primeiras pessoas, e ela é incrível, até hoje a gente se fala e é incrível. As outras pessoas agora como tava num outro movimento tá sendo interessante. Por exemplo, minha atual companheira foi maravilhosa porque eu já contei desde o início, ela me conheceu já – prah! – já falei. E aí foi rápido e foi.*

Interessante notar a singularidade de cada processo da pessoa trans no que tange a questões como: contar ou não para as pessoas? Se sim, como contar? Quais as repercussões disso? É necessário explicar tudo? Bianca experimenta esse processo de maneira vívida até os dias em que esta entrevista se concretizou, possibilitando que as pessoas de seu círculo social reflitam, por si mesmas, sobre a sua condição, sem se definir de forma compulsória para elas.

Em outro momento da entrevista, ela pontua a importância política de ter um corpo que não se pode definir tão facilmente, como uma verdade absoluta. O gênero perpassa outros caminhos. Milena reflete algo afinado a essa perspectiva ao rememorar algumas situações cotidianas.

(Milena)- *Tem gente que já perguntou pra mim se eu sou sapatão, né? Esses dias, esses dias especificamente, o menino virou, o menino de rua, virou e eu tava passando, né? E aí ele virou e falou bem assim... “Gente, parece um homem!”. Eu ri porque eu gostei tanto daquilo que assim, ele na verdade entendeu que eu era uma mulher, masculinizada, pra mim aquilo... Eu achei engraçado porque aquilo seria uma ofensa e na verdade foi muito bom [- as pessoas trans acabam passando por todas essas siglas – intervenção minha (pesquisador)] – não, é? É inteligibilidade social. É uma coisa que eu aprendi muito na minha experiência, isso pra mim foi muito bom em alguns aspectos, foi saber que as pessoas, por mais que exista, sim, regras sociais, por mais que exista uma matriz hetero-cis, heretosexual, a forma como cada indivíduo vai ler isso é muito pessoal. Não importa se existe uma regra. Você identifica o homem assim, assim, assim, a forma de interpretação, da pessoa entender aquilo é muito individual e subjetiva. Então, por exemplo, por mais que eu possa achar que a minha barba vai entre aspas me denuncia... Pessoas, elas podem passar por isso despercebidas porque na percepção delas, existem mulheres com pelos a mais do que outras. Então assim, não existe apenas uma leitura de mulher, mas várias leituras do que é mulher e várias formas de ser mulher. Então isso é muito potencializador quando a gente percebe, por exemplo, não necessariamente por eu ter barba eu vou ser tratada como homem por aquela mulher. Já teve momentos assim... Eu sempre tiro minha barba dia sim, dia não, que é quando eu lavo o cabelo. Esse processo todo, é toda uma estruturação de como eu vou tirar minha barba, é porque machuca a pele se eu ficar tirando todos os dias. E aí tipo, né? Tudo bem. Eu quero uma cara rasgada ou uma cara barbada? Um dia... Ela tá crescendo muito mais hoje em dia, né? Antigamente não crescia tanto, mas hoje em dia ela tá sendo muito mais marcada. Hoje é um dia que eu não tirei, inclusive. E aí, tipo, esses dias, às vezes, eu acho que é o dia que eu vou ser menos... É o dia que eu tô mais incomodada com minha aparência, sabe? E não necessariamente eu acho que vou ser menos tratada como mulher, mas eu tô me sentindo menos eu. Estou incomodada. Tipo, às vezes é o dia que eu mais recebo as pessoas falando: “Ô moça! Ô moça!” na rua, nos esbarros, nos encontros, totalmente aleatórios, porque é isso, a leitura que as pessoas fazem dos gêneros é muito delas, por mais que exista, sim, normas sociais acerca da leitura que a gente tem que fazer sobre os gêneros, as pessoas elas convertem isso pra sua própria experiência pessoal e isso é muito mágico na experiência humana, sabe.*

Interessante essa colocação de Milena quando ela indica que há também uma inteligibilidade social que, na verdade, paradoxalmente, pode ser muito singular também. A leitura sobre os gêneros, portanto, é também plural e o modo como ressoa nos indivíduos vai depender do movimento que a pessoa faz a partir de sua leitura. No que se refere a amizades e interações sociais, Milena afirma que:

(Milena) *Então é meio difícil falar, por exemplo, que as minhas amizades elas me conheceram essa pessoa. Acho que eu só fiz pautar mais e delimitar mais o que era essa pessoa. E, é claro, que propiciaram uns afastamentos, né? Em relação a amizades, mas eu vejo que muito mais meu com eles do que eles comigo. Justamente porque é aquilo, né? Eu passei a olhar, querendo ou não, a gente vai vendo as diferenças nas realidades, não só, por exemplo, de ver “ah, aquela pessoa tem privilégio ou não”. Não. Acho um pouco até reducionista pensar a vida através disso. Mas acho que é, por exemplo, a forma como eu fui, eu me fiz gente ao longo da vida, é uma forma diferente do daquela pessoa se fez gente. Então assim, por exemplo, se você é cis você é educado que você pode pertencer a certos espaços, então, por exemplo, às vezes conviver com pessoas que planejam a vida baseada nessa noção que é básica pra elas, pode ser extremamente adoecedor pra mim, que sou educada cotidianamente, desde quando eu era pequena de que eu não poderia acessar certos espaços. Então, por exemplo, ir pra uma festa, a pessoa acha completamente normal e quer me levar junto, só que ela não compreende, por exemplo, que eu posso me sentir desconfortável com determinadas situações dentro daquela festa. E são coisas muito ímpares, mas que, com o tempo, juntas elas desgastam muito. Então às vezes, conforme a gente vai experienciando e cada dia mais percebendo isso, porque assim... Não quer dizer que antes a gente não experienciava, só quer dizer que antes a gente não percebia a violência que estava sofrendo. E achava... Naturalizava ainda por cima. Eu acho que é muito disso, então eu acabei me afastando um pouco das pessoas... Até mesmo, por exemplo, tem pessoas que, elas têm dificuldade em pegar, por exemplo, a questão do nome, dificuldade de adaptação, e isso com o tempo também vai te desgastando muito, então você acaba se afastando. Não quer dizer que, necessariamente, você deixou de gostar da pessoa, só quer dizer que vocês externam a sua vida diferente. Então eu acho que é muito mais de mim em relação a elas, do que elas em relação a mim. Não passa pela minha cabeça nenhuma pessoa específica que se afastou de mim pela minha identidade de gênero.*

Milena aponta como a estrutura social cisgênero que nos acompanha ao longo da vida e nos orienta em termos do que é acessível ou não, transitável ou não, por exemplo, interfere em suas relações interpessoais, uma vez que em suas amizades com pessoas cis não é comum a reflexão por parte delas de que há uma insustentabilidade de ritmos, habitações, pertencimentos em determinados espaços. Isso se deve ao fato de os espaços públicos e/ou privados não terem sido pensados para acolher verdadeiramente as pessoas trans e, às pessoas cis, não foi reservado cuidadosamente um espaço de reflexão sobre os corpos e necessidades

de pessoas trans, bem como os desafios que as espreitam cotidianamente apenas por existirem nesta condição.

Em continuidade, ela relata uma experiência de assédio que viveu em função do *locus* social onde sua identidade é posicionada no imaginário social:

*(Milena) Toda vez que eu fui pra Salvador eu sempre tive uma experiência muito específica. Eu fui pra Salvador algumas vezes porque eu tenho que viajar pra Salvador pra ir fazer algum trabalho lá na sede. Aí eu lembro que no final do ano, eu fui pra Salvador e eu tive uma experiência muito assim, sabe? Eu não compartilhei com as pessoas de lá, pretendo compartilhar agora que vai ter a reunião, mas que... Tipo, porque eu acho importante pontuar porque eu escrevi no relatório hoje, sobre essa questão também. Que foi, por exemplo, eu fui no mar de manhã, que eu nunca tinha ido no mar lá em Salvador porque eu sempre ficava o dia todo trabalhando no CRP e só ia lá à noite. Aí no... Nessa... Na vez que eu fui no Natal, na véspera de Natal assim, quase uma semana antes do Natal que foi justamente a confraternização do CRP, teve uma folguinha a mais porque teve a reunião do setor, mas foi também uma coisa mais pra confraternização no outro dia, e teve uma folga de dia, e eu fui pra praia de dia, e aí quando eu entrei no mar um cara começou a se masturbar do meu lado e querer que eu masturbasse ele. Entende? Então assim, tipo... Minha experiência pro estágio... Eu fui pra Salvador pra quê? Pro estágio, mas eu tenho experiências assim, sabe?*

Essa vivência relatada por ela ilustra um pouco da rotina que ainda é frequente na experiência de mulheres trans. Mesmo uma viagem a trabalho – à capital do Estado -, não costuma ser apenas isso. As vulnerabilidades de nossos corpos são inúmeras, o assédio já faz parte da rotina de mulheres trans e travestis e se encontram naturalizados nas práticas sociais. Outro ponto que ela coloca é em relação à falta de circulação nos espaços da cidade em função da ausência de acolhimento e pertencimento neles. De acordo com ela:

*(Milena) Antigamente eu já não me reconhecia em muitos espaços, né? Como eu disse pra você, eu sempre fui uma pessoa afeminada. Tive comportamentos que são ditos afeminados. Então a não conformidade de gênero entre aspas, ela sempre esteve muito presente no meu comportamento, sabe? E aí, o que acaba sendo conformidade hoje em dia, né? Já que eu me vejo como mulher e isso pra mim, eh... Especificamente, enquanto mulher. Mas sempre eu fui, tipo, abjeta nos espaços mais públicos, nos espaços a depender do público. Isso foi me deixando desconfortável em muitos outros... Antes eu já não me*

*sentia confortável por mais que eu achasse que eram espaços meus. Por exemplo, ambientes alternativos, ditos LGBTs aqui na cidade. São espaços que eu não me vejo de forma alguma atualmente, sabe? São espaços que eu falo na segunda pessoa comigo que ela não cabe. E que, querendo ou não, por mais que eu não me veja assim, as pessoas ainda me liam enquanto homem, um homem cis gay, por mais afeminado que eu era, que eu tinha essa não conformidade de gênero, eu ainda assim era suportada aqui, mesmo se eu fosse uma bicha afeminada. Os espaços de Conquista, eles são extremamente higienizados, né? Então se dentro dos espaços cis-heteros eu já não era bem vinda, atualmente nos espaços ditos alternativos eu posso até ser bem vinda entre aspas também pelos inúmeros recortes que fazem à minha identidade, só que ao mesmo tempo eu não me sinto confortável nesses espaços porque eu não me vejo lá. Eu não vejo outras pessoas como eu lá. Sabe? Lembrei aqui dos Cinco Continentes que tem um homem trans que ele trabalha lá. Mas ao mesmo tempo, sabe? Uma pessoa específica ali pra uma sociedade... É uma luta muito injusta. Então assim... Eu me afastei de espaços de convivência, só pra... Que eu acabei não finalizando. Eu sou uma pessoa introspectiva, me descobri muito introspectiva tem um tempo, eu já sabia, mas é algo que tipo foi... Realmente, é isso. E não quer dizer necessariamente que eu não sei socializar ou que eu tenho timidez pra socializar. Só quer dizer que, por exemplo, eu prefiro ficar mais tempo sozinha, ou refletindo no meu canto. Então, isso também já pauta o fato de eu não querer estar o tempo inteiro nos espaços, né? Junta isso com a causa trans, com certeza eu sou uma pessoa que praticamente não sai de casa. E as experiências que eu tenho quando eu saio de casa são muito... Sempre eu acabo sofrendo por alguma coisa. Seja gente demais ali, que eu não... Muitos lugares com muitas pessoas... Seja pela questão de ser trans.*

No que tange às relações de amizade, por sua vez, Milena esbarra, mais uma vez, em alguns entraves com pessoas cis pela falta de compreensão de sua realidade enquanto mulher trans/travesti. De acordo com ela, há um processo pessoal de afastamento, pelo esgotamento que estas relações provocam nela.

*(Milena) Pessoas amigas etc, mas atualmente tem sido uma questão muito... Até isso tem sido problemático justamente porque... Eu tenho me afastado de pessoas cis. Grande parte das minhas amizades são pessoas cisgênero. As amizades trans que eu tenho, algumas daqui, a maioria é fora, né? Não é daqui de Conquista. E aí, esbarra na questão que, por exemplo, não é também só sobre a pessoa ser trans, às vezes, são pessoas que estão em fases da vida ou são muito distintas de você. Então é algo que poderia conectar, na verdade não conecta tanto assim, porque é uma pessoa diferente, muito distinta, e que não dá pra ter amizade. Então eu me sinto assim, muito... Até meio sozinha mesmo, nesse sentido, sabe? De... Eu tenho amizades*

*sim, eu tenho pessoas que eu posso contar, mas ao mesmo tempo considerando as minhas demandas, considerando o meu contexto atual, tipo... As pessoas com quem eu quero me relacionar eu não tenho.*

*(...) E aí quando se trata de relações fora dessa amorosa-sexual, em relação a amizades, eh... Isso tem... Eu tenho muitos amigos, mas, ao mesmo tempo, eu não sei, atualmente, eu tô sentindo que eu não posso muito contar muito com eles pelas demandas que eu tenho, sabe? Isso já foi várias vezes refletido por mim, mas... Por exemplo, porque eu sempre fui a pessoa que acolhe. E as pessoas, elas me acolhem muito, mas eu não consigo me abrir totalmente com elas ou estar com elas, porque surgem outras questões né? Teve recentemente uma experiência com uma amiga minha, que a gente se tornou íntima muito repentinamente, tipo, foi do nada mesmo, quer dizer, experiências que a gente foi trocando. Ela esteve presente em momentos muito importantes pra mim, é da UFBA, inclusive, e a gente foi criando uma relação tipo assim, muito louca e aí em determinado momento, especificamente essa semana, eu tô começando a me afastar mais dela, justamente porque têm coisas que eu não consigo mais falar com ela, tipo, a gente conversava muito, eu fui muito aberta com ela, sabe? Aí fico pensando se essa retração não é o medo de se mostrar. Também, mas é a questão de eu ter que ficar falando o tempo inteiro essas coisas. Eu quero, queria ter pessoas que tivessem experiências mais próximas da minha, mas isso é quase impossível, considerando as relações humanas. Mas enfim... Acho que é essa cisgeneridade ainda sendo pautada aí, né? E aí, inclusive a gente compartilha muitas coisas. Há um fator, por exemplo, ela está envolvida com essa pessoa que eu tive relação anteriormente. E ela tá passando por coisas parecidas. E a gente acaba se unindo mais, eu fui conversando muito com ela sobre. Questões do tipo... Ela não tá sabendo lidar. E aí eu: “Ah, não e tal” trocando experiências, Só que, por exemplo, não sei, pra mim tá sendo incômodo o fato dela ter continuado nisso e tipo... Tá sofrendo por isso, mas continua ali. O cara, ele tem problemas pra se relacionar mesmo, sabe? Tem um histórico muito grande de relações assim. Mas é... Homens, pior raça.*

Bianca também relatou sobre a recepção das pessoas de seu convívio social e íntimo a respeito de sua identidade de gênero. De acordo com ela:

*(Bianca) Interessante... Tem pessoas que mudaram, na verdade, tudo muda, não fica do mesmo jeito, né? Porque o tu muda, né? Aí muda toda a configuração do eu que está com o tu, né? E... Eh... Algumas pessoas eu percebo um certo distanciamento, que é natural, e outras eu percebo um “aproximamento” [sic] maior. É engraçado isso... Principalmente com mulheres cis. Eu percebo que... É até interessante pensar isso... Agora eu percebo, por exemplo, com algumas amigas*

*que são mulheres cis, elas são mais próximas, se sentem mais à vontade pra contar coisas, pra conversar, não sentem... Não sentem aquela porcentagem de acumamento que sentia quando eu me identificava enquanto homem cis. Eh... Eu percebo isso, essa aproximação, eu percebo que pra homem cis, pra outros homens cis, houve uma diferença também. É com... É interessante, principalmente... Como eu tô numa banda que... Ao meu redor só tem homens cis, né? Ali no palco. Existem algumas conversas, num chegam a mim, acho que eles pensam assim: “não, é conversa de homem”. Eu acho até interessante esse movimento, algumas coisas que chegavam até mim, algumas resenhas, já não chegam a mim, então parece que mudou essa configuração ali nesse grupo, desse modo. E... Agora o que mais foi interessante é a mudança dentro do... Desse sistema meio que conjugal. Quando você está com uma pessoa, faz toda diferença, acho que as pessoas não fazem ideia da diferença que faz da pessoa que está ali contigo te identificar... Chamar pelo seu nome, né? Acho que é a melhor diferença que tem. Cê tá com a mesma pessoa, no mesmo ambiente, mas ela, uma pessoa que você ama muito, mas se ela te ver como uma pessoa cis, no meu caso, é totalmente diferente dela me ver como uma mulher trans, mesmo sendo o mesmo corpo, mesmo sendo o mesmo jeito de conversar, mesmo sendo a mesma prosa ruim, muda ali, sabe? Essa pra mim é a melhor mudança, é a mudança na intimidade ali, a mudança que é no detalhe que rola.*

*(...) Em relação à própria comunidade trans e de apoio à comunidade, eu não tinha muitas expectativas, eu não pensava muita coisa, então... Porque eu também estava sempre muito calada e também muito sozinha. Via os nossos na internet, tinha uns grupos lá pela internet, mas era algo muito distante ainda assim... Então eu deixei isso acontecer naturalmente, a única expectativa mesmo que eu tinha era em relação ao meu próprio corpo e de como eu ia ficar e de como eu ia resolver esse problema. Ledo engano, me fudi.*

De acordo com a narrativa de Bianca, sua posição feminina trouxe uma nova dinâmica em suas interações interpessoais. Uma logística nova que foi embasada em sua condição de gênero, um movimento social que reflete um pouco de nossa cultura e a demarcação de papéis que é feita em função das divisões de gênero que estruturam a nossa sociedade. Interessa também notar o movimento das mulheres a sua volta, um pertencimento e aproximação, um sentir-se mais à vontade a partir de sua condição. Por parte dos homens, por sua vez, certa segregação, uma vez que ela não ocupa o espaço por eles imaginado outrora. Bianca aponta também algumas reverberações pessoais de seu processo:

*(Bianca) Por parte de mim, que eu acho que é o que realmente muda, né? Ainda. Por eu não ter tido algumas mudanças corporais. Eh... Por parte de mim muda muita coisa, né? Eu fui de uma pessoa extremamente tímida ainda que não parecesse, de uma pessoa extremamente acuada, de uma pessoa extremamente medrosa, para uma pessoa medrosinha e timidazinha. Ainda tem ali, ainda tá ali, mas não é algo que me afeta tanto. Às vezes eu saio pra um ambiente, pra uma festa, por exemplo, e não consigo me sentir bem, é um ambiente que dói bastante assim quando eu não estou no palco. O palco é legal porque ele me dá um poder ali, de... O que eu tô dizendo é verdade, agora eu tô numa festa, ou em algum lugar, com várias pessoas e eu fico vendo várias pessoas tão confortáveis com seus corpos assim, estando ali de boa. Isso me... Isso mudou assim no sentido de que, antes eu já não saía, agora eu saio um pouco mais assim... Já me peguei de tá num lugar e tá me beliscando assim, pra não ficar pensando nessas coisas, e aí o que mudou no caso do convívio social foi o fato de conseguir sair mais, mas eh... De conseguir falar mais, porém ainda é bastante difícil em determinados lugares, por exemplo, principalmente lugares sociais, onde eu não estou em cima de um palco ou falando, lugares onde eu tô ali de boa é sempre difícil, por não tá dando nenhuma pista pra ninguém que eu sou, sabe? Eu tô ali sendo lida de um modo o tempo inteiro ali naquele lugar onde eu deveria tá à vontade e eu ainda não consigo. E aí isso acabou mudando. Ficou uma resposta um pouco estranha, mas, de algum modo, é uma mudança, né? Eu saio de um lugar de não sair nunca pra um lugar onde eu saio agora e fico desconfortável. O que já é um ganho, mas ainda é bastante desconfortável. Espero que mude, espero que melhore.*

Nos espaços sociais Bianca percebe que há ainda muita resistência e dificuldades encontradas no que se refere à pauta trans, algo que não ocorre quando está no palco, nos shows.

*(Bianca) De trabalho, em relação à música, eu consigo ser mais incisiva. Eu falo “Não, é isso aqui”. Eu sou mulher trans. Eu tenho essa liberdade pra falar e aí eu falo. Me sinto à vontade e poderosa pra fazer as coisas acontecerem e pra corrigir, pra conversar. Essa seria a interação, a reiteração, que eu gostaria de falar, né? Acrescentar que isso é muito bom. Nos outros lugares isso já não existe. É mais um lugar de subordinação e de silêncio. E de ter que bolar uma estratégia... Porque eu falo com muito prazer, né? Ter que bolar uma estratégia, isso é muito triste, isso carrega um sofrimento e um desgaste emocional também, você criar uma estratégia pra uma identidade. Isso é horrível. E aí é só isso aí. Em uns lugares eu crio estratégias, em outros lugares eu boto pra fuder (risos).*



(...) Nossa teve um dia que... Além da viagem tem os lugares que eu saio e eu fico bastante receosa. Não consigo. Não consigo sair pra uma festa, pra me divertir, não consigo. Isso me dói muito, me dói muito, dói muito, dói muito, dói muito. O convívio social é barrado aí, parece que eu só tenho esse traquejo social. Ou assim na intimidade, na conversa próxima, que aí eu me solto, falo pra caralho, ou no palco. Em um campo mais social assim eu fico extremamente calada, morrendo de medo, assim... Me beliscando. É bizarro, é bizarro, é bizarro, assim... Teve um dia que eu tava na casa de uma pessoa, e aí tava tendo uma festa assim, e aí eu tava mais calada, assim... N. [companheira] percebeu que eu fiquei mais calada, aí ela achou um xadrez, aí depois que ela dançou, né? “Não”, eu... Ela falou: “Não, vou ficar um pouco aqui contigo. Vamos jogar um xadrez?”. Aí eu jogando xadrez, ela trouxe umas bebidas, a gente ficou bebendo, aí eu fui ficando mais à vontade, fui ficando mais à vontade, mais à vontade, e aí eu vi dois caras conversando justamente dessa mesma história: “Aí, fulano... a gente encheu a cara de fulano e botou ele pra pegar um traveção. Não sei o que, não sei o que, não sei o que, depois a gente bateu resenha até hoje a gente trata ele como o traveção lá, é o apelido dele” E aí, eu tava com uns goles de cachaça na cabeça, me deu um tiquin de coragem, aí “Ô amigo, na moralzinha, assim...” Toda de boas, assim... “Deixa falar um negócio pra você? Eu num pude deixar de ouvir o que você tava dizendo, e... assim, enquanto mulher trans, como você sabe, né?” Na casa inteira o pessoal sabia... E ainda assim, eu fico um pouco receosa, parece alguma coisa ainda que eu preciso entender sobre essa saída social, eu falei “Olha... eh... acho que não é tão legal dizer porque...” eu expliquei com calma, e no meio da explicação com calma, e eu expliquei tão legal que, às vezes, eu até ria, fazia umas piadas pra ele rir, então eu fui toda... Mas quando eu toquei no ponto de que “olha, talvez não seja muito legal porque, por exemplo, principalmente na questão afetiva, as pessoas trans sofrem bastante, né? O Brasil é o país que mais consome pornografia transgênera no mundo e é o país que mais mata pessoas trans no mundo. Então assim, existe uma coisa meio velada de existir um afeto, mas esse afeto não poder ser discutido por ele ser resenha, por esse ser um afeto mal visto”. Quando eu falei isso, ele disse “sai da minha casa”. Me expulsou da casa dele! Me expulsou da casa dele! Ele só apontou assim ó: “A porta da rua é a serventia da casa”, e as pessoas do lado “Não, faz isso não! Bianca veio aqui! É tão legal. Veio aqui pro aniversário do seu irmão”. E ele começou a gritar: “Sai da minha casa! Sai da minha casa!” Eu fui expulsa da casa dele, por... E é engraçado porque as pessoas que estavam do lado vendo a situação algumas não sabiam e vieram falar depois: “Olha, muito legal, inclusive, o jeito que você veio falar com ele, você foi falando toda cuidadosa”, e... eu também não sabia disso. Achei bastante legal outros homens cis dizendo isso, né? Foi legal isso, mas eu não entendi, do nada ele foi agressivo comigo. Foi bastante agressivo assim, ao ponto de que se eu não sáísse era bem capaz de eu apanhar, ou alguma coisa do tipo. Isso foi um fenômeno engraçado... engraçado assim... desconfortável. Mas eu me saí... e no

*final das contas, um homem cis me agrediu verbalmente, mas outros dois aprenderam. Então valeu à pena. Foi legal.*

Situações vexatórias em que pessoas trans se veem convidadas e/ou obrigadas a serem pedagógicas com pessoas cis sobre termos, piadas, “brincadeiras”, atitudes transfóbicas disfarçadas sob os mais diversos véus também são uma constante em nosso cotidiano. Infelizmente, essas posturas se desdobram, em vários casos, em situações de violências diversas. Felizmente, Bianca teve apoio de diversas pessoas cis a despeito da intolerância pela qual passara momentos antes. No entanto, não é possível deixar de sinalizar que esse tipo de vivência/violência comum e naturalizada, sobretudo em relação aos corpos de mulheres trans e travestis, é algo que interfere na socialização, no desejo de transitar nos espaços, na sensação de estar segura/o/e, e em casos mais graves, no isolamento social, fobias etc. Portanto, trata-se de um ponto importante quando se discute sobre a segurança e trânsito de pessoas trans nos espaços públicos e privados.

Bianca pondera ainda sobre a aproximação/afastamento das pessoas após saberem de sua identidade de gênero e a interlocução entre pessoas cis e trans neste processo. Ela faz a seguinte afirmação:

*(Bianca) Eu percebo que algumas pessoas ficam mais à vontade pra se aproximar. Tem algumas pessoas que ficam se aproximando, mandando mensagem e que eu fico com vontade de mandar mensagem pra essas pessoas que são justamente pessoas da comunidade LGBT. E aí, eu percebo que existe essa aproximação, que ainda é um pouco não entendida. As pessoas ficam assim, um pouco confusas comigo, mas isso é tranquilo. Então a gente vai passando por isso de boa. E existe... Existe agora um certo afastamento desse mundo que é das pessoas cis assim... Não seria legal que houvesse essa ruptura, mas existe dois mundos, eu percebo que a conversa da minha companheira com outras pessoas é uma conversa muito diferente. É uma conversa de pessoa cis ali, e aí eu percebo que muita coisa não me chega, assim... Algumas pessoas cis, elas de algum modo, elas fazem, elas criam esse gueto... Ainda que sem querer, para nós pessoas trans, sem que a gente perceba. E aí como eu fico nesse corpo meio dúbio pra algumas pessoas, eu consigo ver algumas coisas, eu percebo “nossa, que interessante, isso aqui... não é conversado com a gente”. O sexo e como as pessoas o discute é bastante diferente. Eh... A gente é colocado num lugar diferente, assim... Engraçado... Isso muda, assim... É igual quando eu tava em banda, por exemplo. E... Quando você dá um tempo, assim... Assuntos acontecem, né? A gente ficava falando de tudo e quando chegava no assunto sexo, enquanto eu era lida enquanto um homem pansexual ali*

*naquele grupo, eles entendiam de boa e eles compartilhavam coisas comigo. Compartilhavam... Mas no dia que eu falei pra eles que era uma mulher trans, isso há dois anos atrás, isso mudou. Foi muito engraçado a ponto que eles nem percebem e aí... O que eu percebo de diferença é isso, essa guetização que acontece mesmo, de um grupo que, por si só, já sofre com... Com esse afastamento. Me afasto de um grupo, mas, de algum modo, outro grupo já se aproxima automaticamente, isso é muito legal.*

### 2.2.5.3 Violências cisgênero

Este tópico se fez presente, urgente e necessário – embora transversal, na medida em que este tema esteve em constância ao longo das narrativas deste eixo – a partir dos relatos de Milena ao longo da entrevista, em especial, no que tange as relações interpessoais estabelecidas ao longo de nossos convívios sociais. Não há dúvidas para as pessoas trans sobre esta temática, na medida em que nossos corpos e identidades seguem bombardeados ao longo de contatos com pessoas cisgênero que não compreendem ou não estão interessadas em compreender e se comprometer a nos tratar de forma autêntica e respeitosa.

Da mesma forma, pensar sobre este tópico retoma discussões travadas anteriormente no que se refere aos grandes marcadores sociais que estruturam as relações sociais de gênero: a cis-hetero-normatividade e o cissexismo. Entender que há uma constante educação cissexista nos relacionamentos interpessoais – além das familiares – e, portanto, nas relações de trabalho e emprego, nas relações educacionais, no contato nas ruas, no dia a dia de modo geral, é incorporar um vetor preponderante na incidência de tais violências que, inclusive, em muitos casos, circunstâncias e contextos, são realizadas de forma tão naturalizada que tornam-se imperceptíveis para quem pratica, mas, obviamente, não para quem sofre tais violências.

Milena traz algumas reflexões nesse sentido. De acordo com ela:

*(Milena) Na minha cota, tô assim, cansada de pessoas cis, de convívio com pessoas cis, Nem tanto por elas serem cis, mas aquilo que eu falei, sabe? Da forma como vê o mundo e tipo... Tem pessoas que são mais resistentes, né? Por exemplo, eu não tenho muito problema em conviver com mulheres cis negras, porque elas têm, não sei, acho que por causa da vivência, tem uma proximidade. A forma como a gente conversa. Por exemplo, se eu pautar uma determinada experiência, por mais que seja nova pra ela, ainda assim não é tão nova e eu não penso logicamente assim quando eu tô conversando, mas... Rola uma troca, sabe? Rola um pertencimento. Porque a gente querendo ou*

*não, quando a gente quer a troca com o ser humano, a gente quer pertencer a ele também. Eu tô falando isso porque eu fiz uma relação atualmente, pra esse final de semana mesmo. Tentando entender porque isso tem acontecido comigo, sabe? E tipo, eu consegui pontuar as situações em que eu me sentia violentada por pessoas cis. E, por isso, eu tenho me afastado muito delas. Algumas foi diretamente, outras indiretamente, né? Minha amiga específica, por exemplo, eu me separei dela justamente por isso que eu falei, né? Acho que em todos esses sentidos, eu cheguei no limite dessa relação com ela. Eu tenho me afastado muito dela justamente porque... É isso. Por exemplo, eu... Às vezes falo com ela em relação ao incômodo com os meus pelos, né? E aí, tipo, a gente conversava sobre isso, as coisas do corpo, e tal. O pelo da barba, a barba, e ela tipo, “ah, porque você não vai... faz depilação a cera?”, essas coisas, e tipo, eu não consigo explicar pra ela o porquê que eu não quero fazer depilação à cera, porque eu não quero tirar a roupa na frente de uma pessoa desconhecida! Sabe? Só que ela continuou insistindo nisso e eu não consigo... Pra mim, às vezes, ter que explicar a alguma coisa é uma forma de violência também. Sabe? Tipo... Então ter que ficar explicando pra essa pessoa, educando essa pessoa o tempo inteiro, de como eu sou, como eu funciono, por mais que isso faz parte da vida, da experiência de pessoas trans, isso é muito mais drástico, sabe? Isso é muito mais incômodo. E todo mundo tem que, né? Ninguém é obrigado a saber como você funciona, e todo mundo tem que conviver com isso. Mas enquanto eu sou trans, isso é cem por cento intensificado. Duzentos por cento. Então assim... Eh... Com o tempo foi desgastando e eu comecei a me afastar, entende? E eu conversava muito com essas minhas amigas negras e, eu falava “não sei, mas pra mim há uma proximidade entre a experiência de ser negra, né? Porque a violência com as pessoas negras é institucional, estrutural, o que pra mim é a violência de gênero que é estrutural, institucional”. Então pra mim a gente consegue compartilhar algumas vivências que não são parecidas e podem não ser próximas, mas que a gente acaba identificando coisas semelhantes. Sabe? Então, divide uma empatia, e aí também tentando entender porque eu consigo compartilhar com pessoas negras, né? Mulheres negras especificamente. Mesmo elas sendo cis e é isso.*

Milena aponta um tipo de pertencimento, acolhimento e empatia que ocorre quando compartilha suas experiências com mulheres negras cis em função desse diálogo que há quando se pensa as violências pelas quais nossos grupos são submetidos, sobretudo, quando atravessamos estas experiências nas intersecções de raça, classe, geração etc. Isso nos remete, também, a possibilidades de confluência de reivindicações, aos processos de identificação que as maquinarias de opressão provocam, sobretudo, naquelas/es/us que sentem na rotina estes atravessamentos, principalmente quando as intersecções estão imbricadas, e a potência que

essas convergências de experiências e parcerias podem surtir em termos políticos e reivindicatórios.

Ainda sobre a narrativa de Milena, ela adverte que a mesma sintonia não ocorre em outras experiências e diálogos. Em suas saídas no dia a dia, ela se sente vulnerável a situações de assédio e/ou desrespeito à sua identidade de gênero, tal como fica evidente nos próximos relatos que ela rememora. Infelizmente, algo comum nas experiências de mulheres trans.

*(Milena) Por exemplo, recentemente (foi uma das coisas que me machucou muito)... Recentemente, só que foi um dia que eu tava muito... A autoestima lá pra baixo e tal e eu tava querendo evitar situações sociais específicas. E aí ia ter um concerto aqui que eu queria ir, né? E aí outras pessoas me chamaram pra ir e eu “não, eu vou”. Aí me vesti, comecei a ficar muito... Me senti bem na roupa, fiquei parecendo uma modelo desfilando toda felizinha, aí fui parar no ponto de ônibus, aí fiquei lá esperando, aí um cara passou por trás de mim e esfregou o braço na minha bunda, e tipo... Eu tomei um susto porque ele chegou por trás e eu nem tive reação na hora, e ele foi e continuou e tal e quando ele virou, eu tava com tanta raiva que eu dei um dedo pra ele, e ele ficou olhando assim, mas ainda continuou, aí parou num portão de grade, e ficou esperando e tipo, pela minha experiência de vida, pelas inúmeras experiências que eu já passei em relação a isso. Eu sabia que ele tava esperando que eu fosse com ele. Porque esse cara já tinha tentado contato comigo em outras situações, lá no bairro, porque ele é do bairro. Tinha puxado meu braço, tipo assim, falado comigo, passado por mim falando alguma coisa, e isso me deixava com muita raiva, tipo... Muita raiva mesmo e pra mim tem sido muito claro como eu tô, eu estou muito mais sensível a essas coisas de uma forma que eu antigamente não estava. Tipo, eu passava por inúmeras experiências de assédio, de violência mesmo, tipo, ofensas etc. E eu ficava tipo, ok, né? Me machucou aqui, mas não era algo que eu ficava, tipo, sofria muito por isso, né? Sofre, mas não no nível, por exemplo, que eu sofri, por exemplo, até chorei na rua. Isso nunca. Eu sou uma pessoa muito difícil de chorar. Mas eu fiquei com tanta raiva que eu chorei na rua. Pra mim tem sido muito recorrente essa sensibilização em relação a essa violência, sabe? Como eu tô desgastada, nesse enfrentamento. Então. Eh... Qual a pergunta? Que eu vou longe. Mas é isso em relação a... Você pode fazer de novo a pergunta? É isso, pra mim... Tô sofrendo tantos desgastes, sabe? Teve uma menina, que agora eu lembrei porque eu tava falando disso, eu fui nesse concerto só que eu já tava totalmente desgastada, tipo, eu tinha... Antes eu queria não ir, mas eu fui mesmo assim, e aí chegando lá eu acabei esquecendo, foi lindo, né? Eu falei “não, se concentra que você esquece” e esqueci, esqueci entre aspas, né? Eu só tirei do foco, mas depois lembrei e tal...*

(...) *nessa mesma semana, eu passei uma experiência com um professor, na UFBA, específico, que pra mim foi muito desgastante, tipo, foi uma das violências que eu falei que não foi especificamente sobre isso, mas que pra mim é uma violência cisgênero porque o que ele falou tocou nessa questão, entendeu? Que é um tensionamento. Foi uma coisa, por exemplo, a gente leu um texto que tava na referência da referência, como é o termo gente? É complementar. Tinha uma referência que ele passou que era complementar e na aula apareceu um slide que ele colocou, apareceu um artigo de uma referência que ele usou só que ninguém sabia qual era e eu perguntei qual era e ele falou que era uma referência que estava dentro da referência que era uma referência das mais citadas que estava dentro da referência complementar que ele passou. E ele questionou, como é que uma referência tão citada e a gente não vai ver. E eu falei “Calma, pera aí, por que você passa uma referência obrigatória e uma complementar? Eu li as duas e eu não tenho tempo pra ler outra referência”. Porque a forma como ele tava falando é como se a gente fosse incompetente ou preguiçoso por não ler. Entendeu? E já tava rolando tensionamentos da turma com esse professor especificamente. E era um professor que eu tinha uma relação um pouco íntima, a gente já se conhecia e tal, gosto muito dele ainda, e o fato dele ter falado isso me machucou muito, aí eu não entendi na hora o porquê, mas depois que eu saí (é tanto que depois a gente teve esse tensionamento) porque eu falei “Não, eu tenho o que fazer”. Todo mundo riu, então ficou aquela coisinha, aquela situação, eu falei “Não, eu tenho o que fazer, querido”, “não dá pra mim, é muita coisa porque, saindo daqui, eu ainda tenho que fazer outras coisas”. Enfim... E quando eu saí, eu saí da sala um pouco depois e ficou claramente aquela tensão, sabe? E depois eu fiquei tentando refletir o porquê que isso tinha me machucado tanto, sabe? Ao longo do tempo eu fui percebendo que foi justamente... Na semana eu já estava fragilizada por conta dessa experiência específica. E é justamente isso, sabe? Eu estou vivenciando inúmeras coisas fora da graduação e até mesmo durante a graduação, então um professor virar pra mim e falar de certa forma que eu sou incompetente ou que eu não estou me esforçando suficiente por não ler uma referência dentro da referência complementar, a qual eu li as duas referências que ele passou, pra mim é uma violência porque ele tá desconsiderando o meu contexto de vida em que eu sou exposta a inúmeras experiências, sabe? E por isso que me doeu tanto.*

(...) *E é uma coisa que eu não citei, mas, por exemplo, isso, essa experiência do cara do ponto foi no domingo, na terça feira eu tive uma experiência que também nunca tinha acontecido na minha vida que é... Eu sentei no chão lá na UFBA e minha mochila tá quebrada, ela tá com um zíper que às vezes não fecha, ele fecha, mas fica aberto. E aí nesse dia o professor da matéria, ele passou um vídeo, sobre “tem gringo na favela” e fala sobre a realidade da favela e como as pessoas olham pra favela, e aí um dos momentos do documentário, um*

*cara, ele vai mostrar uma parte da favela que não é mostrada geralmente. Que é o esgoto lá exposto, né? E aí ele fala pras pessoas, né? Para as pessoas que tão filmando, não mostra as pessoas, mas mostra eles falando, “vocês tão tapando o nariz, sentindo incômodo com o cheiro e tal... mas o que me incomoda é que eu me acostumei a isso, eu não percebo mais essas coisas. Vocês se incomodam com isso, mas depois vocês vão embora daqui e isso passa, o que me incomoda é que eu me acostumei a isso”. Isso pra mim, eu na hora me sensibilizei muito, né? Isso é uma coisa que eu já pautava anteriormente, né? O quão me incomoda eu ter me acostumado a esses processos de violência que agora eu tô me sensibilizando muito. Eu tinha me acostumado, então pra mim era muito mais, era pior pra mim o fato de eu ter me acostumado, do que essas coisas em si, isso pra mim era muito gritante, só que, ao mesmo tempo, eu não dei sentido pra isso, eu não percebi o processo psicológico de proteção. E aí, ok. Depois dessa aula, teve outra aula, a gente foi almoçar, eu tava já com aquela coisa remoendo, eu tava com uma angústia enorme, além disso, tinha passado por uma situação que eu tava mexendo no notebook, eu tive que abrir o e-mail antigo e tinha uma amiga do lado, então eu fiquei na cabeça que ela tinha visto meu nome antigo, meu nome civil. E eu fiquei tipo “meu Deus”. Gerou um incômodo terrível! Foi muito forte, eu abri vários documentos porque tinha inúmeros, com o nome civil e pra mim ficou na cabeça assim, o fato de ela ter visto me gerou muito incômodo também, sabe? A possibilidade de ela ter visto, dessa... Parece que é uma denúncia... Tipo assim... Ela viu... Ninguém na UFBA me conhece pelo nome civil todos pelo meu nome social, então pra mim isso me gerou uma tensão muito grande. Gera uma tensão muito grande pensar as pessoas da UFBA descobrindo o meu nome civil, sabe? Às vezes eu fico pensando por que isso, sabe? O quê que isso quer dizer? Mas enfim... Aí, eu fui pro R.U. [Restaurante Universitário], eu tava angustiada e tal, e quando a gente voltou, elas pararam assim num canto e eu sentei e a mochila tava quebrada e nisso não queria fechar e eu senti vindo aquela onda, tipo, “Aãa” e eu fiquei tão assim, tão pra baixo que uma delas virou e falou “M. vai dar um... a mochila dela tá quebrada e ela tá desolada ali”. E eu falei “Não é por causa da mochila” e soltei a mochila e desaguei chorando, desaguei chorando mesmo, e elas automaticamente se sensibilizaram e tal, elas até brincaram depois que elas todas foram em direção à mochila, ninguém foi em direção a mim, e eu falei “não, isso foi ótimo, se viesse em direção a mim, eu ia ficar insuportável”. Não suporto esse tipo de atenção. Mas enfim, eu tô falando isso porque chegou nessa situação, aí chegou na quinta-feira teve uma situação específica; no domingo teve uma situação específica na terça teve uma situação específica. Na quinta-feira teve a situação específica com esse professor. Então assim... O porquê isso me machucou tanto, sabe? Tem sentido quando eu faço essa digressão de entender o que tava acontecendo comigo essa semana e que isso foi uma violência cisgênero.*

*(...) É por isso que pra mim tem sido desgastante estar perto de pessoas cis, elas violentam sem saber. Elas violentam com coisas que, pra elas, é muito natural dizer e não vamos naturalizar o fato de um professor dizer que é errado ter dito isso, independente se é cis ou trans, mas que eu sendo uma mulher trans e escutando tudo aquilo e tendo todo esse contexto, todas essas vivências na minha semana, isso foi uma violência muito grande, sabe? Então eu tenho evitado, sim, esses espaços, eu tenho evitado muitas situações, justamente porque pra mim, eu estou sensibilizada em relação a isso, sabe? E dói porque eu tenho percebido que eu não era tão sensível e eu fico, tipo, como faz pra voltar a não ser tão sensível? Porque era a minha forma de sobreviver. Atualmente, tem me doído muito mais as coisas, de ter que sentir elas mesmo, que antes eu não sentia, mas não é que eu não sentia, mas é isso, atualmente eu estou muito desgastada, por isso eu tô evitando muitas coisas.*

Milena relata várias situações de desgaste e até esgotamento emocional em função dessa incompreensão e falta de leitura de seu contexto pessoal, bem como a temática do assédio, que também é uma constante na experiência trans. Esse relato desenha perfeitamente a realidade das pessoas trans. Minúcias que parecem pequenas, mas são grandiosas no impacto psicológico em nossas vivências. Ela também relata uma experiência amorosa que vivenciou e que, posteriormente, a fez refletir sobre este processo de violência que é feito por parte de pessoas cis sem a consciência disso. Ela aponta a responsabilidade que é lidar com pessoas trans e seus processos e como isso não é percebido em grande parte das relações com outras pessoas (cis).

*(Milena) Eu pude me sentir humana porque eu estava sendo respeitada, sabe? Isso foi levado em consideração. Só que, após isso não houve nenhuma forma de cuidado em relação a esse acontecimento específico. Questões humanas, né? Do tipo, uma coisa casual. Não tão por isso, era uma pessoa que era... Por outras questões, era uma pessoa que eu gostava muito, não necessariamente nesse sentido querer namorar etc. Mas é uma pessoa que eu tinha um carinho muito grande e ainda tenho e que... Eu esperava que essa relação fosse expandir, né? A intimidade entre a gente. Não necessariamente também novamente pra ter uma relação – namoro, alguma coisa assim, mas só porque eu queria... Na verdade, eu nem pensava em namoro, eu só queria explorar isso, explorar essa condição humana que eu senti naquele momento, tipo, é que existe uma relação onde eu posso explorar meus desejos então eu quero mais disso, sabe? E aí, acabou não rolando e tal, A pessoa nunca falou que não rolaria, mas ela também tem as demandas dela de não conseguir falar o que ela quer, ela é uma pessoa que se contrai muito, isso acabou gerando... Tipo, consequências pra mim porque eu tive*



*que lidar com todas as coisas que poderiam ser ditas entre a gente, sozinha. E tudo que existia pra ser dito, foi eu que lidei sozinha, então assim... É uma das experiências com pessoas cisgênera que também pra mim foi uma violência, sabe? É uma violência causada por uma pessoa cis. Que ao mesmo tempo, ela também não estava eh... Causando isso diretamente, eh... Ela não estava me ofendendo, tanto que foi uma pessoa que... Respeitou. Durante o processo foi extremamente sensível em relação a isso. A questão da minha genitália que eu não gosto, foi extremamente sensível mesmo, né? E colocava isso abertamente. “Olha, eu não vou te tocar onde eu sei que você não gosta, eu não vou fazer isso”, etc. Foi um momento muito bom. Só que depois a pessoa não teve muito cuidado em relação a isso.*

*(...) Mas aí, todas essas coisas, sabe? A pessoa não levou isso em consideração, desse papel de importância que ela acabou recebendo na minha vida. Por exemplo, até mesmo, ela sabia... Ela sabia desse contexto, tinha mais de dois anos que eu não me abria, eu não tava me expondo dessa forma com as outras pessoas e com ela eu me expus só que com muita dificuldade então pra mim isso foi muito... Foi doloroso. Pelo não cuidado dela, pelo... A não consideração, sabe? E às vezes eu fico pensando. Poxa, essas pessoas, elas não sabem. Não sabem as consequências de lidar com pessoas trans. Elas não entendem que é muito, é muito... Que é uma situação diferente e que... Elas por isso elas têm que estar atentas a isso. Por mais cuidadoso que ele foi durante o processo, depois ele não foi, então pra mim isso foi muito doloroso, sabe? E a última experiência... Depois eu tive... Depois disso, eu sofri um processo de... Foi assim, imediatamente depois mesmo. Eu passei por, na verdade, foi até na hora, quando acabou, eu fiquei muito... E por outras questões também. Depois, imediatamente depois, eu comecei a tipo, a não querer mais, é como se tivesse acabado simplesmente o desejo ali de me relacionar com outras pessoas, e aí eu lembro que eu saí da casa dele andando assim na rua e olhava pra homens, eu sentia nojo, eu ficava, “como é que eu senti desejo por isso alguma vez na vida”, sabe? E toda... Eu não conseguia imaginar estar com homens novamente.*

Milena relata um processo de esgotamento. Um sentimento de repulsa muito forte em função desse descuido e, com certeza, de tantos outros, e outros, e outros processos e situações. Uma constante que parece não ter fim e que se acentua nas relações com pessoas cis pela incompreensão dos processos de pessoas trans e a irresponsabilidade afetiva. Ela reflete também sobre o modo como a sociedade nos enxerga e rotula e a necessidade de irmos além desses rótulos. Duas considerações muito emblemáticas que Milena suscita no que tange ao convívio social e que considero muito pertinente de ser pontuado também se refere ao (1)

condicionamento por parte das pessoas cis das pessoas trans à suas próprias identidades e a existência de um (2) “contrato” unilateral. De acordo com ela

*(Milena) A sociedade, ela vai o tempo inteiro pontuar que você é apenas isso. Todas as experiências que nós pessoas trans temos é em torno de... É em volta disso. E tipo assim, você é apenas isso. Acho que nós enquanto seres humanos precisamos pontuar que nós somos seres humanos e que nós somos para além disso, e que, por isso, pensar nossa vida para além dessas demandas. E acho que quando se trata de qualquer coisa, perdão, falar sobre a questão trans, eu sempre tento pensar também em outros fatores, tipo, sim, eu sou trans, mas ó outros fatores aqui que envolvem, sabe? E se abrir porque eu posso realmente perceber a vida para além disso. Tanto que, é uma crítica que eu faço às vezes né? A algumas pessoas, eu vejo, e isso é muito mais uma questão da psicologia. Eu vejo muitas pessoas discutindo isso como um recurso, tipo, defesa sabe? “ah, mas eu sou trans, que a sociedade me faz sofrer”. Eu fico pensando, se for juntar essa lógica do discurso, a pessoa é uma vítima da sociedade. Quer dizer que ela não faz nada ruim contra ninguém? Quer dizer que ela não é uma pessoa, que ela não precisa amadurecer em algum ponto, quer dizer que ela não é uma pessoa? Que esse discurso às vezes leva pra isso, sabe? De tipo, “eu não erro com ninguém” ou “eu nunca cometi um ato de violência contra outras pessoas” ou, por exemplo, quando vai cometer esse ato de violência, ele tenta explicar isso através de uma lógica que coloca ela como violentada. Então é todo um processo que pra mim é muito complicado, justamente porque faz a pessoa não perceber, e passa a justificar a sua vida através disso, e, que em alguns momentos faz sentido, mas que nós somos seres humanos, nós erramos também, né? Isso para além da questão trans e acho que se perceber nisso, ajuda a lidar também com essas questões e também exercer suas potencialidades, né? Elevar para além disso, se tornar um ser humano melhor.*

Esse posicionamento é importante e necessário, na medida em que nos eleva a condição de humanos, inclusive, para nos pensarmos como seres errantes também. Falar sobre violências cisgênero não implica, portanto, que sejamos isentos de ser violentos ou imperfeitos, com posturas e posicionamentos a serem corrigidos. Na verdade, essa reflexão ajuda a nos situarmos também nas relações interpessoais de forma mais ampla.

Sobre o (2) “contrato”<sup>14</sup> unilateral, destaco sua importância para se pensar sobre as estruturas que baseiam a transfobia, as intolerâncias, o desrespeito, as diversas violências, mas

---

<sup>14</sup> Contrato é um termo utilizado de longa data pelas teóricas feministas para refletir sobre o papel das mulheres nas relações cis-hetero. Uma das tantas referências é o livro intitulado *O contrato sexual* (1988) da Carole Pateman, onde ela pensa e denuncia as articulações políticas do contrato social e o sexual. No que tange ao

também, a partir do relato de Milena, os impactos subjetivos que isto causa em uma pessoa trans. Praticamente uma guerra diária apenas para ser reconhecido e respeitado pelo que é.

*É muito... É um peso pra mim. Eu já conhecia esse peso, eu sentia esse peso, mas pra mim, tá sendo mais pesado agora. É o fato de que quando a gente transiciona, a gente não transiciona sozinho. A gente leva uma sociedade toda nas costas. Então assim, a gente tem o papel de educar cada pessoa que a gente conhece. Teve um determinado momento que eu... Foi no início desse ano, os três primeiros meses. Eu tava desiludida em relação a muita coisa. Porque, por exemplo, a impressão que eu tava tendo de acordo com os conflitos que eu tinha, era que minha identidade era meramente um acordo com outras pessoas. Porque, por exemplo, não existia nada em mim, pelo menos as reafirmações que eu tinha ao meu redor, não me dava essa ideia de que eu era uma mulher, sabe? Pela relação de as pessoas estarem errando minha identidade de gênero, querendo ou não volta muito forte, sabe? Tipo, porque a gente tem essa necessidade de ser reconhecida. A gente se reconhece independente disso, mas nós nos assumimos, nós transicionamos, nós queremos externalizar isso porque nós necessitamos desse reconhecimento das outras pessoas. Tipo, a impressão que eu tava tendo ao longo do tempo de inúmeros desgastes, de inúmeras tensões, era que minha identidade era um contrato. Tipo assim, que eu fazia com a pessoa especificamente. Então assim a pessoa, ela me... Ela respeitava esse contrato, me chamava de ela, né? Mas, ao mesmo tempo, não era porque ela... Pelo menos na lógica que eu pensava, não é porque ela me via enquanto mulher, mas porque ela queria respeitar esse contrato em respeito a mim. Então parecia que a minha identidade de gênero era muito mais... As pessoas atendiam isso e parecia muito mais um mimo, tipo assim, atender as fantasias de uma pessoa mimada, né? Eu me julgando nessa época. Eu julgava assim, parece que as pessoas estão atendendo aos desejos de uma pessoa só porque ela quer. Não porque aquela pessoa é aquilo mesmo. Isso voltava pra mim muito forte e foi me deixando muito mal, porque é isso, né? Essa questão de eu ter que fazer um contrato com uma pessoa, cada indivíduo que eu conheço, eu tenho que fazer um contrato que... É um contrato que só eu assino. Que a pessoa ela pode quebrar esse contrato a qualquer momento. Por exemplo, eu posso falar “eu sou ela, os pronomes que você tem que usar comigo são os pronomes e artigos femininos”. Enfim, eu sou uma mulher, não é só uma coisa da fala, né? Eu sou uma mulher, só que só eu tô vendo isso, sabe? Será que tem alguma coisa errada? Será que... Essa crítica de, por exemplo, uma pessoa mimada. Será que isso é uma fantasia minha, uma loucura minha, que*

---

“contrato” unilateral enunciado por Milena, percebe-se uma possibilidade de entendimento das engrenagens estruturais das relações de poder estabelecidas na dubiedade cis/trans, onde a viabilidade que algumas pessoas cis se permitem no rompimento deste “contrato” desvela a impossibilidade das mesmas validarem as identidades trans.

*só eu tô vendo e as pessoas não veem, que era o que tava voltando pra mim era isso, sabe? De tanta experiência de tipo... Das pessoas não acompanhando isso, em determinado momento eu achei que era só eu que via, né? E às vezes só eu vejo mesmo. É bem... Isso é muito doloroso. De achar que sua identidade é uma coisa da sua cabeça. Que ninguém mais vai... Que isso é uma loucura. Achar que você tá surtando.*

#### 2.2.5.4 Representatividade e pertencimento

Essa dissertação não poderia deixar de abarcar este tópico, seja pela importância em se falar sobre representatividade e pertencimento quando nos referimos a grupos “minoritários” que, geralmente, não encontram facilidades para adentrar certos espaços sociais e de poder e a consequente falta de identificação – em função de aspectos de gênero, raça, geração, classe, e outros marcadores diversos – com as figuras que ali se encontram, seja pelas próprias narrativas das entrevistadas que destacam, a partir de suas vivências, a importância bem como alegrias e tristezas que circundam este tema em seus cotidianos.

Quando se pensa sobre espaços sociais, em instituições diversas, sejam elas empresas, universidades, unidades de saúde, escolas de ensino básico, dentre outros espaços de poder e de produção de cidadania e autonomia pessoal e financeira, é inegável perceber que suas estruturas também são atravessadas por nossa cultura cisnormativa, de modo que os próprios sujeitos que transitam e ocupam posições de confiança são pessoas cisgênero. Pouca atenção ou nenhuma, a depender do setor do qual se fala, tem sido despendida não só para observar a inexistência de pessoas trans nestes espaços como para se pensar estratégias que visem à incorporação, acolhimento e trânsito neles.

Quais as implicações disso? Em termos de representatividade, por exemplo, a inexistência de semelhantes nestas e outras esferas implica em reafirmar uma cultura que marginaliza e renega nossos corpos ao campo da abjeção e da sub-humanidade. Representatividade importa na medida em que transmite aos pares a possibilidade de existir, de indicar que é possível, apesar de todas as forças contrárias, reinventar histórias, traçar novas rotas, se reconhecer a partir do outro, ter esperança.

Silva e Maio afirmam que a entrada de pessoas trans “nas atividades da escola produz transformações em práticas docentes e escolares rotineiras”. Neste sentido, o espaço escolar “choca-se com a contestação que a presença delas faz por práticas inovadoras e que,

sobretudo, as acolham com o objetivo de assegurar percursos formativos mais consistentes e menos agenciados de transfobias”. Da mesma forma, ocorre quando se pensa espaços de trabalho, espaços sociais diversos. “A cultura heteronorma precisa ceder espaço para que a cultura transgênero também aconteça” (SILVA e MAIO, 2017, s.p). Mais do que ceder espaço, é preciso criar condições de incorporação e cidadania das pessoas trans para que a representatividade aconteça e esta comunidade possa sair da condição de “entre-lugar”, a qual ainda se encontra quando se reflete sobre a “articulação com os diversos modos com os quais (...) se posicionam no encontro com formas normativas que redimensionam as relações de poder em nossa sociedade” (SILVA e MAIO, 2018, p. 319).

Djamila Ribeiro, no livro intitulado *O que é lugar de fala*, ao refletir sobre algumas produções teóricas de pesquisadoras do feminismo negro e interseccional, bem como tecer suas próprias ponderações sobre este tema e as vivências da população negra, aponta que

não poder acessar certos espaços acarreta a não existência de produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até em relação a quem mais tem acesso à internet. O falar não se restringe ao fato de emitir palavras, mas a poder existir (RIBEIRO, 2017, s.p).

Da mesma forma, e com a devida licença, é possível estabelecer relações com a realidade da população trans – homens e/ou mulheres trans binários ou não binários, negros e/ou brancos ou outras etnias, gerações, classes e diversos outros marcadores sociais – acerca da declaração supracitada. Desta forma, quando ela pontua que as pessoas deste grupo, em geral, não têm suas humanidades reconhecidas a partir da norma colonizadora dominante, essa consideração novamente se estendem à população trans que, via de regra, é destituída de toda e qualquer humanidade, a partir de um referencial cissexista e cisnormativo.

Pereira, também tecendo considerações sobre o livro de Ribeiro (2017), pontua a necessidade de entender que

mulheres negras e brancas partem de lugares diferentes. Não demarcar esses lugares e seguir ignorando que existem pontos de partidas diferentes faz com que mulheres brancas, por exemplo, continuem incapazes de perceber sua responsabilidade com a mudança social e, conseqüentemente, reproduzam opressões contra as mulheres negras (PEREIRA, 2018, p. 155).

Da mesma forma, é necessário que as pessoas cis percebam esse modo de funcionamento também em relação às trans para que seja possível visualizar sua responsabilidade com a mudança social e opressões dirigidas a nossa comunidade. O livro de Ribeiro (2017) “expõe que *lugar de fala* não diz respeito a negar as experiências individuais, tampouco se trata de uma visão essencialista, mas se refere ao reconhecimento do *locus* social e da reflexão de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência” (PEREIRA, 2018, p. 156). Possibilitar aos corpos negros, aos corpos trans – em paralelo – essa possibilidade de transcendência é reconhecê-los e instituí-los na qualidade de “sujeitos políticos” afinal, “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir” (RIBEIRO, 2017, s. p). No entanto, tal como a autora pontua, é preciso não confundir lugar de fala com representatividade. Em sua perspectiva,

uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa. Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito do poder. Cada um pode falar a partir de sua localização social. (...) É preciso, cada vez mais, que homens brancos cis estudem branquitude, cisgeneridade, masculinos. (...) “O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados” (RIBEIRO, 2017, s. p).

Ainda em continuidade às ponderações feitas por Ribeiro, ao citar Kilomba, ela levanta também a discussão sobre a posição de Outro do Outro ao qual a mulher negra é submetida quando se pensa que a mulher – branca – é pensada não a partir de si, mas em comparação ao homem e, neste sentido, a mulher negra seria deslocada para este lugar em nossa sociedade, onde ainda reina a supremacia branca, “por serem uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade” (RIBEIRO, 2017, s. p). Esse debate é estrutural e muito caro às pautas do feminismo negro.

Iniciei solicitando a devida licença, na medida em que verso sobre as vivências e experiências de mulheres trans, cuja identidade também enfrenta opressões de cunho estrutural – seja pela identidade de gênero, seja pela questão racial – e, neste sentido, tendo muitos de seus enfrentamentos cotidianos aproximados à realidade das pessoas cis negras. Neste caso, a relação que penso – e que ainda requer futuros amadurecimentos destas engrenagens – estaria nas articulações e posicionalidades que incorreriam na supremacia cis sobre pessoas trans. Neste caso, embora as mulheres cis negras, sejam nas linhas de análise presentes na perspectiva de Ribeiro (2017) e outras intelectuais negras, o Outro do Outro, às

mulheres trans incorreriam um terceiro outro – devido à dinâmica cisgênero que, estruturalmente lhe reservaria, nestas engrenagens, uma posição de deslegitimação de suas identidades de gênero. Somado a isso, quando se pensa os atravessamentos raciais e de classe, por exemplo, as engrenagens de abjeções se intensificariam. Neste sentido, mulheres – cis – negras enquanto Outro do Outro e mulheres trans um terceiro Outro – por serem mulheres (negras ou de outras condições étnico-raciais) e não serem Cis – com todas as ressalvas possíveis em termos de opressões e marcadores sociais, uma vez que não devem ser pensados de forma hierárquica – essa discussão se faz em termos teóricos.

As entrevistadas, ao longo de suas narrativas, também abordaram o tema da representatividade quando refletiam sobre suas experiências nos espaços de trabalho e em suas vidas acadêmicas. Milena se coloca como pioneira enquanto pessoa trans em seu trabalho – estágio na área da Psicologia – ao passo que Bianca aponta que há uma abertura no espaço da música para pessoas trans, o que não extingue a existência de resistências e situações transfóbicas em alguns setores do campo musical. Em suas próprias palavras:

*(Milena) No estágio, eles tiveram todo o cuidado de... Tipo assim... Era uma situação nova no CRP [Conselho Federal de Psicologia]. Eles nunca tiveram uma pessoa trans lá e acho que inclusive no CREPOP, em todos os CREPOPs [Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas] nunca houveram uma pessoa trans. Então isso era uma situação muito nova mesmo.*

*(Bianca) De fuder. Eh... Em relação a musica, primeiro, eu acho que na musica a gente tá passando por um momento interessante, que é um momento de você ter mais pessoas trans envolvidas no meio musical que é bastante legal. Em contrapartida, você tem pessoas trans envolvidas em nichos específicos. Isso gera alguns problemas. Por exemplo, você não tem mulher trans no Hard Core [HC] aqui no Brasil, você não tem. Você tem a Foxx Salema no metal, ela é do Rio Grande do Sul e tem cem, duzentos seguidores no instagram, e eu sou uma delas, das pessoas que seguem a Foxx Salema, ela não tem visibilidade nenhuma. De todas as pessoas trans estão focadas num eixo, eh... MPB, alternative music, e... Eh. Funk, os pós-funk que a gente tem e só. Eu tô no Hard Core, também no jazz, que são dois lugares que não têm referência trans, sabe? E isso gera algumas tensões. Eu fui em Salvador agora gravar o meu primeiro disco e... Foi muito interessante porque o produtor da gente, logo no primeiro dia, a gente teve uma conversa. Quero conversar com você porque não quero que você se sinta incomodada, e aí ele foi tirando todas as dúvidas porque ele não sabia o que era uma pessoa trans ao certo. Tinha um referencial, eh... Então foi todo um processo de mostrar e*

*de perceber como é isso acontecendo também. Do meio Hard Core, a gente chamou algumas referências pra cantar também, e aí, por exemplo, uma das... Não, não eu tenho uma coisa muito interessante pra contar. Tem uma das pessoas que trabalhou com a gente na produção que ela também é da área do HC, só que ela trabalhou na produção audiovisual e ela pegou um show meu em Feira de Santana, na qual eu faço grito de mulher trans no HC, falo o nome de algumas pessoas trans no punk, no HC, no mundo, porque no Brasil a gente não tem, a gente tem agora a Jane Grace, a gente tem a Mina Caputo, a gente tem outras referências também que eu falo, mas essas duas são as que eu falo muito porque são referências diretas. E eu falei isso e ela ouviu. No final do show, ela me cumprimentou, enfim a gente criou uma relação um pouco estreita. E aí voltamos agora pra produzir um vídeo, e... No primeiro dia, a gente conversou, eu achei isso muito interessante. Eh... Ela falou “com qual pronome eu me refiro a você?” Eu falei “olha, me refira no feminino, mas fique à vontade, não fique também acanhada, não, porque eu já sei que só o fato de você me perguntar isso já me mostra que existe implicamento, então você me chamar de ele é diferente de uma pessoa que não tem implicamento me chamar de ele.” eh... E aí ela: “tudo bem”. Só que, em todos os momentos, ela se referiu a mim como “ele” e em um ou outro momento lançou uma piada transfóbica: uma pessoa que a gente chamou pra tocar uma guitarra com a gente, que toca muito, é... Num meio de uma roda de conversa ele falou que “um dia ele bebeu demais e pegou um “traveco”. Ele falou: “eu errei ó, ó como é que eu errei”. Sabe? Coisas que.. discursos que nesse ambiente do HC, no metal não chegou, sabe? E aí eu tenho que lidar com essas questões ainda, com esses tensionamentos. Aí eu fui conversar com ele, isso gerou... ainda que eu falei com toda. eu não falei na hora, eu chamei ele no canto, expliquei, expliquei, ainda tive que bater de frente com algumas coisas, foi desconfortável, mas foi legal no final das contas, ele entendeu. Mas nesse meio que eu trabalho, é muito... é muito sem referência. É muito sem discussão desses lugares, então por isso eu acabo passando por esse lugar de... de... de tá conversando com essas pessoas, desse lugar de não ser tão bem entendida, de não ser tão bem, é não, não... não diria isso. Enfim, é mais no sentido de não ser tão bem compreendida, de tá explicando as coisas e de que é legal também, acho interessante estar conversando também. E aí é isso, no campo da música, é no campo do instrumental, do jazz, no campo da musica regional, outra coisa, outro procedimento, ainda mais complicado ainda, porque a galera da HC pelo menos é contracultura, né? Então já tem uma luta contra uma certa rigidez. No outro lugar não. Então no outro lugar já é um outro caminho que eu tô tendo que perseguir com muito mais calma, com muito mais cuidado. A gente tem algumas referências incríveis, por exemplo, Wendy Carlos, que é uma instrumentista, inclusive assinou duas trilhas de Kubrik, foram assinadas por ela, só que o filme Laranja Mecânica a gente tá assistindo e não sabe quem tá dirigindo a trilha, quem toca a trilha é uma mulher trans, eh... O Iluminado também. Essa mesma*



*mulher trans, Wendy Carlos, e... E aí é isso, mesmo tendo algumas referências, isso é muito “intocáveis” assim, é meio barril.*

Milena pontua o acolhimento como algo que ocorre e é importante em seu espaço de trabalho. Bianca, por sua vez, comenta sobre algumas situações vivenciadas nas relações estabelecidas com pessoas do espaço musical com destaque para o Hard Core, segmento onde ela é uma figura representante, uma voz trans que ecoa ainda solitária aqui no interior baiano, sobretudo, em relação a outros segmentos musicais, outros Estados onde também resistem outras corporalidades e performatividades trans, das quais ela cita em seu relato.

No que tange à questão universitária, como já citada outrora, no início desta dissertação, Milena e Bianca são estudantes da mesma instituição e campus do qual fiz parte durante a graduação. Em um determinado momento de suas entrevistas, elas relataram sobre a importância de terem sido antecidas por mim no espaço universitário. A importância da ancestralidade e representatividade que meu corpo em trânsito naquele espaço provocou nelas: algo que estimula, fortalece a autoestima e perspectivas futuras da comunidade trans, uma sensação gratificante.

*(Milena) Nós como pessoas trans temos vivências próximas, principalmente de UFBA, sabe? Eu, às vezes, fico pensando isso. Minha vivência de UFBA, ela querendo ou não, deve um pouco a você também. Sabe? Tipo, ancestralidade. Porque você veio antes, você abriu espaços, então é meio importante te pontuar isso também, de como... Eu fico pensando, né? De como deve ter sido difícil pra você à época. Porque era muito mais nova a situação. Hoje eu tô lá, mas algumas pessoas, por exemplo, passaram, eh... Conheceram você, tiveram experiência de estar com você, então isso cria espaços, né? Querendo ou não é uma troca muito louca aqui.*

*(Bianca) Apesar de que talvez você não saiba, te ver ali nos corredores da UFBA me fazia me sentir tão bem, você não faz ideia da importância da representatividade que você tem ali, e eu digo tem, porque você ainda tem, a sua história fica ali na UFBA, e isso é muito legal de ver reverberando, sabe? E... Assim, ainda que não exista essa proximidade, ainda que uma pessoa trans, ela não esteja muito próxima de outra ao ponto dela desabafar as coisas, o fato de ela ver uma outra pessoa trans já muda tudo porque a gente vive num mundo em sua grande maioria cisgênero, até que se prove o contrário. E quando a gente vê um companheiro, uma companheira, a gente fica... “ai, que bom!” Então eu acho que a terapia, junto com esse processo de representatividade, junto com esse processo de existência do outro,*

*faz os problemas diminuírem bastante, assim... Faz uma coisa muito legal. Inclusive, brigada! (risos).*

Possibilitar que relatos como esse sejam ampliados é uma realidade a ser perseguida. Que outras pessoas trans sigam transitando e ocupando espaços renegados a suas existências, que sigam inspirando e reacendendo as esperanças, elevando a autoestima de outras pessoas trans, bem como possibilitando que novos arranjos sejam tecidos, novas realidades desenhadas, indicando a viabilidade de ser e exercer funções diversas e vivenciar um mundo compartilhável por todas/os/es. Em diversos âmbitos – educacional, musical, empresarial etc, pessoas trans – binárias e não binárias – têm deslocado as normativas, (re)escrito novas condições de existências, apontando novos rumos, inspirando outras pessoas trans a perseguirem percursos socialmente negados para este segmento, mesmo com todos os tensionamentos e resistências que essas estradas também nos reservam.

De acordo com Cruz e Santos (2016), no ano de 2013, a professora transexual Marina Reidel “defendeu sua pesquisa de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (UFRGS), intitulada – *A Pedagogia do Salto Alto: histórias de professoras transexuais e travestis na educação brasileira*” (p. 122). Da mesma forma, temos a psicóloga e professora doutora Jaqueline Gomes de Jesus, além de outras mulheres trans docentes, Luma de Andrade – professora doutora em Educação (VALE, 2018). Temos também as referências citadas pela Bianca no âmbito da música e outras produções artísticas e a própria Bianca, Linn da Quebrada, Dona Iracema, As Bahias e a Cozinha Mineira (Oliveira, 2017) dentre diversas outras pessoas, bandas constituídas por pessoas trans, artistas *queers* e de diversas outras áreas que utilizam desses espaços para pensar/problematizar vivências, desafios, tabus, políticas públicas etc para seu próprio povo. Ocupando o lugar “de uma fala dissidente, abrindo-se à criação e às conexões: desterritorializações e linhas de fuga” oportunizando “um contínuo fluxo e refluxo, potência de interação e produção de sentidos” (VALE, 2018, p. 104), exercendo, portanto, a função de sujeitas/os/es políticas/os/es afinadas/os/es a suas causas, exercendo seus lugares de fala de modo a desconstruir e reconstruir uma sociedade mais igualitária, humana. Representando a possibilidade do novo, a esperança de dias melhores, de um futuro melhor.

### Capítulo 3

#### DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: ENLAÇAMENTOS E ESCREVIVÊNCIAS

Trajetórias de vida de mulheres trans de um município do interior da Bahia... Por que esta proposta? O que ela provoca em mim? Por que este tema em um programa de Pós-graduação sobre Mulheres, Gênero e Feminismo? Como esta pesquisa pode ser útil e provocativa em termos de formas outras de se pensar e se produzir ciência sobre estas questões, bem como sobre a vida da comunidade trans e, em especial, mulheres trans? Estes e outros questionamentos estiveram presentes em mim desde antes da certeza da realização desta dissertação até agora, após todo este percurso que fiz ao longo de sua feitura. Foram diretrizes, guias que me conduziram por estradas e encruzilhadas, cursos e percursos desta dissertação.

Inicialmente posso e devo dizer que as questões que envolvem e atravessam pessoas trans fez parte da minha vida inteira, mesmo em momentos em que eu não sabia categorizar e alocar todos esses fluxos e processos na categoria da transgeneridade. Este ponto em si já me posiciona de modo sensível a refletir e mergulhar fundo em uma escrita que contemple jornadas TRANS-versais ao CISTema. Embora a minha fala parta da minha posição de homem transgênero – algo que desloca em certo sentido minha experiência em relação às de mulheres trans – tenho interesse de que ela ressoe em diversas direções e potencialize as narrativas que este trabalho se fundamentou e se debruçou até aqui, contribuindo para todos os deslocamentos esperados com esta dissertação, seja no micro ou macrossocial.

Trazer à tona, seja em termos de memória, seja em termos de discursividade escrita, experiências e vivências específicas que geralmente envolvem situações delicadas, dores, tristezas não é tarefa fácil, embora haja nestes trânsitos rotineiros vitórias e inspirações a serem conclamadas também. Quando penso em minha trajetória, até mesmo refletindo sobre algumas cicatrizes que foram se criando no meu percurso até aqui, percebo que ainda mais difícil é falar sobre mim, retomar lembranças, até mesmo teorizar sobre elas, mas é necessário e importante ampliar olhares, deslocar sentidos, elaborar vivências. Isso envolve superar certa timidez e receio de excesso de exposição, receio do olhar de aprovação ou desaprovação do outro – algo muito frequente em minha vida. Este vai ser meu exercício neste tópico. Por vezes, permitirei despir-me da linguagem culta com o intuito de aproximar os leitores de

minhas vivências. Da mesma forma, este capítulo segue em primeira pessoa em coerência com a escrita feita até aqui, também em primeira pessoa.

Recordo-me que a presença de alteridades e as repercussões que elas provocavam nas pessoas próximas a mim em minha cidade natal - Itapetinga/BA - a 100 km da cidade que elegi como *locus* de investigação desta dissertação - Vitória da Conquista/ BA - eram as piores possíveis. Por ser interior, parecia ser mais impermeável o respeito e o acolhimento a qualquer traço de diferença da cisgeneridade, das expressões de gênero, das normativas sociais de modo mais amplo e todo imaginário social que envolve estes corpos e performatividades dissidentes. Da utilização de brincos, tatuagens ou pingentes por parte de um homem a trejeitos não-normativos para sua corporalidade ou jingados nos modos de andar, tudo era motivo de chacota ou preconceitos e repúdios diversos. Da mesma forma, as garotas. Sair das brincadeiras de bonecas e querer jogar bola com os garotos ou cortar o cabelo curtinho, vestir roupas masculinas e sair na rua despercebidas era praticamente impossível e até mesmo improvável.

Nesta época eu era criança, mas já pensava que estes raciocínios não podiam ser corretos. Era errado falar mal de uma pessoa, sobretudo, em função de não agir de acordo com o que acreditamos – nesse caso, com o que as pessoas tinham como verdade. E assim segui fiel ao que eu acreditava sempre. Recordo-me de algumas poucas vezes, ainda na infância, encontrar pessoas – a quem hoje atribuo a identidade trans/travesti – em lotéricas e/ou no centro da cidade. Com essa lembrança, os comentários de ódio, os olhares tortos. Para mim, um fascínio que me tomava já naquela época, mas que permanecia ali quietinho, no meu íntimo, envolto nos olhares e percepções de uma criança que ainda não se sabia trans.

Quando penso nisso hoje, entendo de onde vem a minha gratidão e toda emoção que envolve pensar nas trajetórias de mulheres trans, fazendo-me perceber coerência em estar agora escrevendo sobre este tema com a expectativa – espero que não ingênua – de que esta seja mais uma ferramenta junto a tantas outras – escritas por pessoas trans e também cis – para reverter as engrenagens perversas e odiosas que insistem em ferir e assassinar nossas existências ou relegar-nos à sub-humanidade e subalternidades diversas. Entendo as nossas narrativas, as nossas produções, como forças que têm potência suficiente – desde que atribuído o devido olhar e valor – para, a partir do nosso lugar de fala, nossas posicionalidades e as interseccionalidades que nos constituem, dinamitar as teias estruturais de opressão que foram tecidas no sentido de aniquilar nossos corpos e existências. As denúncias ambulantes

de que a normativa é uma falácia, as gentes são diversas, suas existências e expressões também.

Desta forma, por que falar sobre mulheres trans em um programa de pós-graduação que abarca a discussão sobre mulheres? Já teci algumas considerações sobre isso no capítulo um deste trabalho, portanto, destaco e reforço que por ainda a identidade feminina ser atravessada por diversas forças e discursividades conflitantes, implica que ela ainda está em voga – o sujeito do feminismo está em voga – as discussões não se encerraram – e até talvez seja interessante que assim perdure, que as discussões não cessem mesmo. No entanto, importa destacar que, às mulheres transgênero pouco ou nada tem sido reservado em termos de reconhecimento. Na categoria, em algumas vertentes, as discussões ainda são postas em termos e pautas CISnormativas. Assumir isso é um primeiro passo para a mudança de posturas, reconhecimento de suas identidades e pautas e alargamento das diversidades que compuseram, diversificaram e fortaleceram os feminismos até então. Este trabalho, embora pensado por um homem transgênero, tem o intento de ser mais uma linha impulsionadora desta nova vertente feminista, o transfeminismo, que tem sido construído já com essa potência transformadora, revolucionária dentro dos feminismos.

### 3.1 DOS ENCONTROS QUE ESTA PESQUISA PROPORCIONOU

#### 3.1.1 Identidade de gênero

Como já comentado em outras seções desta dissertação, duas entrevistas fundamentaram e foram basilares para a feitura deste projeto. As entrevistadas são pessoas que já haviam tido algum contato comigo *a priori* por termos compartilhado a mesma universidade, embora em turmas e/ ou com propósitos acadêmicos diferentes – Bianca foi colega de curso e de algumas disciplinas e Milena que já transitava pela UFBA participando de projetos de pesquisa/extensão antes de se efetivar como estudante de fato, algo que aconteceu após a minha saída da universidade. O fato é que esse contato prévio facilitou a comunicação e convite de participação, que foi realizado via redes sociais, e favoreceu o desenrolar das entrevistas.

Recordo-me de pensar o primeiro bloco de perguntas como algo que introduzisse a temática da identidade de gênero e como havia sido todo esse processo para elas. Mas antes disso, importa destacar que, em termos pessoais, embora minha posição de pesquisador me deixasse teoricamente em *locus* mais cômodo em relação a toda dinâmica e processos que uma lembrança de vivências tende a provocar, isso não me isentou de certo nervosismo e tensão por estar também exposto não só pelo processo da pesquisa, mas as reverberações que ela provocaria em mim. E assim aconteceu.

Sobre a temática identidade de gênero, por exemplo, várias identificações ocorreram em relação às narrativas das meninas, embora a minha posição seja diferente das delas e as implicações, portanto, específicas às corporalidades transmasculinas. Recordo-me de Milena afirmando que teve seu primeiro contato com o tema a partir de uma reportagem na TV e um maior aprofundamento depois, a partir de uma pesquisa na universidade. Comigo ocorreu da mesma forma e este pensamento vem ali, frente a frente com ela, assim como as outras identificações posteriores. Meu primeiro contato foi a partir de um vídeo na plataforma do Youtube, onde João W. Nery falava de si, de sua vivência enquanto homem trans. Lembro-me da emoção que tomou conta de mim naquele momento a partir da identificação automática com aquela narrativa e a constatação que se seguiu logo depois: “É isso! É isso! Agora me compreendo”! Esse mergulho na temática trans veio, *a priori*, a partir de um trabalho acadêmico na disciplina “Psicologia Hospitalar”, para o qual nos foi solicitado abordar algum tema que tivesse relação com saúde. De pronto decidi que seria algo que tivesse interlocução com a saúde LGBTQIA+ e, coincidentemente, *cliquei* no vídeo do João Nery.

Outro ponto trazido por Milena e também Bianca diz respeito a uma infância transviada, uma existência como coisa abjeta e a necessidade de aprender a conviver e suportar terminologias utilizadas com intenção de depreciação. Neste momento, elas desvelam que comportamentos de não conformidade de gênero sempre foram imperiosos em suas vidas. Não é via de regra, mas assim também o foi na minha. Recordo-me como hoje que esse processo inteiro na infância e também adolescência sempre foi muito difícil e conflituoso até mesmo por eu não saber bem como me resguardar ao máximo possível de situações de humilhação ou *bullying* e daí algumas cicatrizes que ficam para a posteridade como o isolamento e fobia social etc. Como afirma Milena em alguma de suas colocações, “*ser trans é uma experiência agridoce*”, reconhecer e nomear processos tem suas consequências. Em relação a mim, só fui aprender a reconhecer e nomear verdadeiramente certas violências recentemente, talvez por ingenuidade, talvez por mecanismo de defesa. Lidar com certas

dores e constatações é perigoso, pode ser muito desestabilizador. Quase nunca estamos preparados para isso e cada um possui seu próprio tempo. Por outro lado, como diz Bianca, a “*euforia da liberdade de ser o que se é*” é algo libertador, impagável.

Ainda sobre isso, um ponto que me provocou reflexões na fala de Bianca foi quando ela fez uma analogia da tristeza que sentia – antes de ter forças suficientes para reivindicar sua identidade – com o Coringa e seu sorriso. Em suas palavras: “*aquele sorrir sem estar sorrindo*”, é como se sentia. Algo que qualquer olhar atento poderia identificar. O pesar, a tristeza, o sofrimento. Processo que ela conseguiu superar quando saiu da negação, tal como afirma, e caminhou, desde a afirmação de se entender enquanto bissexual e posterior repressão com o corpo, até depois, quando teve condições de abraçar a sua identidade de gênero. Recordo-me desta tristeza também... Na verdade, ela ainda me visita algumas vezes, porém com menos pesar, pois agora sou congruente comigo mesmo, olho-me no espelho e vejo-me. Felizmente, em termos de negação, esta eu não tive. A identificação e aceitação foram imediatas e até veio em momento apropriado, em épocas quando já não via muito sentido nas coisas e na vida. Quando Bianca relata estas questões, penso em toda angústia deste processo de autoaceitação, assim como no caso de Milena que também passou por alguns conflitos neste processo de autoentender-se.

Um aspecto que foi basilar em suas narrativas diz respeito à importância de se conceber as identidades de forma não definitiva, de maneira fluida em um eterno vir a ser. Compreender que as identidades de gênero são uma eterna interrogação, experimentação. Sair das “caixinhas” que nos são dadas para as transgeneridades em suas variadas manifestações, pois como diria Bianca, mesmo no binarismo trans há transgressão, uma vez que nossas corporalidades transbordam as normativas que concebem os gêneros a partir dos critérios sexuais cisnormativos. Entender que as transgeneridades não são definidas e/ ou validadas por processos cirúrgicos, hormonais e a expectativa de performar uma cisgeneridade em corpos trans. Essa reflexão e postura pessoal e política é algo que precisa ser construído, inclusive, na comunidade trans, uma vez que o que nos é dito, de forma discursiva ou simbólica pela sociedade, é que só seremos “passáveis”, belos e aceitos se atingirmos a estética cisgênero. É uma lógica perversa, mas muito sedutora, até porque os que não atingem esse ideal que nos é exigido sofrem consequências diversas em vários espaços sociais e de trabalho, por exemplo. Foi algo que fiquei refletindo muito mais após meu contato com as meninas. A importância de se atentar para estes processos e toda a sua logística e maquinaria.

Sobre este tema, um último ponto que trago diz respeito à velhice. Importa mais uma vez falar sobre isso já que não é algo pensado, discutido, alvo de preocupações. Milena traz este ponto quando ela afirma que há uma falta de referências sobre a velhice trans e o que nos é transmitido é que pode ser encarado até como uma impossibilidade, já que não estamos livres de termos nossas vidas ceifadas a qualquer momento por motivos de transfobia. É uma discussão enorme e que “*ainda não vingou*”, acredito que por poucas pessoas trans terem chegado até a velhice e com visibilidade suficiente para levantar este ponto – com a exceção do João W. Nery que, inclusive, elaborou um livro sobre este tema, publicado postumamente – e também a pouca atenção que é dada a este tema em termos de discussões de saúde, políticas públicas e assistenciais etc.

### 3.1.2 Família

O tema família para pessoas trans é sempre muito delicado. Exceção são os casos onde alguém de nosso grupo é acolhido pelos familiares. Acredito que quando o são, ocorre após um processo que também é doloroso de alguma forma, e com resistências por parte de alguns membros familiares, apesar de tudo. As entrevistadas trouxeram em suas narrativas esta questão. Ambas não contaram efetivamente para a família sobre suas identidades de gênero, embora socialmente grandes parcelas das pessoas saibam de suas identidades. Bianca aponta a negação recorrente da mãe em lidar com este assunto e também as tensões e situações desconfortáveis que se criaram entre ela e a família da companheira após compartilhar esta informação, algo que não ocorria quando pensavam se tratar de um homem cisgênero.

Milena, por sua vez, aponta que o relacionamento familiar nunca foi confortável, mas que mudou muito mais após ela deixar de ter posturas que agradavam os pais e também depois de deixar seus cabelos crescerem, o que implicou em olhares tortos por parte do pai e uma intensificação dos conflitos familiares. Isso desembocou em uma falta de liberdade em ser autêntica dentro de seu espaço privado, o espaço familiar. Ela ainda pontua em algum momento de sua narrativa que não se posiciona como mulher trans/travesti em casa para não perder o suporte financeiro, considerando todo o contexto pelo qual a população trans é vulnerável e as implicações que a parte financeira traz também. Inclusive a sua inserção em universidade pública e participação em estágio vêm como uma estratégia para estreitar essa dependência em relação aos pais e adquirir autonomia.



Destaquei essas colocações, pois elas me fizeram refletir sobre meu lugar na condição de homem trans e meu privilégio em alguns pontos, sobretudo no que tange a relacionamentos. Não vou me estender neste aspecto agora, pois ele far-se-á presente mais adiante. No entanto, importa destacar que isso foi algo presente em meus pensamentos ao escutá-las e, após, durante a transcrição atenta dos áudios. Há um abismo no modo como a sociedade lida com as performatividades masculinas e femininas. Com isso não pretendo hierarquizar opressões ou sofrimentos, mas apontar que, na minha percepção, a nossa sociedade machista, sexista e patriarcal considera um crime a existência de mulheres trans. Parece que, de acordo com a lógica tortuosa desta estrutura, é inadmissível corpos lidos como masculinos aderirem e expressarem feminilidades, é execrável, é preciso ser exterminado de alguma forma e se não o for, que a pessoa arque com as consequências! *A pessoa, não...* A coisa abjeta. Já que sua condição humana deixa de existir no momento em que, em suas leituras, abdicam a posição e privilégios masculinos para “tornarem-se” mulheres. Com os homens trans, há também suas grossas camadas de opressão e subalternização, mas é perceptível um ódio escancarado direcionado às mulheres trans/travestis.

O fato é que, neste ponto que envolve relacionamentos, percebo uma abertura maior para o amor com homens trans e transmasculinos, assim como a recepção dos familiares tende a ser mais possível, embora nem sempre provável. Obviamente, não é uma colocação a ser generalizada, é uma afirmação intuitiva que faço a partir de relatos de diversos homens trans com quem já tive troca de vivências e experiências. Há uma possibilidade de relacionamentos acontecendo. Algo que difere e muito da quase totalidade de relatos das mulheres trans, geralmente voltado para as investidas com intuítos fetichistas ou objetificantes. No que tange a minha experiência neste quesito, por estar em um relacionamento hétero, onde os familiares da minha namorada não implicam com a minha identidade de gênero, divirjo das experiências das entrevistadas. Entretanto, acredito que existam nuances quando ocorre a articulação entre identidade de gênero e sexualidade, de modo que um homem trans/ mulher trans hetero terão experiências de afetividade diferentes de homens e mulheres trans/ homo/bi/pansexuais, por exemplo, e as recepções de familiares de companheir as/os/es é algo muito específico de cada nicho familiar.

Outro ponto em que me percebo envolto em certo privilégio em ser homem trans comparado às experiências das mulheres trans gira em torno da recepção da minha família. E aqui, mais uma vez, trato de singularidades do meu processo. Acredito, veementemente, que a minha travessia e contato com familiares seria muito mais intensificada e dolorosa se eu fosse

uma mulher trans. Conhecendo a minha família, a minha realidade local, também da cidade interiorana da qual surgi, sou capaz de afirmar isso com total certeza. Nós, homens trans, que utilizamos de terapia hormonal, intervenções cirúrgicas, com o processo de modificação da voz, pelos no rosto e outras partes do corpo etc, temos certa “passabilidade” que nos blinda de inconvenientes em alguns momentos – não são todos! Além disso, o machismo nas pessoas é algo que provoca uma ira absurda nas corporalidades trans com expressões femininas. Acredito que, de onde vim, não seria diferente. Com isso, não quero dizer que não sofro opressões sociais ou mesmo familiares, sutis ou escancaradas, mas assumo que percebo que esta minha posição facilita algumas linhas de fuga, negociações diversas. O contato com as colaboradoras desta pesquisa provocou diversas reflexões neste sentido: as posicionalidades trans.

No que tange à autonomia e questões financeiras, felizmente até o momento pude me organizar a partir do investimento na graduação e pós-graduação e programas de auxílio permanência, bolsas de graduação e mestrado, tendo certa liberdade em relação à família desde os meus dezessete anos, quando me aventurei a cursar Psicologia em outra cidade. Houve inúmeras dificuldades, mas isso possibilitou que a minha caminhada no que se refere à questão trans, e também liberdade e certo conforto em adotar as posturas e posicionamentos com aos quais me identifico, fossem facilitadas por este processo. Inclusive meu relacionamento com a família que sempre foi de distanciamento não só pela questão que perpassa a infância e adolescência transviada e a dificuldade em entender e acolher esta minha diferença, mas outros pontos, linhas que atravessam as nossas existências e trajetórias, igualmente fossem superadas ou suspensas, em certo sentido, dando lugar a uma relação de maior proximidade e carinho atualmente. Viva o vir a ser da vida! O tempo é rei!

### **3.1.3 Saúde**

Pensar sobre saúde e fazer uma interlocução de minhas experiências com as narrativas das entrevistadas e os afetamentos em mim provocados são questões que considero importante. O tema da saúde em si é algo primordial para todas as pessoas. Ele é atravessado pelas minúcias que carregam as identidades dos diversos povos em suas etnias, gêneros, gerações, classes sociais e falar sobre saúde é então falar sobre manutenção da vida e bem-estar social. Conosco, pessoas trans, não é diferente. É emergencial refletir sobre este

dispositivo e como ele tem sido preparado – ou não – para acolher e dar conta de nossas demandas, respeitando nossas identificações e necessidades.

Como já discutido em outra oportunidade, o tema saúde para a população trans é importantíssimo. Percebe-se o aumento da necessidade de que nossos corpos sejam assistidos e acolhidos nestes dispositivos e com isso nossas identidades respeitadas, sejam para procedimentos estipulados pelo Ministério da Saúde para os nossos corpos ou para simplesmente aferir a pressão em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), por exemplo. Percebi, dentro das minhas leituras para feitura deste trabalho, que as produções sobre este tema têm se circunscrito aos procedimentos cirúrgicos e hormonais em hospitais universitários, com pouca atenção para as UBS's e o serviço de acolhimento e atendimento prestado, bem como outras instituições de saúde. Também a capacitação e as representações sociais presentes nestes dispositivos, a partir das equipes de trabalho, são temas que não têm sido comuns nas investigações científicas, o que gera uma defasagem neste âmbito e deixa de abarcar pontos importantes quando se pensa no nosso conforto, liberdade e acolhimento dentro destes espaços e o preparo das equipes para o atendimento humanizado voltado para o nosso público.

Importa aqui reforçar que nem todas as pessoas trans irão em busca de serviços de saúde para alterar seus corpos por meio de procedimentos cirúrgicos e/ou hormonais e, mesmo assim, a elas cabem o direito e o respeito a suas verdadeiras identidades de gênero. Partindo deste ponto, é importante considerar também que as demandas de saúde ao longo da vida são diversas e é óbvio que com pessoas trans não seria diferente. Logo, cabe a estes dispositivos estarem preparados para atender-nos em nossas singularidades da melhor forma possível. É muito comum encontrar pessoas de nosso grupo identitário afirmando ter dificuldades, resistências ou mesmo não ter interesse e/ou disposição para procurar serviços de saúde públicos e/ou privados com demandas de pessoa trans pelo receio de constrangimentos e desrespeito a suas identidades. É o caso de Milena e Bianca, sendo que a segunda até utiliza, nestes espaços, o nome de registro para evitar situações embaraçosas, sobretudo, por ter testemunhado uma situação de desrespeito a uma mulher trans desde a recepção a sua saída em uma UBS do município onde foi feita esta pesquisa. De fato, é algo muito recorrente, principalmente em UBS's que não são voltadas para o público LGBTQIA+. Também para mim, pensar em transitar nestes espaços é algo gerador de angústia. Agora um pouco menos depois da retificação dos documentos civis, mas já ciente de que, em situações mais extremas

como as cirúrgicas e de outras exposições do corpo, isto novamente estará em pauta para uma equipe geralmente distante de discussões e desconstruções de gêneros.

Diferente de mim, que desde o início estava certo de que iria passar pelos rituais de modificação do corpo, Milena e Bianca apontaram processos diferentes, necessidades que foram se modificando ao longo do tempo. Bianca afirma que foi uma postura política também entender que não eram necessários os procedimentos para se afirmar como mulher, uma vez que é interessante que os gêneros sejam vistos enquanto “*uma confusão*”, pois as dúvidas são interessantes, mobilizadoras. No entanto, atualmente, elas se colocam como desejantes de procedimentos cirúrgicos e hormonais e estão no processo que envolve desde a autorização psicológica à certeza de encontrar um profissional da medicina que as respeitem e as acompanhem sem maiores problemas ou discriminação.

Sobre este processo de busca de atendimentos para demanda como pessoa trans, destaco que minha experiência entre o final do ano de 2014 até meados de 2015 foi muito frustrante em Vitória da Conquista. Lembro-me bem de diversos médicos me desencorajando a seguir em frente, inclusive, tentando me convencer a não fazê-lo. Outros sequer sabiam o que era transexualidade, sobretudo voltada para homens trans e, diversas vezes, me vi ensinando a médicos e pessoas da recepção de UBS do que se tratava, no entanto, sem sucesso em termos de acompanhamento hormonal ou qualquer outro procedimento. Antes de conseguir o sonhado acompanhamento endocrinológico – muito embora, via particular –, a saída esteve na clandestinidade das aplicações – também sem sucesso, pois o medicamento não era autêntico. A Secretária de Saúde do município me encorajou a procurar profissional psiquiatra para fornecer o laudo e só depois eles fazerem os trâmites para encaminhar meu caso para Salvador – algo impossível para mim, pois além de ser baixa renda, eu precisava estar aqui na cidade para dar continuidade à graduação.

Outro ponto que elas trazem nas narrativas sobre este tópico é o acompanhamento psicológico. Discute-se sempre que as taxas de depressão e suicídio na comunidade trans tendem a serem altíssimas devido ao cissexismo que alimenta as práticas transfóbicas que nos espreita todos os dias e em todos os espaços. Neste sentido, pensar em estratégias para resguardar a saúde mental é extremamente importante. Uma delas é o acompanhamento psicológico feito com profissionais sensíveis à causa e éticos em suas perspectivas e intervenções. Essa caminhada pode ser mais leve se a nossa saúde mental estiver em dia. Infelizmente, a área clínica da Psicologia ainda é restrita em termos de acessibilidade financeira, mas há vários profissionais atentos à realidade orçamentária da maioria da

população e dispostos a fornecer escuta qualificada com valores mais acessíveis. Milena e Bianca, por exemplo, apesar desse impasse financeiro, se posicionaram como favoráveis à terapia e entenderam como algo importante para esta travessia. No que se refere a mim, sou da mesma opinião e também tenho esta experiência. Posso afirmar que foi fundamental para mim estar em terapia aquele momento. Foi um suporte muito importante. Além disso, em termos de procedimentos hormonais é exigido ainda o laudo psicológico, portanto, as pessoas interessadas devem passar pelo processo terapêutico antes da hormonização.

Por fim, outro aspecto que decidi pontuar, refere-se aos comentários das entrevistadas sobre a Secretaria de Políticas Públicas para a População LGBTQIA+ da cidade. Elas afirmam certo distanciamento em relação a este espaço, que inclusive é o único na cidade voltado para nosso público e também pontuam que as informações sobre os serviços prestados não as alcançam, bem como o fato de que há uma falta de articulação em termos de preparação política deste público e instruções diversas. Percebo uma falha na comunicação e transmissão dessas políticas municipais. A partir das minhas vivências, afirmo a impossibilidade de discordar. No entanto, confirmo que há ações realizadas para o público trans. O contato com o público trans parece-me restrito também, mas devo confessar que nunca mantive muito diálogo e proximidade com a Secretaria, exceto no período em que estava nos trâmites da retificação dos documentos quando tive assistência jurídica e contato com a psicóloga do núcleo.

### **3.1.4 Afetividades**

Já iniciei um pouco acima sobre o que penso acerca da minha posição de certo privilégio enquanto homem trans hétero quando se pensa sobre a realidade de mulheres trans em alguns aspectos. Sobre o tema da afetividade não é diferente. Parece-me que a organização social, em termos afetivos, não sustenta e/ou aceita relacionamentos entre pessoas cis e trans e, em especial, mulheres trans. Seja nas relações hetero – homens cis e mulheres trans; homossexuais - mulheres cis e mulheres trans/ homo, bi ou pansexuais, quando envolve uma troca de afetos genuína e visível socialmente há um estranhamento e repúdio naturalizado. Isso quando estes relacionamentos são possíveis, pois muitas pessoas cis têm resistências em assumi-los, em especial, homens cis com mulheres trans. Geralmente as trocas afetivas giram em torno da objetificação e tendem a ocorrer às escondidas.

Tal como Milena afirma em suas narrativas, as relações tendem a ter teor ocasional, sigiloso, o que incumbe certa “clandestinidade”. À mulher trans não são autorizadas relações sólidas, ao menos às que o desejam. Poucos casos são exceção à regra. Algo que desemboca nas discussões constantes em torno da solidão a qual elas são submetidas. Como diz Milena, uma solidão que não é fruto de uma escolha, que é imposta a todo o momento. Processos que podem até envolver um flerte, como afirma ela, mas que não vão em frente em função da barreira de gênero. Sobre isso, em minha experiência, após me afirmar como homem trans, essa questão da afetividade não foi um processo tão doloroso. Obviamente, posso ser exceção – muitos homens trans, sobretudo, homo/bi e pansexuais, devem passar por certa solidão e até deslegitimação das suas identidades em termos afetivos. As pessoas, em sua maioria cisgênero, não compreendem bem essa questão afetiva quando pensam as corporalidades trans e as diversidades também em termos de sexualidade.

Como diz Bianca, é necessário pensar a sexualidade de um lugar que não é cisonormativo, falocêntrico, genitalizado e isso é ainda um grande desafio não só para as pessoas cisgênero, mas até mesmo para a comunidade trans. Como ela afirma, “*é necessário pensar em um sexo trans, no sentido de transpassar algo, alguma coisa, atravessar as certezas*”. Superar o conceito de homoafetividades, que não abarcam as identidades de gênero dissidentes e suas corporalidades, para superar as incongruências em termos de formação de símbolos e representações sociais que se formam em torno disso. Esse tema foi explorado no capítulo anterior, mas é importante reforçar este ponto, inclusive, considerando as diversidades sexuais dentro da categoria trans que não são entendidas e/ou respeitadas como as homo/bi/pansexualidades e a interlocução com a sociedade e parceiras/os/es sexuais.

Retornando um pouco a um trecho da conversa de Milena, em certo momento ela relata que, no início da adolescência, fantasiava estar em uma relação familiar composta por marido e filhos biológicos e conta de seu sofrimento por saber que não podia engravidar. Destaquei este ponto, pois foi algo que atravessou a minha experiência também neste mesmo período. A minha fantasia era similar, apenas trocando os pares, eu sendo o marido e tendo uma esposa e filhos. Algo que também remetia a uma tristeza posterior por entender, à época, que não seria algo possível. Obviamente que esses processos devem ser comuns nessa fase da vida – os jogos simbólicos, as fantasias – inclusive, na realidade de pessoas trans e LGBTQIA+, mas pontuam questões, provocam reflexões também de uma infância e adolescência que enfrentam interditos em função de suas identidades de gênero e/ ou sexualidades e das referências cisonormativas que nos são ofertadas como única possibilidade.

Por fim, outro aspecto que destaco é quando elas afirmam que suas condições corpóreas interferem nas práticas afetivo-sexuais. Milena pontua certa frustração por não haver outras possibilidades e o sexo ter que ser feito sempre da mesma forma. Bianca, por sua vez, relata, por vezes, o desrespeito à sua identidade no ato sexual em função da falta de reconhecimento das/os/es parceiras/os/es, que fazem a leitura errada de seu corpo. Também destaca que para si mesma foi desconfortável em certo momento a questão genitália, embora ela entenda e reflita sempre que isso envolve também um padrão cisnormativo que está estruturado em nós, em nossas referências de sexo e que é preciso romper com esta logística. Sobre mim, posso dizer que compartilho das mesmas angústias, embora reconheça na reflexão de Bianca uma identificação pessoal, por vezes é difícil lidar com esta questão. Nossas/os/es parceiras/os/es têm um referencial, assim como nós mesmos, de performance sexual, corporalidades e genitalidades. É uma estrutura socialmente e pessoalmente difícil de romper, mas é necessário e importante. Esperamos que um dia o afeto seja o único referencial para os enlaçamentos dos corpos e conforto nas práticas. Esse dia há de chegar!

### **3.1.5 Convívio social**

Este tópico nas entrevistas foi um dos que mais me provocou e aprimorou reflexões. Na dialogicidade dos encontros é que temos a possibilidade de nos atualizar, deslocar e ampliar sentidos, atentarmo-nos a processos diversos. E assim ocorreu. Seguirei na mesma lógica que fiz até então, apontando alguns posicionamentos das entrevistadas que me afetaram mais diretamente e posicionando a mim mesmo nestes fluxos de reflexões e vivências. No entanto, destaco que por questões de construção da personalidade, o aspecto que envolve convívio social em minha performatividade sempre foi algo restrito, por eu ser alguém que prefere a solitude na maior parte do tempo, sempre que possível, desde muito novo.

Sobre as narrativas das meninas, recordo-me de Milena afirmando não ter havido afastamentos de amigos em função de sua identidade de gênero, algo que, na verdade, partiu dela mesma por outros motivos em relação a algumas amigadas. No entanto, ela destaca seu incômodo nas relações com pessoas cis que, em grande parte do tempo, por não compreenderem alguns processos e necessidades específicas de pessoas trans, acabam desgastando os relacionamentos e/ou até mesmo nos violentando a partir de determinadas posturas. Daí a importância que ela destaca em desnaturalizar violências, romper com certas

práticas que, embora aparentemente ínfimas, nos deslocam para condições de opressões diversas.

Ela destaca também um cansaço em relações com pessoas cis, cansaço no processo de “educação” dessas pessoas em relação à sua identidade. Um posicionamento que me chamou atenção foi quando ela pondera que percebe essa interlocução das pessoas com o respeito à sua identidade como se fosse um acordo/contrato. Foi difícil de ouvir, mas, ao mesmo tempo, fez todo sentido, quando ela disse que sentia como se as pessoas a tratassem no feminino não por acreditar nisso, mas por respeito a ela e não à sua identidade de gênero. Como a mesma diz, é um contrato onde só um assina: cada um de nós, pessoas trans, e as outras pessoas se sentem livres para romper com ele a qualquer momento. Assim, me vi reflexivo após essa colocação. Era algo que eu também sentia, mas jamais havia ousado materializar em palavras. É uma verdade difícil de ouvir e lidar com ela pode ser perigoso. Infelizmente, não tenho como dizer que ela não está correta. Tem muitas pessoas que nos passam essa impressão, embora não seja uma regra.

Bianca, por sua vez, afirma também ter dificuldades em ficar à vontade em certos espaços pelo fato de não ter certeza se as pessoas a estão identificando como mulher. Além disso, não se sente confortável nos espaços de convívio social, apenas no palco/ nos espaços musicais – onde, de acordo com ela, tem havido aumento de inserção de pessoas trans, de representatividade trans – e nas relações mais íntimas, conversas próximas, com pessoas próximas. Também pontua situações sociais onde teve que lidar com situações embaraçosas, com comentários transfóbicos em seus círculos sociais e também sua frustração em ter que elaborar estratégias em relação à sua identidade de gênero nos espaços sociais para se resguardar de violências e a carga de sofrimento que circunda este processo.

Assim é comigo. Por vezes, estou em lugares e me percebo pensando se as pessoas estão me enxergando como gostaria. Depois desloco o pensamento, respiro e tento pensar em outras coisas. Nós acabamos nos tornando vigilantes também, até neuróticos com esta questão, caso não nos atentemos e tomemos os devidos cuidados. Querendo ou não, o olhar dos outros pesa em grande parte dos momentos, e a nossa expectativa em relação às nossas identidades, performatividades e reconhecimentos também. O exercício de tranquilizar-se em relação a esta dialética acaba sendo algo a se perseguir, um exercício constante, mas difícil para muitas pessoas trans. Já estive em diversas situações sociais, com pessoas conhecidas e até mesmo amizades, onde percebi esse movimento de comentários supostamente inocentes que claramente surgiam para questionar a minha identidade de gênero e/ou masculinidade.



Geralmente são comentários sutis – no meu caso – mas já aconteceram explícitos também. Constantemente em tons de brincadeira, em conversas descontraídas vez por outras sai: “faz tal coisa, você não é homem?” ou “e o pau, cadê? Já cresceu?” dentre tantas outras. Alguns são tão sutis que as pessoas nem percebem como violências e reproduções normativas de gênero. Ocorre também de acontecer os olhares tortos – geralmente pessoas desconhecidas, em restaurantes, mercados e tantos outros espaços – que nos inibem e nos desencorajam cotidianamente a transitar livremente sem sentir o mínimo desconforto possível.

Em espaços universitários e de trabalho, as pessoas trans também não estão blindadas de transfobia ou situações embaraçosas em função das representações normativas de gênero que constituem a ótica social. Milena fala sobre isso quando ela afirma um respeito parcial à sua identidade de gênero na universidade. Parcial porque sempre acontece, de acordo com ela, de alguns funcionários não entenderem bem seu caso e ocorrer desrespeito a sua identidade, além de outras situações específicas. Ela conclui sobre a importância de se pensar além da inclusão de nosso grupo, uma vez que a permanência é imprescindível e deve ser levada em consideração. Assim também ocorre nos espaços de trabalho. Há um enorme despreparo e recusa em aceitar nosso grupo e quando isso ocorre, há ainda a problemática que envolve as especificidades de nossos corpos e como as instituições/ empresas ainda não estão preparadas para lidar conosco. Sobre isso, ela ainda destaca em sua experiência que o estágio foi um espaço de bastante respeito, mas que em situações em que tinha que ir para capacitação ou outras atividades em Salvador, deparava-se com situações de assédio, como foi o caso de quando foi para a praia e foi assediada por um homem no mar.

Concordo que há um despreparo das universidades neste sentido. A inclusão é primordial, mas as políticas de permanências é que garantem a efetividade dos objetivos da inclusão. Por permanência pode-se pensar políticas de sensibilização e práticas pedagógicas sobre este tema para todo o corpo institucional – desde funcionários terceirizados ao corpo administrativo, docentes e discentes –, políticas de assistência – visto que grande parte das pessoas trans não têm apoio familiar e disponibilidade de acesso ao mercado de trabalho –, suporte psicológico – a saúde mental influencia na produtividade e disposição para atividades acadêmicas –, dentre outros. Às empresas e instituições cabe o enfrentamento a diversos aspectos transfóbicos que circundam o ambiente organizacional também. Ainda não tive experiências neste âmbito. Até aqui a minha trajetória foi sempre acadêmica, mas estou atento e ciente dos desafios que me espreitam nesses espaços, embora a minha posição masculina de homem trans binário que utiliza a terapia hormonal me resguarde de processos pelos quais as

mulheres, sobretudo, trans, geralmente enfrentam nos mesmos. Em relação ao aspecto acadêmico, praticamente não tive experiências negativas na universidade, só alguns estranhamentos no período pré-hormonal – sintomático de nossa sociedade normativa – por parte de alguns colegas de instituição, não de curso. A permanência foi um desafio para mim por questões financeiras, algo que melhorou após as políticas de bolsas de iniciação científica da UFBA voltadas para pessoas trans.

Em algum ponto da entrevista, Bianca traz uma reflexão a partir de sua experiência de estágio que é bastante interessante para se pensar e, quem sabe, aos Conselhos de Psicologia, elaborar estratégias de apoio e conscientização, neste sentido. Ela, a partir dos atendimentos, percebe a posição delicada que é ser uma mulher trans na prática profissional da Psicologia e expõe sua preocupação em relação à atuação. De fato, em termos de *setting* clínico, por exemplo, as pessoas possuem demandas diversas, inclusive, perpassando as sexualidades dos filhos, identidades de gênero. As expectativas sociais sobre as práticas profissionais e/ou mesmo apresentação pessoal etc ainda são controversas no que tange ao que esperam de profissionais da Psicologia. É ainda um misto de concepções normativas e expectativas higienistas de posturas também neste âmbito. Uma figura transgressora nesta profissão, até em termos de apresentação pessoal, é algo ainda pouco aceito por muitas pessoas. Neste sentido, é mais que válida sua preocupação. Fiquei pensando em mais este dilema social que recai em nossos corpos como se tivéssemos que nos adequar para conseguir sermos reconhecidas/os/es e respeitadas/os/es. Em muitos casos, abdicar da própria identidade para não perder o emprego. Algo que não deveria acontecer, mas acontece ainda. Um desafio a ser tensionado, refletido, combatido e superado.

Por fim, outro aspecto que resgato nas narrativas das meninas é sobre os espaços sociais de Vitória da Conquista. Milena traz essa problemática. Ela não se sente confortável nos espaços, não se enxerga neles e, portanto, se afasta. De acordo com ela, os espaços da cidade são higienizados. A cidade não foi pensada para as pessoas trans. Não há espaços para nós, exceto as zonas de prostituição. Alguns espaços ditos LGBTQIA+ – quase nenhum – não nos abarcam de verdade, não são espaços de acolhimento. Isso diz muito sobre a realidade local em termos de sociabilidade LGBTQIA+. Ela não é prioridade, pode-se dizer que ela sequer existe em Vitória da Conquista. Concordo e afirmo a importância de que este posicionamento fique registrado para que possa ser mudado futuramente.

### 3.1.6 Representatividade e pertencimento

Este tópico surgiu nas conversações das entrevistadas como uma necessidade que perceberam ao longo de suas trajetórias. A necessidade de se sentirem representadas nos espaços, nas relações, na rotina. Da mesma forma, o desejo de se perceberem pertencentes ao mundo em todas as suas possibilidades de existência. Neste sentido, também eu me vi afetado e contemplado em suas necessidades ao longo das entrevistas. A cada colocação delas, meu pensamento resgatava todos os espaços em que já estive até hoje, sejam eles espaços de poder e/ou espaços de trânsitos diversos, cotidianidades e, com isso, percebia como pouca ou nenhuma vez vi pessoas trans nos mesmos. Pensar sobre isso gera, para além da tristeza e revolta, uma enorme preocupação em termos de expectativas futuras acerca das relações interpessoais, acerca da vida e o que nos espera por sermos trans.

De acordo com Milena, em seu estágio, sua presença foi uma situação nova, algo antes não ocorrido no CREPOP. Isso demonstra a quase inexistência de pessoas trans mesmo em âmbitos mais progressistas como a Psicologia. Em termos de nos sentirmos representadas/os/es, existentes, informações como essa são vetores que nos entristecem ainda.

É necessário que condições sejam criadas para que a população trans ocupe os espaços que lhe são de direito como qualquer outra pessoa e que se sintam pertencentes também. Parafraseando Bianca, ver uma pessoa trans nos espaços é muito simbólico e importante, uma vez que vivemos em um mundo cisgênero. Por motivos como este, discussões sobre representatividade se fazem tão urgentes e importantes.

Rememoro a felicidade que foi saber de Bianca que, no âmbito musical, há uma abertura cada vez maior para pessoas trans, embora em nichos específicos. Em sua experiência, apesar de fazer parte de uma linha mais *underground*, o *Hard Core* (HC), ainda é comum a ela se ver numa postura pedagógica ou ter que lidar com tensões diversas, conversando, explicando... No *jazz* e na música regional do interior da Bahia, os desafios são ainda maiores, o que implica negociações e resistências gigantescas. É uma realidade que necessita de modificações, dilatações diversas.

Outro ponto que gostaria de resgatar é quando elas, Milena e Bianca, me sinalizam gratidão pela figura representativa que fui para elas na UFBA. Em suas narrativas fica evidente a força que tem o trânsito de semelhantes nos locais, isso cria espaços, é uma forma de produzir ancestralidade, fazer com que nossas histórias ressoem enraizando novas

possibilidades, reverberações potenciais de mudanças nas estruturas sub-humanizadoras que ainda persistem em nos perseguir, mesmo nas instituições de acesso democrático e de direito de todas as pessoas. Destaco que ter esse retorno delas me fez muito bem, desabrochou uma esperança de dias melhores. Reconheço certa surpresa quando soube delas sobre suas gratidões – às vezes não percebemos o potencial movimento modificador que podemos produzir, os deslocamentos diversos – e posteriormente, toda alegria que me tomou por compor junto com elas a esperança de dias e oportunidades melhores para outras pessoas trans. É sempre bom saber que é possível!

Sigo firme na certeza de que mudanças microestruturais efetuadas por cada um de nós, dia após dia, às vezes vigorosas/os/es, às vezes cansadas/os/es, mas sempre confiantes, resultará, em algum momento, em alterações macroestruturais, novos arranjos ou (des)arranjos, potencialidades diversas e muitas diversidades e singularidades de existências livres para ser e viver em seus trânsitos e trajetórias diversas. Nesse momento, como já tem sido conquistado por diversas pessoas trans, em diversas áreas – e à base de muita luta –, não faltarão espaços na educação, nos esportes, na música e diversas outras artes, na saúde, nos trabalhos formais e informais diversos. Nossas vidas terão o valor de qualquer outra existência humana. Nossas corporalidades serão tão lindas como a de qualquer outro ser. Seremos vida em toda sua potencialidade. Existiremos e resistiremos!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta dissertação foi atravessada pela emergência que percebo na comunidade trans (acadêmica) em utilizarmos os espaços universitários – entendendo-os enquanto espaços de poder e produção de conhecimentos diversos – para deslocarmos a posição de objetos de pesquisa para sujeitas/os/es de nossas próprias histórias, narrativas e vivências. Fazer parte desse processo foi importante, na medida em que parto de uma localização social – homem trans – que embora em posicionalidade diferente das entrevistadas, possibilita o recorte a partir de um olhar de uma pessoa trans sobre a realidade de outras pessoas trans. Além disso, entendo como uma força representativa em espaços que não foram pensados para abarcar nossas corporalidades, subjetividades e protagonismos.

Parafraseando Kilomba (2019), percebo a escrita como um ato político. Um modo de nos fazermos sujeitas/os/es, mesmo quando nos é reservado, insistentemente, o lugar de Outridade – neste caso, em termos de identidade de gênero, dentre tantas intersecções. Nesta perspectiva, foi constante o interesse em contribuir com uma produção científica (trans)feminista – a partir da realidade de mulheres transgênero de um município interiorano, entendendo que suas histórias de vida são potentes para compreender a dinâmica que circunda a realidade das mulheres cujas performatividades de gênero são dissidentes à norma e, portanto, relegadas ao campo da abjeção.

Neste sentido, embora a partir das lentes de um homem trans, esse trabalho teve como missão desvelar e ecoar as trajetórias de vida das colaboradoras desta pesquisa, destacando os principais atravessamentos presentes em suas vivências e, desta forma, apontar como suas histórias foram acolhidas em termos sociais e familiares. A proposta não foi de encerrar as discussões em termos de identidades, performatividades e corporalidades, mas contribuir com a amplificação destas reflexões, algo que foi possível, sobretudo, com os diversos tensionamentos e provocações presentes nas considerações feitas pelas entrevistadas ao longo de suas memórias.

A partir do primeiro capítulo, foi possível evidenciar a logística Cisnormativa que ainda insiste em conceber a identidade feminina a partir de uma perspectiva que tem na biologia sua principal referência para se pensar as questões identitárias. Neste sentido, esse trabalho enquanto uma ferramenta transfeminista, tensiona, construtivamente, esse lugar ainda

presente em alguns discursos conservadores sobre as pautas e necessidades feministas de modo a contribuir e ampliar o debate acerca das identidades, mulheridades, feminilidades, cisheteronormatividade e os impactos nas vivências de mulheres trans. Criar fissuras, tensionamentos, deslocamentos, desestabilizar as normas, possibilitar novas lentes de gênero, este foi o objetivo do primeiro capítulo.

Em continuidade, entendendo e valorizando lugares de fala, narrativas e vivências trans para refinar e sofisticar a compreensão dessas existências, a partir de seus anseios, necessidades e implicações por serem mulheres em uma sociedade que lhes nega constantemente esta posição, o segundo capítulo, a partir da valorização fenomenológica das experiências das entrevistadas, insere discussões como a necessidade de compreender que as identidades são substancialmente fluidas para serem encerradas em normativas, rótulos que não contemplam a multiplicidade de existências – cis e/ou trans.

Nesta perspectiva, a decisão de não definir conceitualmente gênero ao longo deste trabalho foi no intuito também de estar afinado às narrativas e concepções das entrevistadas. Parafraseando João Nery na obra póstuma *Velhice transviada: memórias e reflexões* (2020), se para existir infração é necessária a existência da norma, a sua inexistência possibilita pluralidades incapturáveis e genuinamente legítimas. Em outras palavras, se não houvesse normas de gênero, todas as corporalidades seriam reconhecidas e tais discussões ultrapassadas e desnecessárias. O capítulo se desenrola a partir do entendimento de que não há rótulos que incorporem toda a complexidade da existência humana. Sempre há escapes, (trans)bordamentos diversos, seja dentro da comunidade cis e/ou trans.

Em continuidade, ele desvela – sempre a partir da valorização das experiências e perspectivas das entrevistadas, via Unidades de Significação (US) – em que medida a existência das grandes estruturas normativas – cisheteronormatividade e cissexismo – atravessam e implicam em opressões diversas e entrecruzadas, seja pela questão da identidade de gênero, a família, saúde, afetividades e convívio social, bem como o modo como essa dinâmica em um município interiorano ressoa em suas vivências e rotinas. Vítimas de violências transfóbicas em diversas situações cotidianas, do cissexismo que nos espreita em termos familiares, institucionais e sociais, Milena e Bianca reinventam para si novos arranjos e apontam novas possibilidades.

Apesar da experiência agri-doce em função das normativas que insistem em aniquilar, silenciar, deslegitimar e oprimir de modos diversos as nossas existências, atravessando as nossas relações de trabalho, saúde, formação educativa, relações familiares, de amizade e

amorosas, seus relatos dizem de uma potência (trans)formadora, inspiradora, bem como a possibilidades de reflexões importantes e deslocamentos poderosos nas grandes estruturas que oprimem todas/os/es nós, pessoas trans e/ou cis. As trajetórias de vida de pessoas trans, embora com muitos desafios, indicam a existência crescente de figuras representativas, seja na educação, na saúde, nas artes, nos espaços de poder e em diversas outras áreas, inspirando e apontando uma pluralidade de possibilidades, apesar das grandes estruturas de manutenção do *status quo* e precarização de vidas dissidentes.

No que tange ao espaço interiorano, a partir do recorte feito por elas, foi perceptível a necessidade de que novos espaços sejam criados para que nós possamos nos sentir convidadas/os/es a pertencer, bem como nos sentirmos representadas/os/es nas ruas, nos bares, nas universidades, nas escolas, nos espaços de saúde e trabalho, no trânsito pela cidade de forma geral. Desta forma, é também urgente que os espaços existentes sejam de direito de todas/os/es, a partir do respeito e acolhimento. Do mesmo modo, é necessário maior articulação para que as políticas públicas municipais alcancem todas/os/es sem distinção e/ou falhas. É imprescindível que as redes voltadas para a população LGBTQIA+ estejam fortalecidas e parceiras ao grupo que lhes fornecem sentido de existência.

No que se refere ao terceiro capítulo, a partir da descrição da fase de campo desta dissertação, as diversas mobilizações que estes encontros me proporcionaram esteve em voga. Foi perceptível um processo politicamente importante, no entanto doloroso em certo sentido. Rememorar vivências e conscientizar-se de determinadas experiências foi uma constante em toda etapa de pesquisa, sobretudo na terceira sessão. Uma proposta que possibilitou perceber a dinâmica envolvida na pesquisa onde o pesquisador é, também, figura pertencente ao nicho do qual se produz conhecimento. Em termos políticos e de representatividade, processo de valor inenarrável.

Por fim, importa destacar o caráter contextual de todo este percurso. Este trabalho foi elaborado com as forças que me foram possíveis, sobretudo, considerando que a escrita de grande parte da mesma esteve atravessada pelo período pandêmico e todas as implicações que isso provoca em termos sociais e subjetivos. Da mesma forma, também os recortes vivenciais realizados pelas entrevistadas foram influenciados por seus contextos e o que fazia sentido para elas naquele momento. Considero imprescindível destacar, também, que esteve sempre presente a minha intencionalidade em elaborar uma escrita de linguagem acessível/compreensível para todas/os/es, acadêmicas/os/es e não acadêmicas/os/es, de modo a alcançar facilmente diversas/os/es leitoras/es/us. Acredito que a linguagem tem a

função/obrigação de democratizar o acesso ao conhecimento e esta foi uma forma que percebi importante para contribuição deste feito.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cecília Barreto de; VASCONCELLOS, Victor Augusto. Transexuais: transpondo barreiras no mercado de trabalho em São Paulo? **Revista Direito GV**. Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getulio Vargas. São Paulo. V. 14. N. 2. p. 302-333. Maio-Ago, 2018.

AMARAL, Daniela Murta. **A Psiquiatrização da transexualidade**: análise dos efeitos do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero nas práticas de saúde. 2007. 119 p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

AMORIM, Sylvia Maria Godoy. **Escola e transfobia**: vivências de pessoas transexuais. 2018. 204 p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara, SP, 2018.

Associação Nacional de Travestis e Transexuais. **Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017**. p.121. 2017. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf> . Acesso em: 12 / 12 / 2019.

ARÁN, Márcia; MURTA, Daniela; LIONÇO, Tatiana. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, V. 14, n. 4, p. 1141-1149, Agosto. 2009.

ARAÚJO, Maria Clara. **Por que os homens não estão amando as mulheres trans?** 2015. Disponível em: <https://transfeminismo.com/por-que-os-homens-nao-estao-amando-as-mulheres-trans/> . Acesso em: 14 / 02/ 2020.

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. **Orientação sexual na identidade de gênero a partir da crítica da heterossexualidade e cisgeneridade como normas**. Macapá, v. 7, n. 1, 1º semestre, 2017.

BARBA, Pan Montserrat. **O que é feminismo?** Disponível em: [https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2014/10/O-que-%C3%A9-feminismo\\_Montserrat-Barba-Pan.pdf](https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2014/10/O-que-%C3%A9-feminismo_Montserrat-Barba-Pan.pdf) . Acesso em: 22 de Setembro de 2018.

BENEVIDES, Bruna G; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (orgs). **Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular ANTRA, IBTE, 2020. 80 p.

BENTO, Berenice. As famílias que habitam “a família”. **Sociedade e Cultura**. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil. Vol. 15, n. 2, p. 275-283, julho-diciembre, 2012.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção do corpo**: Sexualidade e gênero na experiência transexual. Garamond: Rio de Janeiro, 2006, 256 p.

\_\_\_\_\_. **Brasil**: País do transfeminicídio. Centro latino-americano em sexualidade e direitos humanos (Clam). 2016. Disponível em: [http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio\\_Berenice\\_Bento.pdf](http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio_Berenice_Bento.pdf). Acesso em: 06 / 03 / 2020.

\_\_\_\_\_. **O que é transexualidade**. Editora Brasiliense: São Paulo, 2008. 222 p.

\_\_\_\_\_. Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova. **Ciência e Saúde Coletiva**. V 17, num. 10, p. 2655-2664. Out, 2012.

BITTENCOURT, Naiara Andreoli. Movimentos Feministas. **Revista InSURgência**. Brasília, ano 1, v.1, n.1, jan./jun, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Atenção integral à saúde da população trans**. Conteúdo para profissionais de saúde/ Trabalhadores do SUS. Disponível em: [www.saude.gov.br/saudelgbt](http://www.saude.gov.br/saudelgbt) . Acesso em: 24 / 01 / 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.707/2008**. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt1707\\_18\\_08\\_2008.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt1707_18_08_2008.html). Acesso em: 02/02/2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2. 836/2011**. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2836\\_01\\_12\\_2011.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2836_01_12_2011.html). Acesso em: 04/02/2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013**. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803\\_19\\_11\\_2013.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html). Acesso em: 02/02/2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Federal de Medicina. **Resolução nº 1.482/97**. Disponível em: [http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482\\_1997.htm](http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482_1997.htm). Acesso em: 02/02/2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Federal de Medicina. **Resolução nº 1.652/2002**. Disponível em: [http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2002/1652\\_2002.htm](http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2002/1652_2002.htm). Acesso em: 02/02/2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Federal de Medicina. **Resolução nº 1.955/2010**. Disponível em: [http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2010/1955\\_2010.htm](http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2010/1955_2010.htm). Acesso em: 02/02/2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf> Acesso em: 02/02/2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Federal de Medicina. **Resolução nº 2. 265/ 2019**. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-2.265-de-20-de-setembro-de-2019-237203294> . Acesso em: 02/02/2020.

\_\_\_\_\_. Nações Unidas. **OMS retira a transexualidade da lista de doenças mentais**. 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oms-retira-a-transexualidade-da-lista-de-doencas-mentais/> Acesso em: 02/02/2020.

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira – Sujeito e História**, 2003.

CABRAL, Raíssa Éris Grimm. **Resistências trans entre afetividades sapatonas: por um feminismo lésbico anti-cissexista.** XX REDOR – Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero. 2018. Disponível em: <http://www.sinteseeventos.com.br/site/redor/G9/GT9-17-Raissa.pdf>. Acesso em: 13/02/2020.

CANNONE, Lara Araújo Roseira. Historicizando a Transexualidade em Direção a uma Psicologia Comprometida. **Psicologia: Ciência e Profissão** 2019 v. 39 (n.spe 3), e228487, 21-34.

CASTELO BRANCO, Paulo Coelho. Diálogo entre análise de conteúdo e método fenomenológico empírico: percursos históricos e metodológicos. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies** – XX(2): 189-197, jul-dez, 2014.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. O dispositivo da sexualidade ontem e hoje: sobre a constituição dos sujeitos da anomalia sexual. **Dois pontos: Curitiba, São Carlos**, volume 14, número 1, p. 243-251, abril de 2017.

CLARA VITÓRIA. **Como eu me assumi trans pra família.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3vxxJm8jQSM>. Acesso em: 15/01/2020.

COLLING, Leandro. **Teoria Queer.** Mais definições em trânsito. 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf> . Acesso em: 22 de Setembro de 2018.

CONSOLIM, Veronica Homsí. **O que pede a terceira onda feminista?** Justificando: mentes inquietas pensam direito. 2017. Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/09/15/o-que-pede-terceira-onda-feminista/> . Acesso em: 22 de Setembro de 2018.

CRUZ, Mônica da Silva; SOUSA, Tuanny Soeiro. Transfobia mata! Homicídio e violência na experiência trans. **Revista do Curso de Direito.** UFMA, São Luís, Ano IV, n. 8, jul/dez 2014.

CRUZ, Tânia Mara; SANTOS, Tiago Zeferino dos. Experiências escolares de estudantes trans. **Revista Reflexão e Ação.** Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 115-137, Jan./Abr. 2016.

DAVI, Edmar Henrique Dairell; BRUNS, Maria Alves de Toledo. **Compreensão fenomenológico-existencial da vivência travesti.** Rev. Nufen: Phenom. Interd. Belém, 9(3), 57-77, set. – dez., 2017.

DAMASCENO, Ítalo. **Velhice transviada: João W. Nery conta como é ser transidoso no Brasil.** 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/vozes-lgbt/velhice-transviada-joao-w-nery-conta-como-e-ser-transidoso-no-brasil> Acesso em: 12 / 12 / 2019.

DECASTRO, Thiago Gomes; GOMES, William Barbosa. Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências. **Estudos de Psicologia I Campinas I 28(2) I 153-161 I abril - junho 2011.**

DIAS, Diego Madi. Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento. **Cadernos Pagu**, julho-dezembro de 2014:475-497.

FERBER, Alona. Judith Butler on the culture wars, JK Rowling and living in “anti- intellectual times”. The philosopher and gender theorist discusses tensions in the feminist movement over trans rights. **New Statesman**. 2020. Disponível em: <https://www.newstatesman.com/international/2020/09/judith-butler-culture-wars-jk-rowling-and-living-anti-intellectual-times> . Acesso em: 28/09/2020.

FIRESTONE, Shulamith. **A Dialética do Sexo: um estudo da revolução feminista**. 1970. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/q8cjbv070yql7kay/Shulamith%20Firestone%20-%20A%20Dial%C3%A9tica%20do%20Sexo%20I.pdf?dl=0> . Acesso em: 22 de Setembro de 2018.

FLEURY, Flávio Malta. **O programa transcidadania como exemplo de política pública promotora da cidadania e do direito fundamental ao trabalho digno das pessoas trans**. 2016. 102 p. Monografia. Universidade de Brasília. Faculdade de Direito. Curso de graduação em Direito. Brasília, 2016.

GABINETE CIVIL. **Coordenação LGBT disponibiliza assistência jurídica e psicológica ao público**. 2017. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/coordenacao-lgbt-disponibiliza-assistencia-juridica-e-psicologica-ao-publico/>. Acesso em: 02/03/2020.

\_\_\_\_\_. **Dia Nacional da visibilidade trans é comemorado com Mostra Historiográfica**. 2018. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/dia-nacional-da- visibilidade-trans-e-comemorado-com-mostra-historiografica/> . Acesso em: 02/03/2020.

\_\_\_\_\_. **Coordenação LGBT auxilia transexuais para mudança de nome em documentos**. 2019. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/coordenacao-lgbt-auxilia-transexuais-para-mudanca-de-nome-em-documentos/>. Acesso em: 02/03/2020.

\_\_\_\_\_. **No dia da visibilidade trans, prefeitura realiza ação com internos do conjunto penal**. 2020. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/no-dia-da- visibilidade- trans-prefeitura-realiza-acao-com-internos-do-conjunto-penal/>. Acesso em: 02/03/2020.

GIL, Antônio Carlos. **O projeto na pesquisa fenomenológica**. Anais IV SIPEQ . 2010. Disponível em: <https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/44.pdf> Acesso em: 08/06/2020.

GIORGI, A.; SOUSA, D. **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. Lisboa: Fim de Século, 2010.

GODOY, A. S. (1995a). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, 35(2), 57-63.

GOMES, William B. A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. **Psicologia USP**, São Paulo, v.8, n.2, p.305-336, 1997.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/ epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31, Número 1, Janeiro/Abril 2016.

HAILEY. **Sobre ser mulher trans e bissexual. - Uma experiência pessoal.** 2013. Disponível em: <https://transfeminismo.com/sobre-ser-mulher-trans-e-bissexual-uma-experiencia-pessoal/>. Acesso em: 14/02/2020.

\_\_\_\_\_. **A genitalização das pessoas e dos relacionamentos.** 2013. Disponível em: <https://generoderiva.wordpress.com/>. Acesso em: 14/02/2020.

\_\_\_\_\_. **Algumas considerações sobre a questão das mulheres trans lésbicas, bissexuais e transexuais.** 2013. Disponível em: <https://generoderiva.wordpress.com/> Acesso em: 14/02/2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados:** Vitória da Conquista. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/vitoria-da-conquista.html>. Acesso em: 19/07/2020.

JESUS, J. G. et al. **Transfeminismo: teorias & práticas.** 1ª Ed. Rio de Janeiro: Metanóia, 2014.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. In: Fazendo Gênero 10. Desafios Atuais dos Feminismos. 16 a 20 de Setembro de 2013. **Anais eletrônicos.** Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/259384737\\_Feminismo\\_e\\_Identidade\\_de\\_Genero\\_Elementos\\_para\\_a\\_construcao\\_da\\_teorica\\_transfeminista](https://www.researchgate.net/publication/259384737_Feminismo_e_Identidade_de_Genero_Elementos_para_a_construcao_da_teorica_transfeminista) Acesso em: 22/07/2020.

\_\_\_\_\_. Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo. **Universitas Humanística**, núm. 78, julio-diciembre, 2014, pp. 241-258. Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá, Colombia, 2014.

\_\_\_\_\_. **Orientações sobre identidade de gênero:** Conceitos e termos. Guia Técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opiniões. Brasília, 2012, 2ª edição. 42 p.

\_\_\_\_\_. **Transfobia e crimes de ódio:** Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. História agora. A revista de história do tempo presente. 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/281321251\\_Transfobia\\_e\\_crimes\\_de\\_odio\\_Assassinatos\\_de\\_pessoas\\_transgenero\\_como\\_genocidio](https://www.researchgate.net/publication/281321251_Transfobia_e_crimes_de_odio_Assassinatos_de_pessoas_transgenero_como_genocidio). Acesso em: 06 /03 /2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de; ALVES, Hailey. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. Revista do programa de pós-graduação em ciências da UFRN. **Dossiês 9.** 2010.

KAAS, Hailey. **O que é Transfeminismo?** Uma Breve Introdução. 2ª Versão. 2015. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/371874/mod\\_resource/content/0/Encontro%206%20-%20O-que-%C3%A9-Transfeminismo.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/371874/mod_resource/content/0/Encontro%206%20-%20O-que-%C3%A9-Transfeminismo.pdf) . Acesso em: 22 de Setembro de 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Ed. Cobogó. Rio de Janeiro. 2019, 244 p.

LEONARDO, Rafaela Cotta; ATHAYDE, Thayz; POCAHY, Fernando Altair. O conceito de cisgeneridade e a produção de deslocamentos nas políticas feministas contemporâneas. In: V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades - 10 anos. 2017. **Anais eletrônicos**. Disponível em: [www.enlacandosexualidades.com.br](http://www.enlacandosexualidades.com.br) . Acesso em: 22/07/2020.

LEONI, Guilherme de Paula. 2017. **Publicação pública no Facebook da página Adur RJ SSind**. Disponível em: <https://www.facebook.com/Adurrjssind/photos/a.1250036818413463.1073741857.556934177723734/126620069363742/?type=3&theater>. Acesso em: 11/02/2020.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. Trad. Garra Feminista. 2018. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/472664/a-criac3a7c3a3o-do-patriarcado-e28093-gerda-lener-1.pdf> Acesso em: 22 de Setembro de 2018.

LIMA, Ana Cecília Acioli; **Teorias Queer, feminismo/s e Jeanette Winterson: Por uma política possível**. 2009. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/vozhharoutro/volume001/001.pdf> . Acesso em: 22 de Setembro de 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. In: LOURO, Guacira Lopes. **Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUCCHESI, Patrícia T. R. **Políticas públicas em Saúde Pública**. Patrícia T. R. Lucchese, coord. Dayse Santos Aguiar, Tatiana Vargas, Luciana Dias de Lima, Rosana Magalhães, Giselle Lavinias Monerat. São Paulo: BIREME/OPAS/OMS, 2004. 90 p.

MAGALHÃES, Luiza Gomes; CHIESA, Anna Maria. **“Manual de acolhimento de transexuais e travestis (TT) à Atenção Primária à Saúde (APS)”**. Produto do Mestrado Profissional em Enfermagem na atenção primária em saúde no Sistema Único de Saúde. Escola de enfermagem da Universidade de São Paulo. 23 p. Disponível em: [http://www.ee.usp.br/posgraduacao/mestrado/apostilas/Acolhimento\\_Transsexuais.pdf](http://www.ee.usp.br/posgraduacao/mestrado/apostilas/Acolhimento_Transsexuais.pdf) Acesso em: 24/01/2020.

MANO, Maíra Kubík Taveira. **Deserto verde, imprensa marrom: O protagonismo político das mulheres nas páginas dos jornais**. 2010. 155 f. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4169> Acesso em: 12 de Julho de 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARINHO, Muriel. **(In) visibilidade trans/travesti ou sobre a urgência em visibilizar a cisgeneridade**. Miss Lalids: laboratório de linguagens e diversidade sexual. 2019. Disponível em: <https://lalidis.com.br/index.php/2019/11/19/invisibilidade-trans-travesti-ou-sobre-a-urgencia-em-visibilizar-a/> Acesso em: 18/01/21.

MATOS, Marlize. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global? **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, jun. 2010.

MORAIS, Ana Beatriz de Medeiros. **Uma flor exótica irrompe no jardim: o surgimento do Transfeminismo e as tensões geradas em torno da sua inserção no movimento feminista.** Monografia (Graduação em Psicologia). Universidade Federal de Campina Grande. Centro de ciências biológicas e da saúde. Unidade Acadêmica de Psicologia. Campina Grande -PB, 2016, 37 f.

MOREIRA, Rebecca Barata; SOUZA, Airle Miranda. Contribuições do método fenomenológico empírico para estudos em Psicologia no Brasil: Revisão integrativa da literatura. **Rev. Nufen: Phenom. Interd.** | Belém, 8(1), 01-12, jan. – jul., 2016.

MENDES, Raiana Siqueira; VAZ, Bruna Josefa de Oliveira; CARVALHO, Amasa Ferreira. O movimento feminista e a luta pelo empoderamento da mulher. **Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito Centro de Ciências Jurídicas** - Universidade Federal da Paraíba. No 03 - Ano 2015.

MIRANDA, Olinson Coutinho; GARCIA, Paulo César. A Teoria Queer como representação de uma minoria. **III Encontro Baiano de Estudos em Cultura.** Recôncavo da Bahia: Abril, 2012.

MISKOLCI, Richard. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças. **Ed. Autêntica** – UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto. Belo Horizonte, 2012.

MITCHELL, Juliet. **Mulheres: a revolução mais longa.** Trad. Rodolfo Konder. Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 203-232, 1. - 2. sem. 2006.

MODESTO, Rubens Gonzaga. **Sobre coragem e resistência: contando a história de Leona, professora e mulher trans.** Dissertação de Mestrado. Mariana, MG, 2017. 169 p.

MONTEIRO, Simone; BRIGEIRO, Mauro. Experiências de acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde: avanços, limites e tensões. **Cad. Saúde Pública**, 2019; 35(4): e00111318.

MONTEIRO, Simone; BRIGEIRO, Mauro; BARBOSA, Regina Maria. Saúde e direitos da população trans. **Cad. Saúde Pública**, 2019; 35(4): e00047119.

MOURA, Ana Luísa; GOMES, Bruno Mendes; FLORES, Geovanne Patrick Martins; NASCIMENTO, Tauane Wagner do; PIENIZ, Mônica Bertholdo. **As dificuldades das transexualidades na inserção ao mercado de trabalho.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Porto Alegre - RS – 20 a 22/06/2019.

NAJJAR, Luca feat Rita de Cássia. **Como descobri que meu filho é um homem trans.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8jVnh45curo> Acesso em: 15/01/2020;

NERY, João W. **Velhice Transviada.** Ed. Objetiva. 2019. Trechos disponíveis em: [https://books.google.com.br/books/about/Velhice\\_transviada.html?id=l2ypDwAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp\\_read\\_button&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books/about/Velhice_transviada.html?id=l2ypDwAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false) Acesso em: 12/ 12/ 2019.

O'DWYER, Brena; HEILBORN, Maria Luiza. **Jovens transexuais:** acesso a serviços médicos, medicina e diagnóstico. INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro] v. 20 n. 1, p. 196-219, jun. 2018.

OLIVEIRA, Mayllon Lyggon de Sousa. (Poli) gêneros e música: ensaios sobre Liniker, as bahias e a cozinha mineira e Rico Dalasam. **Revista Outras Fronteiras**. Cuiabá-MT, vol. 4, n. 1, jan/jul., 2017.

OLIVEIRA, Rafael Medeiros de. **Testo Junkie:** sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. vol. 8, num. 24, 2018. Disponível em: <https://docplayer.com.br/155027863-Testo-junkie-sexo-drogas-e-biopolitica-na-era-farmacopornografica.html> Acesso em: 12/12/2019.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Trad. Marta Avancini. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1993. 345 p.

PEREIRA, Artur Oriel. Resenha de RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017. 112p. **Leitura: Teoria & Prática**. Campinas, São Paulo, v.36, n.72, p.153-156, 2018.

PEREIRA, D.G.; CASTRO, E.H.B. Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Práticas em Psicologia Fenomenológica**. Curitiba: Editora Appris, 2019, p. 15- 32.

PEREIRA, Lourenço Barros de Carvalho; CHAZAN, Ana Cláudia Santos. O acesso das pessoas transexuais e travestis à atenção primária à saúde: uma revisão integrativa. **Rev Bras Med Fam Comunidade**. Rio de Janeiro, 2019 Jan-Dez; 14(41): 1795.

PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER, Dagmar Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), 10(1), 193 - 198, 2011. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/7375> Acesso em: 26 de Março de 2019.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloísa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo (orgs). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009, p. 116-149.

PIZARRO, Ludmila. **O íntimo e o social:** relações familiares de pessoas transgêneras, 2013. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2013/06/07/o-intimo-e-o-social-relacoes-familiares-de-pessoas-transgeneras/> Acesso em: 18/01/2020.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n 1 edições, 2014.

\_\_\_\_\_. **Multidões Queer: notas para uma política dos “anormais”**. Estudos Feministas. Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril/2011.



\_\_\_\_\_. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.** Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro e Verônica Daminelli Fernandes, São Paulo: n-1, 2018, 448 pp.

PREU, Roberto de Oliveira; BRITO, Carolina Franco. A questão trans no cenário brasileiro. *Periódicus*, n. 10, v. 1 nov 2018-abr. 2019. P. 95-117.

PSICOLOGIA, Conselho Federal de. **Resolução nº 01 de 29 de Janeiro de 2018.** Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/01/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-01-2018.pdf>. Acesso em: 18/02/2020.

\_\_\_\_\_. **Trans devem cumprir pena em presídios de acordo com o gênero.** 2018. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/tag/transsexuais/>. Acesso em: 20/02/2020.

\_\_\_\_\_. **29 de Janeiro – Dia da visibilidade trans.** 2020. Disponível em: <http://www.crprs.org.br/noticias/29-de-janeiro---dia-da-visibilidade-trans> Acesso em: 20/02/2020.

RANGEL, Hísis. **O afeto como que nos afeta.** 2019. <https://transfeminismo.com/o-afeto-como-que-nos-afeta/> . Acesso em: 14/02/2020.

RANIERI, Leandro Penna; BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. **A entrevista fenomenológica.** 2010. Disponível em: <https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/46.pdf> Acesso em: 08/06/2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017. 112p. Versão eletrônica disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2019/08/ribeiro-o-que-ecc81-lugar-de-fala.pdf> Acesso em: 01/08/2020.

RIVERA, Sophia. **A solidão de mulheres trans e travestis não é apenas sobre afetividade!** 2019. Disponível em: <https://www.cidadelivre.org.br/index.php/todas-as-noticias-publicadas/14-direitos-humanos/3699-a-solidao-de-mulheres-trans-e-travestis-nao-e- apenas-sobre-afetividade> Acesso em: 14/02/2020.

ROCON, Pablo Cardozo; SODRÉ, Francis; RODRIGUES, Alexsandro. Regulamentação da vida no processo transexualizador brasileiro: uma análise sobre a política pública. *R. Katál.* Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 260-269, jul./set. 2016.

ROCON, Pablo Cardozo; WANDEKOKEN, Kallen Dettmann; BARROS, Maria Elizabeth Barros de; DUARTE, Marco José Oliveira; SODRÉ, Francis. **Acesso à saúde pela população trans no Brasil:** nas entrelinhas da revisão integrativa. *Trab. Educ. Saúde.* Rio de Janeiro, 2020; 18(1): e0023469.

RODRIGUES, Ana Flor Fernandes. **Nenhum homem medíocre merece ser amado por uma travesti.** 2017. Disponível em: <https://transfeminismo.com/nenhum-homem-mediocre-merece-ser-amado-por-uma-travesti/> Acesso em: 14/02/2020.

RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana* ISSN 1984-6487 / n.10 - abr. 2012 - pp.140-164.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres:** Notas sobre a “Economia Política” do sexo. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1740519/mod\\_resource/content/1/Gayle%20Rubin\\_trafico\\_texto%20traduzido%20%286%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1740519/mod_resource/content/1/Gayle%20Rubin_trafico_texto%20traduzido%20%286%29.pdf) Acesso em: 04 de Julho de 2019.

SIANI, Sergio Ricardo; CORREA, Dalila Alves; LAS CASAS, Alexandre Luzzi. Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida. **Revista de Administração da UNIMEP**. v.14, n.1, Janeiro/Abril – 2016 . Disponível em: <http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/regen/editor/submissionEditing/1002#scheduling> Acesso em: 08/06/2020.

SILVA, Bruno de Brito; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Apoio e suporte social na identidade social de travestis, transexuais e transgêneros. SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo. **Revista da SPAGESP**, 15(2), 27-44.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. Feminismo Radical- pensamento e movimento. **Travessias** ed. 4. ISSN 1982-5935. Educação, cultura, linguagem e arte. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/viewFile/3107/2445>. Acesso em: 22 de Setembro de 2018.

SILVA, Fernando Guimarães Oliveira da; MAIO, Eliane Rose. Diálogos do entre-lugar das trans na escola. **V Simpósio Internacional em educação sexual. Saberes/trans/versais currículos identitários e pluralidades de gênero**. Disponível em: <http://eventos.idvn.com.br/sies2017/trabalhos/3120/dialogos-do-entre-lugar-das-trans-nas-escolas> Acesso em: 16/05/2020.

\_\_\_\_\_. O “entre-lugar” das trans na escola. **Periódicus**. N 8, v. 1, nov 2017 - abr. 2018, p. 307 – 324.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **INFORMARE** - Cad Prog Pós-Grado CioInf., v.1, n.2, p.24-36, jul./dez. 1995.

SILVA, Jorge Luiz Lima da; SOARES, Rafael da Silva; COSTA, Felipe dos Santos; RAMOS, Danusa de Souza; LIMA, Fabiano Bittencourt; TEIXEIRA, Liliane Reis. Fatores Psicossociais e prevalência da síndrome de *burnout* entre trabalhadores de enfermagem intensivistas. **Rev Bras Ter Intensiva**. 2015; 27(2): 125-133.

SILVA, Rodrigo Gonçalves Lima Borges da; BEZERRA, Waldez Cavalcante; QUEIROZ, Sandra Bomfim de. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. **Rev Ter Ocup Univ**. São Paulo. 2015 set.-dez.;26(3):364-72.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**.

2015, 244 p. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19685/1/VERGUEIRO%20Viviane%20-%20Por%20inflexoes%20decoloniais%20de%20corpos%20e%20identidades%20de%20genero%20inconformes.pdf> Acesso em: 12/12/2019.

SOUZA, Mériti; PRADO, Marcelo de Oliveira. Violências, mulheres travestis, mulheres trans: problematizando binarismos, hierarquias e naturalizações. **Rev. Polis e Psique**. 2019; 9(2): 45 – 66.

SWAIN, Tânia Navarro. A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário. In: SWAIN, Tânia Navarro (org). **Feminismos: teorias e perspectivas. Textos de História**. Revista da Pós-Graduação em História da UnB. Brasília: UnB, 2000, v. 8, n. 1/2, p.47-84.

TAMAYO, Mauricio Robayo; TRÓCCOLI, Bartholomeu Tôrres. **Exaustão emocional: relações com a percepção de suporte organizacional e com as estratégias de coping no trabalho**. Estudos de Psicologia 2002, 7(1), 37-46.

TANNEHILL, Brynn. **Dois pesos e duas medidas são fatais para transgêneros**. Trad. Roberto Maxwell. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2014/01/17/dois-pesos-e-duas-medidas-sao-fatais-para-transgeneros/> Acesso em: 14/02/2020.

TRANSDIÁRIO FEAT MICHELLY PRADO. **Como contar pra família?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J7cD1x8Moww> Acesso em: 15/01/2020.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **Regimes de visibilidade e retóricas de empoderamento**. Universidade Federal do Ceará. Bagoas, n. 18/ 2018. Disponível em: [periodicos.ufrn.br › bagoas › article › download](http://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/download). Acesso em: 18/05/2020.

VASCONCELOS, Fábio Roberto da Silva. **Evasão escolar de alunas travestis e transexuais**. VII Seminário corpo, gênero e sexualidade. Universidade Federal do Rio Grande - FURG. 19 a 21 de setembro de 2018. Disponível em: <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/250.pdf>. Acesso em: 06/03/2020.

WITTIG, Monique. **Não se nasce mulher**. Trad. a partir da espanhola – Javier Sáez e Paco Vidarte. 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/369911893/Nao-Se-Nasce-Mulher-Monique-Wittig>. Acesso em: 04 de Julho de 2019.

ZERBINATI, João Paulo; BRUNS, Maria Alves de Toledo. **A família de crianças transexuais: O que a literatura científica tem a dizer?** Pensando Famílias, 22(2), dez. 2018, (37-51).

**APÊNDICE A****Roteiro de perguntas para entrevista com as colaboradoras desta pesquisa****CARACTERIZAÇÃO DA COLABORADORA DA PESQUISA**

1- NOME: \_\_\_\_\_

2- IDADE: \_\_\_\_\_

3- ESTADO CIVIL:

 SOLTEIRA       CASADA       DIVORCIADA       \_\_\_\_\_

4- ESCOLARIDADE:

 FUNDAMENTAL       MÉDIO       SUPERIOR       PÓS-GRADUAÇÃO

5- PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

6- RENDA MENSAL (em salários mínimos):

 1-3                       4-5                       6-7                       ACIMA DE 8

7- SITUAÇÃO DA RESIDÊNCIA:

 PRÓPRIA    ALUGADA    FINANCIADA    CEDIDA

8- RESIDE COM QUEM? \_\_\_\_\_

9- COMO SE AUTODECLARA:

 BRANCA       NEGRA       OUTRA: \_\_\_\_\_

10- É ADEPTA A ALGUMA RELIGIÃO?

 SIM \_\_\_\_\_                       NÃO

## **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

### **- IDENTIDADE DE GÊNERO**

- 1- O que é Identidade de Gênero para você?
- 2- Como você se identifica no que se refere às identidades de gênero?
- 3- Quando você se percebeu trans?
- 4- O que sentiu em relação a isso?
- 5- Como as pessoas de seu convívio social receberam essa informação na época e como está a relação entre vocês atualmente?
- 6- Fazendo uma retrospectiva no que se refere a suas performances de gênero (cis) e trans ao longo da vida, você percebeu alguma diferença de posicionamento das pessoas em relação a elas? Em outras palavras, ocorreu algum tipo de mudança (afetiva, discursiva, etc) quando se contrapõe o período em que te identificavam enquanto uma pessoa cis em relação ao período em que você tornou público sua identidade de gênero?
- 7- Considera que houve implicações “negativas” por ter assumido sua real identidade de gênero? Em caso positivo, quais foram elas?
- 8- Considera que houve implicações “positivas” por ter assumido sua real identidade de gênero? Em caso positivo, quais foram elas?
- 9- Possuía algum tipo de expectativa em relação ao “universo trans” e todas as suas implicações?
- 10- Como você rememora sua performance cisgênero?

### **- INFÂNCIA**

- 1- Comente sobre sua infância.

2- Como era a sua relação com a família e demais pessoas do convívio social?

### **- SAÚDE**

1- Possui acompanhamento psicológico? Considera necessário?

2- Sobre a terapia hormonal e intervenções cirúrgicas (no caso de quem optou). Como foi essa busca para você e como se sente em relação a elas?

3- (No caso de quem não optou) O que te fez não optar pela terapia hormonal e demais procedimentos de intervenções cirúrgicas?

4- Já fez uso de algum serviço de saúde para lidar com alguma demanda enquanto pessoa trans? Como foi a experiência?

5- Como você definiria as políticas de saúde e ações afirmativas voltadas para as pessoas trans aqui no município?

### **- ATIVIDADES LABORAIS**

1- O que faz atualmente? Estuda, trabalha ou exerce outras atividades?

2- Encontra algum desafio nesses locais em função de sua identidade de gênero? Em caso positivo, comente sobre a experiência.

3- Que tipo de experiências de trabalho teve? Possui alguma atividade paralela?

### **- CONVÍVIO SOCIAL**

1- Como era o seu convívio social antes de você se posicionar como uma pessoa trans? E atualmente?

2- Poderia comentar sobre seu relacionamento familiar?

3- Poderia comentar sobre seu relacionamento em espaços de trabalho, educação, lazer, etc?

4- Houve algum tipo de aproximação ou afastamento de outras pessoas e/ou espaços em função de sua identidade de gênero?

#### **- AFETIVIDADES**

- 1- Poderia comentar um pouco sobre suas relações afetivas ao longo de sua trajetória?
- 2- Houve algum tipo de interferência após você assumir a sua real identidade de gênero?
- 3- Em caso de interferência, como você define esse momento?
- 4- Para você, a condição corpórea interfere em suas práticas afetivo-sexuais? Comente.

#### **- CORPORALIDADE E VELHICE**

- 1- Como define a si mesma e ao seu corpo?
- 2- Pensa na velhice? De que forma?

## APÊNDICE B

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidada, na condição de voluntária, a participar da pesquisa **“PERFORMATIVIDADES DE GÊNERO EM MULHERES TRANSGÊNERO DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA-BAHIA: TENSÕES E DESLOCAMENTOS”**. A pesquisa tem o objetivo de descrever, a partir do conceito de performatividade de gênero desenvolvido pela filósofa Judith Butler (1990), e analisar, através do método fenomenológico empírico proposto por Amedeo Giorgi, as trajetórias de vida de mulheres transgênero residentes no município de Vitória da Conquista-BA.

Esta pesquisa torna-se justificável porque posicionar-se como transgênero em nossa sociedade ainda implica em sofrer sanções diversas ao longo de suas trajetórias de vida, provocando diversos impactos em suas relações sociais e subjetividades.

Assim, solicito a você que responda às perguntas relacionadas a esse tema, as quais, caso permita, serão gravadas e, posteriormente, transcritas. Caso o andamento do estudo não seja do seu agrado, poderá desistir de continuar a entrevista sem nenhum problema. Pode também desistir de participar deste estudo em qualquer fase. Os resultados da pesquisa serão divulgados através de dissertação de mestrado, publicação em periódicos e eventos científicos, entretanto, asseguro que sua identidade será mantida no mais absoluto sigilo. Os riscos deste estudo são mínimos, mas caso você se sinta constrangida em função de qualquer pergunta durante a entrevista, tem toda a liberdade para não responder ou até mesmo desistir de participar da pesquisa sem nenhuma penalidade. Informo que a participação neste estudo não lhe trará gastos e nenhum tipo de incentivo financeiro, mas a certeza de colaboração para o meio científico. Asseguro que sua participação se dará após a assinatura desse termo, que também será assinado por mim, pesquisador, em duas vias. Havendo dúvidas, a qualquer momento poderá me procurar em algum dos contatos abaixo.

Os resultados desta pesquisa estarão à sua disposição quando estiver finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Este termo de consentimento está impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, em sua residência situada na Rua Duarte da Costa, nº 32, bairro Alto Maron, Vitória da Conquista-Bahia e a outra ficará com você. Os dados e instrumentos



utilizados na pesquisa ficarão comigo por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos.

Eu,\_\_\_\_, portadora do documento de Identidade\_\_\_\_fui informada dos objetivos da pesquisa intitulada **“PERFORMATIVIDADES DE GÊNERO EM MULHERES TRANSGÊNERO DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA-BAHIA: TENSÕES E DESLOCAMENTOS”** e sanei todas as minhas dúvidas com o pesquisador a respeito da mesma. Sei que a qualquer momento posso ter novas informações e alterar a minha decisão de participar se eu desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e sanar todas as minhas dúvidas. No entanto, caso apresente outras dúvidas, em qualquer momento da pesquisa, posso entrar em contato com o responsável Alexandre Gregório Silva Sampaio pelo(s) telefone(s) (77) 98103-6858/99192-5875, por e-mail alex.gregorio.iii@gmail.com ou procurá-lo no endereço Rua Duarte da Costa, nº 32, bairro Alto Maron.

Vitória da Conquista - Ba, \_/ \_/2019.

Assinatura participante:

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador:

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Em caso de minha desistência na pesquisa, autorizo que os meus dados já coletados referentes ao questionário respondido, entre outros, ainda sejam utilizados na pesquisa, com os mesmos objetivos já apresentados neste TCLE.

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_/ \_/ 2019.